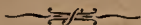


A PATRIA
PORTUGUEZA

POR

THEOPHILO BRAGA

O TERRITORIO E A RAÇA



PORTO

LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON

CASA EDITORA

Successores LELLO & IRMÃO

1894

Todos os direitos reservados

1894



869.8
B 813 P
v.l.p.
A. 152

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS			
Do	9	14	
De	18	13	10
18 94		hml	



A

TEIXEIRA BASTOS

Preciso deixar um documento publico e permanente de que o julgamento synthetico que llic mereceu a minha Obra de trinta annos me tocou por fórma que me sinto mais fortalecido para proseguir no plano que tenho traçado e von realisando fragmentariamente. Se eu morresse no meio das ordinarias fadigas, todo esse trabalho intellectual appareceria desmembrado, como as pedras apparelhadas para um edificio que não chegou a ser levantado e de que se não conhece a planta; esses volumes avulsos seriam attribuidos uns ao primido de escrever, outros a curiosidades vagabundas de um cerebro sem orientação doutrinaria. E quem poderá contar com o dia de amanhã? Causava-me intimo desgosto a impossibilidade material de eoor-



denar já todos esses elementos, prejudicados pela dispersão e sujeitos á severidade da critica particularista. Para apreciar a Obra no seu conjuncto, era necessario uma dedicação quasi heroica, revendo-a peça por peça; mas para este esforço atuado, exigia-se mais do que o estímulo mental, um sentimento de sympathy.

Durante as longas refregas da imprensa, Teixeira Bastos acompanhou o apparecimento successivo de todos os meus livros; como necessidade de protesto, fez de cada volume uma exposição lucida e frisante no momento; e impressionado pela unidade da doutrina philosophica, que inspirára cada um d'esses trabalhos, deu-lhes por ella a sua unificação definitiva. O livro carinhoso e sincero



THEOPHILO BRAGA E A SUA OBRA é o quadro syn-
theticco de toda a minha actividade mental; se
eu morrer sem lhe dar a systematisação final, já
se não perde o intuito da sua unidade. Ahi está a
Introducção geral, que ficará á frente de tudo
quanto tenho escripto. Esta consolação e segurança
obrigam-me a uma confissão publica de reconheci-
mento, sobretudo, não me devendo Teixeira Bastos
favores d'estes que asseguram o futuro de um ho-
mem, e tendo por movel o supremo desinteresse de
quem serve as ideias.

Theophilo Braga.





PRELIMINAR

Tendo concentrado todos os nossos estudos históricos nas manifestações da Civilização portugueza, para bem comprehendel-as como expressão do genio nacional fomos levados á investigação das origens anthropologicas da raça, e ao exame comparativo dos costumes segundo o criterio da ethnologia. Porém, essas investigações eram apenas como preliminares elucidativos, a que tinhamos de referir-nos nas nossas conclusões. Embora passageiras, foram as indicações anthropologicas e ethnicas que nos revelaram :

A unidade das tradições poeticas occidentaes, que transparece dos paradigmas do *Cancioneiro* e *Romanceiro geral*, e *Contos tradicionaes do Povo portuguez* ;

As fórmas primitivas do Lyrismo occidental, que sob o typo de serranilhas se conservaram como base de expressão esthetica, na *Historia da Litteratura portugueza* ;



As superstições populares, como resto de cultos de um sobsolo social, de que ainda se conservam muitas sobrevivências e recorrências, como consignamos no *Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições*;

As condições naturaes do espirito separatista, que levam á autonomia dos pequenos estados ou Nacionalidades peninsulares, e á sua cooperação e solidariedade historica pelo Federalismo, que é o pensamento generativo da *Historia de Portugal*, que escrevemos.

Para mais segurança do nosso trabalho sobre manifestações tão complexas do genio nacional e do character individual portuguez, pareceu-nos conveniente assentar em uma obra independente os resultados a que chegámos sobre os elementos staticos de que essas manifestações dynamicas são a consequencia. Assim podem ser mais amplas as investigações, e mais breves as referencias comprovativas. Sob o titulo de *Patria portugueza* agrupamos todos os phenomenos de ordem statica, quer da influencia do meio ou da raça, do costume, da tradição e do sentimento, nos seguintes livros:

- I. *O Territorio e a Raça.*
- II. *As Instituições locais.*
- III. *A formação da Nacionalidade.*
- IV. *As Tradições nacionaes.*
- V. *As Prophecias nacionaes.*

Constituem estes estudos como que o alicerce sobre que assentam os Materiaes para a Historia da Civilisa-



ção portugueza. Um ideal nos inspira, proseguindo-os; o desterrado Ovidio traduz-nos esse pensamento intimo, no verso das *Tristes: Et pius est Patriae referre labor.* Mais do que tudo, é necessario n'este momento historico, em que a anarchia dos poderes publicos lançou esta nação no esgotamento economico, no desprezo moral das nações da Europa, e no isolamento, que a expõe aos conflictos internacionaes d'onde saímos expoliados e sem dignidade, é necessario revivificar o sentimento de Patria, porque só elle é que poderá suscitar os altos caracteres e as capacidades reorganisadoras.

O sentimento de Patria, apenas limitado ás phrasas pomposas do jornalismo e do parlamento, dá-nos o deploravel espectaculo de vêrmos aquelles que mais cooperaram para a decadencia da nação serem os que mais alto protestam pela autonomia portugueza, que elles proprios comprometteram pelas inconfessaveis veniagas e por uma politica egoista ou palaciana.

Referimo-nos á festa de Badajoz em 24 de junho de 1893, quando os republicanos portuguezes e hespanhoes se encontraram em um banquete de simples confraternidade peninsular. Nos corredores do parlamento certos habilidosos combinaram uma scena de effeito, de solemne protesto pela autonomia da Patria; e como appetitivo rhetorico mandaram vir para ser lido em camara uma representação de um municipio sertanejo, sem se lembrarem que mezes antes os seus mandantes machinavam como meio de segurança uma intervenção armada da Hespanha em Portugal. Os promotores da farçada parlamentar foram feitos ministros, para completarem a



dissolução do sentimento de patria, condição necessaria para a subserviencia de uma administração estrangeira.

O acto de Badajoz não pôde ser desnaturado, nem será esquecido; ahi appareceu uma aspiração e uma doutrina politica, proclamada com a segurança historica e scientifica e em toda a sua opportunidade. E sobre o sentimento e a autonomia da Patria portugueza, podem confrontar-se para onde nos levam os manejos dynasticos ou as manifestações republicanas federalistas: dos primeiros, ahi estão os actos de franca decadencia levando-nos a um kedhivato; pela nossa parte ahi está a mensagem nitidamente formulada no banquete de Badajoz, como peça de um processo historico:

Dignissimos correligionarios. — Não me sendo possivel assistir pessoalmente ao banquete em que pela primeira vez se encontram fraternalmente reunidos os republicanos de Hespanha e Portugal, o sentimento que os aproxima ó o que impera no meu espirito para, mesmo de longe, reconhecer a opportunidade de uma tão sympathica iniciativa e proclamar o principle da mutua solidariedade de doutrina e de acção.

N'este acabamento do seculo XIX, Portugal atravessa uma crise talvez a mais tremenda da sua historia, porque sobre a insolvencia economica dá-se a defecção dos caracteres; e em taes condições a dupla fallencia moral e economica coopéra para uma decomposição iuveucível, sem que possam tentar, ainda os mais intelligentes e ousados, um esforço de reconstituição. Em todo o caso, vê-se que os dois paizes soffrem a mesma doença, e que o tratamento tem de ser simultaneo e egual, para que em qualquer d'elles se torne efficaz.

Já se viu que uma Republica feita sómente em Hespanha tem em Portugal um fóco de conspiração reaccionaria, que a perturba e a entrega a uma restauração absurda; uma Republica feita em Portugal com o mais alto civismo, sendo isolada, succumbiria ante o pe-



dido de uma intervenção armada, como o revelou a imprensa jornalística, referindo-se a vergonhosas tentativas diplomaticas nas nossas ultimas perturbações. Para estes dois povos avançarem e se reconstituirem têm de ser solidarios.

Mas n'esta aproximação natural explora-se um equivoco que nos separa, mantendo uma aversão implacavel: é a *União ibérica*.

A quem interessa apagar as *liberdades locais* e as *autonomias nacionaes*? Dil-o a historia. Sómente ao Poder pessoal de uma dynastia, sómente á tradição monarchica, seja ella resto do decahido absolutismo ou fórma abastardada do regimen representativo. Ali temos um exemplo eloquente na unidade italiana, que ao fim de tantos seculos de aspirações, luctas e esforços intelligentes, para reconstituir uma nacionalidade ideal, só está servindo para logradouro exclusivo da dynastia dos Saboyas.

A decadencia dos povos hispanicos nas suas energias heroicas, nas suas capacidades artisticas, scientificas, philosophicas e politicas, data desde a *unidade* iniciada pela ambição de Fernando e Izabel, e levada ao ultimo extremo por Filippe II. Essa fórma cafu sobrepujada pela corrente europêa, essencialmente individualista e critica: é um anachronismo que só poderá lisongear os sonhadores pessimistas.

Sendo a Republica a Nação governando-se a si mesma, não póde, sem viciar a sua essencia, atacar o principio das *autonomias nacionaes*. Onde houver um individualismo, elle renascerá pela Republica; onde houver uma tradição nacional, ali se desenvolverão com vida nova as condições de um Estado. É por isso que a Hespanha comprimida sob o unitarismo politico e o centralismo administrativo terá uma seiva nova reorganizando-se pela Republica; é por isso que em Portugal, dissolvidos os caracteres individuaes por sessenta annos de liberalismo sophismado, a fórma republicana retemperará os caracteres novos dando-lhes a consciencia de uma missão social. Feita a Republica nos dois Paizes, acabará essa ameaça permanente de invasão hespanhola, que traz Portugal acorrentado ao jugo expoliador e brutal da Inglaterra; e os dois Povos *confederados* tornarão a Hespanha uma potencia europêa, verdadeiro ponto de apoio da Confederação latina ou occidental, em cujos povos ainda hoje existe a parte mais culta,

moralisada e consciente da humanidade. Feita a Republica em Hespanha e Portugal, tornar-se-hia a politica internacional da Europa verdadeiramente racional e positiva. Porque o mal que soffrem em sua vida interna Portugal e Hespanha, liga-se á erise commum em que se debate a Europa inteira. O seculo termina sem que em cada nação da Europa se resolvesse o problema da Revolução: dar ao Poder temporal a forma de uma *magistratura*, e libertar o Poder espirital das *fições* do theologismo exploradas por uma classe egoista em lueta do seculos contra a sociedade civil. A Europa, como notou Herder, está destinada a ser uma confederação de nações livres; presentem isso os reis nas suas ligas e pactos de familia, e casamentos com que procuram manter a sua estabilidade. Seja essa confederação creada para um progresso normal, tendo por objectivo a acção commum, que nunca foi comprehendida, embora a corrente da vida moderna nos esteja impondo uma constante internacionalidade scientifica, economica e juridica.

Diante d'esto ponto de vista, uais avulta a situação irracional em que se acham em frente um do outro Portugal e Hespanha, embaraçando-se e depauperando-se. Só poderemos sair d'ella, reconstituindo-nos pela Republica, unica solução scientifica e em harmonia com a dignidade individual e com o estado da consciencia moderna; emquanto ao passado *reconhecendo a autonomia dos Estados ou nações peninsulares*, e emquanto á aspiração hodierna *federando-as em uma grande potencia*.

É este o pensamento que me inspira e me dirige; os acontecimentos, ainda através das desvairadas agitações, acharão este destino final.

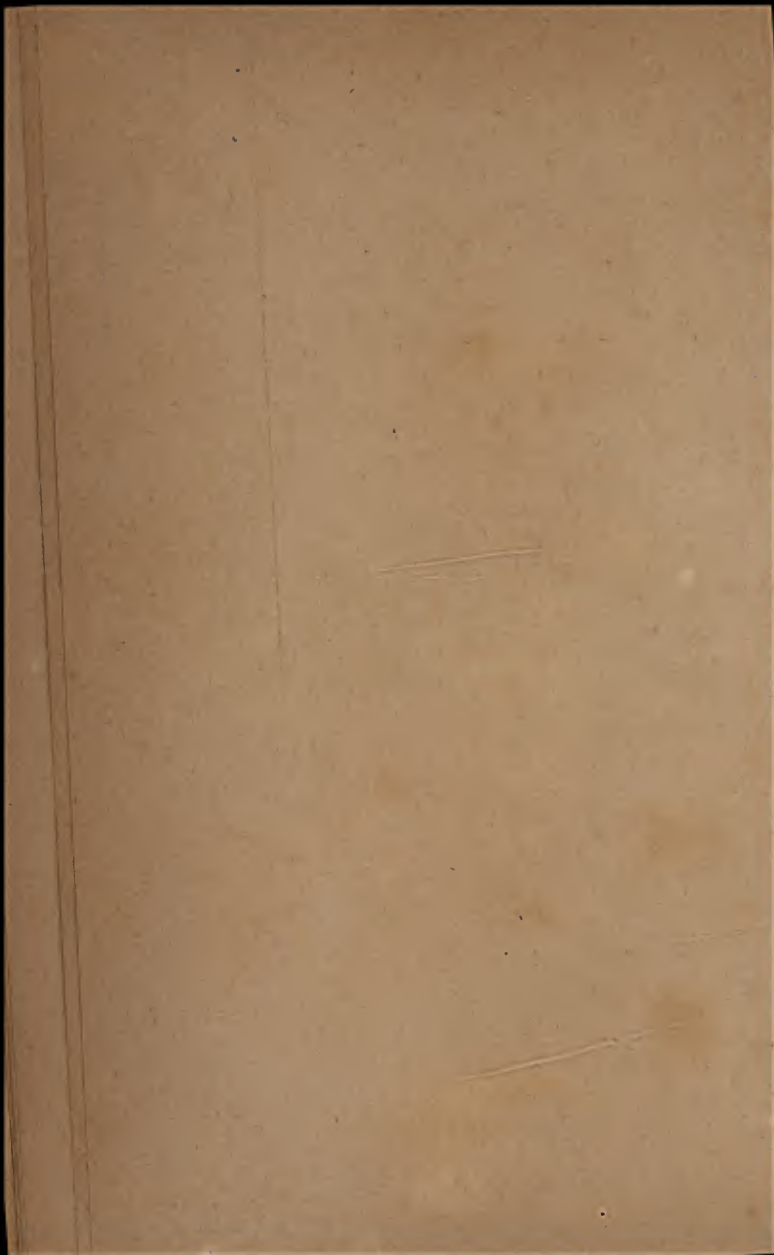
N'elle penso e para elle vivo. Isto seria a base do meu brinde proclamando n'esse banquete: Viva a fraternidade entre as duas nações! Viva a Hespanha! Viva Portugal! ¹

No paroxismo em que se debate esta generosa na-

¹ *O Seculo*, n.º 4:098 (XIII anno).

cionalidade, é facil formular recriminações de um esteril pessimismo, encobrando com a virilidade do protesto a apathia de um espirito subalterno: Assim usou Alexandre Herculano, quando o regimen da Carta outorgada estava em pleno vigor; tem imitadores. No desalento publico encontramos apoio moral no trabalho; serve-nos de divisa o bello pensamento de Clotilde de Vaux: *Il est indigne des grands cœurs de répandre le trouble qu'ils ressentent*. Todos os nossos trabalhos versam sobre assumptos portuguezes: costumes populares, tradições poeticas, evolução da Litteratura, das instituições pedagogicas, e fórmãs politicas a par da vida historica da nacionalidade. N'este templo do sentimento da Patria portugueza, vê-se claro que os vendilhões levam o descaro até se apoderarem do azorrague, com que deveriam ser expulsos. O tempo não está para dispender energias em resultados negativos. Quem tiver consciencia do dever oriente os seus esforços pelo sentimento de patria.





A PATRIA PORTUGUEZA

A formação de uma pequena nacionalidade no século XII, dando início á autonomia de outros estados peninsulares, e resistindo sempre á incorporação na unidade leonesa, navarra ou castelhana, e ainda através de todos os accidentes da politica internacional da Europa conservando sem alarde a sua independencia, eis o problema importante d'onde deriva toda a comprehensão da historia de Portugal. A situação d'esta nacionalidade sobre a orla maritima da peninsula hispanica, leva tambem a considerar a condição mesologica que attraíu os portuguezes para as explorações atlanticas e para a empreza da circumnavegação do mundo. É esta nova e extraordinaria iniciativa da actividade da civilização moderna, que torna Portugal um dos mais importantes factores da marcha da Humanidade; e a sua historia, longe de ser uma monographia erudita de um povo engravado entre outros, adquire o valor de um dos bellos capitulos da historia universal, que jámais poderá ser esquecido. Se



Portugal, pelas suas descobertas geographicas e colonisação na Africa, nos archipelagos da Madeira, Açores e Cabo Verde, na India e na America, contrabalançava a sua exiguidade territorial, elevando-se de um simples *appendice da Hespanha* a uma forte potencia apoiada nos mares, era por esta necessidade forçado a uma exagerada expansão do pequeno numero dos seus habitantes, que enfraquecendo a vida local ou provincial, feriria intimamente o organismo da recente nacionalidade. Esta exiguidade numerica não escapou á observação do unitarismo ambicioso dos castelhanos:

Portuguezes, pocos,
I esses locos.

Os portuguezes, desde o principio do seculo xv até á colonisação do Brazil, a mais vasta e mais perfeita colonia de todas as nações da Europa, derramaram-se pelo mundo, mas não se enfraqueceram. É a começar no seculo xv que se manifesta o sentimento de uma *Patria portugueza*, essa união affectiva dos espiritos através das distancias, e que tendo por objectivo o territorio onde se passaram os annos felizes da vida da familia, se torna o mais poderoso incentivo da actividade individual heroica e altruista. O sentimento de Patria foi o élo da nossa cohesão nacional; emquanto esse sentimento se propagou, fomos fortes e grandes. Os homiens de Plutarcho não excedem os navegadores e guerreiros portuguezes; devemos a esse sentimento as mais bellas manifestações



da Arte e da Litteratura com que entrámos a uma altura digna no grande certame esthetico, scientifico e philosophico da Renascença. Sómente quando esse sentimento de Patria foi atrophiado pelo regimen intellectual e moral da educação jesuitica, é que Portugal caíu na incorporação da unidade castelhana sob o jugo da Casa de Austria, e a nobreza se vendeu a Philippe II no intuito de dar força ao poderoso sustentaculo da unidade catholica. A *Patria portugueza* é a constituição affectiva que espontaneamente estabeleceu a concordia mutua de um povo e o elevou por um natural *consensus* até attingir as fórmulas superiores da organização nacional. Importa dissecar essas fibras sympathicas; encontram-se nos elementos anthropologicos accentuados nos caracteres ethnicos das *raças*; nas modificações impostas pela acção mesologica do clima e do territorio determinando as fórmulas da aggregação social ou as *instituições*; manifestam-se psychologicamente no automatismo das *tradições nacionaes*, em que a consagração do passado esclarece e disciplina as aspirações de um vago futuro. É fecundissimo um tal estudo; Amadeu Thierry formulou: «os acontecimentos da vida dos povos são muitas vezes um enigma, cuja solução, esquecida pelos filhos, não se descobre senão no berço dos paes»¹. Quando o proverbio castelhano chamava aos portuguezes *loucos*, alludia implicita-

¹ *Histoire des Gaulois*, t. I, p. XIII.



mente á credulidade ingenua com que levados pelas antigas tradições das *Ilhas encantadas* e do *Reino do Preste João*, esses poucos emprehenderam as grandes explorações terrestres e marítimas que patenteam o globo á humanidade. E essas tradições que se manifestavam como um modo de sentir especial da raça, por via do impulso do sentimento determinaram os modos superiores da acção das individualidades. Bem o compreendeu Renan, explicando a missão de Israel: «Tanto é verdade que são as primeiras apercepções das raças, que dominam toda a sua historia e encerram o segredo dos seus destinos» ¹. Estudando o berço dos nossos antepassados e as suas primitivas apercepções, é que conseguiremos penetrar na constituição espontanea da *Patria portugueza*, que chegou ao seu pleno desenvolvimento e superior destino desde que se tornou um impulsor continuo da Humanidade. Comte, expondo como a sociabilidade romana se elevou da Familia á instituição de uma Patria «preludio necessario e sustentaculo continuo da Humanidade», explica esse grandioso phenomeno pelo accordo das tres existencias coexistentes no nosso sêr: «A instituição de Patria, até então incompleta, resultou de uma feliz combinação entre o sentimento e a actividade, segundo uma conveniente extensão da intelligencia» ².

¹ *Histoire du Peuple d'Israel*, t. I, p. 110.

² Comte, *Système de Politique positive*, t. III, p. 362.



Na vida historica da nacionalidade portugueza reflecte-se um pouco esta harmonia da patria romana. O sentimento que provocou a expansão da actividade e da convergencia social, não embarçou a energia especulativa da intelligencia; no seculo em que os navegadores portuguezes assombravam a Europa, os Humanistas portuguezes tambem occupavam os principaes logares nas Universidades de Paris, Bolonha, Salamanca e Louvain, e os espiritos superiores que mais actuaram no seculo XVI, como Rabelais, Montaigne, Ignaciõ de Loyola e Calvino, deveram aos pedagogos portuguezes a sua direcção mental. A Patria, segundo as observações luminosas de Comte, « consiste em uma intima ligação entre o homem e o meio »; e fixada a existencia sedentaria, explica: « A Patria não se liga desde então senão accessoriamente aos objectos, moveis no meio dos quaes nascemos, mesmo quando elles nos rodeiam sempre. Ella comprehende sobretudo a séde immutavel do conjuncto das impressões, moraes e mentaes, da qual sentimos a influencia contínua sobre o nosso proprio destino. Conforme uma tal definição, a Patria adquire maior extensão á medida que o desenvolvimento humano habitua cada um a relações mais vastas. Emquanto dura a nossa primeira infancia, individual ou collectiva, ella permanece limitada á combinação entre a familia e a casa, além das quaes nenhuma relação pôde então ser sentida. Esta restricção inicial corresponde á existencia directamente fundada sobre a affeição e sobretudo caracterisada pelo conchegamento propriamente dito. Mas, ainda que o nome deva sempre depender d'esta origem, a instituição não se pôde pro-



nunciar senão depois de uma extensão superior, sem a qual seria preciso confundir a patria com a simples familia, espontaneamente separada do sólo correspondente. A este gráo puramente affectivo deve succeder uma vida essencialmente activa, que suscite habitualmente laços mais extensos, assás restrictos comtudo para comportar uma sufficiente intimidade, segundo uma cooperação bem sentida. Estas duas condições não se tornam conciliaveis senão em uma existencia civica propriamente dita, á qual se referirá sempre a verdadeira instituição de Patria, onde a actividade se combina com a veneração em volta de um lar inalteravel. Mas, para que a instituição não aborte, a vida activa deve ter um caracter necessariamente collectivo, sem o qual o concurso contínuo das familias se tornaria illusorio»¹. O desenvolvimento da vida civica, elevando o estatuto territorial até á unidade de uma legislação codificada, como se vê na passagem dos Foraes para as Ordenações, accentua o phenomeno do reconhecimento de uma Patria portugueza, que inspira essa vastissima actividade, que constitue a trama da historia de Portugal. A Patria portugueza attingiu a sua verdadeira e esplendida plenitude; deu o maximo relevo á acção individual, que subordinada ao affecto de um sólo querido, veio a achar-se servindo inconscientemente o progresso da humanidade. Sob este aspecto a historia de Portugal não interessa exclusivamente os portuguezes,

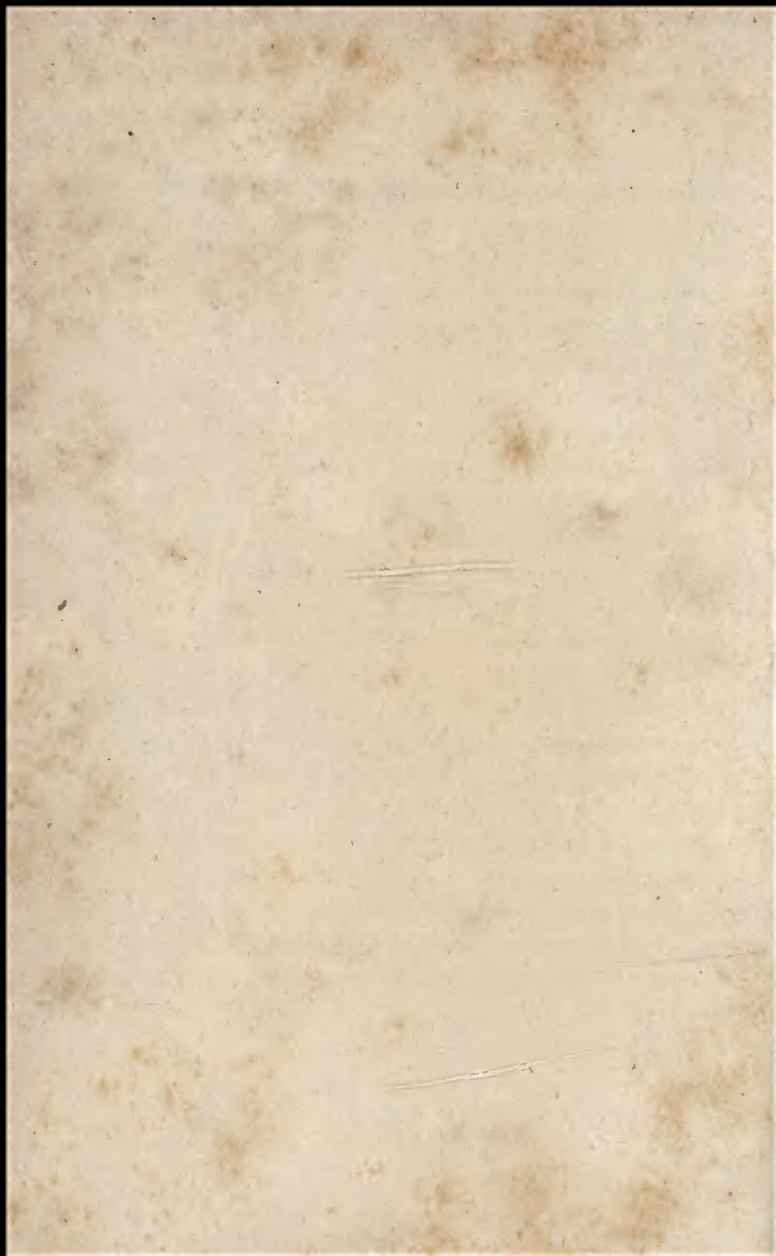
¹ *Ibidem*, e p. 363.



como uma especie de titulo nobiliario; provoca a attenção de todos os que se preoccupam dos factores da cultura humana. Schiller exprimiu este pensamento, que synthetisa o nosso processo critico e o nosso intuito historico: «Um espirito philosophico não póde particularmente interessar-se por uma nação, senão quando ella lhe apparece como condição do progresso da humanidade inteira» ¹.

¹ *Carta a Koerner, em 1789.*





LIVRO I

O Territorio e a Raça

Os grandes factos anthropologicos da formação de uma raça e do seu agrupamento espontaneo em sociedade, até chegar á fórma voluntaria ou consciente de nação, com costumes, lingua e tradições, religião e industria proprias, não podem ser determinados pelo computo chronologico, não começam em um dado dia; são a consequencia de elementos anteriores, de energias persistentes, de acção do meio cosmico, e por isso quanto mais se profundarem estas condições mesologicas, anthropologicas e ethnicas, tanto mais se esclarece esse facto complexo que se denomina a Historia, e se comprehende melhor a evolução progressiva da actividade de um povo. Os antigos historiadores portuguezes, preocupados com a erudição humanista da Renascença, e apenas com o auxilio dos geographos classicos e da ethnologia de Moysés, começaram a Historia de Portugal entroncando-a em Tubal, filho de Noé, e nos foragidos de Troya; este processo foi commum a todos os historiadores europeus da mesma época, que por tal meio teciam uma nobiliarquia nacional tanto mais imponente quanto se remonta-



va mais ao passado fabuloso. Ignorava-se então todo esse grande periodo da vida ante-historica revelado por Boucher de Perthes e Lartet; ignorava-se o phenomeno anthropologico das sobrevivencias ethnicas; ignorava-se a emigração proto-ária, e a unidade das raças indo-europêas, e por esta causa talentos superiores inutilisaram immensos capitaes de erudição convertendo as origens nacionaes em um tecido de patranhas. A sciencia está hoje fortalecida com abundantes subsidios e com seguros methodos; e pelo facto de terem errado os humanistas, não devemos commetter o erro intencional de deceparmos a solidariedade do passado com as épocas successivas da vida historica do povo portuguez. Herculano commetteu esse erro «rejeitando do *seu* trabalho, como extranha a elle, a historia de todas as raças ou sociedades, de qualquer parte da Hespanha, anteriores á existencia da nação portugueza como individuo politico...»¹ D'este modo a constituição nacional que se manifesta no seculo XII, torna-se um facto sem antecedentes, extraordinario, maravilhoso, producto voluntario dos interesses individuaes de um conde D. Henrique, da sua viuva D. Thezeza, ou do seu filho e herdeiro D. Affonso Henriques; n'esta situação. Herculano amplia a craveira d'estas individualidades historicas, mas vendo muitas vezes falta de plano na sua acção, reconhece que com elles cooperava a força das cousas, que outra não era senão essa

¹ *Historia de Portugal*, t. I, p. 12.



força *separatista* que dividiu a península hispanica em numerosos estados politicos independentes. É por aqui, pois, que deve começar a historia; determinar as condições que deram á actividade dos homens uma intenção e um sentido, e avaliar a capacidade dos espiritos dirigentes segundo a mais ou menos clara comprehensão que tiveram d'essa força das circumstancias. Onde enectar este estudo? O processo está achado nos trabalhos eminentes de Buckle, de Michelet, de Thierry, de Ranke, de tantos pensadores que converteram a historia em base descriptiva da sciencia social. Basta segui-los, mesmo de longe. Assim o estudo do meio cosmico ou do territorio, é a primeira luz para a explicação das fórmulas de aggração e actividade de um povo, como o descobriu Karl Ritter na sua monumental *Geographia*; depois, o estudo dos caracteres das raças, como contendo implicitas as fórmulas da sua actividade progressiva.

1. — O territorio hispanico, como primeiro factor historico

Determinando os caracteres de uma nação, escrevia Herculano: «ha tres, pelos quaes commummente se aprecia a unidade ou identidade nacional de diversas gerações successivas. São elles — a *raça*, a *lingua*, o *territorio*»¹. Os factos provam exactamente o contrario; os

¹ *Historia de Portugal*, t. 1, p. 12.



anthropologistas chegaram á conclusão de que não existe actualmente nenhuma raça pura, e na Europa existem nacionalidades formadas de diferentes raças, como a Austria, fallando diferentes linguas como a Suissa, e até sem territorio como os judeus e ainda os ciganos, que conservam os caracteres de aggregação através do seu nomadismo. O territorio exerce uma profunda acção mesologica anterior a todo o facto social, e só muito tarde é que presta apoio ás tribus que a elle se acolhem e d'elle tiram as condições de segurança e as fórmulas da actividade industrial e da sua organização politica. Conhece-se hoje a influencia que exercem as planicies no estado nomádico; as montanhas actuam no desenvolvimento de povos invasores e no conservantismo das suas instituições; os deltas dos grandes rios provocaram o advento das mais altas civilisações; as peninsulas foram sempre a séde das civilisações cosmopolitas, que alargaram a actividade humana e universalisaram todos os progressos adquiridos. Conforme a situação do territorio assim se estabeleceu o conflicto das raças ou o seu isolamento improgressivo, e consequentemente o predomínio de um dado ramo ethnico, que submete os outros á sua dependencia politica e lhe impõe uma linguagem para o uso commum. Se quizermos conhecer uma nação por esses caracteres do *territorio*, da *raça* e da *lingua*, temos de remontar além do seu passado, e estudar por tal fórma esses elementos, que por uma deducção logica possamos d'elles derivar as fórmulas fundamentaes da sua marcha historica.

A Hespanha é uma península que abrange duzentas



e quarenta leguas de comprimento e duzentas de largura, separada ao nordeste da França pela cordilheira dos Pyreneos, e banhada pelo mar em todas as suas orlas. Apresenta dous climas, um temperado, proprio do occidente da Europa, e outro analogo ao clima da Africa, produzindo as grandes variações de temperatura, que influem na fertilidade do territorio, e sobretudo no temperamento physiológico dos seus habitantes, apaixonados, audaciosos e violentos. É n'este territorio peninsular, e sobre a fronteira occidental ou atlantica, que se constituiu a nação portugueza, sobre um sólo formando uma faixa de extensão de cento e cincoenta leguas, sobre cincoenta de largura, ou propriamente a quinta parte do sólo hispanico. Basta este simples facto, para conhecer, que a historia de Portugal deve andar intimamente ligada a todas as vicissitudes por que passou o territorio hispanico, quer em quanto á occupação de raças que aqui se formaram, quer em quanto á autonomia dos estados politicos que se constituíram, quer mesmo ao reflexo das transformações sociaes e revoluções por que esses estados passaram, e até na solidariedade de uma civilisação em que estes povos, apesar das suas divergencias, collaboraram simultaneamente. Mas o facto preponderante, é que não obstante toda esta integralidade peninsular, Portugal, sem fronteiras naturaes que o destacassem do sólo hispanico, apparece-nos com um organismo nacional autonomo, conservando-o através de sete seculos contra uma corrente tempestuosa e violenta de unificação politica. É este o facto sobre que deve assentar a historia de Portugal, tão interessante nas suas ori-



gens como no seu desenvolvimento; como problema sociologico, liga-se á theoria das pequenas nacionalidades, fórma definitiva da politica europêa no futuro, mas acima de tudo encerra uma immensa luz para a direcção pratica de governação das energias tantas vezes malbaratadas d'este povo.

A peninsula hispanica é com a da Grecia a parte mais meridional da Europa; banhada ao sul pelo mar Mediterraneo, e ao oeste pelo oceano Atlantico, a sua historia consta de dous grandes periodos analogos aos estímulos d'estes dous mares. No periodo *mediterraneo*, a Hespanha é a herdeira das civilisações peninsulares, que se desenvolveram nas margens do Mediterraneo, e cujos centros de acção foram Carthago, Athenas e Roma; no periodo *atlantico*, desloca-se a actividade d'esse mar interior para o oceano tornando scientifica a navegação pelo emprego da *bussola*, e os portuguezes actuam directamente na marcha da humanidade circumdando a Africa e descobrindo o caminho maritimo da India, bem como desvendando um novo hemispherio pela descoberta do Brazil. Eis os contornos mais geraes da historia, impressos na fórma e situação do territorio hispanico; bastava a sua contiguidade com o Mediterraneo para explicar as origens da sua povoação e cultura. Em volta da bacia do Mediterraneo desenvolveram-se extraordinarias civilisações, cuja historia, segundo Mommsen, consta de quatro periodos: o primeiro ao sul, ou o Egypto; o segundo ao oriente, ou a Aramêa; o terceiro e quarto, ao oeste, ou a Grecia e a Italia. Todas estas civilisações vieram avançando para o oceano Atlantico e irradiando



do pelo occidente até se estenderem em épocas diversas pelo norte da Europa, constituindo a civilização actual.

A civilização do Egypto só entrou na peninsula hispanica indirectamente pelos phenicios ou arameanos e carthaginezes, e a civilização hellenica pela conquista e colonisação dos romanos. Esta occupação de povos cultos era tanto mais facil, quanto a peninsula hispanica pela sua situação analoga á das peninsulas grega e italica recebera tambem as mesmas raças emigrantes que entraram no occidente da Europa e que haviam constituido os elementos ethnicos das suas respectivas nacionalidades. Os romanos conquistando o norte da Africa, dominando a Grecia, e occupando successivamente o territorio das Gallias e da Hespanha, incorporaram todos estes elementos ethnicos, deram-lhe essa unidade historica a que Augusto Comte chama a *Civilização occidental*. Pela sua situação geographica a Hespanha foi um digno factor d'esta occidentalidade, admiravelmente comprehendida pela actividade maritima das descobertas dos portuguezes. Esta comprehensão destacou os portuguezes do aggregado ethnico peninsular como um organismo independente; e assim uma ideia pôde através dos seculos manter uma situação que não tinha o apoio material das fronteiras naturaes. Esta situação especial da peninsula hispanica, ha de nos explicar tambem o modo da occupação das diversas raças e como se fusionaram no seu sólo.

O que vimos com relação ao seu contacto com os mares, não é mais importante do que a influencia dos



seus relevos orographicos. A Hespanha é separada da França pela cordilheira dos Pyreneos, da qual irradiam diversos montes, formando valles cortados por numerosos rios; é pasmosa a acção mesologica d'esses relevos. Os diversos estados peninsulares nasceram das povoações acantonadas n'esses valles, estabelecidas junto d'esses rios, e a constituição primitiva da sociedade hispanica ainda conserva um individualismo local, que se elevou dos aggregados cantonaes a pequenos estados livres, e que ainda reage contra a unificação castelhana realisada pela violencia bruta dos interesses dynasticos ¹. As actuaes provincias de Hespanha são ainda na sua fórma administrativa esses antigos estados livres peninsulares, fundados onde as condições do territorio lhe garantiram

¹ Nos estudos de João Bonança que intitula *Historia da Lusitania e da Iberia*, ao descrever a formação geologica da peninsula hispanica, aponta quatro systemas de lagos interiores, que começaram a dar origem ao systema dos rios Jueas, Elna, Tejo e Guadiana. Junto d'estes lagos criam-se tambem typos humanos diferentes, ou grupos lacustres, cuja expansão depois do systema fluvial veiu a formar o grupo da Lusitania «nas regiões confinantes do Alemtejo até ao littoral occidental e á Serra da Estrella; outro grupo pela provincia de Nova Castella e regiões das nascentes do Tejo e do Guadiana até ao littoral es-suéste; outro pelas provincias do Gerona, Barcelona e Tarragona até aos Pyreneos; o quarto grupo, finalmente, saído do lago de Leon, expandir-se-hia pelas nascentes do Douro até ás Asturias e Galliza». Nobre França, *A Philologia perante a Historia*, p. 553.



natural independencia. Esboçaremos rapidamente esses dados geographicos, sem os quaes é impossivel comprehender a historia politica; a cordilheira dos Pyreneos, apresenta dous systemas orographicos, um que se dirige no sentido de noroeste ou *pyrenaico*, e outro no sentido norte-sul, ou *celtiberico*. No primeiro, ha os ramos dos Pyreneos isthnicos, que limitam a Catalunha, o Aragão e a Navarra; os cantabricos, asturicos e gallaicos, que limitam a Vasconia, as Asturias e a Galliza. No systema orographico celtiberico, faz-se a divisão em vertente oriental ou mediterranea, e vertente occidental ou atlantica; á primeira pertencem os antigos estados autonomos, hoje incorporados em provincias administrativas, da Navarra, Aragão e Catalunha, accrescendo a Valencia, Murcia e Granada. Á vertente occidental pertencem a Castella Velha, Leão, Castella Nova, Extremadura, as Andaluzias (Granada, Cordova e Sevilha) e as Beiras, Extremadura e Alemtejo portuguezes.

A par da organização politica acha-se a organização ecclesiastica; assim, quando a França, por exemplo, já não era feudal, ainda a Igreja franceza conservava essas antigas divisões do territorio; o mesmo se vê hoje na Hespanha, em que a divisão dos seus arcebispados de Tarragona (Catalunha), de Zaragoza (Aragão), de Sant'iago (Galliza), de Valencia, de Granada, de Burgos (Castella Velha), de Valhadolid (Leão), de Toledo (Castella Nova), de Sevilha (Andaluzias) corresponde á antiga divisão politica dos estados peninsulares antes de serem submettidos á unidade monarchica por Fernando e Isabel, Carlos v e Philippe II. Toda a historia da Hespa-



nha, nos seus conflictos internos, consiste na lucta *separatista* entre esses diversos estados, e no esforço brutal de os incorporar sob uma *unificação* monarchica. Os primitivos povos que habitaram a Hespanha anteriormente á conquista dos romanos, obedeceram tambem a essa tendencia separatista ou cantonal imposta pelos relevos orographicos, e d'aqui a impossibilidade de se defenderem contra a invasão dos Celtas, e a facilidade de formarem essa fusão chamada dos celtiberos, que por seu turno chegaram a formar diversas federações analogas ás federações italiotas e gaulezas. As duplas tendencias *separatista* e *unificadora* são os pontos de oscillação da vida historica dos povos peninsulares; conforme as raças que occuparam este sólo, assim essas tendencias prevaleceram mais ou mais exclusivamente e de um modo empirico. Se o sangue semita prevalecia pela occupação dos Phenicios, dos Carthaginezes, dos Judeus e dos Arabes, preponderava a tendencia separatista; se a disciplina dos Romanos predominava, quer pela centralização administrativa, quer pela unificação moral e dogmatica do catholicismo, assim os diferentes estados eram submettidos á dependencia de um só, sem que essa apparente unidade politica apagasse as differenças dialectaes e costumes locaes, que estavam constantemente proclamando a intima dissidencia. A historia de Portugal depende completamente d'esta circumstancia; o Condado portucalense elevou-se a estado autonomo não só pelas condições mesologicas da sua fronteira maritima, que lhe ministravam um estímulo de actividade e de independência economica, mas sobretudo pela acção reflexa



d'essa agitação de outros estados igualmente pequenos que se proclamavam livres, como pela morte de Affonso VI de Castella com a qual se quebraram os vinculos artificiaes de unificação politica que maniatavam já um bom numero de Estados. Por outro lado a perda da nacionalidade portugueza em 1580, incorporada por Philippe II na unidade castélhana, foi a consequencia de uma politica de absorpção, de que os proprios monarchas portuguezes foram instrumentos egoistas, taes como Affonso V, D. João II e D. Manoel, que pensavam obter por meio de casamentos reaes a fusão de Portugal e de Hespanha sob um unico sceptro. Aqui a força das circumstancias tem sido mais poderosa do que as ambições absurdas dos individuos; a autonomia de Portugal subsiste, através das terriveis calamidades que tem na Europa alevantado grandes estados como a Austria, a Prussia e a Russia, e destruido outros, como a Irlanda, a Escossia, a Polónia, e mesmo a Italia e a Grecia antes dos seus modernos renascimentos.

Depois da formação da nacionalidade portugueza, o facto da sua persistencia é um problema de primeira ordem para o historiador; n'elle se encerram indicações vitaes para o futuro dos povos peninsulares, tantos seculos hostis entre si por odios perpetuados em beneficio de dynastias egoistas. É da persistencia das causas mesologicas, que os espiritos superiores começam a deduzir as formas da organização politica da peninsula hispanica; a forma natural, racional e por isso definitiva, é a de uma Federação voluntaria, já presentida por alguns espiritos lucidos, como Charrière, Henriques Nogueira, Pi

*



y Margall e Tubino. É d'essa solução que depende a existencia e o destino politico de Portugal ¹.

Entre as causas mais poderosas da unificação politica da peninsula hispanica cabe o primeiro logar á influencia do catholicismo; esta religião transmittida da Africa para a Hespanha, trouxe o character intolerante e feroz que lhe achamos no patrologista africano Tertuliano; revelando-se pela audaciosa ambição dos bispos que fizeram dos seus concilios congressos e côrtes politicas, e eram ao mesmo tempo chefes de guerrilhas contra a occupação sarracena, uma vez dominante, essa religião veiu a transformar-se pela influencia do genio hespanhol. Basta recordar que essa ordem, ou horda sanguinaria dos dominicanos, que tiveram o privilegio da Inquisição e dos queimadeiros, foi fundada por Domingos de Gusmão, e que a milicia espiritual dos Jesuitas, creada para annullar a renascença scientifica da Europa no seculo xvi, foi fundada por Ignacio de Loyola; eram ambos hespanhoes. A religião catholica teve uma extraordinaria e constante acção sobre o desenvolvimento dos povos peninsulares desde a época do governo imperial dos romanos; acção que não pôde attribuir-se nem á comprehensão da doutrina, nem ao poder da disciplina, porque a barbarie e o isolamento das povoações torna-

¹ Nas *Ideias modernas na Litteratura portugueza*, t. II, p. 469 a 497 acham-se mais largamente desenvolvidas estas doutrinas sob o titulo de *Condições ethnicas e historicas do Federalismo peninsular*.



ram inefficaz a propaganda evangelica, e porque a devassidão da classe sacerdotal não a fortificava pelo exemplo. E comtudo essa acção baseava-se sobre uma necessidade, e por isso era effectiva. Buckle, fallando da civilisação hespanhola, descreve a influencia mesologica do sólo peninsular, sujeito a grandes catastrophes de terremotos, e a repetidas perturbações meteorologicas. Esses phenomenos assombrosos impressionam sempre os povos, e incutem-lhes na imaginação a crença absoluta na intervenção do sobrenatural. O inexplicavel torna-se divino; o padre aproveitou sempre a emoção d'esses phenomenos cosmologicos para se tornar interprete das cóleras celestes, submettendo a credulidade da multidão á sua conveniencia de classe. As penitencias geraes, as doações dos bens, as fundações de egrejas e mosteiros, a preponderancia nas assembléas politicas, o direito canonicó em conflicto com o regimen civil, o exclusivo do ensino nas collegiadas, o favoritismo junto dos reis, e por fim a organização de uma policia inquisitorial com um processo penal secreto, tudo isto proveiu d'esse estado moral de um povo abalado frequentes vezes por enormes catastrophes da natureza. Tal é ainda a causa do character supersticioso dos povos da peninsula iberica, dos quaes os monumentos mais antigos que ainda subsistem são inscripções religiosas.

A oscillação entre o clima europeu e africano dá tambem á Hespanha as variações violentas das grandes cheias torrencias ou das estiagens completas; d'aqui as crises agricolas, as fomes durante seculos periodicas, e as pestes successivas. As povoações, em vez de estabe-



lecerem um bom regimen das aguas, em vez de arborisarem o territorio devastado por systema durante a época da reconquista christã, em vez de se precaverem por hábitos de previsão economica, seguiram o impulso das suas emoções, e resignaram-se á miseria para sustentarem na opulencia os medianeiros de Deus. Os factos apresentados por Buckle são tão numerosos, que deixam na mais completa evidencia este ponto de vista; a consideração do sólo hispanico como o primeiro factor historico das nacionalidades peninsulares torna-se uma necessidade impercindivel de methodo, sem o que não é possivel determinar verdade alguma através de tanta incoherencia de raças, de civilisações e de arbitrariedades individuaes.

A situação de Portugal na faixa occidental da península hispanica em uma linha *norte sul*, apresenta uma grande variedade de climas, que influem na natureza das produções agricolas e mais profundamente no character moral do povo e das suas industrias locaes. Galton, na sua obra *Os sabios de Inglaterra*, observa a circumstancia de serem oriundos de um territorio interior, seguindo a linha *norte sul*, os principaes individuos que se destacam na civilisação ingleza. Esta observação póde verificar-se principalmente na península da Italia, estendida em uma linha *norte sul*; as antigas differenças de costumes locaes ainda hoje se conservam, como notou Michelet em relação ao *venetus cuculus*, das excavações de Pompêa, conservado na agulha de aço com que as mulheres prendem os cabellos, nos *improvisatori*, no *prandium*, nos *condotieri*, nos *giravoli* que curam as



mordeduras de serpentes como os antigos *Marsi*. As diferenças dos caracteres individuaes accentuam-se nas capacidades estheticas do genio italiano, como observou Stendhal em relação ás escholas de pintura; as escholas de Roma e de Florença impõem-se pela correcção do *desenho*, chegando a reproduzir a severidade architectural; a eschola da Lombardia attinge na pintura a *graça e o movimento*; a de Napoles encanta pelos *effeitos de lux*; a eschola de Veneza é inexcedivel no *colorido*. Podia-se proseguir a mesma individualisação nas fórmas politicas, que provocando as grandes agitações sociaes, deram o maximo relevo a cada cidadão, destacando-se já como pensador ou como heroe.

Foi esta differenciação imposta pela linha *norte sul*, que fez com que as antigas tribus celtibericas não se colligassem para resistir á invasão romana, especialmente no territorio da Lusitania. Em um estudo sobre os *Roteamentos e Colonias agricolas*, do Dr. Avelar Severino, descreve-se primorosamente os accidentes de territorio e a variedade de clima de provincia para provincia, em Portugal; Beira, Minho e Traz-os-Montes, já pela visinhança do mar, ou já pelas grandes montanhas e valles profundos, apresentam um clima desegual, e a vegetação das zonas frias na serra da Estrella e no Gerez. Na provincia do Algarve, onde ha as grandes planicies, produz-se o algodoeiro das zonas quentes. A florescencia e a cultura dos cereaes marcam as variedades climaticas de cada provincia; faz-se um mez mais cedo a colheita dos cereaes na Extremadura e Alemtejo, do que em Traz-os-Montes, em Trancoso, na Guarda, em Al-



meida e Sabugal. A floração do pecegueiro, do damasqueiro e da cerejeira manifesta-se em Montalegre em dezembro, em Chaves em janeiro, e em Coimbra em fevereiro. Na sua linha *norte sul*, Portugal acha-se geologicamente dividido em tres regiões, pelas tres principais cordilheiras que se prolongam desde Hespanha. Na região do norte a fertilidade vem da abundancia de aguas de alluvião e de irrigação, favorecendo a pequena cultura intensiva, e consequentemente a exploração dos gados para o serviço da lavoura e para a engorda; a região do centro, em que de um lado do Tejo predominam as areias e do outro o calcareo, os terrenos têm uma apparencia de pouca fertilidade. Prepondera a cultura do trigo, e é rara a pequena propriedade. Na região do sul, o terreno é mais secco e quente, prolongam-se as areias do sul do Tejo, tornando-se comtudo cerealiferas as terras argiló-silicio-calcareas, quando bem estrumadas. Prevalece a grande propriedade e a cultura extensiva. As culturas cerealiferas obedecem a estas differenças geologicas e climatologicas: o milho e o centeio predominam na região montanhosa e ao norte; o trigo e a cevada ao centro e ao sul, bem como a avêa n'esta ultima região. A variação ou irregularidade de temperatura faz com que a producção cerealifera varie cada anno para mais ou menos. Os trigos conhecidos com os nomes de *molares* e *duros* marcam tambem as differenças regionaes; no Alentejo predominam os trigos duros, e na região central de temperatura elevada; o molle nas regiões quentes e humidas e em especial nas partes baixas. Era impossivel que o caracter do homem não fosse modifica-



do profundamente no seu sêr moral e actividade pela variedade tão importante do meio geographico. O minhoto é extraordinariamente activo, e o que mais corajosamente emigra á busca de trabalho e de fortuna; o transmontano, em uma região montanhosa e frigida no inverno, como abrasada no verão, deixa immensas leguas de terreno em baldio, e dá ao seu character energico a actividade de contrabandista; o extremenho, vivendo na miseria, não abandona as velhas rotinas agricolas; o beirão conserva o systema dos pousios, e sacrifica a producção aos baldios para pastagens; o alemtejano, diminuto no numero em relação ao territorio, é levado á indolencia pela fertilidade do terreno, e ama de preferencia a vida de campino. A mesma indolencia prolonga-se ao algarvio, para quem a felicidade consiste em ter uma alfarrobeira e um jumento. É indispensavel considerar como cooperando intensamente n'estas differenciações provinciaes os cruzamentos das raças, que n'esta linha *norte sul* fizeram mais profundamente sentir as suas variedades ethnicas, do que na latitude das amplas zonas ou provincias hespanholas. As differenças geologicas actuam tambem nas capacidades artisticas; a abundancia da pedra de granito e de lioz provocára as manifestações do genio architectonico do povo portuguez, como notaram Roquemont e Rackzinsky; escreve este critico: «Uma circumstancia prova mais fortemente ainda, que a Architectura, mesmo nas épocas mais remotas, devia até certo ponto ser filha do paiz: é a perfeição com que a pedra foi sempre trabalhada e esculpturada aqui, e o gosto e nitidez com que todos os *ornatos* foram e são



ainda hoje executados». (Cart. xxviii). O gosto constante pelas obras de architectura e a perfeição dos ornatos, são para Rackzinsky um dos caracteres estheticos do povo portuguez.

A variedade mesologica determina uma grande complexidade de aptidões; primeiramente um povo, que occupa um territorio com um littoral de 775 kilometros, com mais de trinta portos, estava naturalmente impellido para a actividade maritima, começando pelas descobertas geographicas resultantes da exploração do Atlantico, o antigo *Mar tenebroso*, e depois para as grandes fundações coloniaes, como India e Brazil, sustentadas pela necessidade do seu temperamento de aventura que o impelle á *emigração*. Por estas considerações observa-se que o portuguez é naturalmente adaptado para acclimarse em todas as regiões da terra, resistindo nos paizes quentes, e adquirindo qualidades superiores de energia physica e moral nos paizes frios. E essa facil adaptação ao meio, é ainda muito mais de notar em quanto á facil assimilação da cultura e civilização superior com que se acha em contacto. Este caracter de cosmopolitismo e de ecclectismo ethnico, é o que mais caracteriza o ramo jonico que elevou a Grecia á mais alta das civilizações humanas; a situação na orla maritima da peninsula da Grecia fez com que, ao contrario da tenacidade do ramo dorico pelos seus costumes e tradições, o ramo jonico accetasse os elementos de cultura que lhe communicou o contacto com a civilização do Egypto e da Phénicia. A facil adaptação do portuguez á cultura moderna provém da mesma causa. Um simples factó nos mostra



a sua tendencia assimiladora. Em 1852 decretou-se o systema metrico decimal de pesos, e em 1859 de medidas lineares; o povo facilmente deixou as antigas medidas, que eram differentes de provincia para provincia e até quasi que de parochia para parochia. Mas em Inglaterra, esse systema racional não pôde ainda implantar-se, nem mesmo nos usos da linguagem technica e scientifica. Esta persistencia ethnica, tão louvada pelos espiritos conservantistas é uma inferioridade; a facil adaptação e assimilação ethnicas, que não tinham sido analysadas nem comparadas, eram tidas inconsideradamente como uma inferioridade. O poeta Simão Machado termina a primeira parte da *Comedia Alfêa* com este contorno do character portuguez:

Mandou um senhor um dia
A um pintor, quo lhe pintasse
Todas as nações que havia,
E cada uma retratasse
Com o traje quo vestia.
Pintando ao Castelhana,
O Francez, o Italiano
Seu costumado vestido,
Poz ao Portuguez despido
Nas mãos uma peça de pano.

Perguntando-lhe a tenção
Porque em tal modo o pintara,
Respondeu, e com razão,
Que nenhum traje achara
Na Portugueza nação.



Vel-os-heis, disse, á Franceza,
Depois disse á Castellhana,
Hoje andam á Valloneza,
Amanhã á Sevillhana,
E nunca á Portugueza.

Vendo pois a variedade
Que ha no trajo Lusitano,
Por não sahir da verdade,
Puz-lho esta peça de pano
Para que córte á vontade.
Se já no tempo passado
Assim Portugal so pinta,
Como fôra hoje pintado?
.....

Se a condição vos pintara
Quem o trajo vos pintou,
Não sei se invenção achara,
Que o vario d'elle tomára
Como para o d'elle áchou.

E quam varios vos mostraes
No trajo e na condição,
Tam constantes sois, e mais
Na praga e murmuração
Para os vossos naturaes.
Se um extranho á terra vem
Dizeis todos em geral,
Nunca aqui chegou ninguém,
E do vosso natural
Nada vos parece bem.



Em fim, que por natureza
E constellação do clima,
Esta nação portugueza
O nada estrangeiro estima
O muito dos seus despreza ¹.

Tem-se abusado da transcripção inintelligente d'estas quintilhas conceituosas. Era essa capacidade de assimilação que fazia com que Portugal, que iniciou na península hispanica o lyrismo trobadoresco, e na época da maior decadencia litteraria de Hespanha contribuiu com a cooperação dos seus talentos para o esplendor do theatro do seculo xvii, adquirisse as condições para exercer a *hegemonia* na organização politica da federação dos Estados peninsulares. E a facil assimilação de todos os elementos da civilização europêa, como as Universidades do seculo xiii e xiv, o *humanismo* do seculo xv e xvi, as Academias, a Diplomacia, o Encyclopedismo e as Cartas constitucionaes, longe de nos obliterar o character nacional, dava-nos recursos para exprimirmos o *sentimento* de uma Patria portugueza tornado consciente pela necessidade de cohesão ante uma extraordinaria expansão maritima.

Quando a sciencia moderna chegou a estes seguros principios, as descobertas geologicas vieram-nos revelar que a terra é tambem uma das paginas mais antigas e

¹ *Comedias portuguezas*, p. 142. Lisboa, 1706.



verídicas da historia do homem ; no seu seio se guardam os vestígios de uma actividade pensada, de uma existencia ainda não destacada completamente da animalidade, enfim, os instrumentos rudimentares que precederam os mais engenhosos apparatus da technologia. Os estudos da paleontologia humana, fazendô recuar o passado milhares de annos, puzeram em condições de ser explicada pelas leis naturaes da evolução a somma de progressos que eram attribuidos a uma immediata insufflação divina; a historia recebeu um impulso de renovação no seu criterio, considerando como documentos não só os actos emanados da acção individual, mas ainda os factos os mais inconscientes, como as variedades nas raças, a filiação na linguagem, as analogias nas instituições, as impressões psychologicas nos mythos e nas tradições nacionaes. Os vestígios ante-historicos do homem constituem hoje uma serie importantissima de documentos por onde se infere com segurança o modo da sua existencia primitiva e os meios por onde foi subjugando as fatalidades da natureza. Em todos os centros civilizados da Europa se tem descoberto os restos de outras raças, ainda no estado troglodita e desconhecendo os metaes; na estrutura craneana e nos costumes populares apparecem ainda por effeito de regressão ethnica caracteres d'essas populações autochtones. Desde que os anthropologistas provam que as raças da Europa se acabam em uma completa mestiçagem, para bem conhecê-las nas suas creações sociaes, que constituem a historia, importa analysal-as nos seus mais primordiaes elementos. Felizmente, estes estudos têm dignos representantes na peninsula



hispanica, e o sólo de Portugal não é das paginas mais obliteradas da paleontologia.

2. — Antiquidades pre-historicas em Portugal

O primeiro facto que resulta das explorações geologicas, é que o territorio de Portugal, e consequentemente da peninsula, teve habitantes anteriormente a todas as invasões de outras raças asiaticas que penetraram e se estabeleceram na Europa. Este facto geral ao nosso continente, leva a reconhecer que a Europa como uma grande peninsula da Asia, teve tambem uma raça que se pôde considerar autochtone de que o typo de Cro-Magnon é o mais completo. Pelas camadas geologicas em que se acham as ossadas, e pela sua fórma anatomica, se restabelece a historia d'essa raça, que as invasões proto-áricas e indo-europêas não destruíram, e com as quaes se assimilaram, como affirma Paul Broca e outros eminentes anthropologistas:

«Os restos do homem quaternario que se têm podido estudar até aqui, pertencem, pela maior parte, a individuos de pequena estatura, cujo craneo é pouco volumoso e a face mais ou menos prognathe. Tinha-se d'aqui concluido que a povoação primitiva da Europa pertencia a uma raça *negroide* segundo uns, *mongoloide* segundo outros, cuja estatura não excedia muito a dos Lapões modernos. Tenho por exactos os factos sobre que assenta esta opinião; porém ella assenta sobre uma ideia preconcebida, e é que não existia na Europa quaternaria



senão uma só raça de homens» ¹. Como se vê, Broca reconhece que diferentes raças occuparam simultaneamente a Europa na época quaternaria; e essa duplicidade do typo *mongoloide* e *negroide* coincidem com os factos. O typo quaternario de Cro-Magnon, contemporaneo de mammoth e do rhinocéro, e que vivia em França no começo da éra glaciaria, estendeu as suas migrações pela Hespanha, Africa do norte até ás Canarias; ha nos seus vestigios osseos os indicios de uma lucta de uma raça vinda da Africa e com a qual estabeleceu cruzamentos. É o que infere Verneau, sobre a autoridade de anthropologistas exploradores do norte da Africa, e das suas proprias descobertas em Hespanha: «Nos tempos quaternarios os homens de Cro-Magnon viram o seu sólo disputado por individuos de um typo physico differente: *brachycephalos*, tentavam substituir-se aos dolichocephalos. Sobre mais de um ponto deram-se cruzamentos, e d'estas allianças resultou um typo intermediario. Deram-se no começo da nossa éra geologica as terriveis luctas que os caçadores de Vezère tiveram de sustentar. Invasores pertencentes a este typo que se chama dolichocephalo neo-lithico, chegaram em grande numero; acabaram por se estabelecer nas regiões que occupava precedentemente a raça de Cro-Magnon» ².

¹ Paul Broca, *Mémoires d'Anthropologie*, t. II, p. 164: Les Cranes des Eyzies.

² *Revue des Cours scientifiques*, vol. XLII da Collec., p. 75 (1888).



Apresentado assim o problema das raças pre-historicas da Europa, um grande numero de factos inéxplicaveis esclarecem-se logicamente em relação á anthropographia da peninsula hispanica; taes são as diferenças craneanas entre o basco francez e o basco hespanhol, as relações com o typo berber e analogias das sepulturas megalithicas da Africa; finalmente as similhanças com o typo lappo-finnico e com o scythico. Esta corrente africana de invasão sobre a França é admittida por Quatrefages coincidindo com a migração da hyena, do leão e do hippopotamo. Porém esta invasão do começo da éra glaciaria, não embaraça que se operasse uma corrente diversa de migração pela Hespanha, Africa até Canarias, porventura no fim da éra glaciaria, como expansão de povoações comprimidas.

Verneau fornece-nos observações anthropologicas que explicam este facto:

« Desconhecido n'este paiz (Hespanha) durante a época quaternaria, o typo de Cro-Magnon fez a sua apparição, no norte da peninsula especialmente, na época neolithica, isto é, quando novas populações tentavam apoderar-se do sólo »¹. E já anteriormente notára o mesmo anthropologista: « Sobre alguns pontos, como por exemplo em Sorde, nos Pyrenéos, a raça tinha persistido no estado de pureza; ella tinha-se achado ali em condições de isolamento, que lhe permittiram conservar sem alte-

¹ *Revue des Cours scientifiques*, vol. XLII, p. 76.



ração sensível, caracteres dos antepassados quaternarios ». E sobre factos descobertos em 1884 durante a permanencia de Verneau em Madrid, chegou-se á conclusão que a raça de Cro-Magnon existiu em Hespanha durante a época neo-lithica: « O typo de Cro-Magnon não tem sido descoberto em Hespanha anterior á nossa época geologica, mas na época da pedra polida apparece, e temos verificado a sua presença desde Oviedo até Andaluza. Outras raças viviam já no paiz, e, sobre máis de um ponto, produziram-se cruzamentos. Quando os *metaes* começaram a ser empregados, o typo não desapareceu de Hespanha... » E comparando setenta craneos da idade de bronze de Andaluza com os craneos quaternarios da Dordogne, conclue Verneau: « Os representantes da antiga raça de Cro-Magnon têm uma influencia preponderante nas populações da idade de bronze do sudeste de Hespanha; poder-se-hia affirmar que esta raça formava o fundo da população ».

Na época terciária da geologia, o territorio de Portugal, como se deduz da sua paleontologia vegetal, tinha uma temperatura de 20°, o que veiu favorecer inferencias do geologo Carlos Ribeiro, que julgára ter achado no nosso sólo os vestigios ha tanto procurados do homem terciario; na grande charneca da Otta, na base do Monte Redondo, acharam-se n'esse terreno lacustre silex talhados pela mão do homem miocene, nas mesmas condições em que igualmente se acharam em Thénay, no Monte Aperti (Toscana), e em Peruse, na Ombria. Esta simultaneidade não é sem importancia, porque nos leva a inferir de um fundo ethnico commum, que na historia



mais tarde se revela por analogias de costumes, que facilitaram a unidade da Civilização occidental. A fôrma craneana apresenta uma *dolichocephalia* característica; assim perto de Salvaterra e da Muge, nas collinas artificiaes de conchas (os kjoekkmæddinger) nos numerosos esqueletos que ahi se acham da época neo-lithica, os craneos são *dolichocephalos*, e segundo Quatrefages, analogos ao craneo basco por elle examinado nos arredores de Cambo. Este facto encerra a solução de um problema de primeira ordem; Broca notou nas suas analyses craneoscopicas, que o basco hespanhol é dolichocephalo, ao passo que o basco francez da outra vertente dos Pyrenéos é brachycephalo, entendendo que não é possível explicar esta profunda differença anatomica por uma acção mesologica tão insignificante, por maior que fosse o decurso do tempo. Demais, considera o mesmo insigne anthropologista, que essa dolichocephalia do basco hespanhol é analoga á dolichocephalia occipital do berber da Africa; se a esta consideração ajuntarmos que as Antas (Dolmens) que existem nas duas Beiras e Alemtejo, pertencem ao typo do dolmen de Antequera, junto a Malaga, e que muitos d'estes monumentos megalithicos são tambem analogos a outros que ainda existem na Africa, poderemos concluir que essa differença crancana resultou de *duas raças* diversas¹, uma que *desceu do norte*

¹ Escreve Paulo Broca: « A existencia de dous typos na Europa occidental, e eu accrescento, na Europa central antes da éra indo-europêa, é um facto hoje perfeitamente demonstrado ». *Mémoires d'Anthropologie*, t. II, p. 35.



da Europa para o seu centro prolongando-se até Africa, e outra que occupou a orla occidental vindo da Africa através das ilhas do Mediterraneo. Esta differença persiste nas raças da peninsula hispanica entre o euskariano e o iberó, e principalmente no caracter dos monumentos ante-historicos; assim, as hachas de bronze são muito aperfeiçoadas no Minho, tendo anneis, e meia cana na parte superior, ao passo que no Alemtejo são simples, e no Algarve extremamente raras.

Vê-se por estes factos que houve conflictos de raças e um cruzamento successivo; na gruta da Furninha, na peninsula de Peniche, a par dos restos de silex, de louças de barro e placas de schisto com desenho geometrico, acham-se muitos ossos humanos nos quaes a maxilla superior apparece com frequencia quebrada com o fim manifesto de extrahir os miolos da caixa craneana. D'aqui infere com razão o geologo Delgado os vestigios de anthropophagia n'essa sociedade troglodita; e dizemos com razão, embora elle fosse contradictado com o facto da abundancia de aliimentos e de animaes, porque a anthropophagia foi e ainda é entre os selvagens não um acto provocado pela fome, mas um effeito de uma ideia moral: aquelle que mata o seu inimigo, quer tambem apropriar-se da força que o fazia temido, e come-o para encarnar em si essa qualidade; assim uns selvagens comem os olhos dos seus inimigos para se apropriarem da sua perspicacidade, outros devoram a massa encephalica, para ficarem com a sua sagacidade. É esta a unica razão da anthropophagia, pela qual se explica a sua longa persistencia na Europa, como se sabe que existiu na Ir-



landa por Strabão, por Plinio com relação ás tribus scythicas, e tambem nas Gallias, entre uma tribu bretã, como o conta S. Jeronymo. Isto comprova o facto da gruta da Furninha, que não podia provir senão do conflicto de povos inimigos, como se infere das differenças monumentaes; que estas duas raças se fusionaram, conhece-se pela *mesaticephalia* do craneo do Valle de Arieiro, que apresenta uma depressão occipital analoga aos craneos mesaticephalicos de Furfooz. D'este concurso resultou uma civilisação rudimentar, como se vê pela frequencia dos schistos e ardosias com desenho geometrico da gruta da Furninha, e com ornatos de traço pontilhado, como na gruta de Palmella, ou já com figura de animal como na de Alcobaça, chegando esta aptidão artistica, a desenvolver-se sob a influencia dos romanos, como se comprova por essas estatuas de pedras achadas em Lezenho (Montalegre, Traz-os-Montes), em Vianna do Castello e na Galliza. Os amuletos de ardosia, da gruta de Palmella, revelam-nos a existencia de noções religiosas, que seriam um fetichismo espontaneo, por isso que as fórmãs d'esses amuletos são analogas ás da Patagonia; costumes funerarios, descriptos pelos historiadores romanos, revelam a existencia de concepções animistas, que ainda persistem nas superstições populares e outras usanças locaes ¹. Á medida que se forem alargando as investigações ethnologicas, mais se irá estabe-

¹ Tratamos estes problemas na obra *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, 2 vol.



lecendo esta íntima solidariedade com o passado, e portanto competirá á historia tirar a luz d'esta relação.

A parte mais rica de monumentos pre-historicos é o Minho, que apresenta além de numerosissimos vestigios da época da pedra polida, as duas chamadas Citanias de Briteiros, de Sabroso e Santa Iria, desde longo tempo conhecidas; Contador d'Argote considerava-as como construcção arabe, fazendo-se ecco do preconceito popular que considera todos os vestigios archeologicos do passado indistinctamente como do *tempo dos mouros*.

São extraordinariamente importantes as descobertas do dr. Francisco Martins Sarmiento de tres cidades pre-historicas, cujas ruinas nos revelam as condições de vida de um povo da idade da pedra polida, e de uma idade já possuidora dos metaes. A principal, a Citania, situada no monte de S. Romão, como as *arx* ou *larissas*, era circuitada por tres espessas muralhas, e mais duas muralhas que ligam os dois montes fronteiros ao valle do norte, e uma outra que liga os dois montes situados ao nascente e oeste. Cinco fossos defendiam conjunctamente com estas muralhas a povoação. O sabio archeologo, por sua exclusiva iniciativa, desenterrou esta cidade pre-historica estabelecida no recinto da terceira muralha, dentro do qual explorou quarenta casas em ruinas; fóra d'este recinto a segunda muralha fecha uma zona onde se acham sepulturas feitas em cantaria e dolmens, o que nos indica as suas fórmulas cultuaes. Da Citania irradiavam estradas calcetadas, ainda existentes, apparecendo trechos de estradas por vezes muito longe da povoação. As ruas da Citania eram empedradas, e os



largos ou praças revestidas com lagens quadradas e em xadrez, e ás vezes ladrilhadas. As casas feitas com pedra e barro amassado, eram umas redondas e outras rectangulares, construídas por fóra com pedra grossa e por dentro com pedra miuda; as portas giravam em gonzos sobre pedras de couceira, como ainda se usa no Minho; algumas casas redondas tinham um pateo quadrado fechado por muro de pedra, especie de eira ou beira, conservando no seu interior pias e argolas de pedra. Algumas padieiras e umbreiras apresentam ornatos em fóma de *cordão* (usado na architectura portugueza) e algumas vezes letras pertencentes a inscrições, que se encontram tambem em vasos de barro. A *pedra formosa*, com ornatos em alto relevo em cordões e em fóma de triângulo, parece uma ara de sacrificio sangrento. A um kilometro da Citania descobriu o dr. Martins Sarmiento outros restos de povoações pre-historicas, de Sabroso e Santa Iria, em que nas pedras lavradas ha já representação de homens e animaes, e objectos de ouro como braceletes, broches, etc.

Um outro vestigio importantissimo é o da *Cava de Viriato*, em Vizeu, que embora esteja muito destruída ainda se conhece a sua origem, confrontando-a com os typos semelhantes das numerosas *Encintes de terre* que existem em França, das quaes escreve Alex. Bertrand: «Numerosas explorações têm demonstrado que muitas d'estas *opida* já tinham sido occupadas pelas populações da idade da pedra, e que desde essa época não deixaram mais de servir de refugio». Na sua interessante monographia a *Cava de Viriato*, o major Henrique das Ne-



ves, pelo exame da fôrma em circuito e simplicidade do material de construcção, fez a comparação com as *Encintes de terre* e conclue: « Haverá duvida em vêr no nosso circumvallo de terra um monumento similar d'aquelles outros da Gallia? » (p. 44).

O norte da peninsula hispanica foi o ponto de entrada de uma outra raça mais civilisada ou progressiva do typo de Cro-Magnon, para nós o euskariano; ou pelo menos, o contacto do norte da Hespanha com os iberos da Italia e do sul da França, pelo triangulo da Aquitania, como explicam Broca e outros anthropologistas, estabeleceu uma communhão de progressos, que se revelam na grande resistencia dos aquitanos contra as invasões das raças áricas na Europa occidental, e mais tarde na simultaneidade do desenvolvimento das tradições poeticas provençaes na França meridional, Italia e Galliza.

É aqui que convém indicar a entrada na peninsula de uma raça vinda da Africa, como notou Quatrefages na época da migração da hyena, do leão e do hippopotamo. Além das sepulturas megalithicas da Africa do norte, os exploradores d'esta região encontraram em Roknia o typo de Cro-Magnon em mais ou menos estado de mestiçagem. Verneau accrescenta: « Não é sómente n'esta localidade, mas *em quasi todo o norte da Africa* desde a extremidade oriental da Tunisia até aos limites occidentaes de Marrocos, que se acham vestigios d'esta raça nas sepulturas megalithicas ». É preciso distinguir o factó da interpretação. O factó é positivo e do maior alcance; as interpretações são diversas. Uns anthropologistas entendem que esta raça africana, ou do



typo *negroide* a que já alludiu Broca, penetrou na Europa, emigrando do continente desaparecido da Atlantida. Assim o problema anthropologico tão positivo, fica sujeito aos accidentes do problema geographico, e a tornar-se um mytho como o tradicional continente ¹. Mas tendo de explicar o facto evidente pela circumstancia de não admittir a Atlantida, Verneau prefere antes inverter os acontecimentos, fazendo da raça de Cro-Magnon uma raça emigrante que descendo á Hespanha, espalha-se pelo norte da Africa e chega ás Canarias: «Constructores dos dolmens, relativamente recentes do norte da Africa, devem considerar-se descendentes dos individuos do mesmo typo que viviam na Hespanha nas épocas da pedra polida e do bronze, e que tiveram de fugir diante dos homens que se aproximam do *typo ligurico*...» (Ib., p. 77). Porém ao mesmo tempo, fallando do typo ligurico, define-o: «Estes celtas primitivos de cabellos louros, não eram senão os homens de Cro-Magnon...» tendo notado o seu antagonismo, que outro não é senão o dos dois typos fundamentaes, o mongoloide e o negroide. Basta-nos indicar aqui por ora o problema das duas correntes europêa e africana, que investigaremos ao tratar

¹ Verneau nega a existencia da *Atlantida*: «No estado actual da sciencia, nada auctorisa a suppôr que a Atlantida jaza no fundo das aguas, em frente das columnas de Hercules» (Ib., p. 71). E accrescenta: «Effectivamente, as sondagens realizadas recentemente pela commissão de dragagens têm-nos demonstrado que n'estas regiões ha fundos que attingem e ultrapassam 5:000 metros» (Ib., p. 72).



do dualismo *euskariano* e *iberico*, base das origens anthropologicas das raças peninsulares.

Caracterisando este elemento africano entre as populações pre-historicas da Europa, Paul Broca estabelece uma distincção entre a dolichocephalia *frontal*, propria das raças indo-europêas, e a dolichocephalia *occipital*, propria das raças brancas ou negras da Africa. E confrontando os craneos bascos de Zaraus com antigos craneos de Paris do cemiterio dos Innocentes, differencia aquelles pela sua dolichocephalia occipital, e formúla: « Sendo a dolichocephalia dos bascos devida sobretudo ao desenvolvimento do craneo posterior, como a dos povos da Africa, e então tornava-se extremamente provavel que esta dolichocephalia occipital, essencialmente diferente da dolichocephalia frontal dos indo-europeus, era um facto primitivo, ou pelo menos independente da irrupção dos povos asiaticos no solo da Europa occidental » ¹. É esta a conclusão que Broca tira das comparações stereographicas, conclusão que destroe a hypothese de Verneau sobre a transplantação dos autochtones europeus para a Africa. Deixando o laborioso exame de Broca sobre a série dos craneos, transcrevemos os seus resultados finaes; porque depois de definido o typo de Cro-Magnon, autochtone europeu, importa bem conhecer o typo negroide, que irrompeu da Africa para a Europa: « Em primeiro lugar, os craneos dolichocephalos dos bascos de Zaraus, differem muito dos craneos dolichocephalos das outras

¹ *Mémoires d'Anthropologie*, t. II, p. 24.



raças da Europa. Em lugar de apresentarem uma dolichocephalia *frontal*, apresentam uma dolichocephalia *occipital* devida conjunctamente ao desenvolvimento exagerado dos lobulos posteriores do cerebro e ao pouco desenvolvimento da sua região anterior.

«Em segundo lugar, os bascos, tão differentes dos dolichocephalos da Europa, *aproximam-se pelo contrario muito dos dolichocephalos da Africa*. Pela conformação do seu craneo cerebral, elles são muitissimo semelhantes aos negros, que, de resto, differem pouco, sob esta relação, das raças africanas orthognathes.

«Apresso-me a ajuntar que os bascos distinguem-se por seu turno de todas as raças da Africa, mesmo das mais brancas e mais orthognathes, pela pequenez da sua maxilla superior, pelo pouco desenvolvimento das suas bossas cerebellosas, e pela atrophia relativa da sua protuberancia occipital. Estes caracteres differenciam tambem os bascos das raças da Europa.

«Concluo d'aqui, que se a origem dos bascos de Zaraus tivesse de ser procurada fóra do paiz basco, não entre os celtas nem entre os outros povos indo-europeus se terá esperança de encontrar os seus antepassados, e seria antes pela *zona septentrional da Africa* que as investigações se devem dirigir. É muito provavel que na paleogeographia do nosso continente a Hespanha se continuasse com o norte da Africa » ¹. Bem assente este fundo das populações autochtones da Europa, é que se

¹ *Mémoires d'Anthropologie*, t. II, p. 32.



póde com mais segurança definir a sobreposição das camadas anthropologicas e historicas.

É tambem por estes precedentes que a Galliza foi o principal fóco de cultura durante a Edade-média na Hespanha, e que n'esse seu territorio se manifestaram as tendencias de autonomia social que determinaram o momento historico da formação da nacionalidade portugueza. Esta differença ethnica que observamos no sólo ante-historico de Portugal, leva a dividil-o em duas zonas, uma verdadeiramente *gallexiana*, desenvolvida pela entrada de ramos áricos, sendo os lusitanos os primeiros representantes d'essa migração; e outra *algarvia*, que se desenvolveu precóticamente pela vinda dos phenicios á exploração metallurgica ¹, constituindo ao sul do territorio que veiu a ser Portugal a notavel civilização Bastulo-phenicia; no decurso historico estas duas zonas aproximaram-se e confundiram-se, sendo os nomes locais, como Tejo e Ana, phenicios, e os nomes de povoações com a fórmula *brig*, celticos. Herculano considera no nome de *Lusitania*, que exprimia esta fusão, a terminação *tan* como punica ². Ao norte da orla marítima estabeleceram-se colonias gregas, emquanto que ao sul se fixavam colonias lybio-phenicias. A Beira era o ponto de

¹ Estacio da Veiga estudou a *edade do cobre* nas estações archeologicas de Aljezur e Alcalá, no Algarve; á parte publicada da sua obra e as colleções que affirmou são de alto valor.

² *Hist. de Portugal*, t. I, p. 16.



contacto, e é por isso que todos os antigos escriptores consideravam a Beira como, por assim dizer, o centro dos costumes nacionaes, das tradições portuguezas, e da vernaculidade da linguagem, ao passo que a organização do facto politico da nova nacionalidade só começou proximo do rio Minho, isto é, na Galliza. Na incorporação do territorio de Portugal a Beira foi o centro de oscillação, já para nos integrarmos com a Galliza, o que prevaleceu na politica até ao tempo de D. Fernando, já para nos alargarmos para os Algarves de áquem-mar, e de além-mar em Africa. Prevaleceu esta ultima tendencia, que se acha sempre nos povos em regressarem para o seu ponto de partida. O quadro que acima apresentamos da época anté-historica da peninsula, habilita-nos para comprehender melhor a situação em que se acharam as migrações das raças asiaticas na sua occupação, em geral commum a toda a Europa. As invasões asiaticas correspondem a duas migrações principaes para a Europa, a proto-árica (mongoloide, scythica, iberica ou gauleza) e a árica propriamente dita (helleno-italica ou pelasgica, celtica, germanica e slava); a peninsula hispanica foi povoada por elementos d'esta dupla corrente.

Um facto geologico da mais alta importancia para a discussão do problema anthropologico da proveniencia das raças da Europa e mesino da sua autochtonia, é o da quasi immunidadade em que ficou o territorio da Peninsula hispanica durante o longo periodo da invasão glaciaria. Accrescentando a esta situação, em que a Peninsula estava defendida pelos Pyrenéos, a sua ligação



com a Africa por um isthmo destruido pelo rompimento do estreito de Gibraltar, vê-se que ella foi um ponto de passagem tanto para as migrações de povos do norte, como querem Bergmann e Roisel, referindo-se aos finnicos, como para as migrações da Africa, como querem Leibnitz, Quatrefages, Broca, referindo-se aos berberes. E além de ponto de passagem, foi um asylo que manteve a estabilidade e o desenvolvimento superior em relação ás outras raças errantes, dos povos que se acoutaram aqui, e pela pressão do territorio se fusionaram. Este facto não tem sido considerado na questão das raças da Europa; pôl-o pela primeira vez em evidencia João Bonança na *Historia da Lusitania e da Iberia*, exagerando as suas consequencias, por isso que considera a expansão das raças primitivas pela Europa e para a Africa do norte e Asia, como irradiando exclusivamente da Peninsula hispanica, onde elaboraram a civilisação rudimentar que precedeu a grega, a phenicia e a romana. Antes de chegar a estas consequencias ha outras mais urgentes, e que já estavam em discussão:

O problema das raças primitivas da Europa era geralmente explicado pela invasão de povos vindos da Asia, opinião sustentada por factos linguisticos, d'onde se deduziu uma *unidade indo-europêa*. Porém as descobertas da archeologia pre-historica levaram a assentar o facto positivo da *autochtonia* das povoações da Europa, as quaes não desapareceram ante a invasão das tribus asiaticas. Em 1843 Nougarede de Fayet apresentou á Sociedade Ethnologica de Paris uma obra intitulada *Dos antigos povos da Europa*; no relatorio do secreta-



rio resume-se a sua doutrina: «O auctor oppõe ás tradições asiaticas que fazem da Asia o berço unico do genero humano, as tradições europêas que, segundo Cesar, Plinio e Tacito, eram igualmente antigas e respeitadas, e conforme as quaes a maior parte dos povos da Europa se consideravam autochtones ou aborigenes n'esta parte do mundo; o auctor constata de mais a differença ainda existente entre as raças do Occidente e as do Oriente, e termina por demonstrar a impossibilidade physica das migrações pretendidas através de todos os obstaculos que devia apresentar a natureza nos tempos primitivos» ¹. Esta these foi depois sustentada por Penka e Shräder, considerando que da Europa é que se deu a dispersão da raça árica para a Asia. Sobrè uma tal hypothese, as raças autochtones da Europa foram invadidas pelas raças amarellas da Asia, e pela communicação do conhecimento dos *metacs* é que se tornaram progressivas e dominantes. Gustávó Lebon, na *Civilisação da India*, mostra que a raça árica occupa na Asia a situação de povo foragido resistindo á pressão das raças amarellas, e não tendo condições para expandir-se senão as duas estreitas saídas de Cabul e Bramaputra. A theoria de João Bonança tinha estes antecedentes emquanto á *autochtonia* das raças da Europa; na obra citada mostra como um mar glacial cobre a Europa desde o pólo boreal até á Inglaterra; como as enormes geleiras da ca-

¹ *Mémoires de la Société Ethnologique*, t. II, part. I, p. XXXVII.



deia Alpina invadem quasi toda a Europa central, sendo limitadas ao sul pela cadeia Pyrenaica. Com provas geologicas e paleontologicas mostra *que nenhum mar glacial invadiu e occupou a peninsula hispanica*, bem como nenhumas geleiras espessas e extensas occuparam seus valles centraes, meridionaes e occidentaes; e d'aqui deduz as excepçoes *proporções para um grande desenvolvimento do genero humano na Peninsula hispanica*. As consequencias a tirar de um tal facto são as mais imprevistas emquanto ao desenvolvimento lento, pacifico e seguro das povoações contemporaneas do mastodonte (como se vê pelos vestigios das lanças do Valle de Manzanares), até á liquefação dos gêlos do periodo quaternario em que se expandem as raças dolichocephalas autochtones e peregrinas occupando a Europa. Onde estiveram refugiadas? D'onde vieram á occupação dos territorios exundados? Eis o problema.

Irradiaram essas raças unicamente da peninsula hispanica, como quer João Bonança, expondo que a raça hispanica repovoa a Gallia meridional e oriental, os Apenninos, parte consideravel dos Alpes, toda a Italia, a Sicilia e a Corsega, considerando ao mesino tenpo ser impossivel o povoamento da Europa por tribus vindas do centro da Asia, da Laponia, da Finlandia e da Scandinavia, na época da constituição das linguas europêas.

Segundo as doutrinas de Charles de Héricault na obra *Les origines du Peuple français*, os iberos foram os repovoadores e civilisadores da Gallia; partindo porém da antiga theoria das migrações indo-europêas da Asia, considera os iberos vindos d'esse continente.



Segundo Bory de Saint Vicent, no *Ensaio sobre as Ilhas Fortunatas* e a antiga Atlanlida, e Roisel no seu livro os *Atlantes*, a Europa é repovoada e civilizada por uma raça bronzifera que emigrou d'esse continente subvertido. Reconhecida, porém, a corrente da migração africana para a Europa, a séde de irradiação é considerada por Berthélot como localisada na região do Atlas continental, na Mauritania Tingitana. Ha em tudo isto factos positivos e theorias variaveis, umas porque foram formadas antes de adquiridos os factos, e outras pela necessidade de coordenar provisoriamente esses factos.

Os caracteres da estatura e craneo do homem quaternario de Cro-Magnon, um dos typos das raças autochtonas da Europa, apparecem em Hespanha no homem do periodo neolithico, em Africa nas sepulturas magalithicas e tribus berberes, e até nas ilhas Canarias, nos esqueletos de Barraneos-Hondos de Teneriffe e nos Guanches. Verneau, apoiando-se na auctoridade de Hamy, expõe: «o verdadeiro *Guancho* apresenta os caracteres ethnicos dos homens quaternarios de Vezère»¹. Esta similaridade de caracteres anthropologicos, em uma extensão tamanha, leva a concluir por uma certa unidade primitiva d'esse grupo humano; conclusão a que chega Verneau: «Ligamos ao mesmo tronco todas estas populações que apresentam o typo tão caracterisado da raça de Cro-Magnon, e somos forçados a aceitar que esta raça fez grandes migrações». Em volta d'este facto po-

¹ *Revue des Cours scientifiques*, t. XLII, p. 77.



sitivo, é que se agrupam as theorias mais ou menos phantasistas. Segundo Verneau, a migração deu-se da França através da Hespanha para a Africa até se estender ao archipelago das Canarias. Para isto ser sustentavel, convida-lhe mostrar, que a formação geologica das Canarias era de uma época moderna e de nenhum modo resto de um continente subvertido, e que portanto os *Guanehos* eram os ultimos representantes dos emigrantes de Cro-Magnon. Esta theoria extrema tem correlação com outra theoria extrema: — Que os Guanehos do Archipelago das Canarias são os ultimos vestigios dos povoadores da grande ilha ou continente da Atlantida, de que as Canarias, Archipelago da Madeira e Archipelago dos Açores são os fragmentos vulcanicos que maream os seus limites geographicos. E portanto que foi d'este continente que se dispersou essa grande raça emigrante, que se estendeu pelo norte da Africa, pelo occidente da Europa, Hespanha e França meridional. Para sustentar esta theoria, envolvida nos mythos philosophicos do *Timeo* de Platão, era tambem preciso provar geologicamente a existencia do phantastico continente da Atlantida.

Uma theoria intermedia sustenta que o *Guancho* das Canarias veio para o archipelago da região central do Atlas da Africa, d'onde irradiaram as tribus que se estenderam pela Africa septentrional, ilhas do Mediterraneo e Hespanha. É esta a opinião de Berthelot, na *Memoire sur les Guanches* ¹. «Ha uma questão

¹ *Mémoires de la Société Ethnologique*, t. I, part. I; e t. II, part. I.



geographica que domina todas as outras e se liga naturalmente ao problema ethnologico que temos em vista resolver. Qual foi o ponto de partida da raça primitiva que os Europeus acharam n'estas ilhas? — Consideradas sob o ponto de vista geographico as ilhas Canarias apresentam-se na carta como satellites do continente visinho, de que estão separadas por um pequeno braço de mar. Colocadas em seguida umas das outras pela sua posição de Oriente a Occidente, ellas são um prolongamento da cordilheira do Atlas que vem terminar no cabo de Gers. Este archipelago liga-se á massa submarina sobre a qual se apoia a terra africaná, e não é para o geologo como para o geographo, senão um fragmento isolado d'este continente. Situadas a mais de 600 milhas da parte mais meridional da Europa, separadas do Novo Mundo pela largura do vasto Oceano, é natural o pensar que estas ilhas receberam a sua população do continente mais proximo das suas costas. Ora a região da Africa situada em face das Canarias faz parte do Maghreb-el-Aksá dos Arabes, visinho da antiga Mauritania Tingitana, e fórma actualmente as mais bellas provincias do imperio de Marrocos» ¹. Berthelot descreve a Africa septemtrional comprehendida entre o Egypto ao levante, o Atlantico ao occidente, atravessada pela longa cadeia do Atlas do oriente ao occidente, e que se estende em largura das bordas do Mediterraneo até ao Sahará. O movimento de povos n'esta região foi enorme; Berthelot

¹ *Op. cit.*, t. II, part. I, p. 89.



inhere dos costumes pastoraes e agricolas dos Guanchos, semelhantes aos dos montanhezes do Atlas, que foram tribus libycas, que emigraram na época da conquista romana no norte da Africa ¹. São representantes dos *Atlantes* da Africa, d'esses que penetraram na Hespanha ainda antes do rompimento do estreito de Gibraltar, como Broca indica, e quando o Mediterraneo era ainda um mar interior.

A questão da *Atlantida* deixa de ser essencial para o reconhecimento da realidade d'esse grande povo que precedeu na Europa as raças áricas. Bory de Saint Vicent, nos *Essais sur les Isles Fortunées et l'antique Atlantide*, interpreta o texto dos geographos antigos para mostrar que as suas referencias ao Atlas não eram á montanha mauritana ou africana, mas ao picó de Tenerriffe ², apoiando-se em Herodote (liv. iv) que o descreve como uma montanha cylindrica, e em Maximo de Tyro, que o faz surgir do seio do Oceano. No capitulo septimo dos seus *Ensaaios*, Bory de Saint Vicent procura provar que as ilhas Canarias e outras ilhas do Oceano Atlantico apresentam os restos de um continente, querendo determinar o que ha de realidade no mytho da Atlantida de Platão. Empregando provas tiradas da geologia, Bory de Saint Vicent formúla em poucas linhas a sua conclusão: «É difficil pôr em duvida que os Açores, o Steer-Groond, Madeira, Selvagens, as Canarias, as Gor-

¹ *Ibid.*, p. 148.

² *Op. cit.*, p. 395.



gades e as Vigias espalhadas que existem entre estas ilhas, não formassem outr'ora um paiz, que teria sido fertilissimo, a ajuizarmos pelos fragmentos que nos restam. Elle estendia-se pouco mais ou menos desde o gráo 12° de latitude septemtrional até ao 41°, pouco mais ou menos; a sua posição era por conseguinte uma das mais felizes. Parte na zona quente, parte nos bellos climas da zona temperada, não se conhecia ali o inverno. Com certeza os homens não desprezariam uma tal habitação » ¹. No desenvolvimento d'este estudo Bory vae comentando a parte descriptiva de Platão. Publicada esta obra no anno XI da Republica, a sua these reapareceu tratada de novo. em 1874, no livro *Les Atlantes*, de Roisel. Parte do facto de uma prolongada e improgressiva idade da pedra nos povos da Europa, e no aparecimento repentino do *bronze* formado por uma liga, que a metallurgia moderna não modificou. Resultou isto de uma raça do sul que entrou na Europa depois do periodo glaciario. Qual era essa raça? Eis aqui o problema, em parte respondido pelo facto positivo da migração das raças do norte da Africa; Roisel colloca o seu exodo do continente da *Atlantida*, ao qual procura dar realidade pelas provas geologicas e zoologicas. E notando o facto observado pelo astronomo Guyméner, que os povos do norte da Europa, como os do meio diá da Asia e do Egypto dão o mesmo nome á *Grande-Ursa*, Roisel deduz que pertencendo o urso á Europa, e nunca se

¹ *Op. cit.* p. 438.



tendo encontrado vestigio d'elle nem no Egypto nem na Asia meridional, este emblema fôra observado e inventado por um povo das regiões medias da Europa, «e que as denominações das diversas constellações (do Zodiaco) não são applicaveis ás Indias, nem á Persia, nem ao Egypto, mas á latitude do gráo 49°, em que estas denominações têm uma significação, em que o maior dia do anno é o duplo do dia mais pequeno, e em que as estações correspondem á divisão quaternaria do anno»¹. E precisando melhor a séde d'esta raça creadora do Zodiaco: «Uma civilização duravel não se desenvolve senão sobre uma terra generosa, pois que a agricultura foi sempre a base de toda a prosperidade social. Ora, onde é que ha, sob o 49° paralelo um sólo mais maravilhoso que o das margens do Loire e do Sena, mui fertil e mais proprio para alimentar uma população compacta?»² Roisel chama-lhes os Atlantes Gaulezes. A sua expansão para a Asia, como se infere dos symbolos da Astronomia, achase na lenda babilonica do iniciador *Oanes*, o homem-peixe; em um dialecto das Canarias a palavra *Ouan*, significa homem, filho, e *Ans*, em moriniano, potencia, soberania; este thema apparece-me em *Uanscheris*, como nome de uma tribu africana e de uma montanha a vinte leguas ao sul do cabo de Tunis, nome que, segundo Avezac teni relação com o nome de Guancho. A expansão d'esta raça propagadora do bronze tanto se deu

¹ *Les Atlantes*, p. 130.

² *Ibid.*, p. 135.



para a *Europa* como para a *Africa* e *Asia*, e para *America*, de um centro primitivo, em que a *Atlantida* continental se torna uma plausível hypothese ¹. Essa raça atlantida era amarella, da nuance *branca*, a sua civilização foi *bronzífera*, a sua religião lunar, a sua fórmula social a *cidade*, a sua astronomia *planetaria* e *solar*, a sua escripta *ideographica*, a sua architectura as *pyramedes* de degrãos, como se verifica nas similaridades das primitivas fórmulas da civilização egypcia, accadica, chaldaica e chinesa. Sem o estabelecimento d'esta synthese anthropologica, toda a coordenação dos materiaes da archeologia das raças que precederam os árias na civilização permanece em uma confusão invencível.

3. — As populações ibéricas

Os modernos estudos de anthropologia esclarecendo o problema da classificação das raças, os da ethnologia comparando os costumes, os da linguistica restabelecendo pela toponymia a séde de determinados povos, os da archeologia classica coordenando ás inscrições lapida-

¹ Na sua obra *Os Argonautas*; a tradição das navegações do mar Egeu, Euxino e Colehida é collocada pelo dr. Martins Sarmento no oceano Atlantico, desde o cabo Bojador até á Gram-Bretanha, sendo esta lenda da navegação occidental apropriada pelos gregos nas suas tradições orphicas e odysaicas. No Romanceiro peninsular temos trovas de aventuras maritimas, regressos inesperados, raptos do donzellas (hesperidas) que são um vestigio d'estas lendas das navegações atlanticas.



res, têm carregado para a reconstrução da historia inesperados subsídios, chegando-se a penetrar em épocas remotissimas que nos não legaram documentos voluntarios. Os povos ibericos considerados erradamente como os primeiros emigrantes asiaticos que occuparam a peninsula, são apontados nos geographos gregos e romanos tão vagamente, que ficaram por muito tempo uma raça mysteriosa, de que se duvidaria, se não persistissem vestigios da sua lingua e individualismo nas povoações basicas da Hespanha e da França pyrenaicas.

Eram os basicos ou iberos um ramo dos povos áricos, que precedeu esta corrente de migração para a Europa?

Eram um ramo dos povos mongoloides, os quaes precederam todas as outras raças humanas no seu cosmopolitismo?

Eram um ramo dos povos semitas, como se poderá inferir pela facilidade com que foram assimilados pelos phenicios, lybio-phenicios, carthaginezes e arabes? É este o problema a definir, porque sobre a sua complexidade se basearam innumerables theorias ¹. Pelo que se póde inferir da linguagem euskariana, pertence ella ao grupo das linguas *agglutinativas*, estado caracteristico da linguagem nas raças amarellas; «a grammatica *basea* em

¹ Graslin, na obra *De l'Iberie*, critica as diversas theorias ibericas de Masdeu, Fréret, Brotonne, Bory do Saint Vicent, Guilherme Humboldt, Michelet, Petit Radet, Adrien Balbi, determinando-se pelos caracteristicos que representam uma população scythica. No fundo, esta opinião liga-se á realidade do typo mongoloide autochtone da Europa, determinado pelos anthropologistas.

certas particularidades de uma alta importancia aproxima-se evidentemente da grammatica *finnica*. A analogia será ainda mais forte em vista do vocabulario. Os termos os mais usuaes, os nomes das partes do corpo, dos grãos de parentesco, dos animaes, das plantas e dos mineraes os mais communs são bem claramente identicos no basco, e no finnico ou no magyar. O mesmo com os nomes dos numeros, de um até dez, excepto seis, que foi tomado do hespanhol. Um certo numero de palavras compostas bascas.... não podem explicar-se sem que remontemos aos idiomas das bordas do Baltico». ¹ Os caracteres que prendem o basco ao systema das linguas uralianas são representados — «pela sua estrutura agglomerante, pelo seu emprego de postposições em lugar de preposições, a sua ausencia de generos, a unidade da sua declinação e da sua conjugação, a unidade de natureza dos seus radicaes. Até os rudimentos de flexão observados nas linguas turanianas se acham no basco; etc.» (*Ibid.*, pag. 121). Estes factos parecem dar apoio á theoria que considera o elemento finnico e o basco como formando uma unidade primitiva quebrada e desmembrada pela forte corrente dos emigrantes asiaticos. Tambem esta opinião, embora tendendo a uma explicação hypothetica, tem por base um facto positivo, o character de uma raça de typo mongoloide, autochtone da Europa. Pela sua actividade industrial da-

¹ Charency, *Recherches sur les Langues touraniennes*, na *Revue de l'Orient*, t. XIII, nouvelle série, p. 123.



vam-se aos trabalhos de *metallurgia*, peculiar no mundo primitivo das tribus mongoloides; pela sua religião, estavam n'esse estado de fetichismo, d'onde nunca saíram os mongoloides, ou turanianos como lhes chamam alguns escriptores, o que se confirma pelo n'ome dos seus deuses, taes como *Oke*, *Dovel*, *Yuma*, e pela persistencia das fórmas do chthonismo nas superstições dos povos peninsulares.

Eram os Iberos evidentemente de raça amarella, mas n'aquelle estado primario em que ainda se confundia com a raça árica; esta situação especial não tem sido notada pelos anthropologistas, deixando por isso de explicarem um grande numero de factos. Bergmann estudando a raça japhetica¹, mostra que ella se divide em tres grupos: o oriental, ou dos Arias (da India, Bactria, Media e Persia), o sub-occidental comprehendendo os Athurs (tronco dos Assurs), os Haigans (tronco dos Armenios) e os *Ibers*, tronco dos Liguses das Gallias e dos Iberos da Hespanha; o grupo occidental, comprehende os Kamars, (tronco dos Kimerokelticos) os Javans (tronco dos Hellenos) e os Scythas, (tronco dos Getas, dos Germanos e Scandinavos). Por este quadro se explica na Asia o duplo caracter anthropologico de *louro* e *trigueiro*, e ethnico de *pastoral* e *agricola*; explica-se a relação dos gregos com os egypcios, e com os

¹ Nomo generico, que Rask deu á raça branca, substituido por Cuvier pelo de *caucasica*, por Schlegel e Bopp pelo de *Indo-europeia*, e por Ewald e Hæckel pelo de *mediterranea*.



iberos da península antes das conquistas cartaginezas, e a dos iberos com os gaulezes, com os celtas-cimerianos, e mais tarde com as hordas germanicas de cabelo ruivo. O berber da Africa, cuja dolichocephalia coincide com a dos bascos da Hespanha, apresenta tambem esse typo *louro*, que os árias receberam do contacto com a raça amarella da alta Asia.

Esta raça essencialmente *nomada* foi das primeiras que se deslocou do seu habitat; Bergmann, estudando os Getas e os Germanos, mostra plenamente o seu parentesco com os Scythas, restabelecendo as relações ethnicas dos árias primitivos com a raça nomada da alta Asia; as migrações áricas foram, por assim dizer, sobre as pégadas d'ella, como quem lhes abrija o caminho. Spencer explica a causa d'essas grandes migrações pela climatologia: «Quando se lança os olhos sobre a carta dos climas do globo, vê-se uma superficie quasi continua, a região sem chuva, que se estende através do *norte da Africa*, a Arabia, a Persia, o Thibet e a Mongolia; foi do interior ou das fronteiras d'esta região que saíram todas as raças conquistadoras do mundo antigo. A raça tartara transpôdo a cadeia montanhosa, limite meridional d'esta região, povoou a China e os paizes que a separam da India, repellindo os aborígenes para as montanhas; não se limitou a dirigir para este lado as ondas de invasores que se destacavam d'ella successivamente, arremessou-as de tempos a tempos para o occidente. A raça *árca* espalhou-se pela India e abriu caminho através da Europa. A *semita* tornou-se dominante no norte da Africa, e inflammada pelo fanatismo



mussulmano conquistou uma parte da Hespanha » ¹. Este facto historico é a repetição do que se deu com a raça *dolichocephala occipital*, que entrou na Europa vindo da Africa na idade quaternaria. Estas tres raças partindo de pontos differentes da região sem eluva, encontram-se na peninsula em diversas épocas, trazidas pelo impulso que as attrahia para regiões relativamente humidas, como diz Spenceer. As incursões tartaras na Europa até á ultima invasão da Russia, foram o resto d'esta corrente que seguiram tambem os povos árieos. Reclus explica como pelas depressões entre o Thian-Chan e o Altai foi por onde os mogoes se arrojaram sobre a Asia menor e a Europa central; tambem pelas desembocaduras do planalto da Persia para as planicies da Tartaria e do mar Caspio, preeisamente onde se ligam os planaltos da Mongolia e da Persia, existe o desfiladeiro pelo qual irromperam as migrações arianas ². Estes factos da geographia que illuminam a historia, mostram-nos como a idéa de Bergmann em quanto aos elementos mongoloides da alta Asia misturados com os árias se torna uma verdade impreseindivel. O *Ibero* representa no Occidente da Europa esta grande migração asiatica, ou atlantica, segundo Roisel, que precedeu a dos árias; e o seu reenamento para o extremo occidente, na Hespanha, França e Inglaterra, corresponde ao periodo mais vetusto e ao facto de ser repellido por novos

¹ *Sociologia*, t. 1, p. 32, da trad. franceza.

² *Les Phenomènes terrestres*, p. 46 e 47.



invasores, como se deu com os chinezes no extremo Oriente. Se algum nome se pôde dar a este estado dos povos mongoloides quando confundidos com os árias, é o de *Turanianos*, cuja civilização tem caracteres poderosos, que constituem já um importante capítulo da historia da humanidade; os árias ao constituirem raça distincta, repelliram o contacto com os filhos de Turan, da mesma fórma que os semitas desprezaram a *raça vil de Kusch*, sendo este elemento melanoide os protosemitas, os fundadores da civilização kuschita, sem a qual, segundo Renan e outros, não se explica a origem da cultura semita.

Assim às povoações ibéricas da península representam-nos nma civilização proto-historica, industrial e agricola, cujo centro foi a Aquitania, onde resistiram mais tempo ás correntes da invasão árica, e onde essa civilização teve a sua renasceença, conspirando para o estabelecimento d'este facto tão admiravel da unidade da Civilização occidental, sem o qual a historia da Grecia, de Roma, Italia, França, Hespanha, Portugal e Inglaterra, verdadeiramente solidarias, ficaria inintelligivel ¹.

¹ No seu livro *La Politique de l'Histoire*, t. I, p. 81, escreve Ernest Charrière: «Não vemos dificuldades para crer que primitivamente a raça hespanhola e italiana eram idênticas e vinham juntar-se pelo laço natural da Aquitania e pelo meio-dia da Gallia, como o indicam todas as relações actuaes. A analogia da raça ibérica com esta antiga raça autochtone, quo apresentam todas as antiguidades da Italia, tão completamente obliterada na historia sob a triplice invasão dos Gaulezes, dos Etruscos e dos Gregos, deve ter



Antes de entrarmos na exposição da migração asiática, ou dos Celtas, ou de uma raça usando dos metaes, importa accentuar pelos dados actuaes da anthropologia os elementos communs da população occidental, na Italia, na França, na Hespanha e na Inglaterra, para comprehendermos as fórmulas similares da sua organização social, da aggregação nacional, e homogeneidade de civilização.

A Italia, entre as suas diversas populações, destaca os seguintes grupos: 1.º Os *Osquos* (comprehendendo os Marses, Sabinos, Samnitas, Lucanios, Campanios) pela sua designação generica analogos aos *Eusk* da Hespanha, e aos *Ausci* da França meridional; e os *Illyrios* ou Pelasgos (Siculos, *Liburnos*, Venetes ou Hencetes) correspondentes ao Ibero da Hespanha, e aos Siluros, da Inglaterra, os quaes, segundo Tacito, eram Iberos. É verdadeiramente notavel esta concordancia ethnica, que ainda com relação á França se confirma com o Celta *louro*, que os anthropologistas destacam do Celta da historia.

sido anterior mesmo áquella que se estabeleceu depois pela immigração dos Sicanos, e dos Ligurios, e as denominações ibericas da Italia podem pertencer a esta communhão natural que nós attribuímos ás duas populações ».

Petit Radel, observando a similhaça entre uma grande parte de nomes geographicos da Italia e da Hespanha, perverteu o problema da unidade anthropologica occidental, considerando a Hespanha povoada pelas primitivas tribus italianas de Thyrenos, Pelasgos, Volsquos, Ausones e Osquos.



O segundo grupo ethnico pertence já ás migrações áricas: 2.º Os *Sicanos* e *Ligúrios*, que entram pelo desfiladeiro occidental dos Alpes, e os *Ambrones* ou *Umbrios*, que entram pelo Tyrol, fixam-se na Gallia cisalpina e descem ao meio-dia fixando-se na Umbria. São dois elementos celticos identicos aos da França, que os geographos distinguíam pelo nome *Keltói* e *Keltikoí*, e os ethnologos em *Celta* nomada, *Kimri* ou *Cimbro*, e os *Gaels* ou *Welches*, ramo das montanhas descendo do norte da Europa ¹.

Na peninsula hispanica apparece tambem este duplo elemento celtico, o maritimo ou *Celta lygio*, e o *Gallaeco*, semelhante ao celta francez do Garonna ao Sena, e dos Alpes ao Atlantico. Com relação á Inglaterra, vê-se tambem a mesma duplicidade nos celtas *Caledonios* e

¹ Escrevo Paul Broca: « Esto nome do *Celta* tem duas significações muito differentes: uma politica, outra ethnologica. A differença entre os Celtas da historia e os Celtas da ethnologia está consagrada pelo facto de que os primeiros eram de cabellos castanhos, e os segundos eram louros; eis a causa das discussões que se levantaram sobre a cor dos cabellos dos Celtas. » (*Mem. d'Anthropologie*, t. II, p. 21).

« Aquelles que são chamados hoje em dia Celtas, porque fallam um idioma celtico, são corpulentos e louros sobre a costa septentrional da Finisterra; são pequenos e trigueiros no resto da Baixa-Bretanha; não são portanto da mesma raça. Notámos que se não devem confundir os Celtas da *historia* com os Celtas da *ethnologia*; os Celtas modernos da Bretanha, da Gram-Bretanha e da Irlanda, formam uma terceira cathogoria, que so pôde chamar os Celtas da *linguistica*, e n'estas tres cathogorias não ha relação ». (*Ib.*, p. 22).



Bretãos. É um prospecto comparativo em que se estabelece com clareza o quadro d'estas duas primeiras grandes migrações asiáticas. O conflicto d'estas duas raças proveoou uma superior aggregação social. Na Italia estabelecem-se confederações de trinta cidadês; a fórma de *Confederação* repete-se na França e na Hespanha; é um facto de uma extraordinaria importancia historica para explicar as duas fórmas de aggregação social, o *Municipio*, que persiste através de todas as revoluções por que tem passado a Europa, e a *Federação*, cujos restos ainda se manifestam nos paizes mais politicamente atraçados. Na Italia, pela fusão d'esses dois elementos emigrantes, começa uma unificação nacional, como se deprehende do Osquo, fallado junto a Tarento, na Campania, no Latium até Roma. Os vencidos perdem facilmente a sua linguagem, quando a do invasor tem mais condições de universalidade; é assim que os Rhasenos, ramo latino, operam a incorporação da Italia. Assim se estabeleceu com a occupação a lingua, que na época dos Romanos tão facilmente se propagou á França e Hespanha, o que se não poderá explicar por uma simples occupação militar de tão poucos seculos, e por meros interesses de pressão administrativa, como julgam os philologos que applicaram á formação das linguas romanieas de um modo absoluto os processos de Diez. Fique portanto indicado este facto indispensavel para comprehendermos a incorporação romana do Occidente, e em espeeial na peninsula hispanica, que deu tantos poetas e rhetoricos para Roma, quando já lhe esecasseavam os talentos. Na peninsula hispanica os Celtas tambem se fusionaram com

os Iberos formando uma raça mixta dos Celtiberos, notavel pelas suas fórmãs de aggregação social, em federações com que se defenderam contra as invasões semitas.

Um facto scientifico de alta importancia, por isso que é o verdadeiro criterio para a ethnogenia das raças deduzida das suas civilisações historicas, é essa « contra-dicção apparente que existe entre o *facto linguistico* e o *facto anthropologico*; a linguistica pura e simples indicaria uma filiação que os anthropologistas não podem admittir » ¹. Este facto apresentado por Broca é exemplificado com os phenomenos ethnicos da Inglaterra, da França e da Hespanha, e pela sua lucidez se comprehende, por exemplo na peninsula hispanica, como é que estes povos fallaram latim e dialectos romanicos sem serem romanos, e como é que fallaram dialectos deixando na toponymia uma grande parte do seu vocabulario, sem que os celtas preponderassem aqui pelo seu numero. Broca procura a razão d'este facto no determinismo anthropologico, ou hereditariedade do typo physico, formulando este principio, já anteriormente previsto por Müller: « Quando duas raças vivem no mesmo sólo e se fusionam, o typo physico altera-se principalmente na proporção da intensidade do cruzamento, depois a raça metida tende a regressar, na série das gerações, ao typo da raça mãe como mais numerosa. O typo physico que resiste ao cruzamento com mais ou menos pureza é en-

¹ Broca, *Mémoires d'Anthropologie*, t. I, p. 276.



tão o d'aquella raça que predomina *numericamente* » ¹. Além da importancia do numero, que influe na regressão ao typo physico, existe o gráo de civilisação, que influe na generalisação da linguagem do povo mais avançado, que se torna o idioma nacional. Importa citar as proprias palavras de Paul Broca, pelo valor da coordenação que introduzem em todas as questões de origens historicas e sociaes: « Por consequencia, quando dois povos se fusionam, não ha nenhum parallelismo entre as condições que fazem prevalecer o typo physico e as que fazem prevalecer o typo physico de uma ou outra raça. Ao cabo de um certo numero de gerações, quando a fusão se effectuou, a raça cruzada tende a aproximar-se cada vez mais do typo physico da raça a mais numerosa, ao passo que algumas vezes a lingua da raça menos numerosa é que supplanta e substitue a da maioria. Assim, acontece muitas vezes que a raça conquistada regressa completamente ou quasi completamente ao seu typo primitivo, que ella absorve os seus conquistadores, e que não conserva nenhum vestigio do sangue d'elles, diluido pela série de gerações, continuando comtudo a fallar-lhes a lingua, porque a extincção dos idiomas nacionaes proseguiu a par e passo com a extincção dos caracteres physicos das raças estrangeiras » ². Na ethnogenia dos povos peninsulares, este facto anthropologico é de uma immensa luz. Os iberosos occuparam a

¹ Broca, *Mémoires d'Anthropologie*, t. I, p. 276.

² *Ibid.*, p. 257.



península a que deram o nome, suplantando pelo seu numero e pela superioridade de cultura as populações autochtones e trogloditas, de que ainda se acham os vestigios craneanos. Porém, apesar da sua civilização metallurgica, uma invasão de celtas vinda das Gallias, pela sua mais elevada capacidade militar e cultura moral, como se observa pelo druidismo, facilmente se impoz aos habitantes do sólo iberico, fusionando-se em uma povoação celtiberica, em que a superioridade numerica ficava ao ibero, e a superioridade moral ao celta. O que se vê na historia é do mais alto interesse; os celtas desapparecem e tornam-se quasi uma ficção, mas os logares conservam através dos seculos nomes com radicaes celticos, alguns deuses, a ponto dos linguistas da península se illudirem querendo que a existencia dos iberos seja um mytho, por falta de documentos linguisticos, e que os celtas sejam a raça com realidade historica ¹. As populações *mauritanas* e *lybio-phenicias* que entraram na península hispanica, fizeram pelo seu cruzamento com os celtiberos regressar ao typo *iberico*, mas persistindo a cultura celtica, que coadjuvou de un modo excepcional a implantação da cultura e das instituições provinciaes romanas na península. Os romanos dominaram na Hispania mas não pelo seu numero; a superioridade administrativa e a sua forte incorporação em nada influiu no typo physico, ao passo que radicou a instituição municipal em harmonia com o antigo espirito separatista ou

¹ Tal é o processo critico de Graslin no livro *De l'Iberie*.



cantonal, e substituiu ao celta o latim, coadjuvado pelas analogias primordiales de um fundo árico commum. Quando as raças germanicas invadiram o Imperio, e os visigodos occuparam a peninsula hispanica, ellas estavam ainda em um grande atrazo ou barbarie; entre os visigodos vinham tribus *scythicas* do norte, como os *alanos*, que favoreciam a persistencia do typo physico do *ibero*, e por isso a impetuosidade germanica na sua conquista submetteu-se á cultura romana, traduzindo-lhe os codigos, e fallando os dialectos romanicos diferenciados pela falta de escripta. Aqui dá-se tambem uma illusão nos historiadores da peninsula, que attribuem todas as origens sociaes e litterarias da peninsula aos romanos, quando elles pelo seu diminuto numero não exerceram mais do que uma acção moral, sendo a lingua o instrumento de assimilação por onde o conquistador se relacionou com o povo vencido e civilisado. Na invasão dos arabes, duas fortes raças e duas civilisações se acharam em conflicto, e por isso penetraram-se, como se vê pela imitação dos costumes arabes pelos *mosarabes*, e depois na assimilação dos costumes hespanhoes pelos *mudjares*; a lingua arabe vulgarisava-se na *aravia*, e a lingua romanica arabisava-se na *aljamia*, mas uma d'ellas viria a preponderar de um modo exclusivo e absoluto. Havia de ser aquella que fosse orgão de uma maior civilisação; o arabe diffundido pela Hespanha, França meridional e Italia maritima, como se vê pelos seus vestigios nos vocabularios actuaes, ter-se-hia tornado triumphante, se a Europa occidental, diante de um perigo commum e immenso, não repellisse para o oriente esse ultimo ramo



dos povos semitas que ainda disputava a hegemonia da humanidade. Na península os nomes arabes são simultaneos com os latinos, como *sastre* e *alfaiate*; mas o typo linguistico ficou o do latim, instrumento unificador da civilização occidental ¹. O arabe foi coadjuvado na conquista da Hespanha pelo elemento *mauresco*, fazendo-se assim a regressão ao typo iberico, ao qual as convulsões historicas coadjuvaram sempre a persistencia do seu typo anthropologico.

Para estabelecer as bases scientificas da ethnologia da península hispanica, convém condensar os resultados recentes da anthropologia ácerca das raças da Europa, até ás conquistas romanas; em geral as camadas succedem-se n'esta accumulção de povos pela mesma ordem tanto para a Italia e Hespanha, como para a França e Bretanha. Paul Broca resume em poucas palavras o estado da questão, que tomaremos como direcção do nosso criterio: «Eu penso, quanto a mim, que os bascos dos Pyreneos são os ultimos representantes de cabellos negros que occuparam outr'ora a maior parte do nosso territorio; que uma grande invasão, procedendo do norte ao sul e leste a oeste, conduziu então os gallos para a França central e até ao pé dos Pyreneos, que o mixto

¹ Simonet, no seu *Glosario de Voces ibericas y latinas usadas entre los Mosarabes*, mostra como muitos vocabulos arabes que designam cousas de botanica, historia natural e materia medica, foram tomados da cultura e linguagem hispano-latina, voltando mais tarde modificados aos dialectos romanicos.



d'esta população nova com a população primitiva produziu no sudoeste, onde dominava o sangue indígena, a raça dos Aquitanios de cabellos negros (aquitanos, [Auch] *ausci*, *auskes*, *euskes*, *vascos*, *bascos*), e, no resto da Gallia, a raça dos Celtas de cabellos castanhos, a qual se estendeu depois, antes das edades historicas, para a Bretanha (a dos antigos, hoje Gran-Bretanha), para a Irlanda, para a Hespanha e Italia; que, finalmente, em época incomparavelmente mais recente, a partir do seculo VII antes de Jesus Christo, os Kimris, Cimmerianos ou Cimbros repellidos das bordas do Mar Negro pela invasão dos scythas (d'onde proveiu o nome de Criméa), espalharam-se por toda a Europa occidental, transpuzeram o Rheno e conquistaram sobre os primeiros conquistadores a zona nordeste da Gallia. Foram estes mesmos kimris, de estatura elevada, cabellos louros e mesmo ruivos, de indole vagabunda, de bravura estouvada, que servirão de typo á descripção dos antigos gaulezes, porque foi a sua população irrequieta a que muitas vezes se arremessou contra a Italia, Grecia, Thracia e Asia Menor. Os celtas, mais pacificos, entregues á agricultura, edificando cidades, ligados ao sólo, só foram conhecidos muito tarde e somente quando os romanos penetraram no seu paiz»¹. Tal é o ponto de vista da successão das raças no occidente da Europa, segundo Paul Broca; ainda que fosse uma simples theoria, bastava ser apresentada por

¹ *Mémoires d'Anthropologie*, t. 1, p. 292.



um anthropologista tão eminente, para exercer uma acção coordenadora na série immensa de factos desconnexos que se acham nos geographos antigos quando tratam da peninsula; porém esses factos assim coordenados recebem uma luz tão nova, que a theoria torna-se uma synthese scientifica com mais uma comprovação particular.

A persistencia do typo ethnico *iberico* não se deve explicar nos povos que constituem as nações da peninsula pelos phenomenos de *recorrençia* unicamente; é importante esse facto anthropologico, em que a maior parte das raças que invadiram a peninsula traziam em si elementos turanianos, nas modificações *scythicas*, *aquitánicas* e *maurescas* ou *berbercs*; porém, é de uma não menor importancia o facto ethnico que coadjuvava a persistencia do typo iberico. Apesar do seu isolamento de classe, todas as aristocracias e familias privilegiadas tendem a extinguir-se; a aristocracia romana desapareceu e com ella o imperio, da mesma fórma a aristocracia germanica ou feudal que já se achava extincta no seculo XVI. O proletariado moderno desenvolveu-se á medida que pelo seu numero pôde exigir e impôr novas condições de vida; o proletariado saíu na sua maior parte dos trabalhadores adstrictos á terra, d'aquelles que não podiam fazer cruzamentos de sangue com classes superiores, d'aquelles que, acabado o regimen militar das transplantações, faziam parte da propriedade territorial, e como filhos da terra fundaram o seu direito na garantia local, e a sua força na *visinhança*, confederação dos *vici* ou povoações de colonos agricolas. Portanto, quando esta classe figurou na historia, manifestou as qualidades ethni-



cas de raça primitiva nas suas tradições, nos seus cantos, nas superstições e costumes vulgares, do mesmo modo que apresentou menos modificações no typo anthropologico. Paul Broca, na sua lucida memoria sobre a *Ethnologia da França*, chega a esta conclusão: «a classe dos aldeãos é aquella que, desde que a França se constituiu em nação, soffreu menos mudanças ethnologicas, e é quasi que exclusivamente n'esta classe que se póde achar hoje os representantes das antigas raças gallo-romanas»¹. Este facto torna-se quasi que uma lei anthropologica; Strabão descreve o character de isolamento das povoações ibericas e celtibericas; esse isolamento conservava-se até nas cidades duplas por um muro divisorio, conservou-se no *vicus* romano, no *burgo* germanico, na *aldeia* arabe, e ainda no *foral* ou concelho neo-gothico. Além d'estes factos incontestaveis, temos como isoladores dos povos peninsulares do contacto das outras raças da Europa os Pyreneos e o Atlantico, pelo menos até á época das grandes navegações do seculo xv. A persistencia do typo iberico no onomastico local apparece tambem como um resultado da persistencia anthropologica e ethnica, sobretudo no que se chama o grosso da população.

Quando os romanos entraram na península sob o commando de Scipião, aqui encontraram, segundo a phrase de Varrão, *cinco povos*. Estes cinco povos com existencia historica são, pela sua ordem, *iberos, celtibe-*

¹ *Mémoires d'Anthropologie*, t. I, p. 291.



ros, phenícios, gregos e carthaginexes. Em Plinio (lib. III, c. 1) acha-se esta noticia de Varrão, sobre a successão dos povos da Hespanha: «Lê-se em Marco Varrão, que a Hespanha toda foi occupada pelos *iberos*, pelos *persas*, *phenícios*, *celtas* e *carthaginexes*».

Esta successão precisa ser explicada.

1) Primeiramente o que são aqui os *iberos*? Explicam-no as relações da população italica com a da Hespanha.

2) *Persas*? que povo, se elle é aqui anterior aos phenícios. Raça primitiva, como se vê pelo culto de Angro-Manyos: *Tubalitas Tibareni*, etc.

3) *Phenícios*: nomes geographicos: Bastalos.

4) *Celtas*: entrando pelo norte da peninsula: Luguses; Gallaicos-lucenses?

5) *Carthaginexes*: época historica do conflicto romano provocado pelos jonios ou gregos.

Todos estes povos eram extranhos á peninsula, vindo apenas exploral-a commercialmente, como os phenícios e gregos, ou occupal-a por causa das suas riquezas mineaes, como o *Ibero*.

O nome de *ibero* foi dado pelos gregos aos povos mais antigos da peninsula; a significação d'este nome tem sido considerada como *geographica*, mas a necessidade de tornar extensivo o seu sentido leva-nos tambem a procurar o seu valor *ethnico*. Na accepção geographica, o *ibero* é o que habita na região cortada pelo rio *Ebro*, e portanto o territorio da Iberia era a região nordeste da Hespanha; outros escriptores antigos, como Herodoro de Heraclêa, no iv seculo antes da éra vulgar,



Scylax, Avienus, Scymnus de Chio, Thucydides e Philisto de Syracusa, dão á designação de *Iberia* um sentido extensivo, collocando junto do Rhodano o limite occidental dos Iberos. Como diz Jubainville: «A *Iberia* era para elles um grande paiz, comprehendendo a Hespanha inteira e uma parte da Gallia» ¹.

O nome de *ibero* parece derivar-se da situação primitiva em que se achou a raça; e visto que existiam bascos de um e de outro lado dos Pyreneos, esta situação toma-se para caracterisal-os. Vêmos um caso semelhante entre os hebreus, que ao passarem o Euphrates, isto é, tornados ciseuphratianos, foram conhecidos pelo nome de *Ibrim* (os da banda de além) ². Assim o *ibero* da península hispanica, para ás tribus allophylas transpyreneanas, é um da banda de além; ou mesmo para o phenicio que explorou a península na sua orla maritima, as raças que se refugiam junto dos Pyreneos recebem esse nome *Ibri* em razão da sua situação.

Justino, abreviador de Trogo Pompeu, deduz o nome de *Iberia*, dado pelos gregos á península do extremo occidente, de uma designação chorographica: «os antigos chamaram-lhe primeiramente *Iberia*, do nome do rio Ibero (Ebro)» (Lib. 44, c. 1). Este nome de rio acha-se como radical toponymico em quasi todas as regiões onde estacionou a raça scythica, e é por isso que espontaneamente veiu a designar nos geographos antigos

¹ *Les premiers habitants de l'Europe*, p. 20.

² Renan, *Hist. du Peuple d'Israel*, t. 1, p. 91.



uma extensa denominação ethnica. Graslín, no livro *De l'Iberie*, desenvolve esta these: «Eu admittirei então, segundo estes usos da antiguidade (sc. a confusão que Plínio faz entre os nomes *Il Iberi* e *Liberini*) que as denominações primitivas de *IBER* e de *EBRO* deviam ser identicas nos dois dialectos de uma mesma lingua, e que os nomes das cidades *Ebrum*, *Ebora*, *Ebura*, *Eburo*, *Ep-Ebro*, *Liborra*, *Tiburi*, *S'evri*, *Terrebus*, etc., que estavam tão multiplicados sobre todos os pontos da Hispania, não podiam ser senão derivados immediatos d'estes nomes primitivos, e que é preciso comprehendel-os na cathegoria das denominações geographicas reputadas *ibericas*».

Estas denominações geographicas: «estavam muito mais multiplicadas nas Gallias e na Germania do que na Hispania, e que ellas remontavam, de estação em estação, desde as Columnas de Hercules até além do Tanaís. — Tentarei sómente apontar os mais notaveis veios historicos e geographicos, que é facil achar sobre o caminho e nas diversas estações dos povos asiaticos, que provavelmente trouxeram até ás extremidades occidentaes da Europa estas denominações celticas, scythicas ou sarmaticas.

«Apenas passamos os Pyreneos para entrar nas Gallias, achamos o rio e a cidade *Il-Iberis*, cujas populações já reconhecemos como celticas. Não longe d'ali, uma cidade *Hebro-Magus*, estava situada sobre o Atax. Encontra-se depois, nos Alpes maritimos, *Ebro-Dunum*; na primeira Aquitania, *Eboro-Lacum*, ou *Evro-Gilum*; na grande Sequannesa, uma outra *Ebro-Dunum*; na segunda Lyonesa, os povos *Eburo-Vices*; na quarta *Eburo-*



Briga. Seguindo a Geographia de Baudrand, a montanha *Trebéron*, ou *Treveron*, limitava o Delphinado. A parte mais occidental da Armorica apresentava as cidades de *Treversée*, *Treversy*, *Trévérien*, *Tréveron*, *Quiberville* e *Quiberon*. Dois riachos da Gallia tinham o nome *Sèvre*, que conservaram.

«Além do Estreito, a parte oriental da Gran-Bretanha apresenta a cidade de *Ebora-Lacum*; a Caledonia tinha os seus povos *Sévéri*; na Irlanda encontramos a denominação geral de *Hibernia* e os seus habitantes *Iber-ni*.

«A Italia tinha uma cidade chamada *Ibero*, e povos *Eury-Tanes*; o seu rio *Tiberis*, segundo Varrão, teve o primeiro nome *Dehebris*. Reunida á Grecia ella reproduz tres vezes a palavra *Ebro* nos tres rios *Euro-tas*».

Graslin cita os nomes gregos, taes como a fonte *Eury-tus*; o braço de mar *Euri-pos*; os povos da Arcania *Euri-Sichoe*; e os dois ribeiros *Ebrus* e *Euro-pas* da Thessalia; na Laconia o bosque chamado *Evoras*. E prosegue:

«Passando pela Belgica, reconhecemos que os seus povos mais antigos eram denominados *Eburones*. Se entramos na Germania, achamol-a cheia de denominações geographicas que se julgariam indigenas de Hespanha. Os *Tr-Everi* estendem-se desde o Meuse até ao Rheno; o proprio Rheno, segundo as *Dyonisiacas* de Nonnus, que escrevia nos primeiros annos do v seculo da nossa éra, tinha na mais alta antiguidade o nome de *Iber* (lib. xxxiii, p. 397; e lib. xliii, p. 747).

«Se avançamos para as origens do Marus, achamos



uma outra *Eburo-Dunum*, e sobre as margens do Vistula, uma outra *Eburum*. Abrindo o dicionario de Mas-selin, vinte e uma cidades pertencentes á Germania têm o nome começando pela palavra *Eber*. A antiga Illyria tinha, segundo Estevam de Bysancio, um rio *S'ibérus*, e segundo Diodoro um outro rio *Ebrus*. A Sardenha tinha os seus povos *Diag-Ebres*.

«Se entrarmos emfim na Asia Menor, a Caria apresenta duas vezes a palavra *Ebro* nas suas cidades *Euro-pus* e *Euro-mus*. A Maccdonia tem duas povoações *Euro-pus*; a Maesia o seu rio *Cebus*. Seguindo as costas do Ponto-Euxino, acha-se o Sangarius em que des-agúa o *S'Iberis*. Na embocadura do Halys, ha a cidade *Ybora*... Aproximando-nos do isthmo do Caucaso, achamos os *T-Ibari*, ou *T'Ibar-eni*, os quaes, segundo Apollonio Rhodio e Valerio Flacco, tinham o costume extravagante de se metterem na cama e se tratavam pelas proprias mulheres que estavam de parto, costume que, segundo Diodoro, (a couvade) existia na Corsega, e segundo Strabão, entre os *Cant-abros*...»

«Seguindo a costa do Ponto-Euxino, sobre o passo dos Argonautas, julga-se chegar finalmente ás ultimas denominações *ibericas*. Depois de ter atravessado os campos heroicos da Colchida, é facil encontrar, pelas indicações de Plinio, um rio *Iberus*, que não foi esquecido sobre a carta do *Oriens Vetus*. Este rio banha uma região, cuja celebridade remonta ás mais altas antiguidades historicas e fabulosas, e que nunca teve outro nome senão o de *Iberia*.

«Não é ainda na *Iberia* asiatica que se tem de pro-



curar a fonte primitiva d'estas numerosas denominações. Tambem o nome de *Hebreu*, o homem que vem da banda d'além do grande rio, foi dado a Abraham, quando passou da Chaldêa para a Mesopotamia » ¹.

Graslin, aproximando no fim do seu estudo toponymico a designação do rio da velha Chaldêa, que serviu para fixar na historia essa pequena tribu d'além do rio, ou *Hebron*, tocou a verdadeira fonte historica que só modernamente os estudos accademicos descobriram. É essa civilização primitiva que apresenta intimas analogias com as superstições, cultos de prostituição, cantos lyricos e fórmulas de esconjuros medicos, que se conservam entre as populações do occidente da Europa ².

Por aqui se vê que a designação *geographica* precisa de ser alargada pelo sentido *ethnico*. O facto de estacionar junto do Ebro não é uma característica, mas o porquê d'essa designação já nos póde revelar alguma cousa da raça que ahi se estabelecera. De Rouge-mont, conhecendo a tendencia metallurgica das tribus turanianas, considera o nome de *Abar*, dado ao estanho entre varios povos semitas, como tendo relação toponymica com a *Iberia* do Caucaso. Lenormant nota que a palavra *Abar* « não tem etymologia bem natural nas lin-

¹ *De l'Iberie, ou Essai critique sur l'origine des premières populations de l'Espagne*, par Graslin, c. vii, p. 139 à 149.

² É plausivel a hypothese da origem do nome d'este continente *Europa*, pois se encontra no nome da raça primitiva, que apresenta as fórmulas *euro*, *evro*, *ebro*.



guas semíticas» ¹ e portanto que se não deve rejeitar sem exame essa hypothese. Os gregos, que conheceram uma designação do estanho commum aos povos áricos e semitas, e portanto recebida de uma raça diversa (gr. *kassiteros*; sansk. *kastira*; assyr. *kasaxatirra*; arab. *gaxdir*; dial. afr. *kesdir*) chamavam á Gran-Bretanha, explorada pela raça iberica, pelo nome de *Kassiterides*. Para um povo que explorava os jazigos de estanho, *aber*, e que o fornecia a todos os povos do mundo, o nome de *Ibero* era um appellativo com sentido ethnico profundo; portanto, o nome de *Ebro* podia ser dado por esse povo ao rio, junto do qual habitavam, e ir-se estendendo por ampliação ethnica pelos gregos até ás margens do Rhodano onde havia povoações d'essa raça.

A transição dos instrumentos de pedra para os instrumentos de bronze, sem que se encontrem as tentativas progressivas do uso do cobre e da sua liga com o estanho, é explicada por Roisel pelos jazigos minerios antigos: «Todos sabem que o unico minerio assás abundante para ser exploravel, é o *estanho oxydado*. A redução, por effeito do alto gráo de temperatura necessaria, bem que menos difficil que a do *cobre pyritoso*, é muito mais larga do que a do cobre sulphurado. — As minas de Cornouailles, tão ricas em *cobre pyritoso*, encerram muitas vezes uma certa quantidade de *estanho oxydado*. É possivel, pois, que as noções primitivas da excellencia da liga do cobre e do estanho resultassem dos

¹ *Les premières Civilisations*, I, p. 150, nota.



primeiros e grosseiros ensaios da fusão commum d'estes dois minerios. Ainda mais, é egualmente no condado de Cornouailles, em Wheallock, que se encontra o estanho sulphurado ligado ao cobre pyritoso. Fundindo este minerio obter-se-hia um *bronze* de uma natureza particular, e susceptivel de pôr na pista das propriedades d'esta liga » (*Les Atlantes*, p. 7 e 9).

O ibero da peninsula é commum tambem ás ilhas britannicas, que os phenicios exploraram pela riqueza das suas minas de estanho; e tanto na peninsula hispanica como na italica, e nas ilhas britannicas soffreram um cruzamento pela cohabitação com os invasores celticos. A ethnologia da Inglaterra nos ajuda bastante a fixar a ethnologia peninsular; diz Jubainville: « As ilhas Scilly, na extremidade sudoeste da Gran-Bretanha, têm sido até ao presente geralmente consideradas como identicas a estas ilhas occidentaes — a *patria do estanho* — que uma tradição colligida no fim do seculo I depois da nossa era por Denys o Periegeta, nos apresenta como — habitadas pela rica nação dos nobres iberos. — Porém, as ilhas do estanho, as *Cassiterides*, como lhes chamavam os gregos na sua linguagem, não são outra cousa senão as Ilhas Britannicas. *Cassiteride*, em grego, estanho, é o mais antigo nome d'estas ilhas na lingua grega » ¹. O estanho oxydado era o minerio explorado pela sua abundancia. Carecia de uma alta temperatura para ser reduzido, e esse processo só podia ser realisado por um meio

¹ Jubainville, *op. cit.*, p. 31.

bastante adiantado na metallurgia. Este sentido ethnico revelando-nos um povo metallurgista, que ainda não conhecia o ferro, demonstra tambem que a *Iberia* da Asia não é uma designação casual, como quer Jubainville.

Em uma leitura do Bundelesh (38, 4) proposta por Justi, o nome *Avir* corresponde á forma com que os geographos byzantinos designam os Iberos do Caucaso *Abeir*-ou e *Abir*-des, e os armenios *Wirq* (*Georg*-ianos); em Menander Protector (frag. 42) são denominados *Abeires*, e *Sabeires*, por Stephano de Byzancio. É evidentemente o fragmento de uma grande raça, que occupou em épocas pre-historicas os altos valles do Tigre e do Euphrates, o norte da Atropatene, parte da Capadocia, a Armenia, e as bacias do Araxe e do Cyrus, tendo luctado contra as monarchias ninevitas, sendo por fim subjugada pelos povos do Iran, de quem receberam lingua e forma religiosa. Pertencem a esta raça os *Tuplai* (das inscrições assyricas) ou *Tubal* (do Genesis, e de Ezechiel) ou *Tibarení* incorporados no exercito de Xerxes ¹. Comprehende-se á vista d'isto o que vale a referencia dos *Persas* entre os povos da Hespanha por Varrão, citado por Plinio, e logo em seguida aos Iberos. Entre as povoações scythicas, que se espalharam para leste e para o sul, os mais antigos e os mais poderosos eram os Sakes ². Era

¹ Vid. *Dict. des Sciences anthropologiques*, vb.º CAUCASE, por Girard de Riále.

² Bergmann, *Les Seythles*, p. 1.



raça degradada entre os hindus; Bergmann escreve: «A exemplo dos Hindus, os Persas orthodoxos designaram igualmente nos seus livros sagrados o paiz dos Sakes sob o nome de *Turan* (fóra do Iran, paiz de barbaros e de malvados. . .)»¹. Derivando esta designação ethnica de *Darana* o nome do Atlas, assenta sobre uma realidade o facto da dispersão da grande raça mongoloide que creou a civilisação turaniana iniciadora.

Maspero considerando os Bascos actuaes como representantes dos antigos Iberos da Europa, decide-se pela affirmação de que os Iberos são *turanianos*², justamente pela característica ethnica da metallurgia. A um ramo scythico da Asia é que foi dado o nome de *Turan*, e por isso alguns linguistas não têm querido acceitar este nome para designar os povos uralo-altaicos; portanto, procurando uma característica anthropológica definiríamos o *Ibero* como pertencente ao ramo allophylo do tronco branco (Prichard), de craneo dolichocephalo, vindo com outros grupos finnicos e caucasicos dos planaltos da Asia central para a Europa. A distincção dos turanianos na Asia anterior em habitantes das montanhas (*Accads*) e habitantes dos valles (*Sumirs*) acha-se tambem entre os Iberos da Asia, como observou Strabão; os dos valles pareciam-se com os Armenios e Medas no seu modo de viver, e os das montanhas pareciam-se mais com os Scytas seus visinhos, com quem tinham uma origem com-

¹ Bergmann, *Les Scythes*, p. 2 e 7.

² *Hist. anc. de l'Orient*, p. 135.



mum ¹. Da preponderancia do elemento turaniano entre os Scythas, considerados iranianos, temos a prova nos vestigios de sepulturas scythicas da Russia, e Maury conclue que os elementos inferiores da população eram turanianos ². Bergmann, considerando tambem os scythas como indo-europeus; reconhece que os gregos comprehenderam sob este nome povos que o não eram ³; o elemento scythico que dá origem aos scandinavos e germanos, dá-lhes logo na sua constituição primitiva uma grande parte de sangue turaniano. « Nas linguas scandinavas, diz Bergmann, a palavra *Sami* conserva excepcionalmente a antiga significação de Oceano, como por exemplo em *Sams-ey* (ilha do Oceano), *Sam-land* (paiz maritimo); cf. *Samo-Getia*, a Getia maritima, e *Samo-thrake*, a Thracia maritima » ⁴. O paiz de *Suomi* é o berço das raças finnicas, como descobriu Cástren; raças a que pertence o ramo iberico. Parece ligar-se á tradição da Atlantida.

Na vinda d'este ramo allophylo do tronco branco para a Europa, uma parte entrou pelo norte da Europa, como nos descobrem estes factos supracitados, como os finlandezes, esthonianos; outra veiu através da Africa, (opinião de Leibnitz) como se vê pelo typo *berbere*, e pelos vestigios de euskariano na Africa e no Egypto, e

¹ Jubainville, *op. cit.*, p. 304.

² *Ibid.*, p. 293.

³ *Les Scythes*, p. iv.

⁴ *Ibid.*, p. 52.



além d'isso por uma certa dolichocephalia occipital que denota fusão com grupos africanos de raça branca ¹. «Os Iberos, da raça de Cham, invadiram a Europa occidental pela Asia Menor e foram encontrados depois pelos Celtas Arianos, que acabaram de se misturar com elles» ². Analsemos esta dupla convergencia.

Duas designações se encontram entre os povos peninsulares anteriores aos Celtas: a primeira é dada pelos gregos, na fórma de *Iberos*, e a segunda é adoptada pelos proprios povos primitivos, que se chamavam *Euskas* e *Vaskes*. Diz Guilherme de Humboldt, nas suas *Investigações sobre os habitantes primitivos de Hespanha*: «Ignora-se se ha alguma relação entre o nome *Ibero* e os nomes *Euskas* e *Vaskes*. O que não é demonstrado é que os povos ibericos se qualificassem com esse nome de *Iberos*; é muito mais provavel que em uma época remotissima o nome de uma das suas tribus fosse considerado pelos estrangeiros como o do povo inteiro» ³. De facto os nomes que os bascos ainda hoje adoptam, *eskuara* e *eskaldunae*, revelam um radical primitivo, que Chaho traduz por *aska* mão, e Humboldt por um outro não menos phantasiado; antes porém das etymologias importa vêr a extensão d'este radical, e essa mesma extensão revelará o seu valor ethnico. *Ese* encontra-se como radical mais ou menos assimilado nos

¹ *Bulletin de la Société de Géographie* (avril, 1876), p. 428 e seg.

² Ufvalvi, *Migrations des Peuples*, p. 124.

³ *Op. cit.*, trad. Marrast, p. 56.



seguintes nomes de cidades e povoações: *Brescia, Tuscus, Gaseonha, Vascones, Escossia, Vesci, Vescitani, Osca, Heosca, Itosca, Menosea, Virovesca, Auscii, Osquidates, Squillace, Seilly, Sculeticos, Biscaya, Aiscerris, Asseconia, Esquillinum, Nescania, Muscaria, Isca, Luskinus, Escadia, Eseua, Bascontum, Volsquos*. Do valor extensivo d'este radical *Esk*, diz Guilherme de Humboldt, que o nome de *Osca* deve referir-se a todos os povos ibericos, por isso que a immensa quantidade de *argentum oscense* mandado para Roma, não se cunhava na pequena cidade de *Osca*, e segundo o padre Florez, significava essa phrase todo o dinheiro collido no territorio da Hespanha ¹. O radical *Esk* revela-nos portanto uma designação ethnica bem caracteristica; o escudo era a arma distinctiva dos povos scythicos, em geral, e segundo Cesar, o grande e o pequeno escudo eram peculiares ao ibero da peninsula hispanica. Era vulgar entre os povos antigos chamarem-se a si mesmos pelo nome das armas que usavam, como os *Quirites*, os romanos (de *quir* a lança), os *Frankos* (de *frankisk*, a machada), os *Herulos* (pequenas espadas), os *Lombardos* (longas hallabardas), os *Saxões* (os punhaes); os *Sey-*

¹ *Recherches*, p. 54. Mr. Luchaire, nas suas *Origines linguistiques de l'Aquitaine*, prova que um grande numero de designações locais da região entre o Garona, os Pyreneos e o Oceano, são de caracter basco; depois do trabalho do Humboldt, é a tentativa mais scientifica de comprovação da affirmativa de Strabão, que apontava as similhanças entre os Aquitanos e os Ibèros.



thas, a cujo ramo pertencem os Gaulezes, chamavam-se a si mesmo *Skutai* (escudo; no lith. *skyda*; velho slav. *sehtchyt*; all. *schutz*, etc.)¹.

Pela característica do escudo é que se distinguiram os varios ramos ibericos na Peninsula. Diz Humboldt no seu estudo, e seguindo Cesar: « Os Celtiberos eram mais temiveis no ataque e mais seguros nas batalhas ordenadas. Tinham conservado o *longo escudo gaulex*; os Lusitanos tinham um escudo menos longo com que se cobriam rapidamente por todos os lados. Os Celtiberos, mais dados á aggressão, eram bem providos de armas defensivas. A armadura dos Lusitanos era commum a toda a Hespanha citerior, a dos Celtiberos á Hespanha ulterior (*seutatae citerioris provinciae et cetratae ulterioris Hispaniae cohortes. CES., De Bello civili, I, 39*). Comtudo as duas armaduras, a pesada e a leve, eram igualmente empregadas nas guerras de alguma importancia. Havia pequenos escudos e *milites cetrati* entre os Celtiberos e os Carpetanos, e geralmente na Hespanha citerior. (*CES., De Bello civ., I, 48*). Só não descubro em parte alguma que os Lusitanos adoptassem o escudo largo e pesado »².

Este facto accusa uma profunda differenciação ethnica, que veio a prevalecer através dos seculos na separação entre Portugal e Hespanha. Humboldt, notando a differença nas armas, observou tambem a mesma diffe-

¹ Bergmann, *Les Scythes*, p. 11.

² G. Humboldt, *Recherches*, p. 133 (trad. Marrast).



rença na toponymia: « A Lusitania, vista a sua extensão, apresenta poucos nomes *bascos*. Isto se explica pelo facto de ser mais predominante n'esta provincia a terminação *briga* na fórma dos nomes das grandes cidades, que unicamente apparecem citadas pelos geographos e pelos historiadores » ¹. E mais adiante acrescenta: « Plinio nos descobre que a maior parte dos nomes celticos se acham na Lusitania... » ²

Assim como o radical *Esk* nos descobre a origem scythica de um ramo iberico da peninsula, assim tambem o radical *Briga*, *brig*, e *bri*, *brum*, nos conduzirá á determinação do ramo iberico, que entrou na peninsula pelo sul. O Ibero distinguia-se pelo seu conhecimento da industria metallurgica, e se nos lembrarmos da relação toponymica proposta por Mr. de Rougemont entre a palavra *Abar*, que significa chumbo nas linguas semiticas, e o nome de *Iberia*, que Lenormant considera como devendo ser verificada, veremos que o proprio Guilherme de Humboldt sentiu a importancia d'esta caracteristica onomastica. Accumulando a lista dos nomes topicos terminados em *Briga* entre as povoações celticas e ibericas, diz Humboldt, que os *Medubricens* eram denominados por Plinio *plumbarii*, evidentemente por causa das suas minas de chumbo; e acrescenta este facto por uma comparação importante: « *Beruna*, significa chum-

¹ *Recherches*, p. 113.

² *Ibid.*, p. 124.



bo, em basco»¹. A palavra semita *Alar*, que significa estanho, já tem pois um termo de comparação, d'onde se poderá inferir a natural origem. O emprego da fórmula *briga* torna-se uma delimitação ethnica, e Humboldt traça essa linha: «Para bem conhecer os povos onde estes nomes existem, e determinar o seu dominio, basta traçar uma linha que parta da costa norte do Oceano, para as fronteiras dos Autrigones, collocadas a léste; elevando-se ao sul de maneira a deixar ao oéste os Carystes e os Vardulos, até que atinja as fronteiras dos Vascones e dos Celtiberos, depois a dos Oretanos, e siga finalmente o Boetis até ao mar. Tudo quanto esta linha, correndo através da Hespanha, deixa ao norte e a léste, constitue o dominio dos nomes terminados em *briga*, que não se encontram nunca ao sul e a oéste, para os Pyreneos e Mediterraneo. Esta ultima porção da península não apresenta população alguma celtica ou celtiberica. Comprehende, ao contrario, a Biscaya, sua costa desde Bilbáo, a Navarra inteira, a maior parte das provincias onde se falla hoje a lingua basca e toda a costa do Mediterraneo. No dominio dos nomes em *briga*, figuram ao contrario os Cantabros, os habitantes da costa do oceano até ao Betis, todas as tribus celticas e celtibericas e as povoações do interior para o oéste. Esta região fórma a maior parte da Hespanha... A divisão da Península em duas partes tão nitidamente cortadas, separada de um lado pelo *Iberus* e o *Betis* e do outro

¹ *Recherches*, p. 75.



pela cadeia de montanhas *Ibubeda*, é tão notavel, que se não comprehende que ella não haja até aqui attrahido a attenção de alguém»¹. E mais adiante accrescenta: «Os nomes que têm por iniciaes ou finaes *bri*, *brig*, *brum*, *bret*, *britium* não se encontram senão nas provincias em que predominava o seu parente *briga*»². O problema tão lucidamente proposto por G. Humboldt entre os dois elementos ethnicos, *Euskes* e *Iberos*, não podia ser explicado no seu tempo, porque ainda prevalecia na sciencia a confusão, vulgarisada pelos romanos, dos celtas com os gaulezes, que eram um ramo scythico. A persistencia do nome *briga*, na Gallia, na Bretanha, nas regiões do sul do Danubio e até na Thracia, revelam-nos a corrente que trouxe da Asia para a Europa pelo Mediterraneo e pela Africa, esse primitivo elemento *iberico*. O *Berber* ainda conserva a côr branca, cabello ruivo e olhos azues, da passagem d'esse ramo allophyliano do tronco branco através da Africa; e segundo a lei de Humboldt, achada na persistencia das consoantes, o grupo *BR* conserva-se em um grande dominio geographico que denota a migração primitiva, como em *Hibernia*, *Cumberland*, *Cambria*, *Britania*, *Ibericum* mare, *Berber*, *Bretanha*, *Cimbre*, *Celtiberia*, *Breguez*, *Brenner*, *Umbria*, *Calabria*, na Georgia. Guilherme de Humboldt accumula muitos outros nomes topicos em que entra este radical, mas a preocupação infundada de uma etymolo-

¹ *Recherches*, p. 80.

² *Ibid.*, p. 77.



gia celtica não o deixa tirar a demonstração da verdade que presentira determinando a existencia de dois ramos ibéricos: um, que entrou na península pelo sul, era dado aos trabalhos da exploração das minas de chumbo, e n'esse interesse chegou até ás ilhas Cassiterides (ilhas Britanicas), e o outro que desceu do norte, separado do seu tronco scythico, e dado ás invasões guerreiras, foi o que mais conseguiu resistir como mercenario e aventureiro contra os Romanos. Esta divisão conserva-se nos dois nomes de *Ibero* e *Euske*, que por si indicam a primitiva distribuição geographica, e ainda hoje a differença das nacionalidades da península.

A raça *iberica* não pôde pois ser bem conhecida sem se estabelecer a relação ethnica com o typo *berber* da Africa; os anthropologistas modernos são concordes em considerar este typo berber como o elemento primitivo das populações do sul da Europa; diz Topinard, ácerca da sua extensão: « Chegava até ás Canarias sob o nome de Guanchos; ha mesmo fortes presumpções que se estendesse até á Europa meridional e que *o fundo commum o mais antigo da península iberica, da bacia do Girona e das ilhas do Mediterraneo é berber* »¹. Pri-

¹ *Anthropologie*, p. 486. « Os primeiros Berberes tinham afinidade, senão identidade, com os Guanchos das Canarias, com certas populações da Hespanha, com os Atlantes, se é que os houve. Remontando á época prehistorica, á época em que o estreito de Gibraltar não estava aberto, quando as Canarias se ligavam á Africa, e porventura existia a Atlantida, uma mesma raça parece ter-se espalhado pelo sudoeste da Europa o pelo norte da Africa,



chard, na *Historia natural do Homem*, apresenta uma característica do berber, que o relaciona intimamente com o ibero: «A agricultura não é a sua unica industria; occupa-se tambem com vantagem da exploração das minas que as suas montanhas encerram, e d'ellas tiram o chumbo, o ferro e o cobre»¹. Esta aptidão metallurgica concorda com a sua designação ethnica. Antes, porém, de investigarmos a sua proveniencia, apresentaremos uma analogia historica entre a resistencia do *ibero* na Europa e a do *berber* na Africa, diante das mesmas invasões. O *berber* resiste á invasão dos Phenicios, dos Gregos, dos Romanos, dos Wandalos, dos Byzantinos, dos Arabes, dos Judeus e dos Turcos, acantonando-se com o Atlas; o *ibero* resiste a pressões ainda mais fortes, ajuntando ás já citadas os Ligures, os Celtas e os Wisigodos, fortalecendo-se com os Pyrencos. O estudo do typo *berber* torna-se indispensavel para uma verdadeira ethnologia da Peninsula, por isso que elle vem a influir em phenomenos de recorrencia ethnica pela occasião da invasão dos Arabes. Hoje que se conhece que o Mouro é o producto do cruzamento do typo *berber* com o Arabe², e que os Arabes da Hespanha eram considerados

raça de que o Berber de uma parte, o os craneos pre-historicos de Cro-Magnon da outra, seriam as expressões». Dr. Bordier, *Dict. des Sciences anthropologiques*, vb.º ALGERIE.

¹ *Hist. nat. de l'Homme*, I, 356.

² «Os Mouros são os fructos de cruzamentos complexos dos *Berberes* com todas as sortes de elementos ethnicos, nos quaes prepondera o Arabe». Topinard, *Anthropologie*, p. 488.



na designação usual como Mouros, já se podem deduzir grandes consequências d'esta circumstancia não observada. Este facto explica como é que se deu na Península uma tão facil conquista arabe aceita pela população inferior, como se desenvolveu o typo mosarabe, e como é que o arabe tendo aceitado a civilisação turaniana, veio provocar no meio-dia da Europa uma revivescencia do lyrismo tradicional, que primeiro irradiou da Provença.

O nome de Lybios dado pelos gregos á raça dos *berberes* não era conhecido por essa mesma raça, e o seu nome nacional e particular era corrompido pelos gregos no de *Barbaros*, que prevaleceu durante toda a edade-média da Europa, com o sentido com que foi applicado ás raças germanicas pelos romanos. Ebn Khaldun, que historiou os berberes, cita a personificação *Beramis* (*berun*, no basco significa chumbo), povos descendentes de *Ber*, o qual Duprat considera como radical do nome *Berber* ¹. A separação dos Lybios dos Berberes foi proveniente de um erro dos geographos e historiadores antigos; como os Lebahim (Lybios) que vieram da Asia, os Berberes tambem apresentam o seu nome nacional nos documentos orientaes. No *Ramayana*, são esmagados sob os mesmos golpes os Javanas, os Tambodschas e os *Warwaras*; e no *Hitopadessa* figura um *Barbar* ². O seu contacto com a civilisação indiana e egypcia é que

¹ *Races anciennes et modernes de l'Afrique septentrionale*, p. 64.

² Duprat, *op. cit.*, p. 70, nota.



motiva estes dois nomês; ainda hoje uma raça nubiana do Nilo é chamada *Barabras*¹, *Varvars* no Soudan, e uma grande parte das tribus berberes conservam como nome nacional a designação de *Amarig* (*Machlyes* de Herodoto, *Maxikes* de Ptolomeu, *Amazig*, na velha lingua lybica) que significa homem livre², e que se pôde bem aproximar do nome *Iberico*, e mesmo de *Mourosioi* (Mouros). Os berberes, ou propriamente os lybios, eram divididos por Herodoto em duas classes, os de lés-te e os de oéste, os primeiros nomadas, e os segundos ligados ao trabalho da terra, mas ambos entregues á vida pastoral, diferenciando-se nos seus habitos pela adaptação geographica; os de léste eram nomadas por causa das grandes planicies escalvadas, os de oéste eram sedentarios por causa das cordilheiras de montanhas; Salustio e Procopio citam a raça lybica pela sua belleza, pela austeridade de costumes, frugalidade, taes como se encontram ainda no basco actual³. Segundo Alfredo Maury, algumas linguas da Africa central como o Fella-ta, o Woloff e o Kanari, apresentam certas pareenças grammaticaes com o basco⁴, e este mesmo escriptor considera a legendaria Atlantida como propriamente a região do Atlas, a parte noroeste da Africa comprehendendo tambem as ilhas do Atlantico nas costas d'esta

¹ Prichard, *Hist. nat. de l'Homme*, I, 368.

² Duprat, *op. cit.*, p. 85.

³ *Ibid.*, p. 86.

⁴ D'Arbois de Jubainville, *Les premiers Habitants*, p. 273.



região. Berthelot foi o primeiro que apresentou esta ideia. Os *Iberos* da península eram considerados como restos de uma antiga invasão dos povos da phantastica Atlantida ¹, mas pela sensata interpretação de Alfredo Maury se vê que eram simplesmente *Berberes*. Os Atlantes, segundo Denis de Halicarnasso, chamaram-se assim da montanha junto da qual habitavam, e isto basta para corrigir o valor dos Atlantes legendarios de Platão; o nome de *Daran*, é a designação berber do monte Atlas, na vertente do qual se desenvolveu esta raça, como observaram Strabão e Plínio. O nome de *Turan*, considerado como designando uma região da Africa primitiva da raça branca a que se dá o nome de *Turaniana*, só pôde ser admittido como uma simples modificação de *Darana*, o monte Atlas. O nome de *Turan* dado pelos persas ² ao ramo scythico dos Sakes, deve tambem refe-

¹ Opinião ainda hoje sustentada por Jubainville. Segundo Verneau, a raça que na Península predominava na idade da pedra polida e na do bronze tinha o typo da de Cro-Magnon, loura de olhos azues, considerando-a como constructora dos Dolmens da Africa e da Hespanha; considera-a ainda representada na Africa do norte por tribus kabylas (Denhadja) e Guanchos das Canarias. (*Rev. d'Anthropologie*, xv an., p. 10). O problema assim apresentado conduz á theoria apresentada por Roisel, de que a Europa occidental fôra povoada pela raça dos Atlantes.

² Lê-se no Hymno XLVI do *Yagna*, est. 12: « Quando depois da derrota de Friamsa, o *Tûra*, se estabeleceram os bons costumes entre as tribus e os seus alliados, tu cercaste de tapumes os campos de Armaiti... » É esta a primeira menção do nome dos inimigos do Iran.



rir-se aos povos dos montes *Tauros* (o *Tura*, do Yaçna) e este mesmo nome se conservou entre um povo scythico, os *Tauros* da Crimêa. O exame das designações ethnicas do berber levá a corrigir as phantasias da tradição dos Atlantes, e ao mesmo tempo, pela sua origem asiaticá, a accentuar o valor ethnico de uma preciosa designação injustamente desacreditada pelos linguistas, como é a da raça *turaniana*; os berberes do *Daran* (Atlas) differenciam-se dos berberes das planicies, da mesma sorte que os turanianos da Asia anterior em *acads* e *sumirs*, divisões typicas ou organicas d'esta grande raça que tambem na Europa preparou os caminhos pára as civilisações árica e semita.

Um dos monumentos mais antigos da civilização humana é a representação do *Zodiaco*, isto é, a zona sideral em que se movem os planetas, dividida nas doze casas ou evoluções da lua, constituindo o anno hebdomadario ou lunar. Esta representação emblematica apresenta as fórmas de animaes, em analogia dos trabalhos de cada mez e estação, ou melhor, da influencia do sol. Como, porém, os zodiacos indianos e egypcios não coincidem nô seu symbolismo com as estações, vê-se que foram uma representação recebida de uma civilização estrangeira, que não foi modificada por via de ignorancia ou do conservantismo religioso. O symbolo do *Touro* foi, segundo Roisel, o escolhido para o começo do Zodiaco em um clima temperado, em que se achava altamente desenvolvida a agricultura, na latitude da Europa média, aproximadamente no 49° paralelo. O symbolo do *Touro* propágou-se até aonde chegou a influencia da civilização



que inventou e representou as observações astronomicas no Zodiaco; e nada mais plausivel que do nome do *Touro* viesse o nome ao grande povo que o tomára por *Totem*, e á sua civilização, e mesmo aos logares em que estacionaram, os *Turàs*, *Tauros*, etc.

Não achando um nome bem generico para designar a raça primitiva que constituiu os Scandinavos, raça de que os *Iberos* são tambem um ramo, Bergmann propõe chamar-lhe *Sabmeana* ou *Lappo-finnica*. Pertencem estes povos vindos dos planaltos do Ural e do Altaí, ao ramo tonguse, que com o ramo tartaro formava a raça a que se tem dado o nome de *turaniana*. Viviam ás bordas do mar, principalmente do mar Baltico, e por isso, diz Bergmann, se chamavam a *gente da agua* (finn. *Suma-lassed*; esth. *Soma-lassed*; lap. *Sabme-lads*)¹. A palavra *Suma* e *Soma* está revelando a caracteristica ethnica da raça turaniana conservada entre os povos finnicos. Os sabmeanos precederam na Europa os keltas e os getas ou gotes, e foram por elles repellidos para o norte, das bordas do Baltico para as ilhas e península da Scandinavia. Apesar da sua decadencia e degradação secular, os povos finnicos ainda conservam incalculaveis riquezas poeticas, como é prova a gigante epopêa mythica do *Kalevala*, colligida e coordenada por Lönnrot.

A genealogia historica da raça *sabmeana*, tão bem definida por Bergmann, fundamenta-nos um facto importante para a localização das raças primitivas da Eu-

¹ *Les Getes*, pag. 51.



ropa: que a raça a que se chama mongoloide, ou turaniana, que foi avassallada pelos celtas, entrou na Europa pelo norte e se misturou com os povos germanicos, como vemos nos *sabmeanos* ou finnics, e pelo sul, como vemos na diffusão dos *Iberos* até ás margens do Rhodano. Nas raças germanicas deu-se o phenomeno de recorrencia de tradições *epicas*, que ainda entre os scandinavos estavam n'um estado mythico; nos povos meridionaes deu-se a persistencia dos cantos *lyricos*, por causa da estabilidade do elemento iberico da Aquitania. A influencia sabmeana entre os Godos veio um dia tambem a fazer revivescer na peninsula hispanica os cantos epicos dos Romanceiros; diz Bergmann, no seu trabalho sobre os Scythas: «Mais tarde ainda a epica tradição dos Godos, dos Germanos e dos Scandinavos falla-nos dos heroes tacs como *Volker, Horund, Verbil, Svemlim*, etc., que manejavam tão bem o instrumento musico como a espada, e na qualidade de musicos (*fidlari*) e de *poetas oradores* eram tambem empregados como mensageiros e embaixadores»¹. E no mesmo escripto: «Nas linguas finnicas a palavra forjador era synonymo de artista, e servia para exprimir toda a especie de industria ou de arte, mesmo a *arte da poesia (runs-seppa* o forjador de cantos; cf. *lioda smidr*)»². N'um Romance popular portuguez, dos Açores, ainda se encontra um vestigio inconsciente da runas finnicas ou scandinavas, no verso:

¹ *Les Scythes*, p. 30.

² *Ibid.*, p. 29.



«*Eserere n'essa bengala*»¹. A recitação poetica entre o povo da Finlândia faz-se alternadamente verso a verso entre dois individuos, que de mãos dadas se balançam cadenciadamente. Este mesmo modo de recitação é conhecido ainda nas Asturias nos chamados cantos de *Estavillar*; e em muitos romances populares da peninsula conservam-se algumas estrophes que revelam esta fórmula primitiva da poesia tradicional.

Admittindo a multiplicidade das raças pre-historicas da Europa, como sustenta Broca, este typo *mongoloide* era representado, segundo a theoria de Retzius, como Finnico, por isso que esta raça era *brachycephala* pre-árica. Broca destacando o facto positivo da idéia theorica diz: «Pela sua linguagem e pelo seu typo *brachycephalo* elles (os *Finnicos*) ligam-se ás raças mongolicas com as quaes estão em continuidade geographica, e Retzius teve razão em consideral-os como os representantes actuaes d'uma raça pre-árica; mas elle teve o inconveniente de acreditar, que esta raça *brachycephala* tinha occupado, ella só por si, todo o resto da Europa durante toda a duração dos tempos que precederam a chegada dos Indo-Europeus. A sua theoria conduzia a esta consequencia, que todas as populações pre-áricas da Europa eram, como as Finnicas, ligadas ás raças mongolicas...»²

A mistura de sangue turaniano nas raças germanicas é um facto provado, e por isso quando um dia

¹ *Cantos populares do Archipelago açorião*, n.º 50 e 51.

² Broca, *Mémoires d'Anthropologie*, t. II, p. 222.



ellas occuparam a peninsula hispanica, segundo a lei dos cruzamentos formulada por Müller, era natural que se dessem bastantes phenomenos de recorrencia ao character *iberico*. Os Alanos, que primeiro entraram na Peninsula hispanica, «estavam conjunctamente alliados e aparentados com povos de origem scythica como os Godos, e com tribus de origem tartara como os Kuni, ou Hunos ¹. Os cantos heroicos, entre as raças germanicas eram chamados *Ciecones*, cantares de cegos, e esta palavra apparece-nos na Italia, em França, em Portugal e Hespanha; entre os povos scythicos, o *cego* não significava sómente o que era privado da vista, mas tambem o servo, o escravo, os vencidos. Eram estes os que cantavam ás mesas dos principes, e o seu character de inferioridade e desprezo foi conservado pelos jograes, e ainda no seculo xv o marquez de Santillana considerava *infimos e despreziveis* os que cantavam Romances tradicionaes ². Na Edade-média o nome de *cego* tornou-se synonymo de poeta, como *Cieco* d'Ascoli, *Cieco* de Fer-

¹ Bergmann, *Les Scythes*, p. 8 e 16.

² «Os Scythas tinham por costume *cegar* os servos (Herodoto, iv, 2) com o fim, diziam elles, de não serem distrahidos nos seus trabalhos; mas o verdadeiro motivo d'esta barbaridade era impedir-lhes a fuga ou a revolta. Este uso atroz cessou completamente ou pelo menos foi muito restricto entre os Scythas agricultores, cujos escravos empregados nos trabalhos dos campos não podiam occupar-se d'isso sendo privados da vista. Comtudo, *escravisar* e *cegar* eram duas cousas tão intimamente ligadas na ideia dos povos da antiguidade, que na lingua dos Scythas *filho de cego* é synonymo de escravo...» (Herod., iv, 28). Bergmann, *Ibid.*, pag. 22.

*



rara, e foi entre as camadas populares, ou propriamente classes servas da Europa, que se conservou a tradição poetica d'onde saíram as litteraturas modernas. A preponderancia do sangue turaniano nos gaulezes, cuja origem scythica está demonstrada por Lagneau, explica-nos porque é que a França do norte com a fusão dos ramos germanicos franko e borguinhão, produziu essa assombrosa fecundidade epica das *Canções de Gesta*.

A persistencia do elemento *iberico* do sul, que veio pela Asia menor, ou pela Africa como se deduz do typo berbere ¹, é que nos explica a expansão lyrica meridional, ou provençalesca. Se o ramo *sabmeano* se fusionou com as raças germanicas ao norte, o ramo *iberico* fusionou-se ao sul com as raças celticas, e em condições naturaes de cohabitação.

As investigações sobre a raça iberica levam-nos ás seguintes conclusões: que a raça turaniana precedeu na peninsula as raças áricas e preparou o caminho da sua civilisação. A raça turaniana divide-se na peninsula em dois ramos; o primeiro e o mais antigo, é uma derivação do typo *berbere*, vindo da Asia através da Africa, e fixando-se ao sul da Europa e nas ilhas do Mediterraneo. A este chamaremos o ramo *iberico*, que se estendeu pelo sul da França, região meridional da Italia e ilhas Britanicas.

¹ Segundo Bodichon, nos *Etudes sur l'Algerie*, os Iberos passaram da Africa á Hespanha, e conclue pelas analogias entre o Bretão e o Kabyla.



O segundo, é o ramo *Euske* ou basco, derivado do elemento scythico, e que desceu do norte da Europa vindo da Asia, e na França constituiu o elemento gaulez; este entrou na península pelo norte, e não desceu mais do que até á Aquitania.

Cada um d'estes ramos teve o seu destino historico. O Ibero assimilou-se facilmente ao Phenicio e ao Arabe, quando entraram por seu turno na Hespanha; porque sendo o Ibero de origem berber, esta raça apresenta duas classes, a dos Lybios que chegaram a fusionar-se com os Phenicios, e a dos Berberes que fusionando-se com os Arabes deram origem aos Mouros. Estas fusões parciaes explicam primeiramente a civilização Bastulophenicia da península, e seculos depois a civilização arabe da Hespanha, que persiste ainda através da mais ferrenha reacção catholica. Mesmo quando os Romanos coadjuvando os gregos contra os phenicios, e batendo os cartaginezes se apoderaram da península, já vinham das conquistas da Africa, onde receberam mercenarios numidas e colonos agricolas berberes, ou *barbaros*.

O *euskariano*, combinando-se com o elemento árico dos Ligures, e formado principalmente pelos Gaulezes, de origem evidentemente scythica, não só tornára facil a assimilação com os Celtas, contribuindo para a sua civilização, como pela sua origem sabmeana, facilitára tambem a fusão das raças germanicas, dos Lombardos e Ostrogodos na Italia, dos Frankos e Burguinhões em França, e dos Wisigodos e Suevos na península hispanica, bem como uma outra invasão de tribus normandas e scandinavas. Esta genealogia ethnica é que nos faz



compreender a persistencia de um dado *typo iberico* e a recorrencia de um certo numero de costumes e tradições, e mais ainda a separação nacional entre Portugal e a Hespanha.

A differença entre os dois ramos do tronco turania-na o *Eusk* e o *Ibero* não é uma subtileza; a intuição do genio de Guilherme de Humboldt comprova-se com os factos anthropologicos, que o progresso d'esta sciencia veiu pôr em relevo. Em numerosas passagens das *Memorias de Anthropologia*, o illustre Broca estabelece a differença entre o Basco francez e o Basco hespanhol, postoque não saiba explicar os motivos d'essa differenciação primordial. Transcreveremos os principaes trechos de Broca, para fundamentar em primeiro logar a differença ethnica entre o Basco francez e o hespanhol, e para tentarmos depois uma explicação que nos parece segura: « Assim os Bascos francezes differem notabilissimamente dos Bascos hespanhoes, e se aproximam em certos pontos dos seus visinhos Bearnezes » ¹. Broca desconheceu o facto das duas designações ethnicas de *Eusk* e *Iber*, o primeiro descido do norte da Europa, como se prova pela sua estabilidade no triangulo da Aquitania, o segundo tendo entrado na Europa pelo sul, vindo da Asia através da Africa como se demonstra pela dolichocephalia occipital do Basco hespanhol e do Berber. No emtanto, Broca fornece-nos estas duas provas de um al-

¹ *Mém. d'Anthropologie*, t. II, p. 13: Les caractères des Crânes Basques.



cance immenso para as origens da civilização moderna. Recapitulemos as duas provas authenticadas pelas suas proprias palavras: « Na época em que Cesar invadiu a Gallia, tres povos, ou antes tres grupos de povos, differentes nos costumes, na lingua e na raça occupavam o territorio da França. Eram os *Aquitani*os, comprehendidos entre o Garona, os Pyreneos e o Oceano... Tudo leva a crêr que os *Aquitani*os pertenciam a esta raça de cabellos negros, cujo typo se conserva quasi sem mistura entre os Bascos actuaes (Gascões, Vascones, Bascos) » ¹. Esta persistencia do elemento *Eusk* na Aquitania, é que nos ha de explicar a efflorescencia e diffusão do lyrismo moderno da Provença e sua propagação á Italia, Sicilia, Portugal e Hespanha.

Quanto á segunda prova, a analogia do Basco hespanhol com o Berber, escreve Broca, discutindo os craneos de Zaraus: « Quasi todos se fazem notar por um desenvolvimento consideravel da parte occipital, de sorte que se são dolichocephalos, não é á maneira dos Europeus, mas antes á dos nêgros, dos Berberes e dos Kabylas; etc. » ² As consequencias d'este facto, a entrada dos Bascos hespanhoes na Europa, através da Africa, são nada menos do que a comprehensão plena da influencia dos Arabes pelo elemento *mauresco* ou *berber*, e como o lyrismo arabe, de origem accádica, veio activar tambem de um modo espontaneo o lyrismo meridional.

¹ *Mém. d'Anthropologie*, t. II, p. 105.

² *Ibid.*, I, p. 282.



A diferenciação anthropologica entre o elemento *Eusk* e o *Iber* é tão importante, que todas as provas se devem archivar como bases positivas para as deducções historicas que d'ella se derivam. Escreve Broca sobre os dois typos bascos: « Posso, segundo isto, crer, ou melhor, suppôr que as duas raças, uma brachycephala, e outra dolichocephala, cuja mistura tinha produzido, antes do seculo xvi, a população de S. João da Luz, differiam muito mais pelo indicio cephalico, do que pelos outros caracteres. Uma d'estas raças é actualmente predominante na Vasconia hespanhola; quanto á outra, que predomina hoje na terra do Labourd, e sem duvida tambem no resto da Vasconia franceza, é provavel que antes de se achar em contacto com a primeira, d'este lado dos Pyreneos, ella alliava já os caracteres da brachycephalia com muitas feições recebidas da raça dos Bascos da Hespanha, quer esta similhança fosse o resultado de uma fusão anterior, quer ella dependesse da influencia atavica de uma raça mais antiga, tronco commum dos dois ramos, que, ao fixarem-se sobre as duas vertentes dos Pyreneos, ahi se cruzariam respectivamente com duas populações autochtones differentes, uma dolichocephala em Hespanha, a outra brachycephala em França. — Esta questão, sobre a qual não se acham cõprovações historicas, abre um vasto campo ás conjecturas » ¹. As conjecturas desaparecem diante das duas correntes de migração turaniana na Europa, e da propria differença ce-

¹ *Mém. d'Anthropologie*, II, p. 43.



phalica da raça turaniana ainda na Asia. Paul Broca insiste no facto da differenciação: « Propendo a acreditar que os antigos habitantes do paiz basco francez eram brachycephalos; que os do paiz basco hespanhol eram dolichocephalos, e que a dolichocephalia que se observa actualmente sobre um grande numero de Bascos francezes foi consequencia do mixto effectuado desde o fim do sexto seculo, em resultado da immigração dos Vasconios ou Bascos hespanhoes » ¹. Um pouco adiante conclue: « a raça brachycephala, que era, segundo toda a probabilidade, a dos Bascos francezes, era bem superior em numero á raça dolichocephala, que era sem duvida a dos Vasconios ou Bascos hespanhoes » ². Paul Broca ataca de frente o problema ethnogenico contido n'estes dados, e depois de discutir e eliminar as differentes hypotheses do problema, conclue pela differenciação primordial: « Procuraremos agora tirar d'este longo paralelo uma conclusão ethnogenica? Que existe uma differença importante entre os dois grupos dos Bascos de S. João da Luz e dos Bascos de Guipuzcoa, é um facto incontestavel e independente das theorias. Para explicar esta differença, ou antes, para a conciliar com a unidade não menos incontestavel que proclama a linguistica, pôde-se inquirir primeiramente se se trata de uma só e unica raça, diversamente modificada pela influencia dos meios. Mas, seja qual fôr a ideia que se faça d'esta influencia, é claro

¹ *Mém. d'Anthropologie*, p. 45.

² *Ibid.*, p. 53.



que as condições do solo e do clima são bastante semelhantes sobre as duas vertentes dos Pyreneos para que se podesse ahi achar a causa da transformação de uma raça dolichocephala em uma raça brachycephala, ou reciprocamente; e, quanto ás condições moraes, intellectuaes, politicas, religiosas ou outras, que constituem o que se chama o *meio social*, ellas são mais semelhantes ainda, pois que, sob esta relação, os dois ramos do povo basco apresentam sempre e apresentam ainda hoje a mais notavel unidade » ¹. O illustre anthropologista francez levanta todas as hypotheses imaginaveis para explicar a differenciação ethnica, refutando-as com factos scientificos e portanto eliminando gradualmente essas complicações do problema, concluindo depois de uma severa discussão: « Assim, de qualquer maneira que se proceda para explicar como uma raça basca primitiva pôde, cruzando-se com as raças indo-europêas, dar logar aos dois typos basicos actuaes, quer se considere como primitivo o typo brachycephalo hoje predominante no Labourd, ou o typo dolichocephalo, que é mais predominante ainda na Vasconia hespanhola, embaraça-se contra objecções, ás quaes é bem difficil responder. E se se torna por isso provavel que a *diversidade dos grupos basicos não foi cõsecutiva á introdução dos elementos indo-europeus*, é-se levado a conjecturar que ella *existia anteriormente*. É a esta conjectura que me ligo provisoriamente. — Mas, esperando, as

¹ *Mém. d'Anthropologie*, p. 77.



probabilidades me parecem convergir para esta ideia, que os nossos dois typos bascos e sua distribuição actual, datam de uma época anterior não sómente aos tempos historicos, mas ainda ao inicio da éra indo-europêa» ¹. Sobre a côr dos olhos azues ou verdes da raça de S. João da Luz, e dos olhos castanhos, segundo as observações minuciosas de Argelliès, Paul Broca conclue: «A differença entre estes dois typos é bastante pronunciada para que se possa attribuir a uma differença ethnica, e presumir que a população descende de duas raças ao menos, uma com olho pigmentado, outra com olho não pigmentado» ². Assim reconhecida pelos progressos e provas da anthropologia a differença ethnica dos dois ramos bascos, fortalece-se com o facto que se dá na séde da raça turaniana ainda na Asia, e na dupla direcção das suas migrações para a Europa, bem como pelas diversas aptidões para a metallurgia e para a agricultura. Na religião tambem se encontra a differença dos deuses, em *Dingir, Tegri, Tangry, Tengri, Tangli e Tangara*, para os Bascos que desceram pelo norte da Europa; *Devol, Dovel, An Tuvál, En Dovelico, Ama Dubellen, Idevor e Niduver* para o ramo basco da Hespanha. Assim o ponto de vista, puramente linguístico de Humboldt fica justificado pela anthropologia; e do nome do deus *Dovel, Devol* ou *Thobal* chamaram Flavio Josepho e S.

¹ *Mém. d'Anthropologie*, p. 80.

² *Ibid.*, p. 90.



Jeronymo *Thobeles* e *Thubalitas* ao Basco hespanhol ou Ibero.

As diferenciações dos Iberos não foram desconhecidas aos geographos antigos :

«Os que vivem ao norte da Hespanha ; pois aqui não só se differenciam pelo seu valor, senão tambem pela sua crueldade...»¹ Esta differenciação observada por Strabão, explica-se pelo territorio: «Esta nação em uma grande parte do seu terreno não offerece aos seus habitantes uma morada mui aprazivel ; porque são frequentes n'ella as rochas, os bosques e selvas, e tambem nas planicies por vezes a terra é mui delgada ou leve, e as mais carecem de regadio. A parte pertencente ao norte é bastante fria, montanhosa, exposta ao oceano, sem commercio com outras nações...»² «Não é assim a parte meridional, que quasi toda é feliz em summo gráo...»

Esta differenciação nota-se no Ibero metallurgista, ou dado á industria mineira, e no Ibero agricola e constructor de canaes de irrigação. Diz Silio Italico, fallando nas minas de ouro da Peninsula :

*Astur avarus,
Visceribus laceræ telluris mergitur unis,
Et redit infelix effoso concolar auro.*

(*Punica*, lib. I, 229).

Caracterisa com vigor o asturiano que rasga o seio da terra para colher o ouro, e sae das minas mais palli-

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, pag. 115.

² Ibid., pag. 70.



do que o mesmo ouro. Strabão também descreve os trabalhos de mineração dos Iberos junto dos Pyreneos, cuja abundancia de jazigos era reputadissima ¹. O mesmo com relação aos gallos, ou iberos francezes. A visinhança dos montes, ao passo que os fazia mais selvagens do que o ibero das planicies, forçava-os á industria metallurgica. Diz Strabão: «Fronteiros a este rio e parallelos a elle se apresentam os espinhaços de uma cordilheira de montanhas (Serra Morena) mais ou menos inclinadas para o norte, que são abundantissimas em todo o genero de metaes; e com effeito os que estão visinhos a Hipa são abundantissimos em minas de prata e não o são menos os que estão visinhos a Sisapon, tanto o antigo como o novo (Valdelazogue ou Almaden). E nas montanhas chamadas das Cotinas (ao occidente e norte de Sevilha) de uma mesma mina se extraem ouro e cobre». E adiante: «Pela parte de cima (do Betis) se acham montanhas abundantissimas em arestas de ouro e prata, e se dilatam até tocar com o Tejo; e já se sabe que os montes que abundam em metaes são geralmente asperos e estereis: assim são os da Carpetania e seus visinhos e ainda mais os da Celtiberia; taes são também os da Beturia, cujos campos indo entestar com o Ana são bastante seccos e estereis». Nos Artabros, que são os ultimos para o norte e occidente da Lusitania, pulula com abundancia aquella terra, segundo dizem, em

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, pag. 86.



prata, em estanho e ouro, que é esbranquiçado por ter mescla de prata. Os rios arrastam esta terra mineral...»¹

O caracter agricola do Ibero meridional coexiste com a industria metallurgica, porque na Turdetania «ao mesmo tempo que subministra tanta quantidade de prata e ouro, é prodigiosa sua abundancia em todo o genero de colheitas. Esta feracidade e variedade de fructos dobra seu valor e riqueza por meio da exportação, e a multidão dos marinheiros contribue para o prompto despacho dos artigos restantes. Facilitam este commercio não só os rios, senão tambem o mar que se introduz pelos estreitos e os faz tão navegaveis como os rios, desde suas bordas até ás cidades mediterraneas, onde se chega em grandes barcos»². Por aqui se vê, que a exploração agricola se alliava aos estimulos para a navegação em que tanto se havia de revelar o genio peninsular. Strabão falla das *insuas*, ou terras adjacentes aos rios «cultivadas com o maior esmero e pericia»³ e sob o dominio arabe este talento agricola reapareceu com o contacto das tribus maurescas, se é que esse estimulo não é mais antigo. Strabão falla das relações commerciaes com Tingis (Tanger) na Mauritania, e ao mesmo tempo de uma transplantação de população *mauresca* da cidade de Zeles e algumas familias de Tingis para a nova cidade e colonia Julia Joza (Algeziras)⁴. Este facto é

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, pag. 88.

² Ibid., pag. 80.

³ Ibid., pag. 79.

⁴ Ibid., pag. 76.



importantissimo para explicar o desenvolvimento da agricultura entre os Iberos, a sua reviviscencia do typo do *lichoccephalo* do berber, e a facil coexistencia com as tribus maurescas vindas da Africa com a invasão arabe; o talento para os trabalhos de irrigação e canalisação, que tanto distingue as tribus maurescas, já era notado por Strabão no Ibero: «Tambem construíram em muitas partes canaes de navegação, pelos quaes se cruza de umas povoações para outras, e por elles se fazem exportações, já para os naturaes, já para os estrangeiros»¹. A sua industria agricola, que caracteriza o Ibero mais civilizado, define a natureza da sua actividade mercantil: «Os artigos de commercio que se extraem da Turdetania são trigo, muito vinho, abundante e fino azeite, cêra, mel, pez e grão de purpura, minio ou vermelhão, que não é inferior em qualidade á terra sinopica. Nos portos se ajunta muita madeira de construcção da propria região, e finalmente sal gemma, além do que em grande abundancia dão os rios e fontes salgadas, que são muitas»². Strabão falla em seguida dos escabeches, dos tecidos, e especialmente «das lãs dos carneiros coraxos, cuja belleza é incomparavel». Tal é ainda hoje a exploração dos *merinos*, e os principaes artigos do commercio de Hespanha e Portugal.

Na diferenciação do Ibero peninsular, o territorio tornou um ramo mais progressivo, que chegou a fundar

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, pag. 82.

² Ibid., pag. 82.



uma civilização rudimentar. Taes foram os Turdetanos. Estes povos estavam collocados em uma *mesopotamia* formada pelo Aua e pelo Tejo, como diz Strabão: «O Ana em certo ponto do seu curso descae para o meio dia, e fórma com o Tejo uma mesopotamia habitada a maior parte pelos Celtas e por algumas familias de lusitanos, que do outro lado do Tejo para aqui trouxeram os romanos e lhes destinaram habitação». Importa distinguir n'estes Celtas de Strabão o que ha de elemento scythico ¹. «Esta região... de seus habitantes é chamada *Turdetania*, pois que seus habitantes se chamam turdetanos e turdulos, bem que ha quem os tome por uma só gente». — «Os Turdetanos são reputados pelos mais illustres de todos os Iberos; estudam a sua língua pelos principios da grammatica (*caracter da Civilização accádica*); seus annaes ou memorias escriptas remontam a uma prodigiosa antiguidade; têm poemas, e as leis com que se governam, escriptas em verso, segundo elles, contam seis mil annos de antiguidade» ². Quando Strabão consignava estes factos, não era conhecida a extincta civilização accadica, e portanto estes poemas, talvez analogos ao de *Isdubar (Namrutu)* da Chaldêa, e estes annaes, analogos ás Inscriptões cuneiformes, pareciam-lhe extraordinarios. «Para M. Hamy, como para Mr. Oppert, os primitivos habitantes de Babylonia não eram semitas, mas deviam ser aparentados com o grupo finnico ou

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, p. 74.

² Ibid., pag. 74.



griano, dos quaes tinham os caracteres physicos, tanto quanto se póde julgar pelas figuras que deixaram»¹.

A persistência das fórmulas lyricas das *Serranilhas* na tradição peninsular, a sua revivescência pelo genio arabe, e a sua efflorescência na época provençal, explicamnos tambem como os antigos romances e *Aravias* hespanholas e portuguezas no genero de *Estavillar*, pertencem a esse cyclo de poemas, analogos em tudo aos que na Finlandia se repetiam, até que com elles Lönnrot formou a epopêa do *Kalevala*. Das outras tribus ibericas falla Strabão diferenciando-as pela sua inferior cultura e dialectos: «Os outros Iberos têm tambem grammatica; porém é de outra natureza que a anterior, nem fallam a lingua propria e privativa da Iberia, senão que fallam outros idiomas»². Estes dialectos eram dos bastulos, em que entrava um elemento phenicio, eram dos Celtiberos, das colonias maurescas, de modo que o turdetano era propriamente lingua escripta tendendo para fixar-se em uma litteratura.

A introdução do elemento phenicio entre os Iberos da Turdetania é facil de explicar, attendendo á cultura accadica dos Phenicios. Diz Strabão: «ainda hoje em dia muitas cidades da Turdetania e de algumas regiões vizinhas estão habitadas por Phenicios»³. A maior parte do onomastico portuguez das localidades é phenicia, e isto

¹ *Dict. des Sc. Anthropologiques*, vb.º ASIE MINEURE.

² Strabão, ap. Cortés y Lopes, p. 75.

³ *Ibid.*, p. 90.



diferença o Ibero occidental e marítimo do que veio a ser propriamente hespanhol. A lenda das *Ilhas encantadas*, que seduziu sempre a imaginação portugueza e despertou o genio marítimo d'este povo, é de origem phenicia, da memoria das ilhas que primeiro habitaram no Golfo Persico; taes eram as fabulas das ilhas Cyaneas ou Symplegadas, ou Penhascos errantes, que se tornaram as *Fortunatas* e *Avalon* ¹. Assim como accetaram os costumes dos Phenicios, os Turdetanos imitaram tambem os Romanos, e este caracter *imitativo* é por onde se conhece ainda hoje o portuguez na sua arte, litteratura e governo: «A esta felicidade da Turdetania, á doçura dos seus costumes e á sua civilização se aŝsimilha muito a dos Celtas por sua proximidade com os Turdetanos, e por certa cognação que contrahiram já, como diz Polybio. Porém, não chegam a egualar-se com elles, pois os Celtas ainda hoje vivem em aldeias ou vicos de poucos moradores: ao passo que os Turdetanos, especialmente os da borda do Betis, quasi todos tomaram as maneiras e o genero de vida dos Romanos. Até do seu idioma nativo se esqueceram, e a maioria falla o latim, por causa de se mesclarem com muitas familias que sendo romanas se domiciliaram entre elles; de maneira que pouco falta para que todos pareçam romanos» ². Este facto é importantissimo para a ethnologia iberica, porque a facilidade da fusão com os Phenicios manifesta-se tam-

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, p. 90 e 92.

² Ibid., p. 93.



bem na *imitação* dos Romanos, da mesma fórma que na *imitação* dos costumes dos Arabes (*Mosarabes*).

A fusão com os Celtas, relativamente aos Phenicios e Romanos bastante atrasados, fizera recuar o progresso dos Iberos, e como nota Strabão « os *Celtiberos* sempre foram reputados por mais indomitos e feros » ¹. Onde predominou o elemento *celtiberico* custou aos Romanos a conquista para mais de dois seculos de campanha; Strabão retrata este elemento celtiberico, em que entram o Callaico e o Lusitano, ² como tribus isoladas, traiçoeyras e dadas á rapina: « São, pois, cerca de trinta as diversas gentes que habitam entre o Tejo e os Artabros, (celtas do promontorio Nerio ou Finisterra) do que se infere quam abundante é esta região em fructas, em gados, em ouro e prata e outras riquezas semelhantes. Antigamente muitas d'estas tribus, odiando a vida da agricultura, e vivendo da rapina, estavam em contínua guerra, já entre si mesmas, já com seus vizinhos, e ás vezes chegavam a passar o Tejo, incommodando a toda a região. Porém, já os Romanos lograram contel-os e humilhar sua audacia, e reduzindo muitas de suas cidades em aldeias, os ensinaram a viver com tranquillidade. Este mal teve sua origem no que de ordinario succede nos paizes asperos e montanhosos, pois tendo que cultivar

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, p. 93.

² « E ainda hoje em dia succede que uma parte dos *Lusitanos* são chamados *Callicos* ». A gente do Alemtejo continua a chamar *Gallegos* a todos os que occupam do Tejo para cima.

*



uma terra ingrata e insufficiente para manter a povoação, desejavam a par da vida fazer-se donos dos terrenos que os outros possuíam. E acontecia que estes mesmos que viviam da agricultura, vendo-se forçados a defender-se e a repellar os invasores, tinham de deixar o arado e tomar as armas, ficando os campos sem cultura, e não podendo manter os seus legítimos possuidores, estes mesmos também se faziam ladrões. Os lusitanos são homens insidiosos, esquadrinhadores ou investigadores, ageis, ligeiros, inconstantes e credulos; etc.»¹. Este caracter meio selvagem seria produzido pelo cruzamento dos Celtas com os Iberos; foram os Romanos que operaram pela sua força militar e administrativa a unificação política d'estes Celtiberos, compreendidos entre o promontorio Nerio e o Tejo, com a nação turdetana, pacifica e civilizada. Aqui era mais facil esse trabalho, porque bastava apagar os muros das cidades; ao passo que para o centro da península existiam altas montanhas onde o Celtibero foragido se apoiava na resistencia. Strabão admirava-se como os Celtiberos «*que sempre foram reputados mais indomitos e feros*» se romanisaram do mesmo modo que os Iberos. Esta unificação operada pela conquista romana lançou as bases para a futura precocidade da unidade nacional portugueza, onde de facto se fundiram dois elementos ethnicos que o dominio arabe, não se estendendo acima do Douro, fez definir-se melhor. De facto o dominio arabe fixa-se com mais intensidade na antiga

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, p. 97.



mesopotamia do Ana e Tejo, onde se desenvolveu a civilização turdetana, ou iberica propria; e na Beira, onde se fixaram os Berones (originarios da transmigração ou exercito dos Celtas ¹) existe a *imitação* dos costumes arabes, persistindo o typo do Celtibero romanisado pelo colonato no *Mosarabe*. A federação era a fórmula natural da constituição politica do Ibero; Strabão falla da cidade de Asta como da séde da dieta ou federação turdetana ²; e as moedas bilingues da península justificam essa noticia dada tambem por Strabão das Cidades duplas, ou de diversos povos separados por um muro, mas visinhos para a defeza mutua ³. Quando os romanos apearam os muros das cidades celtibericas destruíram estas federações naturaes, para conservarem a conquista e unificarem sob um mesmo regimen administrativo. Assim foi facil a illusão dos historiadores em abstraiem do antigo elemento iberico, celtiberico e hispanico, para considerarem os povos peninsulares como completamente romanos.

Quem observar os vestigios ethnicos dos povos ibericos conservados por Strabão na sua descripção geographica, e os comparar com os costumes actuaes, pasma da sua extraordinaria persistencia e sobrevivencia, se não vir que elles persistem por phenomenos de recorrencia ao typo iberico pelas invasões phenicias, pelo colonato

¹ Strabão, ap. Cortés y Lopes, p. 111.

² Ibid., p. 79.

³ Ibid., p. 107.



romano, pelos germano-scythas (alanos) e pelas tribus maurescas e berberes.

Na entrada dos Celtas na Europa a raça iberica foi invadida, mas deu-se um phenomeno notavel, que se não odiaram mortalmente, e ao cabo das primeiras luctas já se acharam fusionados. Diz Ulfvalvy, na *Migração dos Povos turanianos*: «onde quer que os Celtas e os Iberos se encontraram, acabaram por se confundirem; os nomes o provam: *Celt-Iberos, Umbrianos, Cimbros*, etc. Os Iberos foram então repellidos para as montanhas, ou acabaram por absorver os seus aggressores, como em Hespanha. Nós pensamos que na Escossia, na Irlanda e nos paizes dos Bascos o elemento *iberico* predomina ainda hoje, ao passo que no paiz de Galles e na Bretanha é o elemento celtico que entra em maior escala. Em Hespanha e na Irlanda poderia ter havido vestigios de uma influencia mais ou menos directa dos Phenicios. Seria então da mais alta importancia comparar a lingua basca com o irlandez, as linguas berberes com o albanez, etc. Os Bascos são certamente Iberos, que adoptaram uma grande quantidade de palavras celticas. Porventura achar-se-ha nos Alpes vestigios dos Iberos, o que nos parece muito provavel, mas certamente acham-se ahi restos de Celtas»¹. Na invasão celtica uma parte da Europa conservou-se quasi extranha a essa nova influencia, ficando ahi o elemento iberico n'uma certa pureza de raça; o eminente anthropologista Paul Broca con-

¹ *Migrations des Peuples*, p. 189.



sidera a Aquitania como um triangulo comprehendido entre os Pyreneos, o Garona e o Golfo da Gasconha, no qual se conservou isolada a raça ou população primitiva que veio a ser subjugada na Europa pela occupação dos Arias. É esta tambem a opinião de Jorge Phillips, citada por Jubainville: «Muito mais tarde, isto é, no tempo de Cesar, os Iberos possuíam ainda na Gallia a maior parte do territorio situado entre o Garona, o Oceano e os Pyreneos; elles se conservaram n'este vasto triangulo, apesar das conquistas dos Ligures primeiramente, e depois de um inimigo muito mais terrivel, a raça celtica»¹. Este triangulo aqui demarcado é a Aquitania; foi n'esta zona que floresceu a poesia trobadoresca, por isso que ahi persistiram mais puros os elementos tradicionaes do lyrismo provençal. O apparecimento e propagação quasi simultanea d'esse lyrismo da Provença para a Galliza, para a Italia e para a Sicilia, tem a sua razão n'um fundo ethnico commum. O lyrismo germanico, em cuja raça entraram bastantes elementos scythicos, teve o mesmo processo organico de manifestação; as poesias dos Minnesingers, os *Minneliedes*, foram uma revivescencia dos antigos cantos populares das raças germanicas do tempo de Carlos Magno, e, interditas ao povo no tempo de Luiz Debonnaire, revivesceram á primeira communicação com o lyrismo provençal. Essas poesias populares da antiga Aquitania iberica representavam a vida pastoral e agricola nas encantado-

¹ *Les premiers habitants de l'Europe*, p. 30.



ras *pastorellas* communs a todos os povos meridionaes da Edade-média; ainda no seculo xvi, Montaigne conhecia esses cantos tradicionaes com o nome de *Villanellas*.

Ao fallar do elemento iberico, Mommsen, na sua *Historia romana*, reconhece o alto gráo da civilização da península e a persistencia de um certo numero de caracteres no povo hispanico: «Era uma difficil empreza que os Romanos se haviam imposto em querer domar e civilisar a todo o custo estes povos turbulentos, amorosos de combates, ardentes já á maneira do *Cid*, e arrebatados como *Dom. Quixote*». O caracter nomada da raça a que pertencem as tribus ibericas prevaleceu na península, e subsiste na sua historia, e fez com que ellas não fundassem uma civilização capaz de resistir pela unificação politica; Mommsen accentua esta caracteristica, alludindo á persistencia de outro caracter ethnico: «Se elles pudessem ter-se submettido á disciplina; se chegassem a ter alguma cohesão politica, teriam sido bastante fortes, talvez, para repellir victoriosamente o invasor estrangeiro; mas a pura bravura era mais a do *guerrilheiro* do que a do soldado, e faltava-lhe o senso politico»¹. Todos estes caracteres se applicam ainda ao povo hespanhol; fortalecem-nos as palavras de um historiador tão severo como Mommsen, que vae derivar do elemento iberico esse genio nacional personificado nas creações tradicionaes e litterarias do *Cid* e *Dom Quixo-*

¹ *Hist. Romaine*, t. III, p. 273-276. Trad. franc.



te, e nos costumes actuaes dos pronunciamentos e das guerrilhas.

Um outro facto apontado por Mommsen, e a que ligaremos uma explicação historica, é a da independencia das regiões centraes, e do Norte e Oéste da Peninsula, que não acceitaram o jugo da invasão romana; de facto foi ao noroéste da peninsula que se conservaram as tradições poeticas, que produziram essa efflorescencia lyrica tão prematura, que o Marquez de Santillana ainda no seculo xv considerava os Gallegos e os Portuguezes como os que primeiro exerceram *esta Arte que maior se chama* ¹. O espirito de resistencia contra o dominio romano conserva os cantos populares como um meio de excitar a coragem, por isso onde maior foi a resistencia ali se deve encontrar uma maior persistencia tradicional. Além d'isso a proximidade do fóco poetico da Aquitania, onde a raça se conservára menos perturbada pelas invasões áricas, fez com que na revivescencia de certas fórmulas lyricas coubesse á Galliza e a Portugal a acção iniciadora. E na verdade, os Cancioneiros gallecio-portuguezes encerram as composições lyricas mais bellas de tudo quanto resta da Edade-média n'este genero ²; como

¹ Eis o trecho de Mommsen: «Mas se é certo que ao Sul e a Léste os indigenas por algum modo abriram o caminho á civilização e ao dominio romano, não foi o mesmo ao Oéste, no Norte e no interior do paiz. Ali as numerosas e rudes povoações mostraram-se absolutamente refractarias.» *Op. cit.*

² Os philologos allemães o confessam.



se póde explicar esta belleza excepeional senão por uma maior pureza da tradição? ¹

Temos até aqui reunido os factos para o conhecimento anthropologico da raça *iberica*, considerada com bastante fundamento como um ramo da raça turaniana, mongoloide, ou melhor do ramo allophylo do troneo branco, ou uralo-altaica, distincta da raça finnica por ter entrado na Europa pelo sul e vindo através da Africa. A extensão da raça *iberica* está hoje determinada, sendo um dos ramos mais importantes os *Sicanos* das margens do Sena, que passaram da Gallia para a Italia, e que são talvez os scythas conhecidos pelo nome de Sakes; os *Cunetes*, que habitavam junto do Guadiana; os Tartesses, comprehendendo os *Turdulos*, *Turdetanos* e *Martianoí*, que habitavam junto do Guadalquivir; os *Sordones*, que habitavam junto do rio Sordus; os *Liburnos*, *Libu* ou *Rebu*, da Gallia cisalpina, de *Brescia* e de *Verona*; os *Siluros* da Gran-Bretanha; os *Kempses*, na Guipnzcoa, comprehendendo os *Asturos*, os *Cantabros* e os *Lusitanos*; os *Vascons*, junto do Ebro; os *Ceretes* ao pé dos Pyreneos; finalmente os *Iglebres*, os *Gletas*, *Indiketes* e *Edetani*. Estes povos não chegaram a produzir uma unificação nacional, é sendo contemporaneos dos periodos da mais alta civilização egypcia, receberam a sua primeira cultura dos phenicios, dos gregos, e dos romanos que os dividiram e subjugaram. Os

¹ Este ponto já está desenvolvido nos nossos trabalhos sobre *Historia de Litteratura Portuguesa*.



Celtiberos possuíam as letras gregas primitivas; os Turdetanos tinham as suas letras formadas com caracteres gregos, phenicios e lybios; os Bastulos tinham o alphabeto phenicio, como se observa nas legendas das moedas chamadas *dinheiro de Osea* ¹. Emfim os Turdetanos formavam um nucleo de civilisação, que tenderia a unificar todos os elementos ibericos, se se não dessem as successivas invasões da Peninsula; os Turdetanos, como relata Strabão, possuíam Cantos tradicionaes, um codigo de leis versificadas, e annaes historicos antiquissimos; este facto não surprehende hoje ninguem, depois que se acharam os cantos lyricos dos turanianos da Chaldêa; os cantos epicos dos sumirianos da Assyria, e o *Kalevala* da Finlandia. Nas inscrições lapidares da Peninsula exis-

¹ João Bonança promete no seu segundo volume da *Historia da Lusitania e da Iberia*, apresentar a reconstrução do Alphabeto luziberico e a leitura das moedas celtibericas. A sua these, resume-se em que o Alphabeto luziberico é uma criação original dos povos peninsulares; que esse alphabeto se fragmentou, apropriando-se das letras que lhes conveiu os gregos, os romanos e os phenicios. Transcrevemos algumas das suas affirmações, que designam os capitulos do seu volume terceiro:

« O alphabeto luziberico foi conhecido em Roma e na Etruria antes dos Romanos virem á peninsula. (Cap. I). — Os Romanos desconheciam o valor de muitos caracteres luzibericos, empregando-os em funções diversas das que realmente tinham no luzitanico e iberico. (Cap. II). — Alphabeto luziberico, latino, grego archaico o phenicio; *perfeita similhaça dos caracteres latinos e gregos com os celtibericos*; consideraveis differenças entre o alphabeto phenicio e o grego, latino e luziberico. Motivos por que o alphabeto luziberico se estendeu até á Grecia e á Asia Menor. Abandono do alphabeto luzi-



tem bastantes nomes de Deuses, para por elles se deduzir o character da religião dos Iberos; o confronto das superstições populares de Portugal e Hespanha com as superstições accadiccas, revelar-nos-hão a persistencia do genio iberico; finalmente os costumes actuaes patentea-
rão de vez em quando ainda essa physionomia primitiva.

Sobre a religião dos Iberos, alguma cousa se pôde dizer de positivo percorrendo as inscrições lapidares da Peninsula, hoje publicadas por Hübner. A religião era essencialmente fetichista, não o fetichismo das raças selvagens, mas esse fetichismo especulativo hoje tão bem conhecido pelo culto accadico, e especialmente pela religião dos Chinezes. Os nomes de alguns deuses ainda hoje se encontram entre varias tribus nomadas da raça

berico pelas raças que o não inventaram. (Cap. III). — Os Romanos, depois de largamente estabelecidas as suas relações com os luziberos, modificam o alphabeto latino. (Cap. IV). — *O alphabeto latino é uma simples fracção do luxiberico.* (Cap. V). — O alphabeto luziberico e as linguas que d'ello usavam (portuguez e castelhano) não cáem sob a dominação romana; estas linguas e este alphabeto empregados em documentos officiaes ainda sob o dominio gothico (Cap. IX). Os resultados annunciados n'este programma, e que constituem a descoberta de João Bonança, estão ainda ineditos. Contudo, pelo confronto das letras das inscrições das moedas celtibericas com os alphabetsos do mundo antigo, determinamos cinco fórmulas de A representadas no Falisco, Sabelico, Lycio, Chalcidie e Latino; B Umbrio; C Falisco, Chalcidio, Etrusco e Latino, etc., o que leva á inferencia de um riquissimo alphabeto desmembrado nas suas representações graphicas segundo as necessidades de outros povos. Aguardamos com anciedade o volume inedito em que se demonstra esta descoberta.



amarella; e na epigraphia peninsular, nomes de deuses como estes *Abiafelaesuraccus*, *Aegiamuniaegus*, *Baudiarbariecus*, só podem ser considerados como agglutinações de diferentes nomes de divindades, e reductiveis aos seguintes elementos, que são ainda hoje deuses entre as tribus altaicas, como *Abu*, *Aval* (*Esu*, divindade celtica), *Aegieus* (*Manyos*, divindade meda), *Ba*, *Ander*, *Bari* ou *Buron* e *Okke*. Da immensa lista de Deuses ibericos, o unico mais conhecido pelos monumentos epigraphicos é *Endovellico*; sobre este deus tem-se desarrazoado bastante por falta do justo criterio ethnologico. As suas tres fórmulas, como se lê nas inscrições, *Endovellico*, *Endobolico*, *Enobolieus*, são reductiveis ás seguintes divindades *Ana*, *Dovel* ou *Aval* e *Okke* ou *Oki*. Analysando cada um d'estes deuses, se vê não só o caracter ethnico dos Iberos, como o estado da sua religião partindo já para um syncretismo. *Anna*, é o deus principal dos Accadicos, o senhor do céu (entre o nosso povo ainda existe a locução — Pae do céu), que apparece tambem como principal na China, no *Thian* (*Zu-Anna*); entre os guaranis, *Ana* tem já um caracter demoniaco e malfazejo. Este seria o Deus mais antigo dos Iberos, por isso que é o maior entre os turanianos ¹. O nome de *Debel* significa ainda hoje em bohemio Deus ²; *Oke* ou *Okki* ainda entre os habitantes da Virginia e da Flori-

¹ Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens*, 4, 138, 144.

² Francisque Michel, *Pays Basque*, 145, nota 2.



da significa espirito ¹, e entre os Hurons *Okki* é a divindade suprema. Na linguagem dos ciganos das provincias baseas conserva-se ainda a fórma *Amadabelle* para significar Deus ², ultimo vestigio da importancia primitiva de *Endovellio*.

Este processo precisava fazer-se a todos os nomes das divindades ibericas conservados nas inscrições lapidares; e poder-se-iam classificar na seguinte hierarchia: primeiramente os deuses ou *Espiritos simples*, como *Oke, Al, Aval, Dovel, Dogoda*; depois os deuses derivados da fusão celtiberica, como *Aesuris, Exxie*, e deuses derivados dos turanianos da Media, como *Manyos*, (*Persas*, de Varrão) ou das colonias gregas, como *Aegieus, Agria*, ou do Egypto como *Ammon, Isis e Serapis*. Assim como pelos nomes d'essas divindades se deduz a successão historica das raças na peninsula, assim remontando mais fundo se demonstra o character turaniano da raça iberica ³.

O Deus innominato é peculiar da raça turaniana. Dos Gallegos, diz Strabão: « Ha quem assegure que os Gallegos não reconhecem divindade alguma. Os Celtiberos e seus visinhos, que ficam para o norte (Berones e Vasconsos) no tempo da lua cheia passam toda a noite sal-

¹ Abb. Bertrand, *Dict. des Religions*.

² Francisque Michel, *op. cit.*, p. 144.

³ Algumas noticias sobre divindades ibericas, para maior comprovação do nosso processo, ajuntal-as-hemos em um trabalho especial sobre *Endovelico*.

tando e bailando ás portas de suas casas em honra de um Deus, para o qual não têm nome proprio» ¹. O Chinês é n'este sentido um povo atheo, e as raças mongolicas que abraçaram o buddismo fizeram d'essa doutrina moral uma religião sem Deus.

Strabão, fallando de um templo no Cabo de S. Vicente ou Promontorio Sacro, nega a sua existencia dizendo: «alli se vêem de pedaço em pedaço espalhadas umas pedras de tres em tres, ou de quatro em quatro, a que fazem dar balanços os que se chegam ao dito sitio, seguindo n'isto um costume proprio do paiz... Não ha costume de fazer sacrificio algum, nem de congregarse de noite n'aquelle sitio, que, segundo crêem os natuaes, é habitado pelos deuses» ². Estas pedras sagradas são os Bethylos dos povos proto-semitas e semitas; e portanto as numerosas Antas, ou Dolmens e Cromleks em uma região habitada por Iberos puros devem ser consideradas como Bethylos caracteristicos da raça turaniana; o não invocar outro deus, além das proprias pedras, é bastante significativo.

Recapitulando as nossas conclusões sobre as raças da Europa meridional antes da conquista romana, chegamos a uma uniformidade de distribuição d'essas raças na França, nas ilhas Britanicas e nas peninsulas hispanica e italica; este trabalho de systematisação só se tornou possivel quando se provou a entrada na Europa de

¹ Ap. Cortés y Lopes, p. 114.

² Ibid., p. 72.



uma raça uralo-altaica pelo norte, ou *sabmeana*, e a entrada de outro ramo da mesma raça pelo sul ou *iberica*, sendo a primeira repellida pelas invasões das tribus que vieram a constituir os germanos e scandinavos, e a segunda fusionada pela entrada e occupação dos Celtas. Os dados ethnicos fornecidos por Cesar, Pomponio Mella e Ammiano Marcellino para as *Gallias*, por Tacito e Avieno para as *Ilhas Britannicas*, e por Stephano de Byzancio para a *Hespanha*, são conformes n'essa distribuição.

Comecemos pela península hispanica ante-romana. Occuparam-na: 1.º os *Iberos* (Bascos), elemento turanian, tendo atravessado a Africa, e diffundidos pelo sul da França e Italia, principalmente na Aquitania; 2.º os *Celtas-Lygios*, elemento árico entrando na península pelo norte, e pela longa cohabitação fusionando-se no Celtibero; 3.º os *Gallaecos*, outro elemento turanian, propriamente o gaulez, descendo do norte da Europa, e não passando do norte da Península.

Para a França temos o mesmo quadro ethnico: 1.º os *Aquitianos*, que se estendem pelas ilhas do Mediterraneo e pela Italia; 2.º os *Celtas*, ramo árico, do qual hoje se separam os gaulezes e os kimricos; 3.º os *Gaullexes*, o mesmo que os Gaëls, Wallons, Welches, Belgas, Cimbros, turanianos descendo do norte da Europa, sendo um ramo das montanhas e o outro das bordas do mar. É o que se mistura no norte com as raças germanicas.

Nas ilhas Britannicas, temos: 1.º os *Siluros*, que Tacito já comparava aos Iberos; 2.º os *Caledonios*, ou *celtas insulares*; 3.º os *Bretãos*, ou o elemento turanian do norte.



Na Italia, a successão é a mesma: 1.º os *Venetes*, elemento turaniano correspondendo aos aquitanios; 2.º os *Umbrios*, (Amhra, os valentes) considerados por Fréret e por Amadeu Thierry, como celtas que transpuzeram os Alpes, fixando-se em quasi toda a parte septentrional da Italia; 3.º os *Boios*, elemento turaniano, entrado do norte, ou kimeriano, formando a Gallia cisalpina.

Este prospecto ethnographico, tão necessario para diffundir luz nas noticias desconexas dos geographos e historiadores antigos, explica-nos como para o Romano foi facil estabelecer a unidade politica no Occidente da Europa; ao mesmo tempo como é que nas invasões germanicas essas hordas barbaras faeilmente se romanisaram; e ainda mais particularmente como é que os phenomenos sociaes das Nacionalidades modernas foram os mesmos na França, na Italia, na Hespanha e em Portugal, isto é, lucta das classes servas, formação do feudalismo, ereação do tereiro estado, monarchia hereditaria, e espirito demoeratieo proelamando a soberania nacional. Nos phenomenos litterarios as concordancias são ainda muito mais palpaveis, quer se considere a formação dos dialectos romanicos, quer a propagação dos cantos tradicionaes, ou já a tendeneia para a unificação do direito civil, primeira base da federação do Occidente.

4. — Os Ligures e os Celtas da Lusitania

Na occupação da peninsula hispanica pelas differentes raças que vamos apontando, convém não nos limi-



tarmos exclusivamente aos dados historicos mais ou menos contradictorios dos escriptores classicos ; muito se póde já deduzir dos elementos fornecidos, além da Anthropologia, da propria physiologia com relação á lei das migrações dos povos sobre o planeta. Diz Gustavo Le Bon : «É só nas regiões mais frias do que aquella d'on-de um povo emigra, que elle se poderá acclimar mais facilmente. Os povos que avançam para o Norte, e a historia do movimento colonizador dos Romanos é a prova frisante, conseguem perpetuar-se aí, ao passo que os que marcham para o Meio Dia desapparecem rapidamente». Por este principio apresentado por Le Bon, no seu *Traité de Physiologie*, explicamos como o elemento lybico ou berber veiu da Africa constituir nas margens do norte do Mediterraneo a forte raça iberica, e ao mesmo tempo evidencia-se por que é que os Romanos nunca conseguiram colonisar os territorios africanos tirados ao dominio dos Carthaginezes. A influencia da raça e civilização iberica ainda prevalecia mais pelo modo como se operou a migração das outras raças que se misturaram com ella : essas raças desciam do norte para o sul. Le Bon fundamenta esta poderosa acção mesologica : «O céo meridional foi sempre implacavel para os homens do norte. Os Barbaros, que na queda do imperio romano deixaram as suas regiões frias para se irem fixar nas partes mais fer-teis e quentes do mundo antigo, foram de prompto destruidos. Em menos de um seculo depois da invasão, já se não achava um unico Godo na Italia» ¹. Importa ter

¹ *L'Homme et les Sociétés*, t. II, p. 61.



sempre presente ao espirito este principio fundamental de mesologia.

A raça celtica que entrou na Peninsula hispanica deseou do norte, e antes de se reeorrer á exiguidade do seu numero e á inferioridade da sua civilisação diante das populações ibericas, a modifieação climatologica fez com que ella fosse absorvida pelos Iberos. Os Celtas são um grande ramo da raça árica ou indo-europêa; na sua deslocação das bordas do mar Caspio para a Europa, todos os ramos áricos seguiram as mesmas linhas climatologicas, de sorte que não degeneraram. A direcção das montanhas na Asia e na Europa é no *sentido das parallelas*, isto é, geralmente de *leste a oeste*; a fauna das bordas do mar Caspio partieipa dos caracteres da fauna da Europa e da Asia menor, e a Europa considerada como um prolongamento ou peninsula da Asia, prestava-se á immigração seguindo a egualdade das linhas climatologicas ¹. Comprehende-se como os povos áricos se tornaram progressivos na Europa; o Celta, porém, ao descer para o sul, foi irremediavelmente absorvido pelo elemento gaulez na França e na Italia, e pelos Iberos na Hespanha. As grandes differenças entre os caracteres anthropologicos do Ibero e do Celta tornaram mais facil o seu mutuo cruzamento, e foi essa mestiçagem que pôde imprimir uma certa persistencia ás qualidades do Celta, que desaparecia sob o numero da população iberica. Williams Edwards, no seu trabalho *Des caractères phy-*

¹ Alfred Maury, *A Terra e o Homem*, p. 357.



siologiques des Races humaines considérés dans ses rapports avec l'Histoire, estabelecendo os principios anthropologicos da persistencia das raças, provou as grandes applicações que d'elles se devem tirar para a comprehensão dos primeiros povoadores da Europa: «Que interesse deve inspirar um conhecimento mais exacto do povo que começa a ser denominado *Ibero*, do nome dos seus antepassados, e que estão espalhados no Meio Dia da França e na Peninsula»¹. A conclusão fundamental a que Edwards chegou, de que se podem reconhecer os povos antigos através dos modernos, é que vem revelar a importancia dos estudos anthropologicos e ethnologicos para a comprehensão da historia. Os dados fornecidos pelos geographos e historiadores classicos sem esta luz que submete os factos sociaes a leis naturaes, são de tal fórma confusos, contradictórios e inintelligiveis, que as questões de origens anthropologicas se tornariam verdadeiramente insoluveis. A questão dos Celtas estava n'esta situação embrulhada, em que ora se attribuia toda a população da Europa e todos os seus monumentos archeologicos aos Celtas, ora se negava a sua importancia numerica, reduzindo-os a tribus vagabundás e guerreirás subjúgadas pelos povos sedentarios, e ainda por ultimo dando este nome a qualquer povo que fallou um dialecto celtico. Ha um termo médio n'este problema, não suggerido por um processo logico, mas por um dado historico; os Celtas seriam totalmente extinctos no clima

¹ *Op. cit.*, p. 113. Ed. Paris, 1829.



quente do Meio Dia da Europa se elles não tivessem sido precedidos no occidente por um ramo proto-celtico, a que se chama os *Ligúrios*. Confundidos com os Iberos na peninsula, pela similaridade da sua civilisação de bronze, elles prepararam as condições para essa persistencia facil da raça mestiça dos Celtiberos. Paulo Broca, depois de caracterisar os Bascos dos Pyreneos como os representantes derradeiros de uma raça de cabellos negros (Iberos) que occupou a maior parte da França, apresenta as consequencias do facto de uma grande invasão de *norte a sul* e de *leste a oeste*, que vem modificar esta raça de cabellos pretos ¹. É a invasão dos Celtas;

¹ *Mémoires d'Anthropologie*, t. I, p. 292. Paulo Broca fazendo o exame comparativo das estaturas em França pelas listas dos recrutamentos militares em cada departamento, e coadjuvando-se tambem pela cephalometria, chegou a determinar de um modo nitido a distribuição do typo celtico em França. Interpretando essas séries, conclue Zaborowski: «Vê-so pela gradação d'estes indicios cephalicos e da capacidade d'estes craneos que um elemento muito brachycephalo, de craneo amplo, *partindo de leste* se espalhou por todo o centro da Gallia, repellindo para o sul os indigenas neolithicos trigueiros de craneo dolichocephalo, egualmente muito amplo, e que formaram mais tarde a nação dos Iberos. Passo a passo, esta nova onda de brachycephalos attingiu a parte meridional da Gallia Belgica, e mesmo as Ilhas britannicas, onde contribuiu para a edificação de uma parte das *Round-barrows*, e onde ella introduziu o uso do bronze. Estes brachycephalos experimentaram por seu turno a invasão dos dolichocephalos loúros, de craneo menos amplo, com face de lozango irregular, que, vindos do nordeste, os repelliram completamente para além do Sena, e os dominaram do Sena ao Garona. Foi pela mestiçagem parcial com estas duas raças doli-



a confusão das duas correntes invasoras é que tem embaraçado a critica na coordenação dos textos. A primeira invasão foi a que se deu de *leste a oeste*; bastava esta direcção, dentro da mesma linha climatologica, para assegurar a preponderancia d'este novo elemento anthropologico. Broca attribue ao fusionamento d'esta corrente com a raça de cabellos pretos a producção, no sudoeste da França, dos Aquitanios de cabellos negros, e o celta de cabellos negros da Bretanha, Irlanda, Hespanha (Celtiberia) e Italia ¹.

A invasão celtica de *norte a sul* é relativamente moderna, e confundida com a primeira, torna-se inexplicavel pelos anachronismos, se se não destacar esta dupla corrente. N'esta invasão veio o Celta louro e nomada, que só pôde subsistir como colono agricola onde encon-

chocephalas, principalmente com a ultima, que foi sem duvida constituida a nação dos-Celtas». (*Dictionnaire des Sciences anthropologiques*, vb.º CELTA, p. 246).

¹ « Novos immigrantes tinham repellido ou submettido as tribus que occupavam o paiz do Rheno até ao Sena; d'estas tribus celticas aquellas que se submeteram perderam o seu nome e foram absorvidas pelos vencedores; as outras emigraram, e é a este facto que é preciso attribuir os deslocamentos, que produziram a entrada dos Celtas na Hespanha, onde se misturaram aos Iberos; a sua apparição na Italia (Ombrios), o afastamento dos Aquitanios pelos Beturiges Vivesques, e dos Ligures para o littoral do Mediterraneo o Alpes. D'aqui a juxta-posição de tribus do mesmo nome d'aquellas que occupam regiões afastadas e a formação de populações mixtas». (F. Delisle, *Dict. des Sciences anthropologiques*, vb.º FRANCE, p. 503).



trou os elementos da invasão de *leste a oeste*, ou os Ligures.

Esta segunda invasão celtica ou foi pouco importante, ou antecedeu a constituição do *Druidismo* nas Gallias, porque essa constituição theocratica não se desenvolveu na Hispania. Graslin, apontando esta observação capital, escreve: « não tendo em tempo algum penetrado o *Druidismo* na Hispania, deve-se concluir que os Celtas que a occupavam na maior parte ¹, ter-se-hiam ali estabelecido antes que a instituição dos Druidas existisse nas Gallias, o que faz remontar até aos tempos mais obscuros os primeiros estabelecimentos dos Celtas na península hispanica. Esta conclusão é mesmo confirmada pelo facto incontestavel de que nenhuma outra indicação temos de uma passagem dos Celtas para a Hispania, a não ser a *tradição poetica*, segundo a qual povoações celticas teriam, em tempos reconditos, abandonado a parte meridional das Gallias para irem estabelecer-se sobre as bordas do Iberus ». (*De l'Iberie*, p. 199).

A sorte das tribus ou raças ibericas tinha de ser o perderem a sua individualidade nacional diante das successivas invasões dos diversos ramos da grande raça indo-europêa em toda a Europa. Restringindo esta situação á península hispanica, o Ibero soffreu a primeira invasão de uma gente considerada como de origem árica, conhecida através dos geographos e historiadores gregos com

¹ Theoria d'este escriptor.



o nome de Lygios e denominada pelos escriptores romanos *Liguses*. A sua extensão foi grande na Gallia, na Italia e em Hespanha, e pôde considerar-se como precursora da raça celtica. Eratosthenes denominava a Península iberica *Ligustica*, e os geographos gregos diziam-na povoada de *Ligures ou Celtas*; o Tartessus passava por um lago chamado *Ligustino* em cujas margens existia uma cidade denominada *Ligustina*. Segundo uma affirmação de Estevam de Byzancio, a Lusitania era uma parte da Betica, e segundo os modernos trabalhos da archeologia sabe-se que a Lusitania não foi mais do que uma divisão arbitraria feita pelos Romanos de varias tribus celticas da Betica. Os Ligures considerados como celtas pelos escriptores antigos, são pelos trabalhos de Fréret ¹ e de Lemièrre ² considerados os *celtas das bordas do mar*, emquanto que propriamente o nome de Celta é extensivo a toda a raça; Mannert diz que os Ligures não descendem dos Celtas, e Guilherme de Humboldt apoiando-se n'esta auctoridade, diz que os Ligures podiam ter a mesma origem que os *Bascos*. Jubainville, identificando os Ligures aos Siculos e Aborigenes de Italia, considera-os como o primeiro povo indo-europeu que appareceu na Europa occidental, pouco mais ou menos dous mil annos antes da éra vulgar ³. Um meio termo deve existir em todas estas opiniões com o qual se pôde

¹ *Obras completas*, t. iv, p. 206.

² *Etude sur les Celtes*, 2^o étude, p. 40.

³ *Les premiers habitants de l'Europe*, p. 245.



bem definir esta raça proto-celtica, que fixando-se no território da Bética e Lusitania, facilitou o estabelecimento da raça celtica no território que veio a ser Portugal. Os Lygios ou Luguses chamavam-se a si mesmos *Ambrons*, como o revela Plutarcho ¹; e na Italia foram vencidos e assimilados pelos *Ombrios*. Entre as varias tribus celtibericas enumeradas por Strabão acha-se a dos *Berons*. A persistencia d'este radical *Br, ber*, apparece no território em que os Phocéanos fundaram Marselha, que pertencia aos Ligures e se chamava *Segobrigii*, segundo Justino. Estes factos justificavam a opinião de Amadeu Thierry e de Henri Martin, que consideravam os Ligures como um povo basco ². Muitas cidades liguricas da Europa meridional conservam o mesmo radical, como *Alba, Albiun, Elba, Ilva, Ivates*, junto dos *Insubres, Elvetii*, e na península, *Alba, Alavona, Alaba, Albiga, Albiun, Albocella, Albonica, Elvas* representam esta influencia ligurica ³. Fallando do nome do chumbo, nas linguas semiticas *Abar*, Lenormant suggere que importa comparal-o com a expressão latina *plumbum album*, e com o duplo sentido de chumbo e de alvo, entre os Slavos *olovo*, e entre os Lithuanos *alvas* ⁴. Systematisando todos estes factos, podemos concluir das differentes caracteristi-

¹ Ap. Jubainville, p. 223.

² Ibid., p. 222.

³ Nota de Marrast compendiando as observações de Ampère na *Histoire romaine à Rome*. Recherches, p. 104.

⁴ *Premières Civilisations*, I, 148.



cas ibericas dos Ligures, que assim como os gaulezes adoptaram a lingua dos Celtas quando estes preponderaram pelo numero, tambem os Ligures abandonaram a sua lingua pela dos Iberos, quando estes ainda conservavam todo o seu vigor. Este facto explica porque o vocabulario celtico é tão diminuto entre os povos novo-latinos, e porque é que as tribus celtibericas tendiam a desmembrar-se pelo instincto das aventuras ¹.

¹ « Visinhos dos Iberos estavam os Ligures, cujos principaes estabelecimentos occupavam o sudeste da Gallia e o noroeste da Italia, onde o seu typo ethnico se encontra ainda. Tinham occupado as duas vertentes dos Alpes, o alto valle do Pó, o litoral e a ribeira de Genova, até Arretium (Arezzo) na Toscana. Em França estavam espalhados na Provença, nos valles da Durance e do Isère, estendendo-se até ao sul do lago Lemano e no Valais. O Rhodano separava-os dos Iberos da Septimania, que elles invadiram; transpuzeram os Pyreneos, d'onde repelliram os Sordes, Sardónes e occuparam a zona littoral da Hespanha até Emporium (Ampurias). Misturados aos Iberos formaram uma população mixta, os Ibero-Ligures. — Baixos e magros, robustos e muito corajosos, guerreiros e endurecidos nas fadigas da guerra, taes eram os Ligures segundo Diodoro Siculo, Tito Livio, Plutarcho, etc. Eram brachycephalos; o seu craneo curto e arredondado, bastante elevado, pequeno, pouco volumoso, apresenta uma capacidade bastante fraca. A face é larga e curta, e observa-se-lhe um pouco de prognathismo alveolar ». (F. Delisle, *Dict. des Sciences anthropologiques*, vb.º FRANCE, p. 502).

Zaborowski destaca assim o typo dos Ligures: « achar-se-hão sobretudo na Provença e ao sul do Garona, ligam-se ao typo Celta, mas distinguem-se sobretudo pelos seguintes caracteres: O seu craneo é menos volumoso, o seu rosto não é arredondado, mas é largo na região superior; com um queixo inferior curto antes sobre o es-



Assim como os Ligures são totalmente assimilados pelo elemento ibérico da península e batidos tanto na Gallia como na Italia, por seu turno os povos *ibericos* e *euskas* fusionam-se com os Celtas, de tal forma que no tempo de Cesar todos os povos gaulezes eram indistinctamente chamados Celtas. Strabão influenciado pelos escriptos de Cesar propagou este syncrétismo ethnico, que tanto tem contribuido para viciar o criterio historico. Polybio distingue as duas raças gauleza e celtica, e Diodoro Siculo estabelece terminantemente: «É preciso aqui fazer uma distincção que muitas pessoas não têm notado. O nome de *Celtas* pertence aos povos que habitam para cima de Massalia, no interior das terras, e que vivem áquem dos montes Pyreneos até aos Alpes; o nome de Gaulezes, aos povos que estão estabelecidos além da Celtica... Mas os romanos confundiram estas nações sob uma mesma denominação e a todos deram o nome de *Gaulezes*». (v. 32.) Lemière e Lagneau, demonstrando que o Gaulez ¹ é «um ramo da

treito; os seus dentes são pequenos, os seus cabellos negros, muitas vezes anelados; o seu nariz ó quasi recto continuando a fronte; os olhos são castanhos, grandes, vivos e expressivos; a sua côr é mais ou menos trigueira, a bocca ó bem desenhada; mãos e pés pequenos, a eneurvação rachidianna muito pronunciada». (*Dict. des Sciences anthropologiques*, vb.º CELTE).

¹ O nome de *Gaules* vem de *Welsh*, segundo Max Muller (*La Science du Langage*, p. 103), que o deriva de *Walh*, nome que os Germanos davam aos Celtas por causa da sua linguagem.



grande raça scythica », dão-nos o meio de distinguir o elemento *Euske* da familia iberica.

O Celta trazia já o conhecimento do ferro quando entrou na Europa, circumstancia que contribuiu bastante para o seu predominio; a constituição sacerdotal do Druidismo, a que se submeteram, apressou a concepção do poder temporal (os cavalleiros) e da organização politica; e a sua facil assimilação ou tendencia progressiva, fez com que se aproveitasse da civilização iberica, com que se modificasse com o contacto da civilização hellenica e mais tarde se transformasse com a civilização dos Romanos. Mas estas causas precoces de desenvolvimento fizeram com que nunca se formasse uma nacionalidade celtica; o Druidismo produziu-lhe a languidez dos devaneios da immortalidade, e a sua facil assimilação deu-lhe uma profunda tolerancia e bondade caracteristica, mas tirou-lhe a individualidade.

Se no territorio a que os Romanos chamaram a Lusitania preponderou o elemento ligurico, como vimos, explica-se como os Celtas se desenvolveram mais no territorio que veio a formar Portugal. Strabão, fallando dos Celtas da Finisterra (Cabo celticum, ou Nerion) ao noroeste da Hespanha, diz que eram da mesma origem dos Celtas do Guadiana. (Liv. III, cap. III, §. 5.º). Pomponio Mela menciona outros Celtas na região situada ao sul do Douro (*De situ orbis*, liv. III, cap. 1). Os Celtas das bordas do Guadiana também tinham o nome de Celtas-Cletas, e habitavam ao sul do Tejo, a maior parte da região comprehendida entre estes dois rios. (Strab., III, cap. 1, §. 6.º). Segundo Polybio e Strabão, os Turdetanos



que habitavam ao sudeste dos Celticos eram da mesma raça: os Turdulos, segundo Plinio, teriam habitado ao norte da Lusitania, ao sul da embocadura do Douro. (*Hist. nat.*, IV, cap. XXXV).

Muitissimos radicaes celticos se conservam na toponomastica portugueza, como *Pen, Alpe, Dun, Dono, Dur, Ana*, etc., mas devem attribuir-se á raça da invasão de *leste a oeste* que se fusionou com os Iberos. Os deuses celticos na peninsula não são tão abundantes como os ibericos, como se vê pelas Inscrições colligidas por Hübner por ordem da Academia de Berlim; citaremos alguns que nos mostram a extensão da raça: AERNUS ou *Arnus*, designação generica de Deus no dialecto celtico de Manx ou gaelico da ilha de Man na fôrma de *Hiarn* ou *Jiarn*, correspondente ao irlandez *Hiarna* e *Thighearna*; AESAR, em irlandez ou dialecto da Hybernia, acha-se agglutinado em algumas inscrições como *Abiafelaesurecus, Bandiaepolegesus, Bmervasecus*; DIA, em gaelico, acha-se agglutinado no nome do deus *Dial-cus*. Tal é a corrente do celta maritimo, que entrou na Europa na direcção de *leste a oeste*.

A invasão do *norte a sul* é importantissima, mas só para a Europa central.

As migrações celticas estenderam-se pela Europa occidental, pela Italiá, França, Hespanha e Ilhas britannicas, sem que esta forte raça chegasse a constituir uma grande nacionalidade; estes povos tinham trazido do seu tronco árico uma religião polytheista, quando se separaram das margens do Oxus e Taxartes, 3000 a 2400 annos antes da éra vulgar; traziam já o conhecimento



do bronze e do *ferro*; usavam a contagem *decimal* sabendo enumerar até cem, e já recorriam á industria da tecelagem; enquanto ás fôrmas da aggregação social estavam constituídos em tribus, cujo governo exposto a constantes conflictos seria talvez uma das causas das migrações de outros ramos áricos que se lhe seguiram, taes como os Pelasgos, (Gregos e Latinos, 1900 annos antes da nossa éra) e os Germano-Slavos (Prusso-Letto-Slavos e Germanos). A prioridade da migração celtica, explica-nos a maior proximidade com as tribus da alta Asia, que entraram na Europa, conhecidas pelo nome generico de Iberos, da mesma fôrma que os Scythas e Getas estavam relacionados com os Germano-Slavos. No prospecto ethnologico do capitulo x do *Genesis*, acha-se a expressão d'esta situação confusa, designando-se sob o nome de Gomer (Cimbros) os Riphath (Celtas dos Riphéos e Carpathos) e os Askenas (Germanos), e sob o nome de Magog (Slavos) os Getas, Scythas e Message-tes. A migração dos Celtas fez-se pelo norte da Europa, luctando com os povos já estabelecidos que tambem conheciam o bronze; o seu atrazo em relação aos Javan (Gregos) e aos Thiras (progenie dos povos romanicos) deve attribuir-se a essas luctas em que gastaram a sua actividade até chegarem ao occidente e sul da Europa.

O nome do seu deus *Esus*, ainda apparece entre os Germanos em *Aesé*, e nos Etruscos em *Aesar*, e demarca-nos o periodo da sua separação, quando os Arias da Bactriana e da Sogdiana estavam reunidos e adoravam *Asuras* e *Ahura*. Sahiram n'esse periodo de organização patriarchal em que se constituiu espontaneamente o sa-



cerdocio, e a que deram nas suas migrações e completamente nas Gallias a fórma do Druidismo. O facto religioso tem aqui uma alta importancia politica, porque foi elle o nexo das primeiras federações espontaneas, semelhantes entre si em todo o Occidente europeu: « Assim, a confederação dos povos da Gallia, da mesma fórma que a dos povos da Hespanha e da Italia, offereciam tão pouca força e cohesão como o Conselho das Amphyctionias em presença das cidades rivaes da Grecia. Estas assembléas parece terem sido uma instituição religiosa mais do que politica, e mantidas sob a direcção dos Druidas, terem tido por objecto as regras uniformes no culto, em lugar de conseguir deliberações de interesses geraes, nos quaes a profunda rivalidade dos estados teria rebentado em violentas dissensões » ¹. Estas dissensões apparecem nas variedades dialectaes do Celtico, das quaes as conhecidas são como centros de outras divergencias, o velho Celta, o Irlandez, o Gaëlico, o Gaulez, o Armoricano e o Baixo Bretão.

Nos Celtas da peninsula hispanica existiram as mesmas dissidencias e divisões; ao avançarem para o sudoeste da Europa foram vencendo ou assimilando-se á anterior raça iberica, que se defendeu e resistiu apenas no triangulo da Aquitania; na peninsula hispanica deu-se tambem essa lucta, vindo a terminar pelo cruzamento das duas raças, formando assim o povo dos Celtiberos, talvez para resistirem ás invasões mediterraneas dos Phenicios,

¹ Charrière, *La Politique de l'Histoire*, t. 1, p. 107.



ou já então dos Yavanas, ou mesmo dos Celtas marítimos e bretões insulares. O elemento ibérico resistiu apoiando-se, como em todos os conflictos de raça, nas montanhas dos Pyreneos, onde mais tarde começará também a resistencia contra os Arabes; a occupação dos Celtas fez-se na peninsula de leste para oeste, alargando-se até á costa atlantica, ou recuando segundo a pressão das invasões marítimas.

O territorio da Lusitania apresenta-nos esta vacillação; os ramos ou povos celticos da peninsula também se agrupam em duas divisões essenciaes, a do norte, comprehendendo os Cantabros, os Asturos e os Vasconios, e os da região occidental, comprehendendo os Callaicos e os Lusitanos. Em Strabão ainda se encontra apontado vagamente o facto da confusão entre os Callaicos e Lusitanos pela demarcação do territorio occupado por estes ultimos. A Lusitania estendia-se desde o Tejo (margem direita) até ao promontorio Nerio (Finisterra) na extrema da Galliza; este facto é importante e mostra-nos que a superioridade dos Callaicos se desenvolveu por migrações posteriores de outras tribus da Gallia só muito mais tarde. De facto no territorio da Lusitania vê-se esta oscillação, sendo depois o seu limite norte ao Douro, mas ampliando-se para sul, pelo Alemtejo até ao Algarve.

Na historia de Portugal reflecte-se esta oscillação; o Condado da Galliza, que lucha pela sua independencia contra a absorpção castelhana, estende-se primeiramente até ao Douro, e em uma segunda época até ás margens do Tejo; o Condado de Portugal, nas luctas pela sua



constituição autonoma, procura primeiramente incorporar a Galliza, e só depois de repellidas estas ambições que ainda appareceram no reinado de D. Fernando, é que o territorio nacional se conquista sobre os arabes do Alemtejo e do Algarve, onde na época celtica se haviam estabelecido os Turdetanos ou Turdulos. Por esta incorporação dos Turdulos pelos Lusitanos, se comprehende tambem como os portuguezes tendiam para a conquista do Algarve.

A occupação phenicia no delta do Guadiana communicou aos celtas do sul os rudimentos da importante civilisação Bastulo-phenicia, isto é, semita; em outra época as colonias carthaginezas dos *bastados*, pelo seu elemento lybico radicaram-se pela analogia ou similitude entre iberos e lybios; e é tambem natural a concordancia historica de a occupação arabe do territorio onde está Portugal não se estender acima da Feira, isto é, proximo do Douro. É assim que vemos primeiramente que a Galliza se destaca de Portugal, e depois como esta nacionalidade se intêgra com esse antigo elemento ethnico do Alemtejo e Algarve. Os Turdétanos, ou Celto-phenicios, receberam um impulso de civilisação dos navegadores phenicios; os nomes de Tejo, (*Dagi*) de Lisboa, (*alisubbo*) e muitissimas outras denominações toponymicas de origem phenicia, como notou primeiramente Bochart e desenvolveu depois Malte-Brun, são um documento flagrante d'essa acção civilisadora, que tornava os Turdetanos os iniciadores de uma organisação nacional. Esta superioridade foi porventura o movel que os levou em expedições para o noroeste da peninsula, e assim se



explica o facto aparentemente contradictorio citado por Strabão, em que apresenta os Lusitanos, das margens do Tejo, estabelecidos pelas margens do rio Lima.

No geographo grego é preciso destacar todos os factos contradictorios como narrativas ou descripções pertencentes a diversas épocas, as quaes, colligidas de varias fontes tradicionaes ou de differentes portulanos, aglomeradas em um mesmo momento historico se tornam absurdas e inconciliaveis. É o que os criticos ainda não têm feito. Por outro lado a investigação da realidade do poema geographico de Festo Avieno, *Ora Maritima*, começando a exploração das costas occidentaes da peninsula de norte para o sul ¹, concordando plenamente com as designações locaes, tem a importancia de nos revelar como á custa dos Celtas da Turdetania, que permaneceram dispersos pelas margens do Lima, puderam os phenicios explorar essas regiões hostis, onde estanciavam colonias gregas.

Com este estabelecimento das tribus Turdulas, o territorio confinado pelo Minho começa a corresponder a uma realidade ethnologica, designada pelo nome de *Lusitania*, cuja separação do elemento gallaico era devida ao cruzamento com os lybio-phenicios. Começa portanto a confusão entre o sentido geographico e nacional das duas denominações Galliza e Lusitania, a qual transmitida pelas povoações chega até aos chronistas da Edade-média, embaraçando immensamente os eruditos. Os acci-

¹ Bello estudo do dr. Francisco Martins Sarmiento.



dentos históricos da conquista neo-gothica fazendo variar os limites da Galliza tornaram a confusão verdadeiramente inextricavel; pela bravura de Fernando Magno estendendo-se a reconquista até ao Mondego, todo este territorio ficou designado pelo nome de Galliza; o nome de Lusitania devia recuar limitando-se ao territorio do sul do Mondego, especialmente á actual provincia da Beira. É isto o que se depreheende do *Chronicón* de Lucas de Tuy. Duas illações importantes se tiram d'aqui: a primeira é que na organização nacional portugueza, a lingua, a poesia lyrica, a aristocracia, são-nos transmittidas pela Galliza, que foi na Edade-média um dos primeiros centros da civilisação peninsular; a segunda é o sentido da tradição que faz da Beira o centro vital da nacionalidade portugueza pelas suas populações mosa-rabes.

Variando outra vez os limites da Galliza até ao Tejo, o nome de Lusitania ficára sem realidade; e estabelecendo-se a independência do condado *Portucalense*, destacado administrativamente da Galliza, e ampliado até ao Mondego, ainda apparece essa confusão em Lucas de Tuy, que emprega simultaneamente os dous nomes *Lusitania* e *Portugalis*. Segundo Herculano, o auctor do *Chronicón Mundi* procurou evitar esta ambiguidade, chamando exclusivamente Lusitania aos territorios ao sul do Mondego, e Portugal á Beira ¹, mas estas ambiguidades augmentadas pelas conquistas dos portucalen-

¹ *Hist. de Portugal*, 1, p. 9.



ses que chegaram até Lisboa, fez abandonar totalmente o nome de Lusitania substituindo-se pela generalisação do de Portugal, usado exclusivamente nos documentos medievaes.

Assim o nome de Lusitania ficou completamente esquecido, e só quando veio a manifestar-se na Europa a renascença greco-romana, e os geographos classicos foram lidos, é que o nome de Lusitania reapareceu rhetoricamente, sem que houvesse entre os eruditos uma comprehensão do seu valor ethnico. Mais tarde cahiu o descredito sobre a palavra *Lusitanos*, mas quanto a nós irreflectidamente, provocada pelos exageros dos eruditos e pela falta de estudos ethnologicos. André de Rezende confundia o nome de *lusitano* com o de *portuguez*, e o da *Lusitania* com o territorio de *Portugal*, porém dado o desconto ás diferentes raças que ainda occuparam a peninsula hispanica depois dos Celtas, e que são factores essenciaes da nossa nacionalidade, e attendendo ás modificações politicas que pelo conflicto d'estas raças variaram os limites do territorio, a idéa de Rezende é profundamente verdadeira; entre os historiadores como Damião de Goes e Jeronymo Osorio, e entre os poetas como Henrique Cayado e Camões, o nome de *Lusitania* exprime a tradição ancestral portugueza com uma intuição que a ethnologia confirma.

O territorio em que veio a constituir-se a nacionalidade portugueza, acha-se dividido em tres partes distintas pelos geographos antigos, principalmente por Strabão :

a) Uma parte estendia-se desde o cabo Nerio ou de



Finisterra até ao Douro; era ao que propriamente se chamava a *Gallixia*, ou o territorio dos Gallaecos.

b) Outra parte estendia-se desde o Douro até ao Tejo, e d'este até ao Guadiana, ou propriamente o territorio da *Lusitania* ¹.

c) Outra estendia-se desde o Ana até ao Sacrum, e era a Turdetania ². Com ella se constitue a unidade de *Portugal*.

A nacionalidade portugueza começou a organizar-se na região de Entre-Douro e Minho, onde existia mais elemento ethnico de raça árica, sobretudo as colonias gregas e romanas, como se vê pelo regimen *emphyteutico* da propriedade na provincia do Minho; assimilou facilmente a região central a titulo de libertação do dominio arabe, e conservou-se a aggregação pela acção vigilante das Ordens de Cavalleria; por ultimo, a terceira região como refugio dos Arabes foi conquistada já pelas incursões maritimas, em que o genio da nova nação se revelava manifestando-se com uma consciencia da sua missão historica na conquista dos *Algarves d'além mar*, ou Africa do norte, no reinado de D. João I.

Que outra cousa é o character celtico, senão isto? Se Herculano condemna os que consideravam os portuguezes como os herdeiros directos dos lusitanos, pelo absurdo de fazerem resistir a raça dos Celtas «através de todas as phases politicas e sociaes da Hespanha durante mais

¹ Opinião de Ptolomeu.

² «Ab Ana ad Sacrum Turdetania». (Plin. e Ptolomeu).



de tres mil annos», tambem é condemnavel o seu exclusivismo, porque a população hispanica, como se prova pela anthropologia, nunca se extinguiu, e o que se dá em França com relação ao typo celtico e ás suas tradições¹ repete-se pelas mesmas leis physiologicas na peninsula. Temos o character celtico no *genio amoroso*, no *espirito de aventura*; fomos ás descobertas maritimas levados pela idéa de um reino christão phantasmagorico do *Preste João*,² e andámos pelos mares procurando *Illhas encantadas*, e por fim renovamos as prophcias merlínicas, e encarnámos a lenda arturiana em D. Sebastião. As tradições e o typo celtico persistem entre nós, como persistem tambem vestigios ibericos, e estes estudos são essenciaes para determinar a orientação dos actos que constituem a continuidade da historia³. Sem fronteiras que nos separem da Hespanha, e subsistindo como individualismo nacional através de todos os esforços da incorporação castelhana e dos desconcertos politicos dos chefes temporaes, onde ir procurar a força d'este individualismo senão na raça? Os ramos pyrennaicos explicam-nos a convergencia dos iberos, invadidos, para as bandas de léste; a costa maritima de oéste indica a preponderancia do Celta maritimo ou lygio n'esta região.

¹ Milne Edwards e Broca.

² Deixámo-lo estudado nas *Lendas christãs*.

³ Desenvolvido largamente no nosso livro *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, Coimbra, 1885. 2 vol.



A raça celtica na península chegou a um certo gráo de organização social, cuja tradição ainda persiste no espirito de independéncia local do cantonalismo hespanhol, e da autonomia do pequeno estado de Portugal. Entre o Tejo e os Artabros, segundo Strabão, existiam trinta *Gentes*; o *Conventum Cluniensis* era composto, segundo Plínio, de sessenta e oito povos ou Cidades; á *Jurisdicção de Saragoça* pertenciam cento e cincoenta e dois povos; ao *Conventum de Lugo*, dezeses povos; os Asturos formavam uma agglomeração voluntaria de vinte e duas cidades, no seculo 1 da nossa éra; os Ausetani e Ilugotes formavam uma confederação com mais de trinta povos; os Vaceos, os Vettones e Celtiberos, estavam subordinados mutuamente a uma liga militar, bem como os Lusitanos ligados pelo accordo dos seus tres chefes militares. Emfim, existiam assembléas federaes com poder sobre politica externa, sobre alianças com outros povos, declarações de guerra e tratados de paz ¹, e essas reuniões eram a Vellica ou dos Cantabros e a Asturica. D'estes factos se tiram as seguintes conclusões: primeira, existencia de uma compacta população ibero-celtica fortalecida pela sua organização social, e não podendo desaparecer completamente diante das invasões romanas e germanicas, como parece suppôr Herculano abandonando a investigação da época celtica; segunda, motivo por que as explorações dos Phenicios foram especialmente pacificas e mercantis, bem como a

¹ Joaquin Costa, *Poesia popular española*, p. 252 e 254.



dos colonos gregos que lhes seguiram o esteiro; terceira, as resistencias habilmente exploradas pelos Carthaginezes contra os Romanos, e a longa demora das guerras pelas quaes a conquista da peninsula levou dois seculos a effectuar; quarta, os elementos de resistencia nacional, na Lusitania, Betica e Celtiberia, aproveitados por Sertorio, e que o tornariam invencivel, se não fosse a traição de Perpenna; esse mesmo espirito de independencia local é que fez com que a peninsula não resistisse á unidade romana, mas suscitou a ruina da sua conquista diante da invasão gothica, e resistiu nas Asturias contra a invasão dos Arabes.

É emfim este individualismo que prepondera na Hespanha feudal, nas *algaradas* contra os mouros, e nas *Irmandades* com que as populações pacificas dos burgos garantiam os seus direitos e propriedades. Sem este conhecimento prévio é incomprehensivel a historia das nacionalidades peninsulares e muito menos a de Portugal; o que Agostinho Thierry diz dos historiadores francezes, pôde bem applicar-se á critica dos nossos ¹. Na unidade ethnico-occidental, apparece a razão das fórmas politicas do Federalismo, na Grecia, na Italia, na Gallia, e na Hispania; na Grecia, era a *amphyetionia*, associação vo-

¹ « Pelo que diz respeito á Historia de França, as diversas invasões das Gallias, as numerosas populações diferentes de origem e de costumes collocadas sobre o mesmo territorio, a divisão do solo em muitos paizes, emfim a reunião lenta, operada durante seiscentos annos, de todos estes paizes sob um mesmo sceptro, são factos inteiramente desprezados por elles ». *Conquête des Normands*, 1, intr.



luntaria dos povos em volta de um mesmo templo, tendo ali o seu congresso ou synedrio; fôra formada pela necessidade da defeza contra as invasões asiaticas, como a *Liga* acheana fôra formada contra a invasão romana. Os povos italicos resistiram contra a unificação romana, formando confederações, como a dos Sabinos, Latinos, Samnitas e Brutianos; na decadencia do Imperio tornou a apparecer este individualismo politico local na formação das Republicas italianas da Edade-média, sendo os elementos da confederação italica o Piemonte, a Lombardia, a Venetia, a Romagna e Toscana. O excesso de espirito cantonal embarça o desenvolvimento das federações italianas de chegarem á expressão da unidade moral de nação, e por isso a Italia ficou escrava sob a unificação politica de Carlos v; este mesmo facto se dá na Hespanha, não só na sua resistencia contra Roma, mas na sua unidade monarchica. Thierry falla da civilização da França meridional como consequencia da sua autonomia politica, e considera que a unificação da França teve como acção immediata uma decadencia e retrocesso n'essa cultura ¹. Esta lucta entre a fôrma politica do *Federalismo*, do genio nacional, e a *unificação* em um grande estado, que dirige toda a historia moderna, explicla-a-hemos pela incorporação na unidade imperial romana, cuja tradição reappareceu nas dynastias germanicas e neo-gothicas. Mas sem esses evidentes elementos da unidade ethnica occidental, os Romanos não podiam

¹ *Conquêté des Normands*, t. II, p. 328.



implantar o uso da lingua latina, creando-se essa familia dialectal dos idiomas novo-latinos, se não existisse um fundo commum, em que preponderava um mesmo typo syntactico a que os Romanos deram um desenvolvimento litterario. Sem o estudo da occupação celtica não se comprehende este facto, da incorporação e civilização romana, sobre que se fundaram as nacionalidades modernas.

Os povos antigos reaparecem nos typos e costumes dos povos modernos, como diz Edwards; a preponderancia do elemento celto-ligurico no territorio de Portugal, e uma maior quantidade de sangue semita no hespanhol, é d'onde começam a differenciação e antinomias entre estas duas nações, que não foram creadas sómente por conflictos historicos; actuou tambem poderosamente a situação geographica. O ligurio era o Celta maritimo; o povo portuguez apresenta esses dois caracteres fundamentaes: o *genio amoroso* e o *gosto das aventuras* em expedições maritimas. O sonho das *Ilhas encantadas* lançou-o na exploração do Mar Tenebroso, (Atlantico) e o ideal de um triumphador vindouro, personificado mais tarde em D. Sebastião, levou os seus poetas a cantarem o destino de Portugal como o *Quinto Imperio do mundo*. Estas tradições têm raizes ethnicas profundas; Suetonio, fallando da elevação de Galba ao imperio, allude ao facto de se dizer que uma virgem cantabrica prophetisára que da Hespanha havia de sahir o dominador de todo o mundo, e que esta prophecia fôra feita duzentos annos antes e se realisava em Galba. Elle nem era hespanhol; mas o facto tem o grande valor de nos mos-



trar a proveniencia de uma tradição de salvadores, que ainda persiste entre o povo, na fórma de S. Thiago ou S. Jorge, do Cid e de D. Sebastião. De todas as tradições medievas, as que prevaleceram em Portugal, quer entre o povo ou na litteratura, foram especialmente as lendas bretãs, porque estavam em o nosso character.

No povo e na litteratura portugueza abundam as tradições celticas recebidas ás vezes tardiamente, mas com uma predilecção exclusiva. Algumas d'essas tradições chegaram a influir nos destinos nacionaes, como a das *Ilhas encantadas*, que foi o primeiro estimulo do nosso instincto das aventuras maritimas. Da ilha de Avalon (*Islavalon*) falla o Conde D. Pedro, quando introduziu no seu Nobiliario com character historico as tradições do rei Arthur. Das viagens maravilhosas de S. Brendan escreve Azurara, na *Chronica da conquista de Guiné*: «Bem he que alguns diziam que passara por ali S. Brandam...» (p. 45). Nas notas á edição de Paris, acrescenta o visconde de Santarem: «Segundo esta tradição, dizia-se que S. Brendan tinha aportado em um navio no anno de 565 a uma parte da equinocial. Conservou-se esta entre *os habitantes da Madeira e da Gomeira, os quaes julgavam vêr a dita ilha ao oeste em certo tempo do anno*».

Na celebre viagem de Rozmithal, do principio do seculo xv, acha-se tambem a lenda das viagens maravilhosas em busca de uma ilha encantada; essa ilha veiu mais tarde a ser doada pelòs reis portuguezes com o titulo de *ilha que apparecia por vezes*, e de *Sete Cidades e Antilia*. Acha-se tambem descripta no celebre Gló-



bo de Nuremberg, feito sob as indicações de Martin de Behaim. Estas tradições não deixaram de influir na concepção do magnifico episodio da *Ilha dos Amores*, dos *Lusiadas*, e amalgamaram-se em um syncretismo popular na lenda de D. Sebastião, o *Encoberto*, que hade vir fundar a grandeza de Portugal como *Quinto Imperio do mundo*.

Duas correntes tradicionaes se encontram ácerca das *Ilhas encobertas*: uma popular colhida por Leão de Rozmithal e que ainda se conserva nas ilhas dos Açores, e outra erudita, derivada do Ms. do seculo XIII, a *Imago Mundi dispositione Orbis*, de Honorio d'Autun, que Azurara conheceu, e dos escriptores classicos, como Plató e Strabão, e principalmente pelo fragmento de Cice-ro intitulado o *Sonho de Scipião*. Os nossos navegadores foram incitados pelas tradições populares das *Ilhas encobertas*, e os geographos e eruditos fortaleceram este impulso espontaneo com a auctoridade dos escriptores classicos ¹.

Como as legendas maravilhosas das ilhas encantadas, são egualmente importantes as que narram a descida aos infernos, vulgarizadas sob o titulo de *Purgatorio de S. Patricio*. O barão de Rozmithal cita na sua viagem

¹ Hesiodo falla nas *Ilhas dos Heroes*; a mesma tradição encontra-se nos Highlanders da Escossia, a *Ilha da Felicidade*, onde as mulheres se tornam mais bellas. (Legán, *The scothish Gaels*, II, p. 341). Muitas das Ilhas Britanicas eram segundo a crença habitadas por Genios e Heroes. (Belloguet, *Ethn.*, III, p. 175). É a Fláith innis. Idéa phenicia das ilhas encantadas. (Ib., p. 183).



um logar analogo na Galliza conhecido pelo nome de Rochedo de S. Thiago: «No alto da povoação está situado um templo n'um monte em que prégava S. Thiago, e um grande rochedo está junto d'elle, que tem *uma gruta, de entrada difficil*. Chama-se este rochedo de S. Thiago, porque o santo costumava prégar n'elle e no templo. Quem entrar n'esta gruta com espirito religioso alcança o perdão de muitos peccados. N'esta tambem eu estive... João Zehroviense ao entrar n'ella ensanguentou-se e ennegreceu-se a ponto de o tirarmos com difficuldade, pois a entrada era muito apertada. O que vendo o senhor, que tambem n'ella queria entrar, cedeu do seu proposito. Aos que entram n'esta caverna concede o summo pontifice a remissão de muitos peccados. Pois S. Thiago quando prégava, ao atirarem-lhe os gentios com pedras, costumava refugiar-se dentro d'ella». Na litteratura portugueza existem duas versões da *Visão de Tundal*¹, e da *Viagem de Amaro ao Paraiso*, que satisfazem ainda hoje o gosto popular das aventuras. As lendas bretãs de *Merlín* e da fada *Viviana* são citadas no grande *Cancioneiro da Vaticana*, bem como a *Melusina*, e a *besta ladrador* da Bretanha; entre o povo conservou-se o gosto das propheciãs nacionaes, desenvolvido, desde a perda da nacionalidade portugueza no fim do seculo xvi, pela collaboração dos eruditos que puze-

¹ O nome de *Tundal* é tomado de uma palavra irlandeza *Tudlad*, a obscuridade; apresenta em outras versões as fórmãs *Tuglat* e *Tungulo*.



ram em voga as theorias politicas da *Monarchia universal*.

Se procurarmos o veio celtico na litteratura portugueza facilmente poderemos enumerar muitos factos, que denotam uma predilecção por assim dizer organica para preferir essas legendas a todas as outras influencias poeticas. No Cancioneiro de Angelo Colloci, existem differentes *lais bretãos* adaptados á poesia portugueza; o Conde D. Pedro colligiu no seu Nobiliario a tradição do *Rei Lear*; D. João I reproduz na hierarchia cavalleiresca da sua côrte o séquito dos companheiros do rei Arthur, e manda traduzir para a lingua portugueza a *Demanda do Santo Graal*, que se conserva em parte inedita na Bibliotheca de Vienna; o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira imita na sua mocidade a virgindade heroica de *Galaax*; D. João II, nas festas do paço veste-se á maneira de *Cavalleiro do Cysne*, e na Bibliotheca de seu avô el-rei D. Duarte, guardavam-se as principaes novelas do Cyclo da Tavola Redonda, como o *Baladro de Merlin*, *Tristão* e *Galaax*, ao passo que se não encontra nenhuma das grandes Gestas gallo-frankas. Nô onomastico da sociedade civil do principio do seculo xv, as damas tomam o nome de *Isca*, (Yseult) de *Genebra*, (Geniwer) de *Briolanja*, (Brenghienne) de *Viviana*, e os homens chamam-se em geral *Tristão*, *Arthur*, *Lisuar-te*. Na constituição da nacionalidade portugueza tivemos relações intimas com a França, mas nem por isso as Gestas penetraram tão profundamente entre o povo como as tradições bretãs no curto intervallo das relações da côrte portugueza de D. João I com a Inglaterra. Esta



circunstancia aparentemente maravilhosa só póde explicar-se pela persistencia de um grande elemento celtico no povo portuguez.

Tanto os escriptores estrangeiros como os nacionaes distinguem os portuguezes pelo seu character amoroso, e a obra mais afamada das litteraturas medievaes, o *Amadis de Gaula*, funda-se sobre esse sentimento levado até ao heroismo da fidelidade. As tradições de João Soares de Paiva, trovador que morre por uma princeza; de D. Pedro I, que corôa Ignez de Castro depois de morta; do Beato Amadeu, pela imperatriz D. Leonor; de Bernardim Ribeiro, por D. Joanna de Vilhena; de Christovam Falcão, o cantor do *Crisfal*, por D. Maria Brandão; dos *Doze de Inglaterra*; de Manoel de Sepulveda, por D. Leonor de Sá; de Marianna Alcoforado, a apaixonada auctora das *Cartas da Religiosa portugueza*; da fidelidade de Paulina, que assombrou pela verdade do seu amor o proprio Casa-Nova, que a exalta nas suas *Memorias*, todas estas tradições excedem o que ha de mais extraordinario entre os outros povos. Diante d'este conhecimento não admira que os escriptores nacionaes formulassem com tanto acerto esta caracteristica. El-rei D. Duarte, no *Leal Conselheiro*, diz: «em geral os mais de todos os *portuguezes som leaes* e de boões corações»¹; e Gil Vicente, fallando dos portuguezes na tragicomedia das *Côrtes de Jupiter*, accentúa: «São extre-

¹ *Leal Cons.*, p. 218.



mos nos amores » ¹. Na *Comedia Eufrosina*, Jorge Ferreira de Vasconcellos define admiravelmente este genio amoroso: «E não me, negueis ser esta a principal inclinação portugueza e d'esta lhe veiu a cavalheirosa opinião de primor que tem sobre todos ess'outros, e estimarem as mulheres sobre todos... como atilado, gentil, galante e nobre esposo, compadece todos os effeitos do amor puro, não consinte mal em sua dama, não soffre vêr-se ausente d'ella, busca de noite e de dia onde e como a veja, queria sempre estar com ella, emmagrece com cuidados e má vida, muda toda a má condição em boa, queima-se por dentro em pensamentos, que humilde representa em lagrimas e suspiros, signaes de verdadeira dôr. Em todo o seu querer unido e conforme com o d'ella, constante em sua fé e chama sempre em suas affrontas, como a alcança nunca a deixa até á morte e assi a faz senhora de si mesmo; não pretende proveito, salvo o d'ella pelo qual commette fouto todos os perigos; nem dormindo perde d'ella lembrança, antes n'isso se deleita, determinando viver e morrer com ella, *se desespera mata-se* ou faz extremos mortaes, tudo isto e muito mais se acha no bom portuguez, de sua natural constellação apurado no amor...» ² Aproximando d'esta ultima phrase de Jorge Ferreira o que Cervantes diz dos portuguezes, que era «*quasi costume morrerem de amor*» ³,

¹ Obras, t. II, p. 415.

² *Eufrosina*, act. v, sc. 5.

³ *Historia de Persilles y Sigismunda*.



vêmos que esta característica fundamental ainda subsiste, como nos séculos XVI e XVII.

O suicídio é uma doença contagiosa em Portugal, e nas camadas populares e na mocidade dá-se exclusivamente por amor. A nostalgia é também uma doença privativa do gallego e do portuguez insular. Nas *Epanaphoras da Historia portugueza*, escreve D. Francisco Manoel de Mello: «o nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso...»¹ Os hespanhoes o confessaram pela bocca dos seus maiores genios; Lope de Vega, na sublime comedia de *Dorothea*, diz com uma ingenuidade encantadora: «Eu, senhora, tenho olhos de criança, e alma de portuguez». E Vicente Espinel, no *Escudero Mareos de Obregon* deixa este traço: «namorava a todas como um portuguez». Madame de Sévigné, respondendo a uma carta sentimental, receia tornar-se uma portugueza: «il me parle de son cœur à toutes lignes; si je lui faisais reponse sur le même ton, ce serait une Portugaise»². Balzac personificava a paixão desvairada no typo ideal do portuguez Ajuda-Pinto³. Edgar Quinet, nas *Vacances en Espagne*, descreve as portuguezas como ir-

¹ *Ob. cit.*, p. 286.

² Lettre 162, de 19 de julho de 1671.

³ Victor Le Clerc, fallando da imitação das aventuras das epopéas cavalleirescas em Portugal, contrapõe-lhe a nossa originalidade característica: «Mas o mesmo seculo o o mesmo paiz legaram á posteridade outras aventuras mais patheticas e menos fabulosas, como a de Ignez de Castro». *Etat des Lettres au XIV^e siècle*, 3^{me} part., p. 15, t. II.



mãs da *Sacuntala*, assim apaixonadas e tristes; e Camões explicava a metaphysica do lyrismo portuguez pelo gosto que as mulheres sentiam com um conceito de Petrarcha ou de Garcilasso. De facto, o lyrismo portuguez distingue-se por este exaltado subjectivismo, sem analogia entre nenhuma das litteraturas modernas; as *Folhas caídas* de Garrett, o *Campo de Flôres* de João de Deus, algumas das elegias de Soares de Passos, e como phenomenos de recorrencia ethnica no lyrismo brasileiro, os versos de Alvares de Azevedo, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella, exprimem o mais que a alma humana pôde sentir na linguagem a mais communicativa ¹. As canções populares, a quadra improvisada, os despiques de conversados, os fados plangentes, a cantiga solta, são cheios de expressões profundissimas de verdade, relampagos para dentro do mundo moral, revelações subjectivas que não derivam de uma especulação mental mas de uma passividade inconsciente; são como vozes da natureza, desde o cicío até á tempestade. E n'esta poesia do amor os poetas e o povo entendem-se instinctivamente, porque os fidalgos dos seculos XIII e XIV introduziram nos seus Cancioneiros a corrente tradicional das *serranilhas*, e esta seiva organica da inspiração não foi desconhecida dos grandes lyricos portuguezes, como Christovam Falcão e Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Camões, Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manoel de Mello, Thomaz Antonio Gonzaga,

¹ Vid. o *Parnaso portuguez moderno*, passim.



João de Deus, e especialmente os brasileiros. O amor é o grande thema da litteratura portugueza, e a propria epopêa nacional dos *Lusiadas* foi creada pelo « amor do ninho seu paterno », como Camões o confessa com simplicidade. É por isso que todos somos poetas n'uma certa idade; poetas e soldados como Camões, Diogo do Couto, Heitor da Silveira; um grande numero conserva a paixão da poesia nas luctas parlamentares, como Garrett, nas especulações mathematicas, como José Anastacio da Cunha, no meio dos trabalhos anatomicos, como Soares Franco, e até na cadeira de ministro. A Inglaterra sob o seu utilitarismo selvagem não comprehendendo a existencia de uma nação de poetas, chamou-nos por isso uma *nação desprezivel*.

5. — A Civilização celtiberica

O nome de *Celtibero* como designando uma mestiçagem de Celta e Ibero é pela primeira vez empregado por Diodoro Siculo: « Conta-se que os Celtas e os Iberos se guerrearam longo tempo por causa do seu territorio; mas que estes povos, reconciliados por fim, habitaram em commum o mesmo paiz, e que alliando-se uns com os outros por casamentos, tomaram o nome de *Celtiberos*, composto dos dois outros » ¹. A fórma de expressão de Diodoro é muito vaga, e tem-se prestado a interpretações subteis, tal como a de Graslin, que considera este

¹ Diodoro, liv. v.



nome compreendendo exclusivamente a raça celtica, que se ampliou da sua séde junto do rio Iberus, estendendo o nome de *Celtas* do *Ibero* a uma região que tocava nos Pyreneos (Diod.) ou nos montes da Idubeda (Strab.) ou em pontos menos extremos (Plin. e Ptol.); e affirma: «Se nós procuramos a causa d'esta variação de limites da Celtiberia, nós n'isso teremos já algumas luzes sobre a origem do nome dos *Celtiberos*. Nenhuma tradição nos auctorisa a suppôr que estes povos tivessem estendido o seu nome e o do seu paiz por meio de conquistas, e por isso devemos crêr que esta extensão provinha das adhesões successivas de algumas novas populações celticas ás primeiras coalisões dos *Celtas* cuja situação sobre as margens do rio Iberus os fez designar collectivamente *Celt-Iberi*, ou os *Celtas do Iberus*»¹. E confirma esta interpretação com as asserções de Strabão, que diz no liv. III: «que o poder dos *Celtiberos* tendose augmentado, estenderam o seu nome ás regiões circumvisinhas». A asserção de Diodoro Siculo allude á incorporação de dois povos de uma maneira rapida e incomprehensivel, quasi romanesca, e provoca um reparo de critica negativa exagerado. Porém, o que é admissivel é o que se acha no Periplo de Scylax, dando já na Hespanha dois povos em contacto: «*Após os Iberos ha os Ligurios, cuja povoação é mestiçada com os primeiros*». Foi da preponderancia d'este elemento ligurico, que a Peninsula se denominou *Ligustica* (Erasthotenes). A

¹ *Ob. cit.*, p. 125.



toponymia accusa esta primeira invasão celtica pela extensão do nome de *Lug* ou *Lig* em Lucense (Galliza) pertencente á Lucitania. A este ramo ligurico pertenciam os Celtiberos da Lusitania chamados *Berones*. Assim Strabão, alludindo ás occupações da Península, diz : « Se os Iberos, que se achavam divididos em uma multidão de povoações, tivessem reunido as suas forças, a maior parte da Iberia não teria sido facilmente subjugada pelos Carthaginezes, como anteriormente pelos Phenicios, como pelos Celtas, que hoje se chamam *Celtiberos* e *Berones* ». (Liv. v). Se Strabão dá os Celtas como os mais antigos conquistadores da península, foram os Iberos os conquistados por não terem sahido do regimen social da tribu ; embora o nome de *Celtiberos* fosse no tempo de Strabão dado a esses Celtas que antecederam os Phenicios, receberam-no em consequencia da assimilação com o velho elemento iberico. Strabão falla na differença das duas raças já notada pelos gregos : « segundo a opinião dos mais antigos escriptores gregos, quando as regiões occidentaes começaram a ser conhecidas, os primeiros nomes dados aos seus povoadores foram o de *Celtas* e de *Iberos*, ou de *Celtiberos*, da reunião d'estes dois nomes ; e o de *Celto-Scythas*, pois que cada nação não sendo ainda conhecida, designavam todas por um só nome ». (Liv. i). Por isto se vê que o nome de Celtibero é uma expressão syncretica, que antecedeu no seu emprego a fusão das raças na Península. O primeiro elemento celtico que lucha com os iberos é o Ligurio ou o celta maritimo ; depois de uma nova migração de gaulezes, a que os escriptores romanos deram erradamente o



nome de Celtas, é que se torna comprehensível o nome também apontado por Strabão de *Celtas-Scythicos*, com quem condiz o caracter de ferocidade e estado de barbarie que o geographo accentua, confessando a perfeita similhaça dos Cantabros com os Thracios e os Scythas. (Liv. v). Nos nomes geographicos conservou-se também o vestigio da população scythica; Pomponio Méla, referindo-se ao Cabo Ortegal, diz: « Ali se terminam as costas voltadas para o occidente; ellas viram depois para o norte desde o cabo celtico, até ao *cabo scythico* ». (Liv. III, c. 1). Referia-se o geographo ao cabo Trilencum e ao cabo de Peñas, cujas povoações tem porventura a origem scythica, como a tribu dos *Poesici* dos Asturos, cujo nome é identico ao dos *Poesici* que Plinio e Ptolomeu collocam entre as nações scythicas ¹. O nome de *Asturos* encontra-se também na Sarmatia asiatica e na Italia; os *Asturicani*, segundo Ptolomeu, viviam ao oriente do Palus-Meotis. O costume da *Couvade*, que Strabão descreveu como caracteristico dos Cantabros, existia entre os Tabari, segundo o scholiaste de Apollonio Rhodio considerados como povos scythicos ²; e Horacio e Silio Italico contam que os habitantes de Concana, povoação dos Cantabros bebiam o sangue dos seus cavallos, da mesma fórma que os Messagetes, povo sarmata. Todos estes factos se esclarecem tendo em attenção que os romanos deram erradamente o nome de Celtas aos Gaulezes, e

¹ Graslin, *ob. cit.*, p. 350.

² *Ibid.*, p. 359.



que esta raça é que descendo do norte da Europa, occupa tambem o norte da Hespanha. São estes os Celto-Scythas de Strabão, e por este typo anthropologico é que se comprehende o testemunho de Varrão «que toda a Hespanha fôra occupada por *Iberos, Persas, Phenicios, Celtas e Carthaginezes*». Aqui os Persas após os Iberos só se explica pelo nome primitivo dos *Gu-Ebros*, que, segundo Graslin: «não foi senão a antiga denominação *iberica*, applicada á reunião de algumas populações scythicas, por estarem situadas nas margens e além do Araxe, ou porque tocavam no golfo Persico»¹. Aqui os dados ethnologicos coadjuvam bastante para caracterisar este elemento scythico, que nas suas relações com a Persia ou o antigo Iran, foi conhecido pelo nome de *Turan*. Escreve Graslin, embora servindo uma theoria do mais absoluto celticismo: «Depois de se ter apoiado sobre autoridades imponentes para collocar na Pérsida o berço dos Scythas, opinião que acaba de ser reproduzida na sapiente obra de M. de Brotonne, se Pinkerton seguisse as migrações d'estes povos até ás extremidades da Europa é mais que provavel que elle os teria achado primeiramente na Italia no cimo do monte Tay-Gete, cujos habitantes, segundo Pausanias na passagem de que dei conhecimento, *sacrificavam cavallos, á maneira dos Persas, sobre um edificio consagrado ao sol*; egualmente os teria encontrado na Hispania, sob as denominações

¹ Graslin, *op. cit.*, p. 312.



de *Indi-Getes*, de *Iler-Getes* e de *Mis-Getes...*»¹ Michelet e de Brotonne também consideravam os Iberos aparentados com os Celtas, como ramos de um mesmo tronco oriental, e como impellidos para a Europa adiante da migração celtica. Todos estes equívocos se tornam explicaveis diante do facto da mesma raça que entra no sul da Europa tendo atravessado a Africa, e que desce do norte da Europa até á Aquitania com o nome de Gaulleza, e a que Fréret observando a sua extensão no Occidente deu o nome generico de *Iberos*. A falta d'esta distincção fez que a erudição se tornasse exclusiva; assim, Bory de Saint-Vincent considerava que os Iberos «são originarios da Africa», sendo apenas modificados pela sua passagem através d'esse continente; também os geographos antigos fallam no barbarismo das tribus peninsulares e ao mesmo tempo notam os progressos e doçura de costumes de outros povos, como os Turdetaños, que imitavam os habitos da civilisação romana, o que prova como os dois elementos eram inconciliavcis.

D'Arbois de Jubainville para combater a hypothese de Maspero, que identificava os Iberos com os Turanianos, e consequentemente com o ramo finnico, diz que este no tempo de Tacito ainda permanecia no estado selvagem sem conhecimento dos metaes, ao passo que os Iberos combatiam no mar com os Phenicios; que uma

¹ *Op. cit.*, p. 348. Os nomes *Mesa-getas* (do rio Mesa), *Tyra-getas* (do rio Tyras), *Thyssa-getes* (do rio Theiss), *Misc-getas* (do rio Meuso) explicam esta extensão toponymica.



tribu iberica, mais de 500 annos antes da nossa éra, levava o seu commercio ás ilhas Britanicas e colonisára a Sardenha, e que os Turdetanos se serviam de toneis de prata ¹. Isto não basta para refutar a hypothese turaniana, porque ha uma differença profunda entre o elemento *euske* e o elemento *iberico*, como notou Broca na *dolichocephalia* do basco hespanhol e na *brachycephalia* do basco francez. D'onde se vê que são dois ramos differentes de uma mesma raça, entrando cada um na Europa por diversos caminhos. O *Ibero* da Europa occidental, pelas descripções dos geographos antigos, representa um elevado gráo de civilisação, e esta característica ajudar-nos-ha a definil-o. Uma civilisação não se fórma espontaneamente; é um resultado da evolução lenta, que só se póde iniciar ou activar pelo contacto com outros povos civilizados. Identificados os *Libyos* com os Berberes e com os *Iberos*, vemos como os *Libyos* estiveram em contacto com o *Egypto*, e como os Berberes vindo da Asia meridional para a Africa do norte e Europa occidental, trouxeram consigo os elementos da civilisação accádica que precedera na Asia o desenvolvimento dos *Arias*. Tal é o problema apresentado em toda a sua simplicidade, com elementos agglomerados pelos geographos antigos mas não aproveitados por falta de coordenação. *Libyo*, *Berber* e *Ibero* representam a mesma raça asiatica que se fixou no norte da Africa na sua migração, que occupou as ilhas do Mediterraneo e Europa occiden-

¹ *Les premiers Habitants de l'Europe*, p. 18; nota.



tal, que explorou as ilhas do Atlantico, como as Canariás, e que porventura chegou á America levada pela corrente do Gulf-Stream. Por este modo de vêr se conciliam todas as theorias hypotheticas ácerca da origem dos Iberos. Jubainville, accitando o sonho de Platão e Theopompo sobre a Atlantida occupada pelos Iberos, teria mais facilmente reconhecido a realidade das explorações da raça libyca no Atlantico; George Philipps, aventando a questão de — *se os Iberos teriam vindo da America?* responderia a si mesmo, pelas analogias entre os nomes dos deuses ibericos e americanos, que alguns exploradores libyos teriam levado áquelle continente um impulso iniciador da sua civilisação primitiva; Strabão suppunha que os Iberos da Asia eram uma colonia dos Iberos da Hespanha, mas não ha impossibilidade de uma regressão para o Oriente, como se tem dado com outras raças, e o facto de fallar-se n'essa colonia uma linguagem irânica não deroga o modo de vêr de Strabão, porque os Iberos da Hespanha vieram a adoptar um dialecto romanico ou o latim. O Ibero trouxe para o Occidente da Europa uma importante civilisação metallurgica, agricola e mercantil, com um sýstema social e religioso, e com costumes e tradições poeticas. Na passagem da Asia para a Africa, e d'este continente para a Europa, andou sempre em uma deslocação violenta e em lucta, a ponto de se perder entre os geographos antigos a noção da unidade da raça dos Libyos; desmembrada em pequenos povos, os Iberos não tinham condições para crearem uma tão importante civilisação com os mesmos caracterès na Italia, nas Gallias, na Hispania e nas ilhas



Britanicas; receberam essa civilisação da unica raça que então a possuia, os turanianos da Mesopotamia. Este caminho da civilisação acha-se por assim dizer notado nos vestigios das construcções lacustres, que da Chaldêa vêm através da Africa indicando o itinerario de uma raça que na peninsula hispanica usou esse mesmo systema de construcção e a mesma liga de bronze ¹. A cohesão de *Cidade*, a que muito cedo chegou o Ibero, na Italia e na Hespanha, fundando o direito local em vez do agrupamento de *tribu* com o direito pessoal, proveu-lhe d'esta primeira fórma das estações lacustres. O agrupamento de *cidade* foi o modo de resistencia das populações ibericas contra todas as outras raças invasoras, e por causa das innumeradas cidades que cobriam a Hespanha é que esta peninsula absorveu e assimilou sempre a si todos os seus invasores. Apoiado na auctoridade de George Philipps, Jubainville apresenta o facto importante: «Um dos elementos mais caracteristicos do onomastico geographico na Iberia da Hespanha é o termo *iri*, *ili* ou *eli*, que parece significar Cidade, que fornece a primeira syllaba ou as duas primeiras syllabas de quarenta e seis nomes de logares, quer na Hespanha, quer na Gallia meridional» ². A linguagem exprime aqui um caracter ethnico, como uma verdadeira paleontologia; assim se explica como a mesma raça com o habito sedentario, que a levou á agricultura e á liberdade municipal,

¹ Anselmo de Andrade, *As povoações lacustres*.

² *Les premiers Habitants de l'Europe*, p. 305.



achou os estímulos para a navegação fluvial, e para as largas expedições marítimas, que a fazem ocupar as ilhas do Mediterraneo, do Atlantico e as costas da America: «Um outro elemento frequentissimo no toponomástico da Iberia da Europa é *ur* ou *uria*. Este termo parece significar «agua» e achou-se trinta e dois exemplos d'isso, sete vezes no começo das palavras, vinte e cinco quer no fim, quer no meio»¹. O nome d'esta grande raça a que pertencem os Iberos variou segundo era tomado da situação geographica, ou dado pelos estrangeiros a ella, ou derivado da expressão de qualidades preponderantés; porém o nome de *Libyo* é o que melhor exprime a sua unidade ethnica, postoque o de *Berber* era o que mais se conservou entre a propria raça e nos conduz á sua proveniencia asiatica. O nome de *Berber*, não se interpreta pela traducção dos gregos, dos romanos ou dos arabes; diz Duprat: «Sob o nome de *Berber* ou *Barbare* é que esta velha raça deixou por toda a parte os vestigios da sua permanencia na Asia meridional assim como no sul do Egypto, em uma época remotissima. O seu nome acha-se reproduzido em parte, ou melhor completamente, na geographia primitiva d'estas duas regiões»². O mesmo auctor comprova-o em uma nota: «Não é difficil provar que os nomes

¹ Jubainville, *op. cit.*, p. 305, tirado de Philipps, das *Memo-rias da Academia de Vienna*, t. LXVII, p. 377-378.

² *Essai historique sur les Races anciennes et modernes de l'Afrique septentrionale*, p. 65.



Barbaria, *Barbarike* serviam para designar antigamente certas partes da Asia meridional e da Africa oriental simultaneamente. Arriano e Ptolomeu, sem falarmos de outros escriptores, bastam para o demonstrar. O golfo Arabico, que era um centro de um grande commercio entre o Oriente e o Occidente, tinha o nome de *Sinus Barbaricus*. O rhuibarbo, que se colhia nas suas margens, chamava-se *rha barbaricum* ou *rha Barbarica*; distinguia-se assim o que fornecia o Pont, e que se chamava *rha ponticum*. Galeno, fallando de alguns remedios tirados da Ethiopia, diz: *Apotes Barbarias*; e tambem se acha no Periplo do Mar Vermelho estas palavras *imatia Barbarica* para designar certas fazendas vindas do sul do Egypto. Ainda o mais notavel é que o proprio nome de *Berber* ou *Barbar* se reproduzem no extremo Oriente. Os antigos geographos indicam-nos na peninsula da India um mercado de Berberes: *Barbaricum Indica emporium celeberrimum*; e alli, menos do que em outra qualquer parte, este nome era, não tomado da lingua grega ou latina, mas da lingua do paiz. Não é, pois, o nome de *Barbar* applicado como epitheto pela civilização á barbarie, mas sim uma expressão ethnographica»¹. Pascal Duprat apoia-se n'este modo de vêr na grande auctoridade de Karl Ritter. Restabelecendo ao Berber o seu nome nacional, fixa-se o ponto da sua proveniencia e a área da sua expansão. Strabão conheceu a sua proveniencia asiatica, e por isso chamava aos

¹ *Op. cit.*, p. 66, nota.



Mouros, que são um dos povos berbericos, *indianos* ¹. Continúa Duprat: «Assim os *Libyos* são para nós *Berbers* e sob este nome é que deveriam ter sido designados. — *Laabim*, um dos eponymos da Libya, segundo uma tradição judaica, pertence ao Oriente. O que dissemos da palavra *Berber* e da sua historia leva-nos egualmente para a Asia. Moysés acha-se de accordo sobre este ponto com Ibn Khaldun e os outros historiadores orientaes. Os *Libyos* ou *Berbers* tiveram pois uma séde antes de se estenderem ao longo da cadêa atlantica. Sahidos do centro da Asia, como todos os povos do Genesis, desceram para o sul e dividiram-se entre a Africa oriental e as regiões meridionaes do continente asiatico. Elles levaram tambem comsigo o seu proprio nome para estes paizes, o qual ficou impresso ahi, apesar das transformações dos povos e das linguas. Vagas tradições, referencias poeticas indicam-nos remotamente que elles tiveram que sustentar a léste e ao oéste luctas violentas. Eis aqui como tocaram ao mesmo tempo no Egypto e na India. Pois o seu nome não se repete só nas memorias do Egypto, eccôa tambem nos poemas da India, onde se confunde com a historia das margens do Ganges» ².

Em nota o mesmo ethnologo aponta os nomes de *Berber*, *Barbara* ou *Warwara* como fórmias usadas no sanscrito dos velhos poemas da India, e no *Ramayana*

¹ Lib. xvii, cap. iii.

² *Op. cit.*, p. 70.



allude-se á sua confusão no exterminio com outras raças amarellas, os tamobdschás e os Javanezes. Os povos dravidicos, do sul da Asia, assim chamados pelos brahmanes, conservaram o nome primitivo com que a si proprios se caracterisavam no Decan: «o nome proprio e especial d'esta raça era a palavra *paria*; esta palavra, cuja orthographia correcta é *par'eya*, deriva de *parci*, ruido, tambor, e tambem podia ter o sentido de fallador, dotado de falla»¹. Este nome é a base da formação dos nomes *Barbar* e *Warwara* com que mais tarde as raças do Decan foram conhecidas não só pelos hindus como pelos gregos, nome que trouxeram na sua migração através da Africa (*Berber*) para o occidente da Europa (*Iberos*). O caracter de fallador com que no Occidente nos apparecem os gregos sophistas, os hispanos e gaulezes concordam com a realidade da observação expressa no nome de *par'eya*. O nome de *Libu* ou *Rebu* com que este povo é conhecido pelos Egypcios parece-nos uma corrupção das fórmas acima citadas. Brugsch, na *Historia do Egypto*, e Maspero consideram os *Rebu* (RB nucleo consonantal de *Warwar*) das primeiras dynastias egypcias como Iberos, bem como os Sicanos, que eram Liburnios, ou iberos de toda a Gallia cisalpina. Comprehende-se diante d'esta identificação o interesse que nos deve merecer o estudo historico dos Berberes para recompôr a civilização dos Iberos. Pelas terriveis luctas que o Berber teve a affrontar

¹ Hovelacque e Vinson, *Études de Linguistique et d'Ethnographie*, p. 67.



resultou a sua desmembração n'esses varios povos da Africa septentrional, os *Abyrmachidas*, os *Giligammes* e *Asbytes*, ainda conhecidos pelo nome generico de *Marmarides* (*Barbarides*); depois nos outros povos *Auschytes*, *Psylyes*, *Nazamons*, *Byzacenos*, estes subdivididos nos *Maxes*, *Gindanes*, *Lotophagos* de *Herodoto*, e *Machlys*; por fim nos *Maurosianos*, (*Mouros*) nos *Getules*, (*Djedalah*) dos *Garamantes*, e dos *Amasig* ou *Aazig* e *Numidas*, ou *Massylianos*. *Duprat* é de opinião que os povos *Berberes* se deslocaram da Ásia meridional em épocas diferentes, segundo os accidentes das suas luctas: «Elles apparecem nas epopêas da India, já citados como uma raça odiosa, energeticamente perseguida por este povo, que dominava n'esta parte do Oriente. Estes abalos, que deveriam renovar-se mais de uma vez, os repelliram para os paizes occidentaes. Apoiavam-se já sobre a Africa, como vimos. Fluctuavam ao meio-dia do *Egypto*, que pertencia á mesma civilisação que a India, e que devia tratal-os tambem como inimigos. Exilados do Oriente e contidos do lado do *Nilo* pelos *Egypticos*, avançaram para o oeste, deixando na sua séde primitiva alguns restos da sua nação. Este mundo virgem do *Maghreb* era o unico caminho aberto diante d'elles, a não ser que se quizessem afundar no deserto. Caminharam ao longo do *Mediterraneo*, e socegados possuidores d'estas margens destacaram as suas numerosas tribus pelos lados do mar, nas planicies e sobre as vertentes do *Atlas*, a que chamaram *Daran*»¹. Os povos que estacionaram na

¹. *Op. cit.*, p. 71.



Africa septentrional conservaram os seus costumes primitivos, pelos quaes se recompõem os caracteres ethnicos dos Iberos da Hespanha, grande parte dos quaes ainda hoje persistem. Os Berberes do Mediterraneo foram conhecidos pelos geographos gregos, aos quaes deram o nome de Libyos; Prichard, na *Historia natural do Homem*, fortalecendo-se com a auctoridade de Thucydides, Platão e Plinio, diz que as ilhas e as duas costas da parte occidental do Mediterraneo, eram, na época mais antiga a que remonta a historia, occupadas por tribus de *duas raças* diferentes, a que davam o nome de *Libyos* e de *Iberos*, os quaes muitas vezes se fusionaram em uma mesma ilha ou compartilhavam o dominio d'ella ¹. Pausanias e Solino consideram os *Libyos* como anteriores aos *Iberos* ². Vê-se que o que parecia uma differença de raça se reduz apenas ás modificações de anterioridade; e esta identificação entre os Libyos e Iberos do Mediterraneo, confirma-se pela observação de Herodoto, que dividia os Libyos em duas classes, os de oéste ou *errantes*, e os de léste, ou *sedentarios* ³. Esta duplicidade explica-nos o valor que se deve ligar aos Iberos da Asiã, citados pela primeira vez por Apollodoro, dois seculos antes da nossa éra; são uma irradiação das migrações berberes da Asia meridional, conservando o character de Ibero das planicies e de Ibero das monta-

¹ *Op. cit.*, t. I, p. 346.

² Ap. Jubainville, *Les prem. Habitants*, p. 120.

³ Liv. iv; ap. Duprat, *op. cit.*, p. 86.



nhas, como notou Strabão, caracter que se acha também nos Iberos da Hespanha. Sabida a falta de relação que existe entre os caracteres anthropologicos e os dados linguisticos, como notou Broca, é absurdo insistir em que os Iberos da Asia são de raça iraniana, pelo que se deduz do seu onomastico. Quanto ao problema das relações entre os Iberos da Asia com os da Hespanha, Appiano reuniu as opiniões do seu tempo, dizendo: « Segundo uns, os Iberos da Asia colonisaram a Iberia da Europa; segundo outros, elles são originarios da Europa; em um terceiro systema, os Iberos da Asia e os da Europa não têm de commum senão o nome, porque nem nos costumes, nem na sua lingua têm nada de commum »¹. Jubainville apresenta esta citação de Appiano para abraçar a ultima hypothese; porém a falta de similhaças ethnicas entre o ibero da Asia e o da Hespanha, carece ser explicada. O Ibero da Asia na sua migração achou-se em contacto com a civilisação irânica, imitando o viver dos Armenios e dos Medas, como o Ibero da Hespanha adoptou a lingua dos romanos, e mais tarde os costumes dos Arabes (*mosarabes*). Esta facilidade de assimilação é um dos caracteres do Ibero, que se funde com os phenicios nos Libyo-Phenicios, Bastulo-Phenicios, e com os Celtas, formando os Celtiberos. Póde-se inferir que os Iberos da Asia tiveram relações com os Iberos da Hespanha, porque nas inscrições lapidares da península apparecem os nomes de deuses medas e persas, como *Manyos* e *Mithras*,

¹ Mithridates, 101; ap. Jubainville, *op. cit.*, p. 306.



componentes de *Aegia-Muni-Aegus*, de *Ael-Manius* e de *Bor-Manieus*; o nome de um dos principaes deuses dos Iberos da Hespanha, *ovel*, é um eponymo da tribu asiatica, *Tubal*, d'onde Flavio Josepho identificou os Iberos com os Tubalitas. Estas relações esclarecem-nos o problema da duplicidade das raças do Mediterraneo, dos *Libyos* e *Iberos*, como o apresentaram Thucydides, Strabão e Plinio; e comprehende-se com clareza a opinião de Pausanias e Solino, que consideravam os Iberos posteriores aos *Libyos*, na occupação do Mediterraneo. Assim os *Libyos* constituem a grande raça proto-árica que se espalha pelo Occidente, na Italia, nas Gallias, Hespanha e Bretanha, emquanto que os Iberos asiaticos representam expedições tardias de tribus metallurgicas no occidente da Europa, sem comtudo terem a importancia de uma colonisação, como primeiro refere Appiano. Fallando dos povos metallurgistas, que precederam as civilisações áricas e semitas na Europa, o barão d'Eckstein, considera esse povo como «*os descendentes de Mesech e de Tubal*». Lenormant, organisando o quadro da Asia turaniana com o auxilio dos seus estudos assyriologicos, pelas relações entre os nomes geographicos e os nomes de homens nas Inscriptões assyricas, diz: «D'ali (dos Kurdes) caminhando para o Occidente, tocamos os povos de Mesech e de *Tubal*, que o estudo dos seus nomes proprios liga definitivamente ao mesmo grupo ethnico, e que, enfraquecidos já e repellidos em parte por povos de outra origem no tempo de Sargon (fim do VIII seculo) apparecem com o esplendor de uma potencia preponderante sobre quasi toda a Asia Menor no seculo XII, no tempo

*



das grandes guerras de Teglath-phalasar I. Elles não estão ainda encerrados, como mais tarde, nos estreitos cantões da Paphlagonia e do Ponto; mas além das duas provincias occupam inteiramente a cadeia de *Taurus*, e a Capadocia, onde Strabão assignala tambem a sua antiga presença, attestada pelo nome da cidade de Mazaca, d'onde foram repellidos pelos Phrygios da raça ariana, e pelos Leucosyrianos da raça semitica na direcção do Ponto Euxino»¹. É d'este movimento dos povos turanianos no sentido do occidente, que resultou a vinda das tribus de Tubal ou dos Iberos da Asia para o Mediterraneo, onde facilmente se confundiram com os Libyos. Josepho, nas *Antiguidades judaicas*, seguindo a anthropologia biblica, escreve: «*Thobel* deu morada aos *thobelos*, os quaes no nosso tempo são chamados *Iberos*»². Tambem em uma traducção da *De Idolatria*, de Rufino, citada por Vossio, se encontra esta mesma affirmacão: «*condit autem Thobel Iobelos, qui nostris temporibus IBEROS appellantur*»³. O nome de Tubal, designando o eponymo de um povo, como no antigo systema assyrico, mostra-nos evidentemente o caracter turiano d'esse povo metallurgista repellido da Asia Menor, identificando-se no Mediterraneo com os Libyos, e tendo deixado um vestigio da sua habitacão na margem occi-

¹ *Premières Civilisations*, t. I, p. 112.

² *Ant. jud.*, lib. I, cap. VI. É o povo dos *Tuplai*, das inscrições assyricas, ou dos *Tibareni*, do exercito de Xerxes.

³ *De Idolatria*, lib. I, cap. XXXIII; Cortés y Lopes, *Dicc. geographico de la España antigua*, t. III, p. 55.



dental do mar Caspio, na região a que se deu o nome de Georgia. O nome de *Devel* e *Debol*, ainda se conserva como designando a divindade entre as tribus Ciganas, tradição derivada da designação eponyma de *Tubal*. Este nome acha-se na toponymia peninsular; escreve Cortés y Lopes, que no condado de Niebla ha um serro, proximo da povoação de Cabezas rubias «a que llaman los naturales *Andebalo*, en cuya cima se ven los cimentos de un antiquissimo templo dedicado al Dios *En Debol* ó *En Dobelo*, cuyo culto és mas antigo que la entrada de los Celtas en España, y raya acaso con los primeros siglos de un poblacion, si como hemos dicho, és el mismo que *Thobel*»¹. O nome de homem *Antubal*, como o da divindade *Endovelico*, ou *Enobolico*, fundamentam a existencia de um eponymo nacional e ao mesmo tempo as relações dos Iberos da Hespanha com os Iberos da Asia. O nome de *Iberia*, dado á península hispanica tem implicita a proveniencia asiatica e a sua irradiação para o occidente da Europa: Ptolomeu cita o nome de uma cidade da India de além do Ganges chamada *Iberingi*; acha-se depois o nome de Iberia como de uma provincia da Asia entre o Ponto Euxino e o Mar Caspio; o nome de *Iberi* designa um antigo povo da Italia septentrional; e por ultimo o nome de *Iberia* applicado á Hespanha pelos Gregos não póde, como quer Plinio, derivar-se da ampliação do nome do rio Ebró a toda a península, porque esse nome estendia-se até ao limite oriental do.

¹ *Dicc. geographico-historico*, t. III, v.º RUBRAS.



Rhodano. As relações com os Iberos da Asia são posteriores á occupação da peninsula pelos Berberes vindos da Africa embora, ao contrario de Pausanias e de Solino, Thucydides e Philisto considerem os Iberos como os mais antigos habitantes da Sicilia. É sobretudo nos costumes d'esta grande raça, desmembrada na Africa septentrional, que se observa as grandes analogias ethnicas com os povos peninsulares, em instituições que ainda persistem, apesar do predominio da civilização árica. O primeiro caracter é essa divisão de pequenas nações berberes, em que a unidade libyca se tornou desaparecida para os povos da antiguidade; da mesma fórma na Hespanha do seculo XII da nossa éra, ainda as nacionalidades peninsulares, leonezes, asturianos, gallegos, valencianos, castelhanos e portucalenses, conservam uma autonomia á custa do esquecimento da sua unidade ethnica. A terminação *tani*, dos nomes de muitos povos peninsulares, como *Lusitani*, *Turdetani*, *Edetani*, é considerada semelhante á fórma *tah* da lingua dos Tuaregs ¹. Como os Iberos da Hespanha antes de adoptarem o christianismo, os povos berberes tinham um fetichismo primitivo que foi sendo substituido pelo islamismo. Ainda

¹ Citaremos outros nomes com o suffixo *tan*: Ausetanos, Aelétani, Bastitania, Contestania, Cerretani, Deitania, Edetania, Fons Vetonia, Illicitanus, Istonium, Itani, Lacetania, Laletania, Lobetania, Maxitania, Nuditatum, Ocuritanum, Saxitanum, Turbitanos, Unditanum, Veltones. Na toponymia moderna conserva-se esta fórma em *tam* ou *tã*.

hoje o typo berber assemelha-se em tudo ao hespanhol, nos habitos e fórmas da actividade.

Um dos factos que mais resistencia deu ás populações ibericãs foi a formação de centros em que as suas tribus se tornaram sedentarias, vivendo em *ciudades*. Em Tarragona enumeraram os Romanos setenta e nove cidades; na Betica cento e sessenta e cinco; na Lusitania quarenta e cinco ¹. Foi esta estabilidade, tanto na Hespanha como na Italia e Gallia, que fez com que se desenvolvessem as livres instituições municipaes e o direito territorial, que os Romanos tanto procuraram destruir para fundarem o despotismo da sua unidade imperial. Os *villares*; os *casas*, as *pobras*, as *aldêas* são esses nucleos de população que se fortalecem com a estabilidade territorial formando uma pequena federação de *Concelhos*. Estes dois nucleos da liberdade civil e politica, que entre os Berberes ainda conservam a fórma do *Djemâa*, ou aldêas das tribus junto do Atlas, e a auctoridade electiva de *Amin*, ainda persistem em Hespanha no *Ayuntamiento* e no Alcaide. As pequenas federações berberes de hoje fazem-nos comprehender as federações dos estados peninsulares antes da unificação neo-gothica. A *anaia* dos berberes é o pacto da mutua alliança defensiva, como faziam as cidades livres da Hespanha que por um pacto formaram *Behetrias*, em que o direito territorial se impunha contra a prepotencia pessoal dos Contos e Honras, do periodo feudal. As *Behetrias*, esco-

¹ Paquis, *Hist. de Espagne*, t. 1, p. 47.



lhiam o seu chefe, e a sua existencia manteve-se na peninsula até aos fins do seculo xvi, quando o poder monarchico se tornou absoluto. As populações berberes ainda hoje formam ligas defensivas, a que chamam o *Çof*, da mesma fórma que as populações peninsulares ainda no fim da Edade-média formavam as *Hermandadas*, *Germanias* ou *Arimanias*. Os berberes nas suas povoações isoladas têm caixa de soccorros communs, e têm as pastagens communs chamadas *Deheza*, que apparecem tambem nas nossas devezas e baldios. Nos costumes portuguezes conservam-se fragmentos d'estas instituições. Diz dos costumes do Suajo D. Antonio da Costa: «Na serra amarella se apascentam de maio a agosto os gados dos habitantes *em commum*, substituindo-se de tres em tres dias os pastores, tirados de cada familia para vigiarem o gado e o livrarem das feras». Á maneira do *amin* berber vêmos tambem ali no Suajo a freguezia dividida e governada por um juiz e um thesoureiro: «O povo entrega ao juiz a *carrapita* (busio) para o convocar quando houver necessidade das deliberações». O cofre commum tambem se encontra no Suajo: «O cofre geral, isto é, o thesouro publico da communa, tira a sua receita da avultada verba do carvão e das multas. O excellente carvão que tiram da urze é feito em commum pelos habitantes. Não pôde o cofre ser aberto senão na presença do povo, e diante do povo é que o juiz distribue o dinheiro por occasião de incendio, morte de animal bovino, contribuições parochiaes e n'outros casos determinados. *É um cofre de soccorros mutuos*». Quanto á distribuição da terra pelas familias da povoação,



que usam os Berberes, e a que na Hespanha ainda se dá o nome de *Suerte*, como no Minho, achamos nos costumes do Suajo: «As veigas de S. Miguel estão divididas em quinhões pelas familias, mas estas não as cultivam. A cultura e a ceifa executa-as de um ao outro extremo a comunidade, recebendo depois cada familia o respectivo quinhão»¹. Os *celleiros communs* são muito usados ainda entre as populações do Alemtejo, onde existem as *matmorras*, ou covas para guardar os cereaes, como entre os povos berberes; tambem se acham na Guarda, bem como o costume da *deambulação dos gados*. nas diversas estações. Por ultimo a acção moral que exerce o *cura* ou *parrocho* entre as povoações ruraes tanto em Portugal como Hespanha e França, é comparável á dos *Marabus* entre os Berberes. As comparações dos costumes gaulezes e da Italia antiga que ainda sobrevivem entre os povos peninsulares, levam-nos a recompôr de um modo seguro a ethnologia dos Iberos, e portanto a deduzir do passado as relações da historia e o destino d'estas nacionalidades².

Tudo quanto se sabia das raças da Peninsula era exclusivamente limitado ao que escreveram os geographos gregos e romanos; os processos da philologia ampliaram os recursos para a descoberta da successão e habitat das raças, como fez Humboldt; depois a anthropologia e ar-

¹ D. Antonio da Costa, *No Minho*, p. 194 a 200.

² Desenvolvido largamente na obra *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições*.



cheologia pre-historica ajudaram a definir os typos morphologicos; por fim a ethnologia, pela comparação dos grupos da mesma raça nos seus costumes e fórmãs de actividade, recompõe a vida e póde já tirar conclusões seguras esclarecendo a historia, aproximando-a o mais possivel da verdade. É assim que sobre a origem dos Iberos as conclusões são já positivas, porque está demonstrado que essa raça é um ramo da grande raça Libyca, vinda da Asia meridional já pela Africa até ao Mediterraneo, já pela Asia anterior até se encontrar nas ilhas do Mediterraneo com o elemento libyo. Os Iberos da Asia revelam-nos como uma parte penetrou na Europa descendo de norte ao sul, ou os *Eusk*; as relações dos costumes dos Iberos da Hespanha, e em geral de todo o Mediterraneo occidental, com os Berberes da Africa, mostram-nos como o *Iber* veiu realmente através da Africa ocupar a Europa antes das invasões dos Arias. Assim a solução d'este problema concilia todas as theorias, quer de Philipps ou de Maspero, e mostra-nos como a civilisação iberica, influindo ainda nos destinos das nacionalidades occidentaes, foi a consequencia de um movimento da grande raça que cedia na Asia o campo á acção dos Kuschitas, dos Semitas e dos Arias. Que nome se ha de dar a essa raça que não é negroide, nem rigorosamente branca? Desde que o nome de *Turan*, *Daran*, *Taurus* e *Dyrin*, tem um valor topico entre os povos libycos e ibericos, está achado o valor scientifico da designação de *Turaniano*, como exprimindo esta civilisação primordial.

Tendo de recapitular a parte positiva da nossa expo-



sição, separando-a dos dados complexos e incidentaes da argumentação sobre os Iberos, apresentamos o seguinte schema que será melhor elucidado com uma segunda leitura :

PROTO-ARIAS, *Allophylos*, ou *Mongoloïdes*, representantes da Civilização turaniana na Europa:

I. IBERO, povo asiatico vindo através da Africa occupar o Ocidente da Europa.

II. EUSK, povo asiatico descendo do norte da Europa, até estacionar na Aquitania, onde se defende das invasões dos Arias.

1. *Libyos* (do Mediterraneo) cruzando-se com os Phenicios.

2. *Berberes* (na Africa septentrional) cruzando-se com os Arabes.

3. *Iberos* (do Ponto Euxino) ou *Tubalitas*, cruzando-se nas ilhas do Mediterraneo com os *Libyos*.

1. *Gauleres*, hoje completamente distinctos dos Celtas.

2. *Ausci* ou *Aquitanos*, onde se conserva a maior resistencia da raça.

3. *Alanos*, tribo que acompanha a invasão germanica.

Os nomes dados pelos gregos e romanos á península iberica descrevem-nos o estado ou situação ethnica d'esta região occidental desconhecida. Segundo Eratosthenes, os gregos davam o nome de *Ligustica* á penin-



sula iberica, considerada por elles como povoada por Ligúrios. Corresponde ao periodo em que este ramo proto-celta tentava na sua invasão manter-se pela força; o nome de *Allotrigos*, com que Strabão designa uma tribu iberica, significa «os senhores estrangeiros», e o nome de *rig, rix*, que entra em composição de muitos nomes de logares e de tribus, revela-nos que os Celtas se arrogaram um certo dominio nos titulos com que se denominavam. Os Gregos de Marselha davam á península iberica um outro nome que os romanos adoptaram; era o de *Celtiberia*, que proveiu do facto de uma fusão das duas raças, e de cujo cruzamento resultou a civilização celtiberica. A facilidade da fusão dos Iberos com os Celtas lygios, pôde explicar-se plausivelmente pela primitiva co-habitação na Asia, d'onde ambos os povos emigraram por diferentes caminhos; segundo Chaho, existem relações entre o sanscrito e o basco, e descontando as modificações profundas que deveriam ter soffrido o árico fallado, e o euskuára fallado até á fórmula escripta em que são conhecidos, essas analogias provêm de um importantissimo fundo commum primitivo ¹. D'esta fusão das duas raças resultou uma maior actividade na organisa-

¹ No *Bulletin de la Société de Géographie*, (Abril, 1876, p. 428) vem o seguinte catalogo:

SANSKRITO	EUSKARIANO	
Ama.....	Ama.....	Mãe.
Ata.....	Ata, Aita.....	Pae.



ção social baseada já sobre o território da *cidade*, já sob a dignidade da *tribu*, caminhando para a forma tão elevada das Federações. Já vimos com relação ao elemento iberico a persistencia das instituições locais, o typo da cidade, accusado nos radicaes da lingua em *ili*, *iri* e *eli*; com relação ao elemento celtico prepondera a qualidade pessoal, na forma de tribu, o *touto*, ou *tauta*, a gente, que nas instituições primitivas dos Germanos era a *thiuda*, que veio a caracterisar sob o nome de *Teutsch* ou Teutones a nacionalidade germanica.

Don Joaquin Costa, no seu importante estudo sobre a *Poesia popular española* deduziu do onomastico peninsular preciosas revelações sobre o estado da Civilização celtiberica, reconstruindo pelos nomes patronymicos o estado da familia, pelo cognome gentilico a organização

SANSKRITO	EUSKARIANO	
Tanaia.....	Anaia.....	Filho, irmão.
Purna.....	Burna.....	Oriente, origem.
Kara.....	Kara.....	Mão, maneira.
Kuto.....	Korkuto.....	Cima, crista.
Djana.....	Jana.....	Comer (<i>gana</i>).
Gagana.....	Gagana.....	O céu.
Izha.....	Izhana.....	O que é, Deus.
Ouha.....	Ouha.....	Agua.
Son.....	Son.....	O fogo.
Sonaru.....	Souri.....	O relampago.
Seuki.....	Songli.....	A serpente.
Sonarga.....	Sonarghia.....	Céu estrellado.
Souryen.....	Souriena.....	O sol.
Arghia.....	Arghia.....	A luz.



dos clans, pela designação das *gentes* o agrupamento das tribus e a fôrma das Federações politicas, que os romanos destruíram. A paleontologia linguistica coadjuva a formação de uma paleontologia social por onde se estabelece a connexão intima do presente com o passado.

Pelos nomes se deduz a historia da familia e da sociedade primitiva; existiu na Peninsula um regimen *hetairista*, ou de comunidade das mulheres dentro da tribu; Diodoro Siculo falla d'este regimen social nas Balears, e Cesar nos *Commentarios* cita o mesmo costume entre os Bretãos. Nas cerimoniaes do casamento em Portugal e nos costumes das nossas aldeias existem practicas provenientes d'esse *hetairismo* primitivo; do desenvolvimento d'este regimen, temos na religião o culto da prostituição sagrada, e na sociedade as fôrmas civis da *ginecoeracia*, caracteristico das raças mongoloides, o que confirma o character anthropologico dos Iberos. Strabão diz-nos que os Cantabros usavam a ginecoeracia ou o governo familiar e os parentescos pela maternidade (III, IV, 18). Don Joaquin Costa escreve: «O registo epigraphico de Cantabria soffre um laconismo tão exagerado que se não pôde comprovar as informações do geographo grego. Só uma pedra conhecemos em que os filhos tiram o appellido da mãe; foi descoberta não na região cantabrica, mas em Taragona, dos Celtiberos, fronteira quasi aos vasconios que os escriptores confundiram ás vezes com cantabros » ¹. Na linguagem popular ainda

¹ *Op. cit.*, p. 226.



se conserva uma locução injuriosa, *filho da mãe*, referente a este primitivo hetairismo tão evidentemente representado nas superstições peninsulares.

A transição para o regimen da paternidade observa-se na fôrma concreta da *couvade*, ou a parturição simulada pelo pae, que se imitou nos velhos symbolos juridicos, e de que ainda temos a reminiscencia no anexim popular portuguez: *Filho alheio, mette-o pela manga, sahir-te-ha pelo seio*. A influencia árica dos lygios e celtas attribuímos a modificação do velho regimen ginocratico, sendo essas raças as precursoras n'este sentido da cultura romana.

Esta influencia árica é que nos explica o facto singular que se observa nos nomes das Inscriptões hispano-latinas: o nome de familia prevalecendo sobre o da tribu. O nome patronymico formava-se agglutinando ao *præ-nomen*, ou nome individual, o suffixo *ives*, como em *Bod-ives*; o general Faidherbe notou, nas inscrições libycas, no Sudan, e em epitaphios da Numidia e na escripta dos Tuaregs, o suffixo *bas* agglutinado a mais de sessenta nomes; e Fernandes Guerra do vocabulo cantabrico e asturiano *ves* deriva a fôrma patronymica dos nomes taes como *Ordonhez*, que ainda subsiste no euskariano *ex* e *ix*. Quando os Romanos entraram na peninsula, a *gens* ou o direito gentilico já se confundia com a *familia*, que comprehendia filhos, agnados e escravos; e o descredito produzido pelo christianismo não só sobre a commuidade de familia, ou o clan peninsular, mas tambem contra as crenças e costumes locais, como se deduz do sentido odioso das palavras *gentili-*



dade e paganismo, veio alterar a primitiva constituição social, essa aristocracia de família, ou *Filhos d'algo*, que prevaleceu na época feudal e na reconquista neogothica. Os nomes gentilicos, ou que nos revelam na península a fôrma da aggregação social do clan, encerram inferencias preciosas por onde se vê que esta instituição, que comprehendia naturalmente as famílias, estava ligada á estabilidade territorial, e na época romana ás fôrmas municipaes. É por isso que, apesar da influencia dos ramos áricos, lygios, celtas, gregos, jonios e romanos, e ainda reforçada pela acção do Christianismo, nunca a organização do clan, ou *gens* pôde ser extincta. Na linguagem popular hodierna a *Gente* é uma fôrma pessoal distinctiva, pronominal, é o nós das classes rudes. O character do aphorismo latino *Plebs gentem non habet* quasi que se traduz por este outro aphorismo portuguez: *On gente ou fazenda*, com que se costuma justificar os casamentos desiguaes. O anexim: *Quem não mente não vem de boa gente*, exprime um certo sarcasmo contra as differenças aristocraticas conservadas na palavra *gente*.

Da família primitiva da península conserva-se ainda nos costumes modernos uma referencia ao fogo sempre acceso no lar: «*Fogo e logno*», e na linguagem usual *Fogos* designa collectivamente as famílias de um dado logar; havia o culto domestico dos mortos da família, que se commemoravam depositando comida sobre as suas sepulturas, como se usou em Portugal desde os tempos medievaes até hoje. O *logno* era o logar onde se enterrava o antepassado (*lug*, o heroe), onde se le-

vantavam as mamôas, antellas, ou dolmens para as offerendas, ou os *Montes gaudios*. As estatuas sepulchraes achadas com tanta frequencia na Galliza e Portugal, revelam-nos a preponderancia do elemento árico fazendo desenvolver a familia sobre o clan; d'aqui resulta, que os geographos gregos e romanos notaram por vezes analogias com os seus costumes nacionaes sem saberem que provinham de um fundo árico commum, bem como outras vezes notavam usos differentes a que chamavam *barbaricos*, para nós propriamente ibericos.

Nos povos áricos, como gregos, latinos, germanos, celtas e slavos, existiu a organização social da *gente*, ou agrupamento de familias; taes são o *genos* dos gregos, a *gens* dos latinos, a *thiuda* dos germanos, o *clan* dos celtas, o *mir* dos slavos, e a *xadruqa* dos slavos meridionaes. Esta ampliação da *familia* fundava-se no nexo do nascimento, (do sansk. *gan*, gerar, nascer) e por isso quando as *gentes* se tornaram *nações*, foi ainda sobre os laços do sangue (*gnatio*) que se fundou a unidade politica. A persistencia do *mir* entre os slavos leva-nos á inferencia de que o elemento mongoloide, que se fundiu com elles, tambem possuia a fórmula social da *gens*, e portanto deve apparecer com um caracter original entre os Iberos. Esse caracter é, quanto a nós, o clan fortalecido pela estabilidade territorial. O nome gentilico faz-se conhecer nas Inscriptões hispano-romanas pelos suffixos *CUM* e *CO*, taes como se vêem em *Calnicum*, *Anvancum*, *Eburanco*, *Cantucianco*, e tambem pelas fórmulas *CNT* ou *CNUM*, e *CM* das medalhas peninsulares, consideradas por alguns epigraphistas como um genitivo



locativo. Este caracter territorial apparece na *Village-community* da Inglaterra, nos *Concelhos* peninsulares, e na *Fara* germanica. A substituição do direito pessoal ao territorial, que explica todas as luctas sociaes de Roma e na Edade-média, aqui apparece na peninsula, porque o Ibero vencido, o perdendo diante dos seus dominadores a qualidade gentilicia, (*plebs gentem non habet*) procurava apoiar-se na convergencia territorial, a que chamavam a *Behetria*. Os romanos reconheceram este direito territorial, o *Mos regionis*, e na época feudal os *Usos da terra* vieram a ser redigidos em *Foros*, contrapondo-se ao estatuto pessoal ou lei. As moedas e medallas peninsulares apresentam emblemas de animaes, que oram as insignias que differençavam estas povoações entre si, por uma tradição do seu *totemismo* primitivo. Os numerosos deuses citados nas inscrições votivas collegidas no *Corpus Inscriptionum* de Hübner, são um documento vivo das divisões dos clans celtibericos, cada qual com o seu deus proprio, e com um culto local, que obrigava a uma certa constituição de sacerdocio publico, para as *sacra gentilicia*, que sob os romanos tambem se chamavam *sacra municipalia*. Era este culto local, que ainda persiste nas actuaes romarias, que a igreja condemnou como *paganismo* (ou usado nos *pagi*). O territorio occupado pelo clan era denominado *vesteum*, (a villa do clan) como *Corovescum*, ou behetria dos *Corocos*, do clan dos *Coros* ¹; os romanos traduzi-

¹ Don Joaquin Costa, *op. cit.*, p. 241, deriva *Behetria* de *veht*, corrupção de *vèst*, que ainda apparece nas inscrições da Gran-Bretanha em *vestry*; é uma simples modificação de *Bemfeitoria*.



ram mais tarde o radical *vest* por *vicus*, nome que prevaleceu nas associações locais de *vicindade* ou *visinhança* para a defeza mutua, e na do *vicario*, para a administração da justiça. O direito de visinhança foi muito disputado em Portugal pelos Concelhos contra a nobreza; na época da reconquista christã as villas repovoadas receberam o nome de familia dos cavalleiros que as tomavam aos arabes, dando-se assim o conflicto entre o direito territorial iberico e o direito pessoal neo-gothico.

A *Behetria* compunha-se de casaes e villares espalhados por um territorio, nos quaes habitavam as familias collateraes da familia gentilica, bem como os ambactos ou clientes, os extranhos recebidos segundo o costume hispanico, os homens de officio, como ferreiros, moleiros, os escravos, os soldurios ou devotados por fidelidade ao chefe da behetria, morrendo com elle segundo a *celtiberica fides*, notada por Cesar tambem entre os Aquitanios. O centro da behetria era um monticulo natural ou artificial, *croa*, *arca* (de *arx*) ou *castro* (do latim *castrum*) segundo as designações dadas pelas diferentes raças historicas que se succederam na peninsula. O vinculo moral da behetria era o sanctuario commum no alto do castro fortificado, onde existia o poço que servia de celleiro, e onde os chefes de familia faziam a sua assembléa ao ár livre ou *málhom*, de cujo costume ficaram os *homens bons* e os Concelhos. A behetria tinha um chefe hereditario ou de linhagem, quando era occupada por um unico clan, porém a preponderancia dos elementos extranhos identificados na mesma gentilidade introduziram a eleição pela assembléa dos *communibus co-*

*



gnatis. Esta fôrma social celtiberica ainda subsiste no onomastico da peninsula, nos *Castros* ou *Crastos*, *Castrellos*, *Castillejos*, *Campos*, *Campillos*, *Campellos*.

Os geographos antigos conheceram esta fôrma de agrupamento civil, a que chamaram *comes* ou aldêa, *pyrgous* ou burgos, e *vieos*; as povoações sedentarias dos Celtiberos resistiam contra os invasores como quem defende os seus lares, e os romanos para os subjugarem, destruíam-lhes os reductos das behetrias, arrogando-se a gloria de terem destruido cidades, como conta Polybio de Tiberio Graccho, que arrasou *trezentas cidades* na Celtiberia, ou Catão gabando-se de ter desmoronado *quatrocentas cidades*, ou mesmo Pompeo de ter submettido *oitoentas e setenta e seis*. Ratificado o equívoco entre os termos que designam aldêa e cidade, ainda assim a difficuldade da conquista da peninsula pelos romanos explica-se por essa resistencia local, que a Hespanha apresenta sempre aos seus invasores, já assimilando-os na sua população, já libertando-se pelo renascimento do espirito de independencia dirigido pelas suas Juntas.

● A divisão annual das terras entre as familias da behetria, ainda hoje subsiste em alguns pontos do territorio peninsular, como vimos com relação ao Suajo; as lavradas em commum ainda têm suas analogias com as beçadas, malhadas e esfolhadas do Minho; o trabalho dos campos pelas mulheres, como nota Strabão, é usual no Minho, e em algumas partès da Hespanha, como no valle da Serra. Don Joaquin Costa explica muitas fôrmas do direito consuetudinario do Alto Aragão pela



aproximação das instituições civis e politicas dos celtiberos. O direito pessoal tendia a absorver o direito territorial que se conservava mais resistente nas margens do Douro, no territorio dos Vacceos, e a qualidade inalteravel do solar, com sua *cira*, *beira* (ou a casa) e *ramo de figueira*, (ou horta) veio assim a identificar a comunidade domestica com a linhagem, e d'aqui o regimen tão persistente dos morgados. Por aqui se vê que as instituições civis e politicas da peninsula não podem ser comprehendidas se forem estudadas a começar na época do dominio romano; sem o conhecimento das behetrias celtibericas é impossivel explicar a força e organização dos Concelhos ou Ayuntamientos, os caracteres do direito consuetudinario dos Foraes ou fueros, e o desenvolvimento de uma classe popular de homens livres a que os arabes deram o nome de *Mosarabes*, e bem assim os modos de transformação dos Municipios. O phenomeno politico da divisão da peninsula em pequenas nacionalidades ou estados livres é tambem incomprehensivel diante da acção unificadora do governo imperial, ou ainda diante da conquista visigothica que seguiu o systema unificador dos romanos.

Segundo as necessidades da defeza, os clans celtibericos, sem perderem a sua independencia local, formavam uma associação superior, reunida pelo *Appellido*, como se vê pelo costume persistente nos velhos foraes; esta fórma de associação apparece designada nas inscrições lapidares sob o nome de *gentes*, de uma época em que esta palavra, não expressando já o *jus gentilitium*, se tornava synonyma de *populi* e *nationes*. Taes eram



os rudimentos nacionaes que em Hespanha nunca puderam ser apagados, e que de vez em quando se revelam na fórma de cantonalismo insurreccional. Uma vez chegados á fórma cantonal, a organização politica completava-se confederando esses povos isolados entre si diante de qualquer perigo commum; os escriptores romanos fallam das federações celtibericas, taes como a dos *Asturos*, que se compunha de vinte e dois povos, a federação dos *Cantabros*, a dos *Vacceos*, tendo a sua fortaleza, onde morava o chefe, collocada na capital, que recebia o titulo de *Contrebia*. Os chefes das federações eram electivos, com um caracter soberano, resolvendo-se as pendencias da investidura pelo combate singular ou pela arbitragem; tinham tambem um poder sacerdotal, e o commando militar. A assembléa federal, que deliberava sobre as declarações de guerra, as allianças e os tratados de paz, veiu a ser o germen das *Côrtes*, no desenvolvimento das nacionalidades peninsulares. Foi contra esta organização que os romanos tiveram de combater, destruindo as autonomias locaes não já pela força como pelas traições, e embaraçando a livre expansão de uma civilização original.

6. — Colonias dos Phenicios, Jonios e Carthaginezes

É notavel a comprovação dada pela anthropologia aos dados ethnicos de uma população com fórmulas de civilização mongoloide. Descrevendo um craneo sub-brachycephalo do Museu geologico, o fallecido Paula e Oliveira,



diz: «A conformação particular d'este craneo faz lembrar o typo chamado *mongolico*, ao qual por differentes auctores têm sido referidos alguns craneos achados em sepulturas ou cavernas neo-lithicas em differentes paizes da Europa. — Diversos factos tendem a corroborar a opinião de que em *époças pre-historicas a Europa foi povoada por individuos de raça mongolica*. Segundo o snr. Hamy, o typo dos craneos brachycephalos do Museum, provenientes das alluviões dos niveis médios de Grenelle, proximo de Paris, colloca-os precisamente entre as series dos craneos de duas tribus de Lapões (*Bull. de la Soc. d'Anthropol.*, anno 1878). Nilson provou que os individuos de cabeça globulosa que se encontram nas sepulturas neolithicas e nas turfeiras da Scania, têm uma grande afinidade com os Lapões. Pruner-Bey mostrou a identidade dos caracteres osteologicos dos homens das edades pre-historicas e dos individuos pertencentes a um certo grupo chamado por elle *mongol*, ao qual refere entre outros os *allophylos actuaes*»¹. As relações entre esta raça e o typo laponio são explicadas pelos anthropologistas fazendo d'este o representante de uma migração que acompanhou o rangifer para o norte quando o clima da Europa se elevou. Uma coisa é o facto, e outra a explicação.

A falta de um prospecto geral da distribuição da

¹ «Sobre a existencia de uma antiga raça mongolica na Europa central, vid. *Crania Ethnica*, p. 134 e seg.» Vid. *Era Nova*, p. 536.



primeira raça asiática que penetrou na Europa, é que fez recorrer a estas explicações de ocasião, porque a raça lapo-finnica deve-se considerar como retardada e nunca tendo avançado, da mesma forma que a raça *berberica* que ficou retardatária e confinada junto do Atlas. Os ramos mais activos d'essa primeira expansão mongólica na Europa, é que desceram do norte para sul, como vemos com os *Eusk*, Ausci ou Aquitanos, e é que penetram por todas as ilhas do Mediterraneo e Europa meridional, como vemos com os *Iberos* e *Lybios*. Esta raça tinha uma civilização rudimentar da qual poder-se-ha formar uma ideia clara pelas descobertas accádicas feitas no ponto da sua irradiação através da Africa e para a Europa ¹. Pelo contacto com os povos Arias, e sendo talvez a causa da sua diferenciação do tronco branco, elles vieram preparar na Europa as condições para a hegemonia da raça mais progressiva da humanidade.

O dominio dos Phenicios na Peninsula hispanica

¹ Strabão notou caracteres que distinguem o basco francez do basco hespanhol: «O montu Pyrenneo, pela vertente iberica, ou que é da Iberia, está mui coberto de grandes arvores, e de todo o genero de lenha e sempre verde; porém do lado celtico ou gallo, está inteiramente escaldado». Isto hoje explica-se pelas relações anthropologicas e ethnicas do basco hespanhol com o Berber, raça de um grande conhecimento da agricultura, como se verificou pela influencia das povoações maurescas da conquista arabe, que transformaram a Hespanha em um jardim. A devastação das plantações pelos neo-godos, devida ás necessidades da guerra, conservou-se por effeito das colonias do norte, como Alanos e Visigodos, que estacionaram longo tempo na Aquitania.



deve considerar-se como a primeira civilização completa e definitiva que aqui se estabeleceu; os nomes das principaes cidades, e uma numerosa quantidade de moedas phenicias revelam que esta civilização foi longa, preponderando n'ella o caracter industrial (exploração de minas) e mercantil. O elemento phenicio na península apresenta duas phases historicas fundamentaes: a primeira, caracteriza-se como *Egypto-phenicia*, e por ella se propagam os progressos attingidos pela alta civilização egypcia, o uso do alphabeto, e certas fórmãs cultuaes; a segunda caracteriza-se como *Libyo-Phenicia*, ou carthagineza, a qual obstou por muito tempo á entrada dos romanos na península, e a transporem as columnas de Hercules. As consequencias geraes da civilização phenicia foram: preparar a máis facil assimilação dos progressos trazidos pelas colonias gregas ou jonicas, as quaes já haviam recebido o primeiro impulso dos phenicios; preparar uma mais facil adaptação do elemento arabe, quando por seu turno vier a occupar a península no seculo VII, achando nas camadas populares a recorrencia do sangue semita; unificar as tribus desmembradas das povoações celtibericas para resistirem á conquista romana, tornando por essa primeira unificação de resistencia mais facil o operar-se a unificação politica realisada pelo dominio romano.

No territorio portuguez preponderou o elemento phenicio no delta comprehendido entre o Guadiana e o Tejo, onde existiu a grande civilização Bastulo-Phenicia; n'este mesmo territorio é que o dominio arabe mais facilmente se propagou. Para as regiões do norte de Portugal des-



envolveram-se as colonias marítimas dos gregos, e ainda hoje existem vestígios na beleza das mulheres como em Ovar, Aveiro, Maia e Vianna¹; o sangue arabe nunca se estendeu da Villa da Feira para cima. O antagonismo entre os gregos e phenicios revela-se aqui em uma accentuada linha de separação.

O nome de *Spania* dado a toda a península, tem implicita a grande importancia d'este elemento semita para a ethnologia da península. Os nomes de *Lusitania*, *Tejo*, *Lisboa*, *Guadiana* derivam-se igualmente da lingua phenicia. Um outro nome generico da península, *Hesperia*, dado pelos gregos jonios na sua exploração do Mediterraneo occidental, mostra-nos o conflicto d'estas duas raças na occupação de um sólo que aproveitou todos os seus elementos de civilisação. Caracterisemos os povos que na península representam a primeira lucta das grandes raças semitica e árica no Occidente.

No livro de Festo Avieno, *Oræ maritimæ*, lê-se com relação á península iberica:

Cempsi, atque *Scaphes* arduos colleis habent
Ophiussæ in agro; . . .

v. 195.

Os *Cempsi* eram os Phenicios, e *Scaphes* os Carthaginezes; desde o Tartessus ou Betis até ao Ana ou Gua-

¹ « As colonias gregas estabeleciam-se em diversos pontos marítimos, nomeadamente nas margens do Minho e do Douro, subindo pelas suas fozes ». Herculano, *Hist. de Port.*, I, 17 (1846). Sacrificios e casamentos, segundo Strabão, faziam-se segundo o *more graeco*. Nas inscrições lapidares são numerosos os deuses gregos.



diana, e d'aqui ao Cabo de S. Vicente, occuparam os Phenicios, e depois os Carthaginezes :

propter hos pernix lucis
Draganum proles ; etc.

Os Draganes ou *Thracanes* eram os scythas da Thracia (confundidos com os Celtas); habitaram junto dos Phenicios e Carthaginezes do Algarve, na região celtica, ao oriente dos Cynetas.

Inde Cempsis adjacent
Populi Cynetum.
Ana amnis illic per Cynetas effluit
Sulcatque glebam.

Apiano nas suas Ibericas, diz que Annibal deixou uma colonia de Lybi-Phenicios entre o Betis e o cabo de S. Vicente.

A differenciação de Portugal dos outros povos da Hespanha começa pelo predominio do elemento árico, o que explicará a causa da precoce aggregação nacional, antecedendo a de todos os outros povos peninsulares, e tendo consequentemente a sua séde ao norte d'esta faixa territorial.

Segundo os geographos antigos, desde o Douro até ao Cabo de Finisterra, o territorio era totalmente habitado por colonias gregas; fallando do rio Lima, diz Silio Italico, que corre pelo terreno dos *Gravios* :

Quippe super Gravios lucentes volvit arenas.



Tambem Plinio diz «*græcorum soboles omnia*»¹. Este facto que ainda hoje se authentica na belleza esculptural das mulheres da Maia, de Vianna e de varias povoações das costas do norte, apparece em muitos usos privativamente gregos, como os *Jardins de Adonis*, etc., e em um grande numero de inscrições lapidares a deuses hellenicos, bem como em um grande talento architectonico, como observaram Roquemont e Rackzynski. Diz Strabão, na descripção da Hespanha: «Nos que vivem junto ao Douro observam-se muitos traços da vida e costumes dos Spartanos, ou laconios». E um pouco adiante: «Os Lusitanos ou Gallegos... fazem seus casamentos ao estylo dos gregos».

A fronteira lusitanica fixada pelos geographos antigos nas margens do Douro é um facto mui significativo, que só pelas colonias gregas do norte se pôde bem comprehender; os gregos e phenicios andaram sempre em conflicto nas suas explorações maritimas e commerciaes, até que pela violencia da situação os gregos fizeram-se substituir na lucta chamando os romanos e entregando-lhes as suas colonias, para assim se achar de frente a frente com os Phenicios esse novo poder. Portanto, os limites dos lusitanos determinam-se no ponto em que os Phenicios na occupação da peninsula iberica, já então por causa d'esse novo povo chamada *Span*, se encontraram com as colonias gregas do norte. E isto que se deduz do

¹ «Passada Cilenis entra o Convento juridico de Braga; os hetenos, os graviós, o Castelló de Tyde (Tuy) *todos de origem e descendencia de gregos*».



antagonismo dos dois povos, verifica-se na conquista arabe, em que o dominio sarraceno se não elevou tambem acima do Douro. Esse dominio propagou-se facilmente sobre o territorio onde existira a dominação phenicia; era uma reviviscencia semita, e foi tambem o mais difficil de conquistar tanto para os romanos como para os neogodos.

- I. THARTESIA, ou região occi-
dental. } É o systema semita dos nomes
geographicos. Ex.: *Algarb*, o
Occidente.
- II. SPANIA, (de *Span*, occulto)
designação dada pelos
Phenicios á península
iberica, e tomada da sua
situação geographica, no
extremo occidente, des-
conhecida em relação a
outros paizes do Medi-
terraneo occidental, que
eram denominados gene-
ricamente *Tharsis*. } *Hispellum*, logar da Umbria, se-
gundo Plinio. (I, 171, 1).
Hispallis, assim chamada por
ser construida sobre estacaria.
(Isidoro).
Spanus, nome de um aldeão lu-
sitano. (Plutarcho, *Sertorio*, c.
II).
- III. HESPERIA, (de *hespera*, o oc-
cidente) designação dada
pelos gregos Jonios ás
regiões encontradas na
sua exploração do Me-
diterraneo occidental, e
consecutivamente á pe-
ninsula iberica. } *Hesperia*, designação dada pelos
gregos á Italia.
Hesperia, illa formada pelo lago
Triton. (Diod.).
Hesperii, os Ethiopes.
Hesperio, golfo do Atlantico;
cabo da Africa.
Hesperis, cidade a mais occiden-
tal da Pentapole cyrenaica.
Hesperides, ilhas occidentaes, da
tradição poetica localisada nos
archipelagos de Cabo Verde,
Canarias e Açores.
- IV. IBERIA. } Applicado pelos gregos á pe-
ninsula, reproduzindo a desi-
gnação da Iberia do Caucaso;
tem um sentido *geographico* e
ethnico.



Aqui temos os elementos heterogeneos bem caracterisados para se estabelecer uma aggregação nacional. Os nomes que a peninsula iberica recebeu são o documento imperecivel da lucta das duas raças historicas.

A geographia dos Phenicios servia-se de designações genericas que, segundo a fórma e orientações dos paizes, assim se repetiam; taes eram *Caphtor* (Kupros ou Chypre) com que denominavam todas as ilhas e costas do Mediterraneo oriental, e *Tharsis*, com que chamavam os paizes remotos e vagamente conhecidos do Mediterraneo occidental. A primeira tentativa da entrada dos Phenicios na peninsula iberica foi pelo Calpe ou Estreito de Gibraltar; *Turti* foi a sua primeira colonia; a segunda tentativa estendeu-se até á pequena ilha de Onuba; a terceira chegou até Cadiz. Foi com o nome phenicio de *Thartesia* ainda na época da exploração dos Jonios, os quaes segundo Curtius seguiam os vestigios dos Phenicios, avançando para o occidente, que a peninsula iberica ficou por longo tempo conhecida.

Se os modernos trabalhos da historia ante-historica não revelassem a importancia que teve na civilização o uso de instrumentos de bronze, não se poderia considerar a exploração do estanho como uma das causas mais activas das expedições maritimas dos Phenicios. O Egypto era rico de minas de cobre, mas faltava-lhes o estanho para se fazer a liga do bronze; a procura d'este metal junto das povoações mineiras do Caucaso e da India tornou-se um ramo de um importante commercio, e desde que o predominio da Assyria sobre o Egypto



fechou o acesso da Asia, os aventureiros phenicios seguiram as costas do Mediterraneo e entraram na Peninsula iberica, onde acharam uma população mineira. Depois que as minas de Hespanha foram disputadas pelas colonias gregas, e que o commercio do bronze se tornou mais perigoso, os Phenicios transpuzeram as Columnas de Hercules e foram até ás Ilhas Britannicas (Cassiterides) d'onde extrahiam o estanho de Cornualhas para os mercados italiotas e hellenicos. Depois de fundada Utica pelos Phenicios, (1158 a. C.) é que sobre a costa de Hespanha fundaram a cidade e feitoria de *Gadir* (Cádiz); (1100 a. C.) a peninsula tornou-se um dos principaes mercados do commercio tyrio, e novas cidades como Malaca, Sex, Abdera foram fundadas. As povoações da Betica, como *Turti*, *Turdet-ani*, *Turd-uli* aceitaram o contacto pacifico com os mercadores phenicios depois de algumas luctas, e a peninsula hispanica foi por causa da sua immensa riqueza denominada pelo nome tradicional de *Tharsis*. Foi com este nome que os gregos a conheceram 640 annos antes da éra vulgar; e Ezechiel, dirigindo-se a Tyro em uma prophacia falla em *Tharsis*, dizendo: «*Tharsis*, traficava comtigo; ella te dava toda a especie de riquezas, enchia os teus mercados de prata, de ferro, de estanho e de chumbo». E Jeremias (x, 9) tambem exclama: «Trarão prata batida de *Tharschisch*»; e pelo facto de Jeremias escrever seis seculos antes da éra moderna, crê-se que haja relação entre este nome e o citado pelos escriptores profanos. A suzerania dos Phenicios durou muitos seculos em Hespanha, que elles occuparam como verdadeiros domi-



nadores, conservando-se o seu onomastico nos logares mais importantes.

A sorte dos Phenicios, dominados pelos Assyrios e pelos Persas, reflectiu tambem sobre a Hespanha, e entre as divindades memoradas nas inscrições lapidares achamos os nomes de Ammon e de *Mithra*. A queda de Tyro fez com que os Massaliotas se dirigissem para a Betica, e é d'este tempo que data a colonia phoceana das Ampurias; da queda de Tyro resultou a autonomia de Carthago, que veiu por seu turno occupar as possessões tyrias da peninsula. O dominio carthaginez na Peninsula data do anno de 242, quando repellidos os carthaginezes da Sicilia e da Sardenha trataram immediatamente de se apoderar dos territorios do sul do Ebro. As conse quencias do dominio carthaginez foram a conquista e unificação politica da peninsula pelos Romanos, que intervieram no conflicto das colonias gregas e dos carthaginezes; essa intervenção data do anno de 264, no começo da primeira guerra punica. Em 217 Cn. Cornelio Scipião foi o primeiro romano que pôz o pé na Iberia. (Tit. Liv., xxviii, 32). A quantidade excepcional de divindades *italicas* que apparecem nas inscrições lapidares reunidas na Collecção de Berlim ¹, revelam-nos a existencia de povoações da mesma raça a que pertencem

¹ *Bonus Ecentus, Cœlum, Concordia, Fatox, Fortuna, Genius, Lares, Mater Deum, Salus, Somnus, Tellus, Tutella, Victoria, Virtus.* — Os nomes de divindades phenicias, como *Melkart*, foram apropriados pelos gregos ás suas divindades, e este facto nos revela a importancia das feitorias gregas na Peninsula.



ciam os romanos, e que facilmente adoptaram a lingua latina ¹.

O primeiro nome generico com que a peninsula foi conhecida era o de *Thartessia*; o de *Span* referia-se particularmente á provincia da Andaluzia. No contracto ou tratado feito entre os Romanos e Carthaginezes, no primeiro anno da Republica, isto é, mais de cinco seculos antes da éra vulgar, de que dá noticia Polybio (lib. III), estatue-se que os Romanos e os povos seus alliados de Ardêa, de Antium, de Circei, de Laurentium, e de Terracina, não naveguem para além do promontorio famoso, situado acima de Carthago, nem que pössam fazer preza e trafico além das cidades de Mastia e *Tarseium*. Esta disposição imperiosa dos Carthaginezes, prova què anteriormente, pelo sexto seculo antes da nossa éra, a Peninsula, na costa meridional, era visitada pelos navios das povoações italicas, e que o commercio carthaginez soffria com a sua concorrência na cidade de Tarseium. Talvez de accordo com os Romanos, com quem os Phocenses da Jonia tinham feito alliança offensiva e defensiva, é que a colonia fundada em Marselha se atreveu a explorar pelos seus navegadores a peninsula, fundando aqui pelo meiado do VI seculo antes da nossa éra a colonia de Empurias.

É possível que estes gregos asiaticos dessem ás loca-

¹ «O latim é em muitos pontos mais aproximado das linguas celticas do que do grego». Hovelacque, *Linguistique*, p. 233.



lidades da península occidental ou Hesperia muitos dos nomes que elles conheciam da Iberia do Caucaso. Herodoto escreve «que os Phocenses da Jonia, foram os primeiros gregos que emprehenderam longas navegações, e que fizeram conhecer aos outros gregos o mar Adriatico, as costas do mar thyrreno, a Iberia e *Tartessia*». (lib. i, c. 155). Bem entendido este texto, refere-se aos dois extremos da navegação conhecida no Mediterraneo oriental e occidental. O conhecimento de *Tartessia*, segundo Herodoto, foi devido á arribação: «o piloto Coleus de Samos, querendo abordar á ilha de Platea, no Egypto, foi arrojado pela tempestade sobre as costas de *Tartessia*, e resultando da venda do seu carregamento lucros consideraveis, porque nenhum outró navio tinha entrado n'aquelle porto». (lib. iv, c. 152). O uso generico do nome de *Iberia* applicado á península pelos gregos asiaticos, confirma-se pelo seu frequente emprego nos pontos do Mediterraneo em que aportaram, impondo os nomes que conheciam da Iberia do Caucaso. O periplo de Scylax de Caryandro (sec. vi. a. C.) dá algumas vagas noticias d'estas regiões do extremo occidente: «Os primeiros povos da Europa, que se apresentam são os *Iberos*, nação indigena, cujo territorio é banhado pelo rio Ibéro. Ali ha duas ilhas que têm o nome de Gades. Em uma d'ellas ha uma cidade, a um dia de jornada das Columnas de Hercules. Tambem ali se vê uma cidade grega chamada *Emporium*: foi povoada por uma colonia de marselhezes. As costas da Iberia comportam uma navegação de sete dias e sete noites. Após os *Iberos* ha os *Ligueros*, cuja povoação é mestiçada com os primeiros; estendem-se até



ao rio Rhodanus»¹. Como podiam os navegadores gregos dar á península o nome de *Spania*, se este nome era particularizado a uma provincia? O nome de Iberia era a consequencia de analogias que se impunham aos aventureiros, que conheciam a Iberia asiatica, e transportaram as suas tradições de Hercules, de Baccho, de Troya, de Gargoris e de Habis para a península occidental. Quando o nome de *Spania* foi ampliado pelos romanos a toda a península, os gregos mythificaram sobre os nomes de logares, como se vê na explicação dada por Sosthenes de Cnido ácerca da Hispania, governada por *Pan*, companheiro de Baccho²; do nome de *Lusitania*; conta Varrão, que os gregos fizeram o mytho de uma occupação de *Lusus*, filho de Baccho. «Origo, in heis omnibus, greca». Aquelles que tomaram á letra estas etymologias tão apreciaveis como as do Padre Larramendi, de Astarloa, de Erro y Azpiroz e do Abbadé de Hiaree de Bidassonet, confundiram lamentavelmente a historia e diffcultaram a investigação do passado. Os gregos *não podendo obter noticias ácerca de Hespanha*, como

¹ Scylax, junto da trad. de Pausanias, t. iv, p. 318, Ap. Graslin, p. 107. Polybio ainda usa o nome de *Iberia* no sentido dos gregos, tal como o empregára Scylax: «A parte que se estende do Mediterraneo até ás Columnas de Hercules, recebeu o nome de *Iberia*; aquella que está situada sobre o Oceano não está ainda designada por nenhuma denominação geral, porque ha pouco tempo é que está sendo explorada, e porque é habitada por uma grande parte de povos barbaros». (lib. v).

² Ap. Plutarcho, *De fluviiis*; Graslin, ib., p. 33.



notou Polybio que se achou no cêrco de Numancia, phantasiaram uma nova Iberia.

Ainda que Strabão não tivesse consignado o facto de que os Phenicios na idade ante-homerica se tinham apoderado da península hispanica, bastava o proprio nome de *Spania*, que se perpetuou na historia, para authenticar a sua absoluta influencia. De ordinario os historiadores que fallam das antigas raças que precederam n'este territorio as nacionalidades modernas, citam a successão de povos sem as explicar com relação ao movimento geral da civilização humana, e nem ao menos procuraram descobrir a sua relação de continuidade com os estados actuaes. Assim estas investigações do passado não passam de um luxo de penosa erudição, porque dirigidas sem nenhuma vista de conjuncto, ficam estereis para qualquer inferencia racional.

A entrada dos Phenicios na península hispanica foi a consequencia da evolução do cosmopolitismo da raça semitica, propagadora no mundo das civilizações isoladas do Egypto e da Chaldêa; ella é tambem a primeira raça historica que explora este sólo, e tel-o-ia civilizado, como fez na península da Grecia, se outros ramos da grande raça árica lhe não tivessem annullado a sua superioridade no occidente. Estabelecidos na costa da Palestina, não podendo estender-se sobre essa faixa de territorio por effeito das duas potencias militares do Egypto e da Assyria, rivaes entre si, os Phenicios ou Canneos maritimos fundaram o seu poder sobre a navegação, e exploraram as ilhas do Mediterraneo no sentido de léste, occupando Chypre, Rhodes, penetrando no mar Negro, e



fundando feitorias nas costas da Asia Menor. Desde porém que os jonios começaram o cyclo das suas navegações, os Phenicios mudaram o seu curso no sentido de oéste, e vieram occupando as ilhas do Mediterraneo, Candia, Malta, a Sicilia, a Sardenha, colonisando primeiramente a costa septentrional da Africa, e tentando a exploração das costas meridionaes das peninsulas italiana e hispanica, sahindo o estreito de Gibraltar, e aventurando-se na navegação do grande Oceano, para o norte até ás ilhas Cassiterides, e para o oéste até ás ilhas dos Açores, Madeira e Canarias. Elles procuravam productos minerios, e levavam os progressos das grandes civilizações da Mesopotamia e do Egypto; a Grecia deve-lhes a sua primeira iniciação, recebendo o alphabeto e essas tradições poeticas elaboradas conjunctamente com numerosos mythos religiosos nas epopéas homericas; na Italia reconhecem-se tambem os vestigios da civilização semitica, como na França meridional, pela inscripção de Eschmunazar achada em Marselha. A entrada dos Phenicios na peninsula hispanica fez-se pelo sul, em consequência dos seus primeiros estabelecimentos no norte da Africa, e o nome de *Span* foi dado particularmente á provincia de Andaluzia, ampliado pelos Romanos á peninsula inteira ¹. Quando sob a occupação arabe se constituiu o im-

¹ Os romanos designaram a peninsula por este nome phenicio pela necessidade que tinham de caracterisar os seus productos, taes como *Spanicum argentum*, e *color Spanus*; foram os seus poetas e historiadores que universalisaram o nome tornando-o generico a todo o territorio peninsular.



perio de Cordova sobre os elementos semiticos da provincia de Andaluz, os christãos obedecendo a uma tradição inconsciente davam a esse territorio o nome de *Span* ¹. A toponymia tem hoje o valor de um irrefragavel documento historico, e pelo onomastico phenicio se vê que os seus principaes estabelecimentos foram entre o Tejo e o Guadiana, onde floresceu uma civilisação conhecida pelo nome de Bastulo-Phenicia, e onde mais tarde a occupação arabe resistiu por mais tempo. Os Phenicios fizeram entrar a peninsula hispanica no concurso das civilisações mediterraneas, representadas pelo Egypto e pela Syria, pelos Hellenos e pelos Italiotas; assim, depois d'esse fundo ethnico commum já indicado, elles vieram estabelecer a concordancia nas fórmas da civilisação occidental, porque a Grecia continuava os progressos do Egypto e dos Phenicios, os Italiotas seguiam os primeiros impulsos da Grecia, e a Hespanha, pela rivalidade entre os tyrios e os jonios, e entre os carthaginezes e romanos, ia ser o theatro do conflicto entre a civilisação semitica que estacionava e refluia sobre a Africa, e a hegemonia árica que começava a tornar-se preponderante na humanidade. É imprescindivel para a historia este grande facto da civilisação occidental; diz Mommsen: « Se é verdade que nunca o cyclo de uma civilisação termina, não se póde recusar o merito de uma completa unidade áquella em que brilharam por seu turno os

¹ Herculano, *Hist. de Port.*, t. III, p. 177.



nomes de Thebas, de Carthago, de Athenas e de Roma »¹. N'esta longa evolução da estupenda civilização occidental, cujo primeiro cyclo termina pela actividade confinada no Mediterraneo, a hegemonia transferida de Athenas para Roma acaba com a decadencia do Imperio; é desde então que começa a definir-se o segundo cyclo d'essa civilização, em que a hegemonia competiu á França, e em que a actividade humana saíu do Mediterraneo para o Atlantico pela iniciativa audaciosa dos Portuguezes. Estes factos bastam para convencer, de que mesmo na historia d'este pequeno povo é indispensavel não isolal-o da sua solidariedade occidental, sem o que não se comprehende o seu concurso na civilização moderna. No Algarve, primitivamente occupado pelos phenicios, é que se formou essa escola de navegadores, que por iniciativa propria foram á exploração do grande Oceano; dos phenicios nos ficou a tradição das ilhas atlanticas, e essa vontade de dominar a Africa, cuja circumducção fôra realisada pelos phenicios. Michelet compara as nossas feitorias coloniaes ao systema fundado pelos phenicios, e até um certo numero de costumes reapareceram entré nós na época das primeiras navegações; Pietro della Valle, nas suas viagens conta que os Portuguezes mettiam a pique todos os navios que encontravam na carreira da India; foi este o processo como os Phenicios e Carthaginezes sustentaram por muito tempo o monopolio das suas navegações. As descobertas portuguezas conservavam-se pelo estabeleci-

¹ *Histoire romaine*, t. I, p. 4.



mento colonial cuja população se radicava pela mestiçagem; os phenicios assim fizeram na Africa e na Hespanha, reforçando pelo elemento berber a raça iberica que fôra assimilada pelos Celtas ¹. Os grandes desastres de devastação egypcia ou assyrica no sólo da Palestina, não deixando alli desenvolver-se os rudimentos de nacionalidades semitas, essas povoações foragidas eram transportadas pelos tyrios para as suas colonias da Africa e da Hespanha, e é por isso que os Judeus nos apparecem na península simultaneamente com os Phenicios. Não é sem importancia este facto, porque foram os Judeus que coadjuvaram a invasão arabe; e importa notar, que a população hispanica oscilla, segundo as vicissitudes historicas, ora entre a preponderancia do elemento semita, ora prevalecendo a raça árica, mas dando-se sempre o pheno-

¹ Bertillon, no seu artigo sobre ACCLIMAÇÃO, no *Diccionario das Sciencias anthropologicas*, deduz do caracter da raça o genio colonial do povo Iberico (hespanhol e portuguez):

«Effectivamente, os Iberos são verdadeiramente de origem africana, ou pelo menos, em duas occasiões, viveram longo tempo sob o dominio do Africanos (Carthaginezes e Mouros) com os quaes se mestiçaram largamente. No intervallo d'estas duas influencias, foram conquistados e como que absorvidos pelos louros Visigodos. É d'esta dupla origem e d'estas longas e singulares misturas, que surgiu o povo Hispanico do nosso tempo. É indubitavel, que d'aqui provém as suas extraordinarias aptidões para os diversos climas, mas principalmente para os climas tropicaes».

As grandes navegações dos Portuguezes, e suas vastas colonias na Africa occidental, e oriental, America meridional, e India, são devidos a esta capacidade ethnica, adquirida pelos elementos anthropologicos da raça.



meno singular de regressão ao typo iberico, quer pelos berberes e mouros, quer pelos Alanos e outros ramos da invasão germanica. Esta fusão de raças influiu na agitação incongruente da historia da península, em que as mais altas individualidades se mostram contradictorias, como se vê representado no typo tradicional do *Cid*, e em que a mentalidade é dirigida pela preponderancia de elementos subjectivos sem dependencia dos dados objectivos ou da realidade, como Cervantes synthetizou do modo mais admiravel no typo nacional de *Dom Quixote*.

Este desequilibrio mental dá-nos a hallucinação do genio e a exaltação do sentimento, prevalecendo este ultimo na fórmula do fanatismo da honra, da cavalleria, e na intolerancia proselitica da religião. N'este ponto os povos peninsulares devem aos Phenicios a orientação do seu genio religioso; as romarias e peregrinações a certos sanctuarios locais; são a persistencia do *hadj* semita, que ainda hoje se revela em todas as povoações; o nome ou invocação divina exprime-se pela fórmula semita o *Senhor*, a *Senhora*. Os phenicios implantaram com as suas colonias as suas divindades, cujos nomes são conhecidos pelas numerosas inscrições lapidares que ainda existem, e que se podem lêr no *Corpo das Inscrições* publicado por Hübner; essas divindades pertenciam principalmente ao systema chthoniano e orgiastico das Deusas-Mães, que communicaram á Grecia no culto de Cythera, á Italia no culto de Venus, estabelecendo pelas costas do Mediterraneo os sanctuarios d'essas densas femininas. Quando se operou essa crise religiosa d'onde surgiu o



Christianismo, a sua propagação no occidente fez-se á custa da apropriação dos sanctuarios das Deusas-Mães e da prostituição sagrada ¹ identificando com ellas a Mãe de Deus ou a Virgem-Mãe, a *Mara* semitica ou *Maria* da lenda evangelica. Assim podemos concluir, que entrando o Christianismo na peninsula, trazido da Africa, sob o dominio dos romanos, a sua propagação se fez á custa d'estes elementos cultuaes orgiasticos dos phenicios; não é sem uma intima relação com o passado, que no catholicismo hespanhol apparece esse character sanguinario dos sacrificios a Moloch, no fervor de Torquemada ou de Domingos de Gusmão, e na sensualidade mystica de The-reza de Jesus, ou na açese erotica dos molinistas. Accentuamos estes factos pela profundissima importancia que têm para se comprehender a historia da civilização peninsular. Nas superstições populares ainda existem restos d'estes cultos syro-phenicios, como o *revolver penedos*, o passar por lameiro virgem, a tradição do sabbat, e o culto de *Martha*, a Densa-Mãe contraposta á Virgem-Mãe, invocada na feiticeria portugueza do seculo xvii sob a fórmula de esconjuro *a Martha não a dina, mas a que o demonio encanta*. No mundo moral, como no mundo physico, nenhuma energia se perde; tudo se transmite modificando-se; a grande luz consiste em estabelecer a correlação d'essas energias. Tal é a importancia da ethnologia para a historia.

¹ Beugnot, *Histoire du Paganisme dans l'Occident*, e as nossas *Origens poeticas do Christianismo e Lendas christãs*.



Diz-se que os phenicios introduziram na Hespanha a escripta, usada nas inscrições das moedas; assim facilitaram a adopção do alphabeto já assimilado pelos helle-nos. Na occupação da peninsula os phenicios soffreram o conflicto do desenvolvimento da navegação dos Jonios, que os haviam repellido de léste do Mediterraneo; Curtius diz que o nome dos Jonios exprime collectivamente as navegações para o occidente; n'esta direcção vieram a encontrar-se com os phenicios, fundando colonias na Africa, como a de Cyrenne, na Italia, e Sicilia, ao sul da França em Marselha, e na Hespanha nas Ampurias. Estando occupada a Andaluzia, e a região do Algarve e Extremadura pelas colonias phenicias, os expedicionarios gregos foram costeando para o norte, estabelecendo estações nas fozes e margens do Douro, do Lima e Minho; Plinio falla d'estas povoações, caracterizando-as *greorum soboles omnium*, e Strabão allude ás analogias dos seus costumes, nos ritos cultuaes e ceremonias do casamento *more greco*. Este facto, repetimos, actuou sobre o typo e no genio portuguez; ainda hoje é admirada a belleza esculptural das mulheres do norte de Portugal, de Aveiro até Vianna, e o grande artista Roquemont observou quanto o povo do norte de Portugal se distinguia pelo seu genio architectonico. O centro da independencia nacional portugueza, irradiando d'esta região minhota, pôde explicar-se pela preponderancia do elemento árico, da colonisação grega, o qual chegára á organisação politica do federalismo. Renan caracteriza a raça árica por esta capacidade da organisação social, que lhe serviu de apoio em todas as suas



migrações. Compreende-se como a Galiza foi o primeiro fóco de civilização peninsular, e como o conde D. Henrique não fez mais do que apropriar-se das forças individualistas que provocaram a independencia do Condado de Portugal. A população da Beira, sendo, como adiante mostraremos, um solido nucleo de diferenciação nacional, só veiu a constituir um estado pela iniciativa de Entre-Douro e Minho. Foi n'esta região que o dominio romano mais indelevelmente imprimiu as fórmulas do seu direito civil, persistindo alli com o maior aferro o contracto da *emphyteuse*, causa da extrema divisão da propriedade, e consequentemente do systema de cultura intensiva. Ás colonias gregas do norte de Portugal se deve tambem attribuir a facil assimilação do latim sob o dominio romano, pela homogeneidade dialectal. Mas a influencia grega na peninsula foi profundamente historica; os gregos, em concorrência com os phenicios nas navegações para oeste do Mediterraneo, tiveram de recorrer á lucta, e não podendo vencel-os, interessaram n'essa rivalidade os romanos, tambem nos seus primordios nação maritima, como o provou Mommsen.

A colonia phenicia de Carthago, formada com a classe aristocratica de Sidon em lucta contra o partido ou classe democratica de Tyro, fez da pequena peninsula do norte de Africa um estado, que as circumstancias politicas que annullaram de repente a metropole obrigaram a actuar como independente. A substituição de Carthago a Tyro foi o resultado das grandes luctas de devastação da Assyria sobre os pequenos estados arameanos; como maritimos, os phenicios dispersaram-se e buscaram re-



fugio nas suas colonias. Carthago tornou-se a metropole das colonias do occidente, e á medida que foi encontrando na sua frente a rivalidade dos Romanos, teve de organizar-se militarmente, em uma republica aristocratica por um typo sobre que parece ter sido organizada a republica de Veneza. Repellidos os Carthaginezes das costas de Italia e da Sicilia, fizeram convergir o seu interesse para as colonias da peninsula hispanica; o seu dominio estava completamente firmado aqui quatro seculos antes da nossa éra. A sua dura disciplina militar fôra creada exclusivamente para defender o seu ainda mais duro monopolio mercantil; elles repovoaram as colonias da Hespanha com esse elemento lybico, com que se haviam incorporado na occupação da Africa, e pelos cruzamentos d'esta colonisação formou-se uma nova mestiçagem, chamada os *bastados*, que lhes defendia o seu dominio, com que veiu a engrossar os seus exercitos nas luctas com os Romanos, conhecidas pelo titulo de Guerras punicas.

Os elementos de vida propria, que a civilisação basculo-phenicia communicára ás povoações celto-phenicias confinadas pelo Tejo e Guadiana, fizeram-as resistir á incorporação carthagineza, cujas colonias eram submettidas a um systema de monopolio tão apertado com a escravidão. Carthago encarregou d'essa conquista o grande general Hamilcar, succedendo-lhe pela sua morte o genro Hasdrubal, e Hannibal, que engrossou os seus exercitos com os fundibularios das ilhas Baleares, com a infantaria dos Celtiberos, e com os cavalleiros de Andaluzia e a mestiçagem colonial dos *bastados*, podendo por seu turno



atravessar as Gallias e ir atacar os romanos na Italia. Sob as guerras de Hasdrubal, os carthaginezes comprometteram-se por um tratado a não estenderem as suas conquistas para além do Ebro, mas o desenvolvimento dos exercitos de Hannibal revela-nos que a incorporação punica das colonias peninsulares se fez por concessões obtidas pelos mercenarios da republica de Carthago. Os Romanos tiveram de adestrar-se nas batalhas navaes, cuja tactica lhes era desconhecida, para luctarem com vantagem com os carthaginezes; tiveram de conquistar primeiramente as Galias, addiando para mais tarde a invasão da peninsula hispanica, por causa do immenso poder aqui concentrado pelos carthaginezes. O desembarque de uma frota romana, commandada por Cneo-Scipião, nas Ampurias, está por si indicando o auxilio prestado por esta colonia grega, que se substituiu na lucta explorando a rivalidade romana.

A força dos carthaginezes na peninsula póde avaliar-se pela duração das guerras da conquista romana, que se protraíram por dois seculos; mas, vencidos os carthaginezes, ellês deixaram profundos germens de resistencia local, porque tinham interessado na lucta defensiva contra Roma as populações hispanicas, cujo character nacional não tinha sido obliterado pela incorporação punica. Os lybio-phenicios e bastados e os mercenarios maurescos coadjuvam a recorrencia ethnica da população iberica; Mandonio e Indibil continuam a resistencia, a qual sendo já impossivel diante da disciplina romana, recrudescce com vantagem pelo systema das *guerrilhas* levantadas por Viriato nas montanhas da Beira. Foi tambem o elemento iberico



dos Vasconios, acantonados nos Pyrenéos, que permaneceu invencivel diante dos triumphos romanos, empregando a mesma estrategia das *guerrilhas*, com que mais tarde vieram a repellir a occupação dos Arabes. O vigor d'estes elementos nacionaes não foi destruido pela conquista completa dos Romanos; este povo formava os seus exercitos pelo systema do mercenarismo, em que entravam hordas de todos os povos vagabundos, e fixava as conquistas pelo colonato, formado pelas populações sem territorio que se lhe offereciam á sua protecção. Como explicar a prompta generalisação da lingua latina, formando os differentes dialectos romanicos da peninsula, sem attender a esse fundo commum dos pelasgos do occidente; e como explicar a insurreiçáo temivel de Sertorio contra Roma, senão pela habil exploração das energias de um organismo nacional que se definia pelas fórmas de um federalismo espontaneo? Para organizar civilmente a Hespanha, Roma tinha as analogias das instituições celticas, da mesma fórma que mais tarde os godos, por identicas analogias trazidas do mesmo tronco árico, puderam facilitar a apropriação das instituições romanas. Roma, conquistando a peninsula hispanica, propaga a segunda phase da sua civilisação árica, sem comtudo desnaturar esse fundo ethnico da população iberica.

7.— O dominio e civilisação romana

Quando a peninsula hispanica foi submettida ao dominio dos Romanos, já a Italia, a Africa, as Gallias e a



Grecia estavam unificadas sob o seu imperio militar. Esta situação historica dos Romanos, além da superioridade da sua civilisação, exerceu uma acção particular no desenvolvimento historico dos povos hispanicos, produzindo um movimento aparentemente contradictorio: de um lado a rapida propagação das instituições municipaes favorecendo a independencia e liberdade locais, de outro a unificação politica a uma unica lei, reduzindo os estados conquistados a provincias governadas por proconsules debaixo do mais apertado centralismo administrativo. Estas duas correntes, que tanto actuaram na marcha social dos povos peninsulares, nunca se confundiram, nem se extinguiram; por ellas ainda hoje se explica a tendencia para a *autonomia local*, a persistencia do municipalismo, e ao mesmo tempo essa *absorção unitarista* em um só estado, realisada pelos reis germanicos, continuada pelas dynastias neo-godas, por Fernando e Isabel, por Carlos v e Philippe II. Um tal phenomeno não tem sido explicado por falta de uma vista de conjuncto que esclarecesse os esforços da erudição fragmentaria; na propria historia de Roma está implicita a explicação d'este facto capital. Emquanto Roma incorporou no seu dominio os estados italicos, destruiu systematicamente as instituições municipaes d'esses povos, tirando-lhes esses centros de independencia. Os povos perdiam as suas leis proprias e ficavam sujeitos á vontade discricionaria de um *Præfectus* ou de um *Proconsul*, segundo a fórma da dependencia para com Roma, se eram *Dedititii* ou *Federati*. Roma não reconhecia no provincial nenhuma capacidade juridica, nem como pae,



neni como marido, nem como proprietario; o solo conquistado era considerado apenas como um usufructo do que o possuia. D'aqui a enorme distincção juridica entre a propriedade e a posse. Para sair d'esta situação precaria, cada individuo e cada cidade procurou apropriarse dos direitos privativos do cidadão romano, identificando-se completamente com Roma. O provincial alcançava primeiramente o direito de cidade, mas sem o direito de suffragio e o de *connubium*; depois, pelo exercicio de uma magistratura, obtinha com o titulo honorifico de cidadão todos os outros direitos, de censo, de suffragio, de *connubium*, e ao mesmo tempo a independencia completa das obrigações do governo interno da provincia.

Á medida que as cidades perdiam a auctoridade sobre os seus habitantes, que obtinham o titulo de cidadãos romanos, ellas foram reconhecendo a necessidade de reclamarem tambem para si o direito de cidade, ou o *jus italicum*, em que o seu territorio lhes pertencesse como proprio, identificando-se com o *ager romanus*. Foi este o movel da guerra social, em que os povos italicos, destruidas as suas instituições locais, exigiam que Roma os considerasse como romanos. Foi, por consequencia pela incorporação dos povos italicos na cidade ou municipio romano, que se deu a unificação politica de toda a Italia. Este facto influiu directamente na fôrma da conquista das Gallias e da Hespanha; para apressar a incorporação d'estes paizes, Roma teve de fazer o contrario do que praticou com os povos italicos, ella mesma facilitou e promoveu o desenvolvimento ou implantação



das fôrmas municipaes. Já vimos como na Hispania existiam os centros de vida local anteriores ao dominio romano, e por isso facilmente se adaptavam á fôrma romana do municipio, que por isso mesmo tem persistido até hoje, através de todas as revoluções historicas; tambem depois das invasões celticas existia um elemento pessoal derivado da aggregação da tribu, o qual tentava adquirir os privilegios de cidadão romano, para isentar-se da auctoridade dos magistrados municipaes, titulo que se conserva ainda sob a conquista germanica. Vê-se portanto que a conquista da Hespanha depois da unificação da Italia, teve um caracter especial em consequencia d'essa phase historica de Roma; a conquista das Gallias tambem veio influir nas fôrmas da incorporação da peninsula hispanica. O alargamento das conquistas tornou Roma dependente dos chefes militares, e os generaes (*imperatores*) a começar de Cesar confundiram com o poder do generalato todos os outros poderes, o de pontifices, o de tribunos, o de consules e de paes da patria. Assim como nota Fustel de Coulanges ¹, os imperadores supprimiam em Roma todas as garantias politicas sob o seu poder pessoal, e nas provincias conquistadas como a Gallia, a Hespanha e a Grecia, desenvolviam a autonomia local pelo municipalismo. Nas inscrições romanas da peninsula existem fórmulas votivas ás divindades ou *genios locaes*, o que significa que Roma despertava o espirito de cidade reconhecendo as divindades poliades que eram objecto do culto que servia de unificação ás

¹ *La Cité antique*, p. 467.



familias reunidas sob a mesma dependencia municipal. Seguindo n'isto o mesmo caminho dos antigos estados da Grecia e da Italia, Roma proseguia na imposição do seu dominio, tornando mais profundos os caracteres politicos e sociaes da grande civilização occidental. As Cidades das Gallias e da Hespanha tinham então as suas magistraturas electivas, e conforme os grãos da sua romanisação, como *alliadas*, ou com leis proprias, como *colonias*, ou com o direito civil romano, como de *direito italico*, ou com a propriedade plena do seu territorio, e como de *direito latino*, ou podendo os seus cidadãos serem equiparados aos cidadãos romanos, assim se estabeleceram distincções individuaes que vieram a constituir verdadeiras aristocracias, que contra a autonomia local pendiam para a unificação imperial.

A conquista da Africa já estava effectuada pelos Romanos, quando elles dominaram a peninsula, e esta circumstancia veio exercer tambem uma acção particular na corrente da unificação imperial da Hespanha. Os Carthaginezes favoreceram sempre na Italia a independencia local dos estados combatidos pela absorpção romana, fazendo d'essas resistencias municipaes o ponto de apoio da sua lucta contra Roma; Roma, repellindo-os da Hespanha, seguia-lhes o mesmo plano, promovendo já sob a unificação imperial a autonomia local dos novos municipios. Mas da Africa entrava na Hespanha a religião nova do Christianismo, que pela sua fórmula universalista destruia os cultos das divindades domesticas e poliades, e pela unidade da crença coadjuvava a unidade absoluta do poder imperial. *A Deus o que é de*

*



Deus, e a Cesar o que é de Cesar, foi a divisa em que os dois poderes unitarios formularam a sua mutua independencia, que durante a Edade-média veiu a definir-se nas luctas terriveis entre o Sacerdocio e o Imperio, n'esse conflicto permanente das Duas Espadas, procurando confundir o poder temporal com o espiritual, mas ambos conformes na ideia de um dominio unitario extinguindo a independencia local e individual.

Da mesma fórma que a Hespanha está geologicamente dependente da Africa para o seu estudo, tambem ethnologicamente e sociologicamente se continúa essa dependencia. As raças *ibericas* entram no sul da Europa vindas da Africa; os Phenicios e Carthaginezes vêm da Africa para a Hespanha, onde deixam colonias berberes; os Romanos só depois das conquistas na Africa entram na Hespanha, trazendo a nova religião do Christianismo que tanto coadjuva a unificação politica imperial. Este caminho, que nos indica a primitiva corrente ethnica, tambem esclarece a corrente historica, como veremos com a entrada dos Arabes, com a conquista portugueza dos Algarves d'além-mar, com a passagem do Cabo e com a derrota de Alcacer-Kibir. Observadas as consequencias que tiveram sobre a fórma do dominio romano na peninsula o facto das conquistas consummadas da Italia, da Africa e das Gallias, resta-nos considerar as consequencias da conquista da Grecia. A sua importancia é enorme, quando se conhece o alcance que para a civilização occidental exerceu a preponderancia e universalidade do latim sobre todas as outras linguas e dialectos locaes. Assim como os diversos dialectos gregos,



em virtude de circumstancias politicas da hegemonia de Athenas, cederam a preponderancia ao dialecto attico tornando-se *lingua commum* escripta, e por isso mesmo tornando-se pela sua vulgarisação com os estrangeiros mais syncretico a ponto de se tornar o *byzantino* da Edade-média ¹, assim tambem entre os dialectos italicos o latim tornou-se pelas circumstancias politicas a lingua escripta para os Gaulezes, hispanos e italiotas e para outras colonias. O Christianismo pelo seu espirito universalista apropriou-se do latim por causa d'essa universalidade, apesar dos seus primeiros escriptores dogmaticos serem gregos. Formou-se a par do latim juridico o latim barbaro, o *sermo vulgaris* ou romance, constituído pelos vestigios dos pequenos dialectos dos elementos pelasgicos e celticos que precederam o dominio romano no occidente; porque é preciso ter em vista, que sendo o latim mais proximo das linguas celticas em alguns pontos do que do grego, os dialectos italicos, *ombriano*, *osco*, *volseo* e *sabellico* eram mais proximos do latim, do que os dialectos novo-latinos entre si ². A escripta d'estes dialectos derivou-se de dois alfabetos gregos; e a formação de um latim rustico na fórma de dialectos novo-latinos foi uma revivescencia de elementos ethnicos dos pelasgos. Seguindo a ethnographia do *Genesis*, acham-se alli os Latinos na Asia Menor e na Thracia fusionados com os Javans; é este fusionamento o que pôde explicar as analogias intimas das duas linguas la-

¹ Hovelacque, *Linguistique*, p. 237.

² *Ibid.*, p. 233 e 254.



tina e grega; as colonias gregas dos Jonios no sul da França e na Hespanha, prepararam a propagação dialectal que sob o dominio romano se desenvolve e assimila ao latim. «Na segunda época da migração, os Latinos chegam á península de Balkan e acham-se tambem na Italia meridional. Na terceira, alargam-se até aos montes Carpathos, aos Alpes da Carinthia e ás Ilhas da Italia. Na quarta época occupam a França meridional, a Hispania e a colonia grega da Cyrenaica. Na quinta época o Imperio romano abrange o Mediterraneo e estende-se até á Inglaterra» ¹. Um outro facto ethnographico concorre para a explicação da origem dos dialectos romanicos, a precocidade e persistencia do Valachio, proveniente d'este fundo pelagico: «Os Pelasgos occuparam, em um momento da sua migração, ao longo do Danubio até aos Alpes e toda a Italia. Os Hellenos (Jonios) foram uma das suas subdivisões, e mais tarde os Romanos acharam na Italia, como hoje se sabe, povos fallando uma lingua analoga á d'elles, os quaes foram tambem uma subdivisão dos Pelasgos. Consideramos os *Roumanios* não como uma colonia romana, mas como restos dos Pelasgos fixados nos Carpathos. Uma colonia seria afinal confundida com os habitantes da região; pelo contrario é um ramo de um povo com toda a virilidade da raça mãe». Tal é a opinião de Mezo-Kovesd, que nos esclarece outros problemas da persistencia de dialectos romanicos, só explicavel pela sobrevivencia ethnica de um fundo commum. Charrière aponta tambem a persi-

¹ Mezo-Kovesd, *Migrations des Peuples*, p. 189.



stencia de um dialecto romanico na Lusitania como singular, e por isso devendo-se recorrer a esse fundo ethnico dos pelasgos para explicar o facto. A conquista romana na França meridional, na Hespanha, na colonia grega da Cyrenaica, e da Grecia inteira veiu operar a revivescencia pelasgica, fazendo que esses vestigios dialectaes quasi apagados se renovassem sob o typo do latim, tornando-se á medida que vão sendo escriptos mais evidente a sua unidade primitiva. Este phenomeno nos revela a lei historica, que a unificação romana do Occidente não podia ser feita sómente pela força material da conquista militar; havia uma base moral fortalecida pela orientação ethnica. Aquelles que continuaram o unitarismo romano não viram senão o lado material, e pela força bruta tentaram a unificação da Europa, fazendo apenas violações da natureza e retrocessos.

A these apresentada por Gubernatis sobre a origem das linguas romanicas, acha-se formulada em época anterior por Ernest Charrière, no livro da *Politica da Historia*: «d'onde provém que o latim existe ainda quasi inteiramente nas linguas da Italia, da Hespanha, da França e mesmo da Inglaterra? Attribuir este facto á dominação romana é impossivel, porque n'este caso, é preciso explicar como este dominio tendo sido effectivo na Grecia, na Asia Menor, e sobre toda a costa de Africa, as linguas d'estas regiões não têm o minimo vestigio de uma lingua que, comtudo, reinou mais directamente sobre ellas. É mil vezes mais claro para o senso commum, que o latim, na sua qualidade de lingua occidental, se achou a expressar-se como se expressavam



pouco mais ou menos os outros dialectos contemporaneos do Occidente, mesmo antes que Roma pensasse em conquistá-lo, em virtude da mesma lei que pelo seculo x, depois das invasões barbaras, e da renovação da sociedade, fez tornar a achar em todos os idiomas novos a mesma identidade de expressões e de ideias. Sem isto, como explicar um accordo que se encontra sobre os pontos onde Roma apenas penetrára, como a Lusitania, e aquelles como a Escossia onde ella nunca formou estabelecimento e onde o seu idioma revive no todo ou em parte na linguagem actual? Attribuil-o a uma communhão de civilisação não basta; porque se esta influencia podia existir nas cidades, não teve o mesmo gráo de intensidade nos campos; e, tomæ um a um todos os patois, cujas fórmãs exteriores são tão dissimilhantes, muitas vezes de uma localidade visinha para outra, ao ponto de pela pronuncia dar-se uma barreira insuperavel para as povoações que os fallam, e por toda a parte este fundo romano ou occidental apparece desde que os tornam escriptos»¹. Já vêmos como a unificação imperial romana assentava sobre a unidade linguistica, proveniente de um fundó ethnico commum. Só assim é que se comprehenderá como as autonomias locaes cederam a essa corrente unitarista que preponderou na historia das nacionalidades peninsulares.

Depois da Italia, da Africa, das Gallias e da Grecia, a Hespanha tambem foi submettida ao dominio romano; n'esta serie de conquistas ha um factó extraordinario que

¹ *Op. cit.*, t. II, p. 130.



ainda hoje influe na marcha politica da humanidade: a *unificação politica*, realisada á custa de tanto sangue, custou a perda da liberdade e da nacionalidade de muitos povos, reduzindo-se a civilisação á um unico centro, *una Civitas*, que era Roma. Por qualquer accidente, atacado este cêntro, como aconteceu com as invasões germanicas, a civilisação eclipsava-se, como na Edade-média, emquanto a humanidade não podesse revigorar todos esses elementos atrophiados ou perturbados que fundaram as nacionalidades modernas. Por toda a parte, na longa lucta contra a incorporação romana, vêmos a organização federal ser o nucleo defensivo das pequenas nações livres. A Grecia recorre á sua tradição amphycionica e funda a *Liga acheana* como o ultimo sustentaculo da sua independencia contra a invasão dos Romanos; as pequenas nacionalidades italicas resistiram durante quatro seculos contra a unificação de Roma; nas Gallias e na Hespanha encontraram as confederações livres, de modo que nunca os seus triumphos militares e a occupação territorial era definitiva. Foi pelo extraordinario poder defensivo das federações que os Germanos venceram os Romanos ¹. Esta fórma politica é uma resultante da mesologia do continente europeu, talhado por numerosos systemas de montanhas, por grandes rios, penínsulas e portos, que encerram as condições de independencia e de coexistencia de muitos estados. A conquista romana não tinha condições de permanencia, e quanto mais se alargava mais fragil

¹ Agostinho Thierry, *Lettres sur l'Histoire de France*, p. 62.



se tornava o seu dominio; assim a conquista militar transformava-se em uma activa organisação administrativa, que facilitando a principio o desenvolvimento da cultura local, veio pelas exacções fiscaes a provocar essas revoltas parciaes, e a determinar a invasão dos barbaros do norte, as tribus germanicas que se apoderaram do Imperio. Depois da queda do dominio romano, resurge por toda a parte o espirito de independencia local, longo tempo abafado pelo unitarismo romano, que se tornára a base da politica imperial; onde esse espirito apparece, aí se formam pequenos estados, como as Republicas italianas da Edade-média, dos Frankos, Bretãos e Gaulezes, emfim d'esse individualismo feudal commum a todo o occidente, e que por seu turno resistiu tambem contra a tradição da politica unitaria restaurada pela realeza tornada hereditaria nas monarchias germanicas. Este duplo ponto de vista encerra toda a comprehensão da historia da peninsula hispanica, nas suas resistencias contra Roma, e mais tarde contra a unificação brutal dos imperadores neo-godos. Indicaremos rapidamente a longa resistencia dos povos peninsulares contra a Roma republicana e imperial, pelo que se infere da vitalidade dos seus elementos nacionaes.

Depois da batalha de Zama (202 a. C.) os Romanos fixaram, com a exclusão absoluta de Carthago, o seu dominio na peninsula; muitos consules e pretores foram vencidos pelos guerrilheiros, como Fulvio Nobilior, e Tito Anio, Vetilio, Plaucio, Claudio Unimano, tendo de recorrer á traição para vencerem, como fez o consul Servilio Cepio contra o lusitano Viriatho. Até ás guerras de Ser-



torio, os romanos para conservarem o seu dominio continuaram mais de cincoenta annos de luctas cheias de cruentas alternativas. Sob o governo da Republica, a Hespanha ficou dividida em duas provincias, a *Citerior*, confinada pelo Ebro e os Pyreneos, e a *Ulterior*, pelo Ebro e o Oceano, ambas governadas por pretorês, legados consulares conforme a necessidade da administração pacifica ou da guerra. Assim pela primeira vez o territorio hispanico se achou submettido a uma unidade politica, que ao mais leve abalo social se tinha de aniquilar, como se viu nas invasões germanica e arabe e ainda em toda a reconquista neo-gothica. É porque esta unidade politica não tinha fundamento na natureza, baseava-se na força bruta; esta deploravel politica, que a unidade catholica fez renascer, implantou-se na Europa e tem-se mantido unica e exclusivamente pela força. Diz Agostinho Thierry: «O estabelecimento dos *grandes* estados modernos foi sobretudo obra da força; as sociedades novas formaram-se com os restos das antigas sociedades novamente destruidas, e n'este trabalho de recomposição grandes massas de homens perderam, com grandes sofrimentos, a sua liberdade, e até o seu nome de povo, substituido por um nome estrangeiro»¹. A incorporação romana foi menos desastrosa do que a politica de unificação das monarchias hereditarias do fim da Edade-média, que pretendiam renovar o Santo Imperio romano. Nos escriptores latinos, como Marcial e Silio Italico, de-

¹ *Conquête des Normands*, introd.



screvem-se os costumes dos povos da península, pelos quaes se induz do seu accentuado caracter nacional; cantos de guerra, dansas, ritos funerarios sobrevivem apesar de imitarem os trajos italicos, deixando a *bracca* pela toga. Os Romanos não tinham gente, como notou Erasmo e com elle Dureau de La Malle, para occuparem o territorio das suas conquistas¹; acceitavam na dependencia do colonato as populações vencidas. É por isso

¹ Dureau de la Malle, no bello livro *Economia politica dos Romanos*, resume as suas conclusões sobre a população de Roma: « Julgava-se até hoje que Roma, tendo subjugado uma parte da Europa, da Africa e da Asia, tendo levado mais longo as suas conquistas e sustentado por muitissimo tempo o seu poder, devia ter necessariamente uma população numerosissima. O raciocinio era consequente, a inducção parecia natural; e comtudo o contrario, o inverosimil é realmente a realidade historica. Foi com 750:000 cidadãos de dezeseite a sessenta annos que Roma venceu Annibal, submetteu a Gallia Cisalpina, a Sicilia e a Hespanha. Foi com uma população livre menos consideravel que ella subjugou a Illyria, o Epiro, a Grecia, a Macedonia, a Africa e a Asia-Menor. O Imperio augmentára-se com a Syria, com as Gallias, com a Palestina e com o Egypto; e, sob a dictadura de Cesar, a Italia não tinha mais do que 450:000 cidadãos de dezeseite a sessenta annos. Tudo isto está provado pelos recenseamentos e apoiado por numeros positivos. O que ha de singular, é que na historia do poder romano, o maravilhoso é que é o verdadeiro, e que, em ultima analyse, fica como um facto averiguado que Roma fez as maiores coisas com os mais fracos meios ». Este poder de Roma é mais manifesto ainda na formação dos differentes dialectos do latim, cuja syntaxo se mantem quasi illesa no meio dos diversos povos vencidos ou vencedores. A vida moral perpetuada pela lingua e pelos Codigos, fez com que se exaggerasso a acção dos Romanos na formação ethnica das modernas nacionalidades.



que as suas conquistas não desnaturavam a indole ou a ethnologia da raça. Por outro lado o seu direito civil estendia-se por todo o seu dominio, e ao passo que na época dos Scipiões imitavam a civilisação hellenica, na propria Grecia, como observa Savigny, se implantava o direito romano. Roma nas suas conquistas veiu estabelecer a unidade fundamental da Civilisação do occidente, fazendo convergir para esse maravilhoso concurso a Grecia, a Italia, as Gallias, as Ilhas Britanicas e a Hespanha. É este o mais alto sentido da incorporação romana. As monarchias hereditarias da Edade-média e modernas, proseguindo esse mesmo pensamento da incorporação unitaria, não fizeram mais de que pelas suas invasões estultas destruir esta poderosa unidade moral da civilisação, tornando as nações europêas inimigas irreconciliaveis entre si pelo motivo dos interesses dynasticos. Roma foi a primeira que soffreu as consequencias da extensão do seu dominio: as exacções fiscaes provocavam a resistencia dos povos conquistados, que eram pacificados pelo despotismo militar, d'aqui o apparecimento das *guerras sociaes*, e ao mesmo tempo d'essas dictaduras violentas, que confundindo o tribunato com o generalato acabaram por se tornar permanentes no regimen imperial. Os povos italicos foram os primeiros que se insurgiram com uma guerra social, e dos tres chefes que a abafaram surgiu a dictadura de Scylla. Vencido Mario, Sertorio tinha sido desterrado para a Hespanha, e aqui soube aproveitar-se habilmente das resistencias nacionaes contra Roma, organisando a revolução na Lusitania, Celtiberia e parte da Betica. Importa observar, que Sertorio era siciliano, e co-



nhecia por si o genio das populações ibéricas de quem se tornou chefe, pelo chamamento dos Lusitanos; em volta d'elle se agruparam os foragidos italicos da proscricção de Scylla, e entre outros Perpena com vinte mil homens que reunira na Sardenha. Ao passo que este encontro forçado de gente das ilhas do Mediterraneo no sólo hispanico facilitava a regressão ao typo ibérico, os chefes creavam em volta de si a organização militar dos romanos e os costumes patricios. Coadjuvado pelo espirito de resistencia nacional, Sertorio sustentou durante oito annos uma activa guerra, em que venceu generaes experimentados como Metello e Pompeu, e ao mesmo tempo ia estabelecendo uma organização social no territorio da Celtiberia, Betica e Lusitania, com um senado á maneira do de Roma, e fixando em Evora a capital politica, e em Osca um centro de cultura intellectual com uma academia em que se ensinava a litteratura grega e latina. Os povos d'estas tres regiões aceitaram os esplendores d'essa civilisação, *romanisaram-se*, como mais tarde os verêmos assimilar os progressos da raça arabe nos *mosarabes*, sem comtudo perderem o seu caracter ibérico. Essa civilisação superior elevava os individuos que se adaptavam a ella, e o nome de *ladino*, desde a Edade-média até hoje, significa entre as classes populares o esperto, o sabedor, o arguto. É frequente entre os escriptores a confusão entre os caracteres da raça e os da civilisação, e d'aquí resulta o equivoco de deduzirem da linguagem de um povo e das suas instituições politicas as suas affinidades ethnicas! Assim como os Iberos abandonaram a sua lingua pela dos Celtas pela superioridade



dos progressos que exprimia, com muita mais facilidade o celtico foi sendo substituido pelo latim, por isso que esta lingua além de ser o maior meio de communicacão entre os povos n'aquelle tempo, representava o desenvolvimento litterario de um dialecto pelasgico que conservava as suas relações com o osco, o volsquo, e o sabino, e pelo seu character archaico melhor seria comprehendido pelos da segunda migraçãõ asiatica. Segundo Bopp, o latim apresenta caracteres mais archaicos do que o grego, e este facto encerra a razãõ por que o latim se universalizou entre as raças do occidente; os philologos modernos procurando explicar a formaçãõ das linguas novolatinas, desenvolvidas sobre os territorios occupados pela conquista romana, vãõ procurar um certo numero de fórmãs populares nos textos mais archaicos do latim, como nas inscripções, no *Canto dos Arcales*, nas *Tabuas Eugubinas*, no canto saliano, nos epitaphios dos Scipiões, e na columna rostral em honra de Duclios. D'este processo se infere, que na formaçãõ das linguas romanicas o archaismo popular teve uma acção tanto ou mais profunda do que a dissoluçãõ phonetica determinada pelas invasões germanicas, como quer Max Müller. A vulgarisaçãõ do latim representa um effeito de civilisaçãõ, e nunca uma modificacão da raça; a importancia do character de unidade que imprimiu aos povos occidentaes foi logo tão fundamental, que o Christianismo visando a universalisar-se, adoptou essa lingua para os seus ritos. Logicamente, tendo sido escriptos os livros sagrados do Christianismo em grego, sendo os principaes patrologistas gregos, sendo os philosophos gregos os que forneceram a



esta religião as mais bellas maximas da sua moral e as theorias dos seus dogmas, ensinando-se nas escolas do Imperio o grego, como explicar-se o ter preferido a Egreja o uso do latim? É porque nos diversos povos do occidente essa lingua litteraria tinha bem em evidencia as suas relações com os dialectos pelasgicos, de que ella se destacára pelo progresso nacional e com os quaes tendia a confundir-se pela incorporação romana do occidente. Quando Sertorio procurou desenvolver a cultura latina nos estados em que se revolucionára contra Roma, não seguia uma politica errada, como pareceu a Rossew Saint Hilaire; pelo contrario, sem destruir as energias da resistencia nacional, e a prova é que juntou em volta de si para cima de setenta mil homens, conseguiu imprimir pela unidade de civilisação o accordo a que o separatismo cantonal não deixava chegar. Strabão descreve-nos com extrema clareza esta romanisação dos povos peninsulares, tanto mais facil, quanto alguns como os Turdetanos e Celticos se distinguiam pela sua brandura e civilisação: «Os Turdetanos, principalmente os das margens do Betis, tomaram completamente os costumes romanos, esquecendo-se mesmo da propria lingua, e muitos d'elles tornando-se latinos acceitaram colonos de Roma, e pouco faltava para serem totalmente romanos. As cidades recém-edificadas, Beja entre os Celticos, Merida entre os Turdulos, Saragoça entre os Celtibericos e outras diversas colonias, confirmam esta transformação do aspecto da sociedade. Os hespanhoes que seguem esta maneira de viver são chamados *stolados* ou *togados*, e n'este numero entram os Celtiberos, outr'ora tidos como os mais incon-



ciliaveis e tenazes de todos»¹. De 74, antes da éra vulgar, em que é assassinado Sertorio, até á época em que escrevia Strabão, vão apenas quarenta e um annos: portanto a transformação consistia na adaptação ás fórmãs exteriores da civilização romana. Herculano, eliminando maravilhosamente as tribus celticas dos lusitanos diante da occupação romana, conclue que é impossivel ir entroncar com elles a nossa historia: «Se o haverem estancado em uma parte do nosso territorio nos dêsse o bem pouco precioso direito de os considerar como antepassados, esse direito pertenceria egualmente á *Galliza*, á *Extremadura hespanhola*, e até á *Andaluzia*»². E porque não? A falta de fronteiras na orla portugueza explica esta primitiva similaridade. Circumstancias accidentaes é que fizeram com que a Galliza não entrasse na incorporação portugueza, da mesma fórmula que, constituindo-se a nossa nacionalidade quando já estava muito adiantada a reconquista neo-gothica para o sudoeste, em vez de nos alargarmos pela Extremadura e Andaluzia, passámos o Algarve para além-mar, e iniciámos a actividade marítima.

A nova divisão administrativa da peninsula, feita já

¹ Liv. II, c. VI.

² *Hist. de Port.*, t. I, p. 46. No *Deutschen Literaturzeitung*, de 23 de junho de 1888, escreve Hubner ácerca da *Historia de Portugal*, de Herculano: «essa obra, a despeito das suas vantagens, está muito longe de satisfazer as exigencias hodiernas, especialmente com relação aos mais remotos tempos, não carece de prova alguma».



sob o Imperio, consagrou estas differenças locais, de que Sertorio se aproveitára, reconhecendo como provincias a Betica, a Terraconense e a Lusitania. A incorporação romana, unificando a civilização occidental, fazia resurgir os elementos da vida nacional; e enquanto ainda Metello e Pompeu combatiam a revolução em Hespanha, rebentava na Italia a *guerra dos escravos*, movimento social em que tomaram parte cem mil homens. No meio d'estes perigos iminentes era indispensavel o recorrer á dictadura militar. N'esta dupla corrente vemos dois factos capitaes dominarem todos os successos da civilização occidental e imprimir-lhe uma direcção inesperada; a cultura greco-romana estaciona momentaneamente, se é que na marcha da humanidade, quinze seculos de inercia mental se podem considerar como um eclipse passageiro. No movimento ou revolução social, que fermentava entre todas as populações do dominio romano, veiu o Christianismo, como religião proselytica, aggravar a situação pelas ideias do communismo da propriedade; a agitação civil coadjuvou de um modo extensivo a propaganda religiosa, que reagiu de maneira reflexa sobre a dissolução politica. O Christianismo foi de longo tempo precedido em Roma e em todo o Occidente pelo Mithriacismo, identicos entre si nos dogmas e ritos. A agitação social provocando as dictaduras militares, estas foram fixar-se na fôrma politica dos generaes soberanos ou o Imperio. N'estas duas correntes, a da revolução social, representada pelos Gracchos, e a do militarismo, representada nos conflictos de Scylla e Mario, na conjuração de Catilina, e nas luctas entre Pom-



peu e Cesar, acabou por preponderar a força bruta. O Imperio romano, n'esta sua ultima fórma politica, nasceu da dictadura perpetua de Cesar; em todas as épocas de longas perturbações sociaes, a ordem entrega-se incondicionalmente á salvaguarda da força. Eis aí por que o Imperio foi uma systematica decadencia, acobertada com uma complicada administração civil; mas essa administração, tornando-se de cada vez mais absorvente por uma fiscalidade oppressiva, ella mesma fomentou a revolução social que afundou em todos os dominios romanos o seu Imperio. Como explicar a queda do Imperio romano, e ao mesmo tempo vêr conservarem-se em todos os territorios, em que esse poder não foi mais reconhecido, o uso da lingua, o direito civil, as fórmas de processo e as instituições municipaes? Acabava o poder politico central, mas ficava a civilização romana, que ia receber fórmas novas em outros organismos. Sob a administração imperial, a Hespanha soffreu novas divisões e subdivisões, em Terraconense, Carthaginense, Gallecia, Lusitania e Betica, sendo estas subdivididas em *conventos* (districtos) militares, judiciaes e administrativos; em *colonias*, regidas por *direito latino*; em *municipios* com as suas leis consuetudinarias locaes; e as povoações ou aldeias chamadas *confederadas* que haviam reconhecido o dominio romano, umas isentas de impostos como as *immunes*, outras pagando-os como as *estipendiarias*, e algumas pela sua dependencia de centros mais importantes de administração chamadas *contributas*. Plinio cita a população das duas provincias da Betica e Terraconense, que se elevava a quinhentas povoações; n'este

*



numero apenas entravam vinte *colonias*, o que prova a diminuta população exclusivamente romana ou de origem romana, e seis *confederadas*, isto é, um diminutissimo numero das que tinham reconhecido espontaneamente o dominio de Roma. Que inferir d'aqui, senão que a população celtiberica é que era o fundo persistente subordinado á administração imperial? As revoltas na Lusitania contra os romanos tinham obrigado o senado a mandar Cesar á Hespanha Ulterior; Cesar reconheceu o centro da resistencia nas povoações montanhosas acantonadas nos Herminios, e diante da sua tactica implacavel muitas d'ellas tiveram de emigrar para além do Douro. Facto que não é sem importancia para o futuro centro de aggregação nacional. Novas revoltas contra o proconsul Publico Cincinato foram o symptoma da constante resistencia dos Lusitanos, que o partido de Pompeu veiu ainda aproveitar na peninsula, o que obrigou Cesar a voltar cá pela segunda vez. Cesar d'esta vez tratou de fixar a conquista pela concessão de privilegios, dando o *Jus italicum* a todas as cidades da Lusitania; Mertola ficou chamada *Myrtilis Julia*, Alcacer, *Urbs imperatoria*, Evora, perdoada dos gravosos tributos que pagava, *Liberalitas Julia*, Beja, *Pax Julia*, Santarem, *Presidium Julium*, Lisboa, *Felicitas Julia*. Na divisão feita por Augusto da Hespanha, a Lusitania ficou com tres conventos ou districtos, um em Merida, então capital *Emerita Augusta*, outro em Beja, e o ultimo em Santarem; d'esta divisão territorial ainda subsistem, como notou Herculano, Beja e Santarem, e da antiga Gallecia, Braga formando parte do territorio de



Portugal ¹. Por isto se vê que o estudo dos povos que nos precederam na constituição da nacionalidade portugueza é indispensavel para deduzir da lei de continuidade a razão de muitos factos sociaes. A divisão da Hespanha feita por Augusto durou até ao tempo de Adriano, que a dividiu nas cinco provincias, que acima indicámos, vindo mais tarde sob Constantino a destacar-se ainda a provincia Balearica.

A necessidade de conservar este poder sob a tutela administrativa imperial, fazia empregar a politica de Cesar; assim Vespasiano concedia o *direito latino* ás cidades e povoações hispánicas. Caracalla investia do direito de cidadãos romanos a todos os homens livres; e esta romanisação, já imitativa nos costumes, como notava Strabão sob Tiberio, já implantada por força maior nas instituições sociaes, em nada oblitera o fundo de raça, que recebe de Roma o primeiro impulso de unificação nacional: As divisões provinciaes romanas conservaram-se nas fórmulas de autonomia nacional na Edade-média; as *colonias* foram-se confundindo com os *municipios*, e já as suas distincções eram desconhecidas no tempo de Adriano. A obliteração das garantias municipaes, notada por Aulo Gellio, foi um phenomeno resultante do desenvolvimento do absolutismo ou poder pessoal do Imperio; na queda de Roma foram as instituições municipaes que renasceram por toda a parte como o primeiro nucleo da liberdade civil. O que se deu na

¹ *Op. cit.*, I, 25.



Italia repetiu-se na península hispanica, porque a fôrma municipal não era exclusivamente romana, é árica, e communi a todos os povos da Europa. Na península o Municipio resistiu, ou melhor, revigorou-se com a invasão gothica, e durante todas as perturbações e incertezas das luctas entre os neo-godos e os arabes, foram as instituições municipaes que garantiram sempre a existencia dos fortes nucleos de povoação em que se constituíram as nacionalidades modernas. O que são as Cartas de Foral, dadas pela realeza ou extorquidas á sua arbitrariedade, senão estas franquias locaes e consuetudinarias a que os Romanos deram a fôrma municipal?

O que é verdadeiramente notavel, é que estas instituições apparecem na Edade-média simultaneamente na Italia, na França meridional e na Hespanha; o nome de *aldeia*, que as pequenas povoações peninsulares conservaram sob o dominio dos arabes, acha-se tambem com o mesmo sentido na Italia medieval. E estas povoações, que não podiam resistir por si, e se submettiam ao dominio romano, eram as chamadas *confederadas*. Quando D. Affonso Henriques teve de reconhecer as garantias locaes dos nucleos de povoação do territorio conquistado aos arabes, imitou ou reproduziu o municipalismo italico, e até o proprio nome de *Podestat*, na aristocracia portugueza do seculo xiv proviera do cargo administrativo do podestariato. Á queda do Imperio correspondeu um movimento geral de descentralisação; resurgiram as liberdades locaes, e crearam-se as forças e os organismos individuaes das nacionalidades modernas; o que se obser-



va com o phenomeno linguistico dá formação das linguas novo-latinas, dá-se tambem na elaboração social. A humanidade ia atravessar uma longa crise, em que se preparavam as vias para ser transferida de Roma para a França a hegemonia da Civilização occidental. Na historia de Roma se encontram as duas influencias contradictorias do espirito *municipal* e do unitarismo *imperial*, que dirigem todas as transformações sociaes no decurso da Edade-média; uma tem a sua origem na tradição das raças e na própria fôrma dos territorios europeus; a outra nasce do character da civilização romana, baseada no direito, que successivamente codificado sob Theodosio e Justiniano veiu a ser a norma das monarchias absolutas desde as dynastias germanicas até á Revolução franceza.

O conflicto d'estas duas influencias transparece em todo o ultimo periodo da decadência; os Imperadores arrogam-se o mais discricionario poder pessoal, mas o seu poder desenvolvia-se pela pressão dos diversos centros coloniaes coadjuvados pelas tropas mercenarias. Assim, quando pela morte de Nero, o poder imperial perde o perstigio dynastico ligado á familia de Augusto, são simultaneamente proclamados imperadores, Galba na Hespanha, Othão em Roma, e Vitellio na Allemanha, vindo, por fim a governar Vespasiano proclamado pelas legiões da Syria. A Hespanha deu tres imperadores a Roma, Trajano e Adriano, que no meio dos crimes do cesarismo são o testemunho eloquente do estado da civilização peninsular, e Theodosio o Grande, que unificou outra vez o Imperio do Oriente e do Occidente; os



grandes monumentos romanos da península, em rigor, foram levantados por hespanhoes, como as pontes de Chaves e Alcantara no tempo de Trajano, e as estradas militares de Antonino, adoptado por Adriano. O phenomeno da desmembração do poder imperial repetia-se, como na lucta entre Septimio Severo, Pescennio Niger e Albino, proclamados simultaneamente em differentes partes do Imperio, e subsistindo o primeiro pelo assassinato; sob o imperio de Maximiano, são proclamados o proconsul Gordiano e seu filho, e em seguida Pupieno e Balbino. Mas o que parecia ambição pessoal toma um character de systema politico; os imperadores nomeando *cesares*, ou coadjutores seus herdeiros da soberania, atacaram a unidade romana, como vemos em Diocleciano reservando para si o governo do Oriente, Galerio a Thracia e a Illyria, Maximiano a Italia, a Africa e as Ilhas, e o seu adjunto Constancio Cloro, a Bretanha, a Hespanha e a Mauritania. A divisão entre o imperio do Occidente e do Oriente tornou-se mais accentuada pela abdicção d'estes dois imperadores, vindo os seus cesares ou herdeiros Galerio a ficar com a Italia, Africa e todo o Oriente, e Constancio com o Occidente. Constantino, filho d'este, consummou um tal facto, que determinou a desmembração definitiva do Imperio, depois de vencidas por todos os meios as resistencias de cinco imperadores, Galerio, Severo, Licinio, Maximiano e Maxencio, que entre si disputavam a purpura.

Nas divisões do Imperio, estabelecidas por Constantino, a prefeitura das Gallias comprehendia os elementos de uma grande confederação occidental, as ilhas Ba-



leares, a Hespanha, a Bretanha e a Helveçia; porém as ideias políticas não estavam em harmonia com a marcha da civilização. Constantino, conservando pela unidade das leis a ligação entre o Imperio do Oriente e o Imperio do Occidente, obedeceu por fim á corrente separatista, que veio a preponderar em toda a Edade-média na Europa; dividiu como cousa sua o imperio em herança por seus tres filhos Constantino, Constancio e Constante, e por seus dois sobrinhos. Como da ultima decadencia do Imperio para o estabelecimento da soberania de Alarico e de Odoacro, em que começam as monarchias germanicas, não ha uma solução de continuidade, é assim que os imperadores barbaros imitam as distincções nobiliarias da côrte de Constantino, e tornando legislação sua o *Codigo theodosiano*, do ultimo que unificára pela força os dois imperios, procuram pela conquista restabelecer a tradição do Santo Imperio, e fundar uma material unidade politica da Europa. Á luz d'esta tradição politica, contradictoria com a corrente da civilização, é que se comprehende a missão historica de Carlos Magno, a unidade da Hespanha visigothica, e ainda no fim da Edade-média a theoria da *Monarchia universal*, que o Papa e os eruditos da Renascença, Carlos v e a Casa de Austria, Francisco I e Henrique VIII, nutriram nos seus desvarios e abusos do poder. A ideia da unidade politica romana tornou-se o movel de acção de todas as monarchias hereditarias, que arrastadas a luctas sangrentas de familia, acabaram por se harmonisar em um accordo ou tregua de ambições a que a diplomacia deu o nome de *Equilibrio europeu*.



A historia dos mais pequenos Estados da Europa está tão intimamente ligada ao movimento geral d'este continente, que é impossivel comprehender o minimo successo sem o criterio derivado de uma vista de conjuncto.

Falta-nos considerar ainda um outro factor da decadencia do Imperio e agente transformador da sociedade moderna, o Christianismo. Na historia da Hespanha moderna, cujos estados se formaram nas luctas de reconquista dos neo-godos contra os Arabes, a religião foi o estimulo mais constante entre as duas raças para se tornarem incompativeis uma com a outra no mesmo solo.

As populações hispano-godas desmembradas em um separatismo natural e provocado pelos cataclysmos, não tinham o apoio de um interesse politico para a resistencia; a religião era o esboço da sua unidade moral. Quando mais tarde o triumpho levou a religião á intolerancia absurda e ao canibalismo dos Autos de fé, os estados peninsulares perderam os grandes elementos da sua civilisação, e acharam-se reduzidos á impotencia pela unificação politica das monarchias, para quem a religião se tornára a policia do estado. É portanto necessario considerar este facto, que se tornou preponderante, pela divisão do poder temporal e espirital, que caracteriza a Edade moderna. O Christianismo, desenvolvendo-se na séde da civilisação occidental, constituiu-se com os elementos que ahi achou; da Grecia tomou as doutrinas philosophicas da sua parte *dogmatica*; de Roma tomou o systema de organisação administrativa com que



se fortaleceu na sua parte *disciplinar* ou hierarchica; dos povos do occidente tomou-lhes os sanctuarios das Deusas-Mães e os mythos áricos da Natividade e da Paixão. O seu fervor proselytico fortificou-se n'essa agitação equalitaria e communita provocada pela concentração da propriedade que ia esboçando no Imperio as fórmulas feudaes. O Christianismo, cooperando para a decadencia de Roma, apresenta esse mesmo conflicto dos dois principios *separatista* e *unitarista* da dissolução do Imperio; o primeiro desenvolve-se em todos os pontos em que se revela qualquer resistencia contra o despotismo imperial, na Africa, nas Gallias, na Hespanha, nas ilhas Britanicas e Allemanha; assim se formaram as *egrejas nacionaes*, com as suas diversas liturgias, com os seus *synodos* independentes, com a elegibilidade dos bispos, e com essa intima relação da auctoridade episcopal para com as instituições municipaes. O principio *unitarista* domina a organização interna da Igreja, que se centralisa em Roma, impõe a unidade de lingua para a liturgia, absorve o primado no bispo romano e pela exploração dos vicios e ambições de Constantino converte-se em *religião do estado*, confundindo o poder temporal e espiritual na theocracia dos Papas, que por seu turno se arvoraram em representantes da tradição do Santo Imperio romano, impondo a todas as outras realidades a divisa theologica *Per me reges regnant*. Quando, depois da civilização scientifica e juridica da Grecia e de Roma se devia seguir a actividade industrial e pacifica, a Europa foi arrastada n'uma falsa direcção, theologica e militar; a Edade-média nas suas trevas, nos



seus desastres, nas manifestações das mais extraordinárias energias, não foi senão o esforço constante de dissolução d'este regimen catholico-feudal. As egrejas nacionaes apropriavam-se das tradições dos *pagi*, convertiam os mythos do povo em elementos de festas publicas, e a Egreja de Roma separava o povo da liturgia, e pelos seus concilhos envolvia-se nos odios politicos, n'esse longo conflicto entre o Sacerdocio e o Imperio.

São estes os dois representantes da *unidade romana*, que nos apparecerá em todas as phases da historia da peninsula, como consequencia da evolução geral da Europa moderna. *Monarchia* e *Catholicismo* significam a fórma das duas correntes unitaristas da Europa, que só produziram devastação, retrocesso, ruinas das liberdades e sangue. Contra estas duas correntes, o espirito de autonomia politica e da liberdade individual oppoz as suas forças, a *revolução* e a *heresia*, os dois grandes processos negativos da dissolução catholico-feudal.

Todas as revoluções da Europa moderna foram democraticas; o protestantismo ou a heresia na egreja foi sempre a expressão de uma qualquer independencia nacional, como se observa no Socinianismo na Italia que era republicano, no Calvinismo em França tambem republicano, e na Reforma na Inglaterra. Na Hespanha apparece-nos ligada aos primeiros esforços de organização social uma egreja nacional, caracterizada pelo *rito mosa-rabe*, mas a sua extincção é simultanea com a ruina de muitas liberdades locaes, diante da absorpção da unidade monarchica. A religião christã comunicada da Africa para a peninsula hispanica trouxe, como já observá-



mos, esse caracter de intolerancia, que se revelou pelos novos martyres sob os governadores imperiaes; os desastres de invasões dos povos e de cataclysmos physicos, tiraram-lhe essa brandura poetica alliada aos mythos populares, tornando-a um culto de expiação orgiastica, que tanto veiu a influir na decadencia da Hespanha. A lingua latina e os codigos romanos, e em especial o espirito da unidade do Imperio, vão-nos apparecer sob as duas fórmas da Monarchia e da Egreja, perpetuando este largo conflicto da Edade-média, pelo antagonismo entre os principios da *auetoridade* e da *liberdade* na politica, e pelo antagonismo entre a *razão* e o *sentimento* no progresso da sociedade. A harmonia d'estes principios levou seculos a estabelecer, e a lucta ainda dura. Pelas invasões dos barbaros Germanos que se substituiram no dominio do Imperio, a fórma monarchica recebeu uma transformação, a hereditariedade, que a torna mais terrivel do que a prepotencia dos imperadores; pela deslocação territorial dos povos diante dos invasores, a Egreja tratou de fundar a sua theocracia e unitarismo absorvente na aquisição da propriedade temporal. Temos portanto conhecida a orientação romana dos novos elementos que vão entrar em acção na marcha historica da peninsula.

8. — A invasão germanica e a unidade da monarchia visigoda

Os Romanos pelas suas guerras de dois seculos realisaram a unificação de todos os povos da Hespanha, postoque conservassem as divisões naturaes e ethnicas



nas suas fórmãs administrativas. Esta unidade pôde manter-se, porque o espirito irrequieto dos povos hispanicos, embora acompanhasse muitas vezes as revoltas militares dos que aspiravam á purpura, teve por salvaguarda da sua voluntaria submissão a soberania de tres imperadores hespanhoes, Trajano, Adriano e Theodosio o Grande. Ainda assim os gérmenes da individualidade nacional estavam latentes sob esta apparente unificação politica; não só as tribus dos Vasconios mantinham a sua independencia nos desvios fragosos dos Pyrenéos, como ao primeiro abalo de qualquer facção a Hespanha se achava immediatamente prompta a quebrar essa unidade ficticia, volvendo ao typo dos *pequenos estados*, talhados pela natureza e pelo seu genio federalista. Este phenomeno social vemol-o dar-se com a invasão das tribus barbaras dos Germanos; nas luctas das ambições imperiaes da ultima decadencia, Geroncio, que proclamára Maximo, seguiu a traição d'este imperador que chamára sobre Roma Genserico e os Vandalos, e por seu turno facilitou tambem a entrada das tribus dos Vandalos, dos Alanos e dos Suevos na Hespanha. Immediatamente ficou reduzido á inanidade o poder romano cuja unidade era moral; a Hespanha dividiu-se outra vez em *pequenos estados*, segundo o espirito separatista immanente na raça. A Gallecia e a Castella Velha destacam-se na occupação dos Vandalos e Suevos; a Lusitania e a Carthaginense ficam aos Alanos, dos quaes uma tribu, a dos Silingos, se fixa na Betica ou Andaluzia. Estas tribus germanicas eram verdadeiramente barbaras, e portanto traziam comsigo a devastação; os horrores descriptos na *Chronica* de Idatio



têm o fundamento do que se observa entre todos os povos n'um estado social inferior. O *cannibalismo*, que se revelou n'esta tremenda catastrophe, não era mais do que a regressão ao costume troglodita da primitiva raça autochtone, de que apparecem vestigios nas ossadas da gruta da Furninha, de Peniche. É preciso notar que n'esta primeira invasão das tribus germanicas na península, os Alanos pertenciam a outra raça, eram scythas, analogamente á dos euskarianos; por este modo se comprehende como esta corrente de povos não veiu desnaturar o *typo iberico*, favorecendo pelo contrario a sua regressão. Pelo colonato os romanos tinham introduzido na península populações vagabundas da Germania, sobretudo os Getas, que representam na raça áfrica as relações primitivas d'esta com as tribus da alta Asia; assim estas populações vinham sobre o territorio peninsular desenvolver pelas suas colonias a persistencia do *typo iberico* da primeira migração asiatica. Foram estas colonias que facilitaram a occupação das tribus germanicas invasoras no começo do seculo v; da mesma fórma que a população judaica coadjuvára a invasão dos Arabes. A persistencia do *typo iberico* é um phenomeno explicavel pela anthropologia, apoiada sobre a importancia dos factos historicos, que nos fornecem documentos constantes de uma regressão ethnica, observada pela lei do physiologista Müller. A extraordinaria vitalidade de symbolos juridicos, de mythos, de costumes domesticos que ainda existem nos actuaes povos peninsulares, postoque pelas suas similariades se confundem com os dos povos germanicos, só pôde ser explicada por se derivarem d'essa raça da pri-



meira migração asiática, a qual no norte da Europa se achou misturada com os Germanos pelos Getas e pelos Scythas. A invasão da Hespanha pelas tribus germanicas, embora lhe proporcionasse ensejo para a expansão dos seus individualismos nacionaes, nem por isso a separou da solidariedade das transformações sociaes do Occidente. O que se deu com a Peninsula hispanica com a invasão dos Alanos em 409, dos Suevos em 413, dos Vandalos em 439, répetiu-se com a Itália, com a tomada de Roma por Alarico em 410, com o estabelecimento dos Lombardos em 468, dos Herulos em 476, e dos Ostrogodos em 493; nas Gallias, os Burguinhões em 406 assignalaram a primeira corrente de invasão das tribus barbaras continuada pelos Frankos em 420, bem como na Inglaterra as tribus dos Anglos e dos Saxões, em 455. A generalidade e a extensão d'este facto em todo o Occidente, leva-o a considerar como o começo de uma éra nova da historia. A Civilização occidental teve um desastroso eclipse; foi preciso um longo e difficil esforço para que essas tribus barbaras reconhecessem o alto valor da cultura latina, ou fossem eliminadas pela acção do clima meridional ¹; custou seculos a sua lenta assimilação, que se rea-

¹ No Congresso de Hygiene, effectuado na Hollanda em 1883, tratou-se da colonisação europêa nos paizes quentes, e chegou-se a conclusões fundamentaes provenientes da observação, as quaes nos explicam a situação dos povos germanicos vindo estabelecer-se no sul da Europa no seculo v. Eis algumas d'essas conclusões: « A colonisação europêa nas planicies dos paizes quentes conduz fatalmente á morte prematura, quando os colonos têm de revolver terrenos virgens



lisou no decurso d'esse periodo de energia psychologica chamado a Edade-média, que outra coisa não foi senão a elaboração intima da sociedade e da civilização moderna. Os historiadores metaphysicos, seguindo as ideias de Hegel, e do chauvinismo germanico, quizeram considerar como providenciaes as invasões germanicas, vindo implantar as fórmas de uma nova civilização que traziam em germen, sobre o esgotamento e inanidade do Imperio romano. Mas a barbarie não pôde dar mais do que tem, a brutalidade impetuosa; e as invasões germanicas só podem ser bem avaliadas por um simile que nos apresenta a historia antiga, quando essa esplendida civilização mediterranea do Egypto foi assaltada pelas tribus noma-das dos Hyksos, os quaes ao fim de seculos vieram a cultivar-se e a attingir um certo gráo de progresso em contacto com os vencidos. O mesmo aconteceu com as tribus germanicas; traziam seus costumes espontaneos, as fórmas sociaes rudimentares, as virtudes e os vicios inherentes á falta de estabilidade e á vida de lucta com outras tribus errantes ou com as legiões romanas que lhes embaraçavam a descida para o Occidente. Muitas d'estas

ou cultivar o solo». O medico em chefe da marinha franceza Dr. H. Rey, confessando a ausencia de meios que garantam de um modo absoluto a acclimação da raça branea nos paizes quentes, conclue: «que o europeu pôde esperar manter-se n'esses paizes, mas sempre n'um estado de resistencia relativa, e por um tempo cuja duração é variavel, segundo as localidades e o logar de origem do emigrante». Ao fim de um seculo o elemento lombardo estava extincto na Italia; o mesmo facto está implicito na climatologia da península hispanica.



tribus nos seus mutuos conflictos, tinham pedido defeza aos imperadores romanos offerecendo-se submissamente ás condições do seu colonato; outras tinham entrado na constituição dos exercitos romanos formados por um tão exclusivo mercenarismo, que o imperador Probo teve de restringir este abuso, que não deixou de exercer as mais terriveis consequencias nas invasões do seculo v. Portanto, muitas d'essas tribus conheciam a pericia militar dos Romanos, e tinham nos territorios do dominio do Imperio colonias irmãs, que estavam promptas a engrossarem a corrente da invasão; taes foram os Visigodos, que para se defenderem da terrivel incursão dos Hunos em 375, se incorporaram no Imperio, vindo mais tarde a revoltar-se contra as exacções fiscaes. Se factos d'esta ordem explicam a generalidade e importancia da invasão das tribus germanicas, tambem explicam como sobreviveu a lingua e o direito romano, e como os chefes militares tornados reis se impuzeram como continuadores do Santo Imperio Romano ¹.

Quebrada a unidade politica da Hespanha pelas in-

¹ J. Zeller sustenta, nas suas *Origens da Allemanha e do Imperio germanico*, « que, como nação civilisada, a Germania é obra de Roma e da Gallia; que o progresso intellectual, moral e social não se operou na raça germanica por um desenvolvimento interno, nem foi nunca o fructo de um trabalho indigena. De fóra lhe veiu o christianismo implantado por Carlos Magno, os constructores das cidades e cathedraes, as leis escriptas, em vez de uma justiça ligada á vingança individual; veiu-lhe a cavalleria, a liberdade burgueza e a ideia do imperio, as universidades, a architectura francigena, a tolerancia religiosa ». (*Fustel de Coulanges*).



curções de Gunderico, Hermenerico e Genserico, os Visigodos, que tinham vivido em contacto com o Imperio, vieram restaural-a, quando por seu turno occuparam a peninsula, e se reconheceram como auxiliares do Imperio. Mas a unidade politica fôra tentada pelos elementos da primeira invasão; os Alanos, que occupavam a Lusitania, para reagirem contra os Suevos que alargavam as fronteiras da Galesia para além do Mondego, lançaram-se nas guerras de conquista pretendendo submeter ao seu dominio toda a Hespanha ¹. Porém os Suevos confederando-se com os Vandalos, fixam o seu dominio na Lusitania em 420, e expulsando por fim os seus alliados para a Africa, incorporam no seu engrandecido estado a

¹ «Em contacto continuo com as povoações nomadas visinhas de origem meda e tartara, e que os cercavam a leste e ao norte, os Messagetos, ao mesmo tempo que se misturaram com os medas, adoptaram tambem das tribus tartaras muitos elementos estranhos ao seu sangue, aos seus costumes e á sua lingua, de sorte que é já depois d'esta época que a influencia meda e a influencia tartara se fazem sentir sobre alguns povos de origem scythica, principalmente nos povos scytho-sarmaticos. Assim, em consequencia d'esta mistura, os *Alanos*, que, segundo Cassius (69, 15) e Juliano, provêm dos Messagetos, estavam conjunctamente apparentados e alliados a povos de origem scythica como os godos, e a tribus de origem tartara como os *Kuni* ou Hunos», (*Les Scythes*, p. 8) «povo scytho-tartaro, como os *Alanos*, nos quaes a constituição dos Scythas degenerára, quer pela mistura com o sangue tartaro, quer pelo clima deleterio da Colchida e da Macotida». (Bergmann, *Les Scythes*, p. 16).

A ideia da conquista da peninsula prova que era numerosa a incursão dos Alanos, e que se apoiava sobre homogeneidades com a população existente; pela sua origem, era a unica tribu do norte que podia adaptar-se na Africa.

*



Betica em 429. Tal é a zona de territorio em que tinha de desenvolver-se a nacionalidade portugueza, como ainda hoje o provam as analogias ethnicas; mas a sua constituição tardia, quando a reconquista christã vinha avançando para o sudoeste, é que fez com que ficassemos reduzidos a esta estreita faixa continental, alargando-nos e procurando o equilibrio da nossa existencia no poder colonial.

A formação de um estado occidental pelos Suevos não pôde attingir estabilidade, por causa de uma nova e mais terrivel invasão germanica, a dos Visigodos sob o commando de Attahulfo, (419 a 450) e depois de Vallia; as tribus dos alanos e silingos da Lusitania e da Betica confundiram-se com os Suevos encerrados na Gallecia, que mantiveram uma simulada e sempre instavel independencia, sendo por fim vencidos pelo chefe visigodo Leovigildo (575). Os Visigodos, conhecedores da civilização romana, e dando-se como auxiliares do Imperio, conseguiram restabelecer a unidade territorial e politica da Hespanha romana, adoptando o Codigo theodosiano, os costumes patricios, conservando a distincção formal entre os nomes de *romano* e de *godo*, sendo este ultimo empregado como um titulo de superioridade e de nobreza. N'esta unificação da Hespanha sob o imperio visigothico comprehendia-se tambem o sul das Gallias, e este facto não deixa de ter importancia sobre o character commum que a civilização occidental tomou sob a hegemonia da França, e nos communs interesses de resistencia contra a invasão dos Arabes na Europa meridional. A raça germanica na Hespanha apresenta-nos duas feições preponderantes, uma



no seu estado primitivo, regendo-se pelos seus *costumes* tradicionaes; outra modificada pelo contacto com os Romanos, imitando-lhes os seus usos e assimilando-lhes a sua legislação civil.

Ao primeiro grupo pertencem as tribus germanicas da primeira invasão, alanos, vandalos, silingos e suevos, os quaes decahiram da dignidade de *homens-livres*, pelo triumpho dos Visigodos, e ficaram reduzidos ao estado social de *ligios* ou lites; este grupo comprehende os proprios visigodos da banda agricola e pastoral, que decahiram em inferioridade social pelo predominio da banda guerreira convertida em aristocracia pelos chefes militares que se tornaram reis. Ao segundo grupo pertencem os Visigodos, modificados pelo contacto com a civilização romana, e visando a restabelecer a unidade politica da Hespanha.

Estas duas differenças fundamentaes acham-se na legislação, vindo os costumes tradicionaes a ser redigidos em codigo só muito tarde nas Cartas de Foral, ao passo que as leis romanas são compiladas em 506 no *Breviario de Alarico*. O espirito da unidade imperial romana veiu a ser realiado passado seculo e meio nas instituições pela promulgação do Codigo Visigothico, a *Lex Gotorum*, que apagou as distincções leaes entre os conquistados e os vencedores germanicos. Esta aproximação gradual e lenta das duas sociedades, esta fusão definitiva, não póde attribuir-se nem sómente á acção das leis, nem ao influxo do Christianismo professado pelos dois povos que a invasão pôz em contacto, como pretende Herculano.



As leis eram a resultante dos costumes, a sanção dos factos; e o Christianismo não conseguira produzir a unanimidade moral, porque estava dividido em duas doutrinas, a *romana*, que aspirava á unidade theocratica, e influindo pela intriga no animo dos reis visigodos preponderava nos concilios ou assembleias politicas; a doutrina popular era o *arianismo*, a da crença na humanidade de Jesus, base de toda a poesia da religião e da comprehensão concreta das multidões. Entre estas duas doutrinas existiu um conflicto de seculos, que ainda depois da reconquista christã, persiste n'esse esforço constante de reacção em que Roma pretendia substituir a sua liturgia á dos mosarabes da igreja nacional. A transformação social da peninsula hispanica sancionada pelo Codigo Visigothico é o facto capital d'onde derivam todas as ultteriores fórmas sociaes em que os caracteres romanos e germanicos se fundem, produzindo a realeza, o feudalismo, a burguezia, os concelhos, os municipios, as côrtes, os systemas tributarios, n'essa oscillação empirica entre os principios da auctoridade e da liberdade, n'esse accordo espontaneo d'onde resulta a coexistencia do desenvolvimento do individuo com o aperfeiçoamento do Estado. Portanto, essa transformação social de unificação civil e politica tem raizes mais fundas, do que as de dependencia dos actos voluntarios; a sua importancia é extraordinaria, porque é este o momento historico, o nucleo de organização intima da sociedade moderna.

Herculano e os historiadores medievaes que seguiu, desconheceram dois problemas fundamentaes da historia da Europa, imprescindiveis para comprehender a elabora-



ção social que começou com as invasões germanicas e produziu as modernas nacionalidades; o primeiro d'esses problemas é a identidade de instituições entre todos os povos desprendidos do tronco árico, como o prova Freemann, e outros publicistas; o segundo é a identidade de costumes entre todos os ramos da raça germanica, quando se comparam as suas instituições, que se tornaram divergentes á medida que esses ramos saxão ou franko, ostrogodo ou visigodo se estabelecem em diversos territorios, em diferentes condições ou n'um estado mais ou menos obliterado d'essa classe unitaria e simples dos *homens-livres*, como o provou Savigny. Estas duas ideias são a luz que tudo illumina; sem a homogeneidade árica cáe-se no erro de julgar incompatíveis entre si as instituições romanas e as germanicas, cria-se a necessidade de considerar como uma decadencia a assimilação dos costumes romanos pelos visigodos, e fabrica-se um facto maravilhoso, o da persistencia de instituições como o municipio, essencialmente democratico, com a realeza, que os germanos tornaram hereditaria. Se desconhecermos a similaridade das instituições dos diferentes ramos da raça germanica, topamos immediatamente com factos inexplicaveis, como o Feudalismo, peculiar da França, o pacto Constitucional em Inglaterra, ou o poder senhorial na Italia, quando todas estas fórmãs não são mais do que desdobramentos mais ou menos completos dos mesmos elementos sociaes segundo as modificações do meio territorial em que se deram. Comprehende-se agora a facil identificação dos Germanos com os costumes romanos, e como as nacionalidades modernas que resultaram da des-



locação das tribus barbaras avançaram para uma mesma fórma de civilisação na Edade-média.

Freemann, ao estudar as instituições inglezas, esboça o quadro da eleição do governo no cantão de Uri como um phenomeno de persistencia da tradição social árica; mesmo em Portugal, onde persistem costumes das épocas ante-historicas, temos na povoação do Suajo, a dez kilometros dos Arcos de Val-de-Vez, o typo da tribu primitiva, que conserva em rudimento o esboço geral das instituições europêas, bem como na freguezia de S. Miguel de Entre-Rios, a doze kilometros de Ponte da Barca ¹.

Firmin Caballero, estudando a agricultura em Hespanha, tambem apresenta diversidades de costumes, de fórmas juridicas, de contractos, de cantos e instrumentos musicos de cada provincia, por onde se vê que o espirito separatista, depois dos Romanos submettidos pelos Visi-

¹ Transcreveremos aqui alguns traços colligidos pelo snr. D. Antonio da Costa, do seu livro *No Minho*: «São caçadores por excellencia, e quando correm á caça predominam as pelles no seu trajo simplicissimo. — Um é por todos, o são todos por cada um. Se nas grandes rixas têm a infelicidade de matar alguém, e se as auctoridades administrativas se apresentam na localidade para inquirir, os suajenses não denunciam o culpado, mas respondem a uma voz: — Matámol-o todos. É para elles inviolavel a hospitalidade. Os homens com os seus casacos de burel avivados de azul, calções, polainas, colletes e barretes de burel tambem, as mulheres de saias de lã, colletes curtos, lenços de linho na cabeça e cabello cortado, apresentam-se com solemnidade para em assembleia se discutirem os



godos á unificação politica, persiste na fórma cantonal, que não podendo, nem devendo ser destruida, só póde vir a disciplinar-se e tornar-se consciante no federalismo. A persistencia d'estes usos na agricultura, indica-nos o processo para recompôr esse elemento do *colonato* romano semelhante em tudo ao germanico, porque foi esta classe que se constituiu em povo, em communidades, em ligas ou irmandades, que redigiu as puras garantias tradicionais da época em que pertencia á egualdade dos *homens-livres* formada pela banda guerreira e pela banda agricola e pastoral, segundo o typo indo-europeu. Não era em dois seculos de occupação, e esses mesmos dispendidos em guerras com os frankos e intrigas de palacio e perseguições religiosas, que os Visigodos podiam crear esse numeroso elemento plebeu, de povoações ruraes que vieram sob a conquista arabe a formar o grosso da classe ou população mosarabe das monarchias neo-gothicas.

negocios de interesse geral no terreiro, ao ár. livre como os povos das antigas republicas. — As veigas de S. Miguel estão divididas em quinhões pelas familias, mas estas não as cultivam. A cultura e a ceifa, executa-as de um extremo ao outro a comunidade, recebendo depois cada familia o respectivo quinhão. — A pena maior é a da expulsão da freguezia. — Resume-se em visinho nenhum dar lume ao condemnado, não consentir que vá buscar agua á fonte, não fallar com elle, e nem responder sequer á mais pequena pergunta que elle faça. — O individuo isolado assim completamente, vô-se na necessidade absoluta de emigrar da freguezia». *Op. cit.*, p. 194 a 200.



É este o facto culminante de toda a historia da península, facil de explicar desde que se reduzam as cousas ao natural, isto é, que as tribus celticas não destruíram as populações ibericas, nem que os phenicios e romanos eliminaram as populações celtibericas; pelo contrario, estes com as colonias lybio-phenicias e berberes, e outros com as colonias geticas desenvolveram essa população rural e trabalhadora cujo estado social se elevou desde a servidão e dependencia pessoal até ás garantias individuaes reconhecidas ou concedidas pela realza. A instituição municipal é o nexo mais intimo e vigoroso que funde estas diferentes camadas de população; na decadencia do Imperio em toda a Italia revivem as instituições municipaes obliteradas sob o centralismo dos Cesares; na dissolução da monarchia visigothica, sob a tolerancia dos arabes, essa fórmula administrativa, geradora da liberdade politica, desenvolve-se vindo a fundar os Concelhos, sobre que a realza se apoiou para obstar á ampliação do poder senhorial.

Para acompanhar a evolução organica das nacionalidades peninsulares, importa considerar isoladamente os seus elementos constitutivos. Temos em primeiro lugar os hispano-romanos, isto é, os povos submettidos ao dominio e unificação romana, quer os vencidos, quer as colónias transportadas para a Hespanha; uns tinham a aristocracia individual dos cargos publicos que exerciam, outros formavam uma vasta clientela, com diversos grãos de dependencia. Pelas grandes accumulações de propriedade pela conquista, os romanos tiveram de crear a *emphyteuse*, da mesma fórmula que os germanos em



egualdade de circumstancias crearam o *beneficio*, n'um gráo mais elevado de dependencia. As incursões dos suevos, vandalos e alanos, não destruíram esta organização, mas desenvolveram os caracteres mais primitivos das instituições tradicionaes do elemento do colonato. Os Visigodos acharam-se com estas duas correntes de organização, a romana ou da unidade imperial, e a hispanica ou de separatismo cantonal. Como é que estas duas correntes tiveram a sua expansão propria, e como é que mutuamente se influenciaram? É esta a parte mais delicada do problema historico, que encerra em esboço as fórmas da marcha social das nacionalidades peninsulares. Para a solução d'este problema é preciso observar o estado social dos Visigodos através do typo geral da tribo germanica. O visigodo na sua entrada na peninsula compunha-se de duas grandes classes, o homem da banda guerreira (*Vehr-man*) e o homem da banda agricola e pastoral, eguaes entre si, e concorrendo com o mesmo direito ao *Mallum* ou assembleia ao ár livre. A vida exclusiva das armas, as invasões e as conquistas no occidente da Europa, alteraram este equilibrio, e dando a preponderancia á banda guerreira, fizeram que esta se convertesse em aristocracia, ao passo que a banda agricola e pastoral ficou em uma situação subalterna, decahindo successivamente da dignidade de *Homens-livres*. Todas as fórmas politicas da Europa saém d'este grande phenomeno social. A conquista da Hespanha romana pelos Visigodos explica a preponderancia da banda guerreira; é pelo desenvolvimento d'esta, que deve começar a analyse critica. O primeiro effeito da conquista foi o

apropriarem-se os vencedores de dois terços das terras dos vencidos, deixando-lhes apenas um terço; d'aqui a necessidade de ter quem lhês trabalhasse as terras, já pelos prisioneiros, já pelas prestações censiticas das familias da banda agricola, que não compartilharam da distribuição, e que se submettiam a condições onerosas que foram a sua decadencia de classe. É por isso que no Codigo Visigothico a palavra *ingenuo* comprehende os nobres e o vulgo, e destacando-se este ultimo em grãos de inferioridade, como *minoris loci, minoris dignitatis, e viliores*.

O nome de *servo* indicava tambem muitos grãos de dependencia, e conservando o mesmo valor que tivera no dominio romano, revela-nos que os visigodos mantiveram em geral as fórmãs administrativas romanas, e iam pela concentração da propriedade na banda guerreira reproduzir as fórmãs da emphyteuse. N'esta decadencia dos Homens-livres, vêmos os colonos adscriptos á terra ou os *plebei*, e os que apenas reconhecem o dominio de um senhor pela prestação de um canon annual, ou de uma renda em fructos. Os *lidi, leti, laxxi, e malados*, na Italia, França e Hespanha, são esta classe social que não pertence bem á servidão romana, mas que provém da decadencia dos Homens-livres; Gerard considera-os como uma classe intermedia á escravidão e á liberdade. Comprehende-se como em uma primeira época de prepotencia e incursões guerreiras, esta classe se incorporasse pela fatalidade das circumstancias nas fórmãs amplas da servidão romana; bem como, em uma época em que começava a estabilidade social, e portanto a ne-



cessidade da industria agricola, ella fosse reclamando as suas garantias perdidas, fazendo reviver a sua tradição de independencia. Á primeira época pertence o phenomeno da elevação da classe militar o aristocratica (os *Ricos-homens*) á custa das garantias dos outros homens-livres (os *Homens-bons*); a segunda época caracteriza-se pelo desenvolvimento exclusivo da realza e da criação dos Concelhos, ou das liberdades locais. Ambos estes titulos se conservaram na sociedade neo-gothica e até quasi aos tempos modernos.

As classes inferiores, alargadas pela servidão e colonato romano, e pela conquista e decadencia dos homens-livres dos Visigodos, formaram o grupo da população peninsular, que veio a constituir os modernos estados. O estado das pessoas entre os Romanos e Germanos era muito semelhante, não só pela identidade ethnica, como pela mesma vida de actividade militar, e pelo mutuo contacto das tribus barbaras com o Imperio, especialmente o visigodo. É por isso, que na época hispano-romana o estado das pessoas apresenta as mesmas differenças que as da época visigothica; d'aqui, a conservação d'essas condições sob a conquista, á parte a obrigação desigual do imposto que pesava sobre o vencido, e ao mesmo tempo a tendencia para confirmar a nova organização social com o anterior estado da administração romana. Assim como na época hispano-romana existia uma classe com a categoria geral de *Possessores*, que se subdividia em *curiales*, ou os individuos cuja importancia provinha de seus cargos, e em *privados*, que viviam dos seus rendimentos ou actividade; tambem na



organisação social visigothica nos apparece essa categoria geral dos *Ingenuos*, comprehendendo a *nobrixa* de nascimento e dos cargos exercidos, e o *vulgo*, que abrangia as pessoas infimas, mas na posse da liberdade civil. A transição para o estado sem liberdade estabelece-se pelo mesmo meio nas duas sociedades; os *privados* não têm uma linha de separação entre os *plebeus*, e a estes pertencem as classes dos *artifices* (ministeriales), os *mercadores*, os *jornaleiros* e genericamente os *colonos*; na sociedade visigothica, os *ministeriales* conservam o typo da servidão romana, isto é, em uma condição indefinida de liberdade; susceptivel de se elevar, como aconteceu com os officiaes-móres da casa do rei ou *ministros*, seus serventuarios, ou de decahir, como os mestiraes e *menestreis* do fim da Edade-média. Estes estados das pessoas tendiam impreterivelmente a unificarem-se, e por isso a distincção entre *romano* e *godo* era simplesmente exterior; as instituições de character mais romano, como o Municipio e a Emphyteuse, desenvolvem-se justamente quando está mais vigorosa a occupação visigothica, o que significa a grande preponderancia de uma classe inferior, que tendia a fundar o equilibrio social moderno na *classe média*, facto inteiramente desconhecido nos povos antigos. No *Breviario de Alarico* o Municipio romano subsiste com o seu mechanismo mais alargado, e isto quando a banda guerreira se ia arrogar o goso exclusivo da liberdade civil e politica; a necessidade de conservar as fórmãs da administração romana, para a arrecadação dos impostos, obrigava a realza a reconhecer a existencia legal das municipalidades; quando no seculo VII, ño



reinado de Chindaswintho, e Recesvintho, se publica o Codigo Visigothico, a *Lex Gotorum*, unificando vencedores e vencidos, não só essa immensa classe média reagia já pela sua liberdade, como a propria realêza se via na necessidade de crear um apoio contra a prepotencia da nobreza militar. É esta a causa essencial por que o Feudalismo em Hespanha não teve um completo desenvolvimento, não sendo nunca o poder real egualado ao poder senhorial; a dependencia do *feudo* tendeu sempre a ser substituida pela prestação censitica, da mesma fórma que a *emphyteuse* romana se confundiu com o colonato livre dos Visigodos. A lucta da classe dos Homens-livres decahidos da sua dignidade contra a banda militar, que se constituiu em nobreza de nascimento, (*filho d'algo*) apparece-nos durante a monarchia visigothica, pelo facto bem eloquente de nenhum monarcha visigodo ser hispano-romano; isto significa, que sendo a realêza electiva, ou sahida da revolta, a aristocracia germanica só conferia a soberania á gente da sua classe. Mas seria essa aristocracia tão ciosa dos seus costumes nacionaes e do seu individualismo germanico, que repellisse os principaes hispano-romanos pelo odio ao imperio que destruiria? Não; porque essa aristocracia imitava as fórmas exteriores da cultura romana, a ponto de Recaredo tomar o nome de Flavio; o que ella detestava era essa classe média que se ia formando, e contra a qual ia creando um systema de clientela militar, que se transformou espontaneamente em um colonato livre com a obrigação de prestar armas ao serviço militar. Assim, se este desenvolvimento da Banda guerreira ou dos Ricos



Homens se fez á custa da decadencia dos Homens-livres em *aldiones* e *lidos*, ficando o nome de *Bom* significando um certo gráo de inferioridade social e ao mesmo tempo a sua origem elevada pela primitiva egualdade civil, a fôrma d'esse desenvolvimento tendia a fomentar no futuro a emancipação da classe decahida. O rico-homem ou da turma guerreira, tinha pelo direito da conquista dois terços da terra; o homem-bom, a quem nada tocou, acceitava d'elle a propriedade em *beneficio*, ficando a prestar-lhe serviço militar; este gráo de dependencia constituia a classe dos *Buccellarios*.

Muitos costumes se conservaram na Hespanha da Edade-média provenientes d'esta situação, taes como a obrigação de *acudir ao appellido*, as prestações do *cavallo de maio*, e o direito senhorial do *pendão e caldeira*¹. Tambem pelos *cavalleiros-villões*, que vieram cons-

¹ Das palavras de origem germanica, que Frederik Diez apouta na sua *Grammatica das linguas romanieas*, (t, 61, trad.) na nossa lingua existe um certo numero que significam instituições sociaes de character germanico; o *Mahal*, é o *Malhom*, ou a assembléa ao ár livre, onde se discutiam as garantias e immunidades locaes; o *Ordal*, é o *Ordalio*, a prova juridica por ferro-caldo; o *Ban*, é o *bando*, a promulgação da sentença; o *Sago*, é o *sayão*, o executor da justiça; o *Alôd*, é a propriedade *allodial* ou livre, e o *Fihu*, o *Feudo*, o quo existia sob a dependencia de serviços; a habitação humilde é o *Heriberga*, o *albergue*. Nos usos aristocraticos os termos accusam organização de jerarchias, como o *Marechal* (*marakalk*), o *Senescal* (*siniskalli*) e distincções tiradas dos habitos da guerra (*werra*), como o *elmo* (*helm*), o *brasão* (*blaese*), a *alabarda* (*helubart*), o *dardo* (*daradh*), a *frecha* (*flitz*), a *espora* (*spora*), a *brida* (*brittil*), o *galopar* (*gahlanfan*), etc.

tituir a burguezia independente, subsistiram os restos d'essa clientela militar, cuja dependencia do senhor para o beneficiado explica muitos outros costumes incompreensíveis, como a *marcheta* ou o *maritagio*, as *luctuosas* e *goiosas* e o direito a metade das *bemfeitorias*. Se o Buccellario morria deixando apenas uma filha para herdar o beneficio, tinha o patrono o direito de lhe escolher marido, continuando n'ella a herança e a obrigação; d'aqui o direito de *maritagio*, muitas vezes exercido por mulheres, o que prova que não é essa fabula da prelibação ou *jus prime noctis*. No caso da filha do Buccellario casar sem licença ou em uma classe inferior á sua, perdia as terras havidas do patrono. A propriedade germanica isenta de tributos, era um privilegio que tendia a desenvolver a classe dos *Buccellarios*, pois que todo o peso das contribuições incidia sobre a *tertia romanorum*; se esta desigualdade cooperou na península para a decadencia dos Homens-livres, pela sua incorporação com os privados hispano-romanos augmentou essa população que veio a constituir a classe média, filha do colonato livre, e ao mesmo tempo creou as forças de resistencia para reclamarem as suas antigas garantias.

Por esta dissidencia entre os dois elementos da sociedade germanica se explicam muitos successos extraordinarios da historia e fórmulas fundamentaes da organização da sociedade moderna: sem ella, não se comprehende como a quasi totalidade da população hispano-goda aceitou com indiferença a occupação dos Arabes na Hespanha; e como já na época da reconquista christã, sob Aurelio, a *Chronica d'Albaida* e a de Sebastião de Sala-



manca contam o facto de uma revolta das populações transplantadas dos territorios conquistados aos Arabes por Affonso I, contra os senhores (*servi dominis suis contradicentes*). Sob Ramiro I, a provincia das Asturias, centro da resistencia contra os Arabes, revoluciona-se contra o seu monarcha. Estes factos nos revelam, que se sentia forte essa classe, que pela tolerancia politica dos Arabes pôde exercer as suas garantias e fazer reviver o seu direito consuetudinario; porém quando se achou pelos accidentes da reconquista em contacto com os antigos senhores ou Ricos-Homens, estes imaginaram que as cousas estavam como na época da monarchia visigothica, e queriam exercer o direito senhorial, exigindo a servidão.

A monarchia de Oviedo, nucleo das monarchias neo-gothicas, pretendia em tudo operar a restauração das instituições visigodas; mas este esforço foi impotente, porque existia já uma classe popular e livre que reagia pela independencia dos seus Concelhos, e contra a servidão a que a queriam forçar os Ricos-Homens. Foi esta a deploravel politica da época neo-gothica, filha da illusão da realza, que pretendia restabelecer a antiga unidade politica da peninsula perdida com Rodrigo em Guadalete. O Codigo visigothico ainda vigorou depois da reconquista, mas ao lado d'elle vigoraram com a importancia de estatuto territorial as cartas de Foral, que incorporadas na legislação do paiz deram os Codigos geraes.

Vimos a situação da *Banda guerreira* nas suas relações com as classes inferiores, resta-nos mostrar-a nas suas relações com a realza; esta situação nos põe em



evidencia as fórmãs da evolução da monarchia. A banda guerreira era formada de chefes militares ou o *Comitatus*, e esses Condes, (*Comiti*) sempre envolvidos nas aventuras de invasão ou de defeza da tribu, elegiam o seu chefe superior, o *King*, segundo a sua capacidade ou coragem reconhecida; quando as tribus germanicas se fixaram nos territorios do Imperio romano, esses Condes tornaram-se soberanos, como na Italia, ou Pares, como na Inglaterra, ou vieram a ficar subalternos á realeza do seu chefe, porque este teve a audacia de fixar a soberania na sua familia pela fórmula hereditaria. Por esta diversa situação dos chefes guerreiros assim se explica de um modo natural na Europa as monarchias electivas na sua origem, de que ainda existe a cerimonia exterior da *aclamação*, as monarchias fundadas na usurpação, as monarchias constitucionaes e as absolutas. Na monarchia visigothica fundada em Hespanha por Liovigildo, vemos continuar a soberania em seu filho Rekáredo, e em seu neto, mas esta successão deve attribuir-se ao perstigio da unificação politica por elle realisada, e á influencia catholica, porque até Rekáredo, os visigodos seguiram o arianismo.

O assassinato e a usurpação alternam-se na successão dos reis visigodos, apparecendo-nos a eleição em Gondemar, em Sisebuto, bem como a deposição em Schuinthilla, desthronado pela nobreza. A tendencia para fixar a soberania em uma familia dynastica fazia com que os reis visigodos se entregassem á influencia dos bispos catholicos, e para destruirer o poder das assembleas dos nobres, que eram já uma falsificação do anti-

*



go *mallum* ou assembléa ao ár livre a que os Homens-livres concorriam, confundiram-a com os concilios ecclesiasticos, tornando-os politicos. Tal é a importancia dos Concilios de Toledo; os reis visigodos apresentam-se geralmente como fanaticos ao serviço do clero, como Re-káredo, Sisebuto, Schuinthilla, Sisenando, Fulga, e conjunctamente grandes devassos como Vitiza e Rodrigo.

D'esta situação em que o clero catholico, pela influencia da realeza reagia contra o desenvolvimento da Igreja nacional, ficou essa vaga tradição de que a unidade politica da Hespanha depende da relação mutua entre o catholicismo e a monarchia absoluta; foi sempre este o preconceito predominante em todas as épocas de transformação social na peninsula, quer no periodo da reconquista, quer na fundação da Inquisição simultanea com a unidade politica realisada por Fernando e Isabel, quer com o partido apostolico reagindo contra os principios da Democracia moderna. O triumpho da theocracia fazia com que a Igreja favorecesse a causa da realeza ou da independencia monarchica contra os barões; fundada no dogma da hereditariedade da culpa, a religião de Roma aceitava como principio a hereditariedade da realeza. Chindaswintho, que empolga a soberania pela força, abole a eleição da realeza e torna-a *hereditaria*; mas, como muitas vezes os herdeiros presumptivos ficavam orphãos na menoridade, ou se voltava á eleição, como em Vamba substituindo o menor Theodofredo, ou se era des-thronado como Vitiza pelo ultimo rei visigodo Rodrigo.

Vê-se em toda a monarchia visigothica uma instabilidade, por se ter separado do elemento popular, que tinha



a sua vida propria; a monarchia oscilla entre as violencias dos Condes e as astucias dos Bispos, e os reis, n'esta situação percaria, são em geral nullos e devassos, sem conhecerem a situação da sociedade que dirigem, entregues ás intrigas de palacio, querendo reproduzir a falsa ostentação do imperio byzantino. No emtanto, duas forças se manifestavam como symptomas precusores da dissolução da unidade política da Hespanha; no reinado de Vamba ainda a Navarra e as Asturias luctavam pela sua autonomia, e já os Arabes na sua expansão e conquistas militares no Occidente preparavam o caminho para a occupação da peninsula. Extincta a monarchia visigoda em uma só batalha, vê-se que essa unidade política era uma phantasmagoria conservada á custa das fórmulas da administração romana; a realza achou-se isolada entre esse grande nucleo de população em quem residiam os verdadeiros caracteres de nacionalidade. Assim como os Gregos attrahiram os Romanos para a Hespanha para repellirem os Carthaginezes, e por seu turno Geroncio, general romano, prepara aqui a entrada dos exercitos visigodos, aos traidores succedem-se os dominadores, e o mesmo phenomeno se repete com o conde Julião, que enviado a Ceuta ahi combina com Musa a invasão da Hespanha. Porém, toda esta successão de povos no territorio peninsular foi a consequencia immediata da marcha geral da civilização occidental, independente dos intuitos ou das intrigas individuaes. A queda do imperio romano foi como um dique que se rompeu; as tribus germanicas alastraram-se por todo o sul da Europa, produzindo uma terrivel baixa na civilização; por outro lado, os Ara-



bes, retidos pelos Romanos para lá da Pétrea, vieram sobre as suas conquistas da Syria, do Egypto, da Africa, e quando chegaram á Hespanha já o imperio visigothico, com dous seculos de existencia, se dissolvia na inanidade. Os Arabes traziam consigo as riquezas de uma altissima civilização árica, que elles haviam adoptado; portanto a sua entrada na Europa veiu provocar uma primeira renascença intellectual e industrial, e exercer uma acção profunda nos costumes cavalleirescos. Na Hespanha a sua acção fez com que reapparecesse o espirito de autonomia local, e foi esta expansão das forças vivas do paiz que deu um assombroso relêvo á manifestação do genio arabe, que deixou sobre este sólo os mais extraordinarios documentos da sua superioridade.

9. — A invasão dos Arabes na Hespanha e a sua influencia no desenvolvimento da população livre

A Hespanha, que recebera os primeiros impulsos da civilização dos dois povos semitas os Phenicios e os Carthaginezes, pela situação geographica e pela sua forma peninsular estava adaptada para receber o dominio dos Arabes como uma evolução natural dos elementos de progresso que continha em si. A unidade politica dos visigodos era odiosa ao genio separatista e autonomo das populações hispanicas; a unidade catholica, sustentada com a extrema severidade do Codigo visigothico, mantinha entre as classes em que predominava o sangue semita um odio profundo que tinha de cooperar



com intensidade ao primeiro abalo social. Na larga historia de Hespanha, todas as luctas e catastrophes se agrupam em volta d'estes dois factos; a *unidade politica*, desde Affonso vi de Leão até Fernando e Isabel, Carlos v e Philippe ii, custou rios de sangue e a atrophia da mais activa das nacionalidades; a *unidade catholica*, quebrada pela Reforma, sustentou-se á custa da mais absurda intolerancia, pelas fogueiras dos Autos de fé, pela imbecilisação systematica de um povo, alcançada pelo terror de que os padres cercaram a doutrina religiosa. A aproximação dos Arabes das costas da Hespanha appareceu, na dissolução da unidade politica do imperio visigothico, como uma esperança e não como uma desgraça; a povoação judaica da península procurou attrahil-os, e os intrigantes da classe aristocratica, em que entra um bispo e um conde, Oppas e Juliano, é que lhes deram a base sobre que se firmou a occupação militar. A vida historica dos Arabes enchia então o mundo; elles haviam já realiado a sua unidade politica, pela incorporação do Yemen, do Hedjaz e do Nedjed sob a unidade religiosa do islamismo; elles tinham-se elevado do governo patriarchal das tribus pastoraes ao governo centralista do kalifado, e esta fórma da realiza soffrera modificações extraordinarias, tornando-se de electiva em hereditaria, dando assim logar a dissidencias entre familias dynasticas, e á confusão do poder real com o pontifical ou religioso do imamatato. N'esta corrente centralista, crearam-se os estímulos de reacção que dissolveram o imperio dos Arabes em muitos estados independentes, em que os chefes militares se tornavam soberanos e troncos dynasticos. O ge-



nio militar prevaleceu na primeira dynastia, a dos Ommyades, que mudaram a capital do imperio da cidade religiosa de Meca para Damasco; suplantada esta dynastia pela dos Abbassidas, que estabeleceram em Bagdad a nova capital, o imperio arabe apresentou um novo esplendor pela assimilação da civilisação persa, em que se conservava a cultura hellenica transmittida para a Asia com as expedições de Alexandre ¹. A conquista dõ Egypto, e a marcha do dominio arabe para o noroeste da Africa, tornaram este ultimo ramo da grande raça semitica um cooperador activo da Civilisação occidental, supprindo a decadencia do imperio romano pela communição dos elementos sciêntificos da cultura hellenica, e pelo estimulo de unificação moral para a resistencia dos sectarios do monotheismo europeu contra os crentes do monotheismo oriental. Em rigor, pôde-se affirmar que a entrada dos Arabes na Europa provocou um mais facil advento da civilisação moderna; o que ha de verdade n'esta affirmativa geral é da primeira evidencia com relação á Hespanha. Sem a presença dos Arabes, os Condes visigodos teriam levado a Hespanha ao feudalismo, e o principio da associação local, fonte de todas as liberdades, seria convertido na associação dos bandos de ladrões e assassinos, e a sociedade retrocederia pela sua deploravel instabilidade; sem o governo dos Arabes, o povo trabalhador não conheceria a dignidade civil, nem a

¹ Sobre a marcha historica dos Arabes, vid. a nossa *Historia Universal*, t. II, cap. III.



reclamaria pela organização dos Concelhos, acabando para sempre com a servidão.

Quando os Arabes lançaram vistas para a conquista da Hespanha, estavam já estabelecidos no norte da Africa, onde tinham submettido as tribus berberes ou amazighs, vinculando a si essa população pela propaganda islamica e pelo cruzamento, d'onde provieram as tribus maurescas. Assim o seu dominio na Africa era imperecivel; e associadas as tribus laboriosas dos berberes e mouros para engrossar o exercito islamico, Musa, enir de Africa, pensou immediatamente em invadir a Hespanha, perfeitamente conhecida pela communicação com os mercadores judeus e berberes. Como bom general, o seu primeiro cuidado foi apoderar-se de Ceuta, a Septum dos Romanos ainda conservada sob o imperio visigothico; mas o que não conseguiu pela força obteve-o pela infamia do Conde Juliano, que tomando o partido dos filhos de Witiza, que Ruderico desthronára, lhe entregou Ceuta em preço de uma expedição contra o usurpador. Musa, servindo-se das tropas africanas da Berberia e Mauritania, mandou um exercito de doze mil homens commandados por Tarik, o qual desembarcou no promontorio do Calpe, esperando ali novos reforços. Qual a inportancia d'este primeiro ponto de desembarque pôde-se ainda hoje vêr pela rapacidade egoista com que a Inglaterra conserva Gibraltar, o *Gebel-Tarik*; assim denominado pelos arabes sob o commando de Tarik. O que os judeus não conseguiram sob o governo de Egica, conseguiu-o a aristocracia visigothica que conspirava contra Ruderico; o general arabe avançou do sul para o centro da peninsula,



até se encontrar com as tropas do rei visigodo, destruindo-as junto das margens do Guadalete. Quando Musa soube da extraordinaria victoria do wali do Maghreb, quiz apropriar-se da gloria da conquista e mandou ordem que se evitassem os movimentos até elle vir em pessoa. Não havia tempo a perder, e Tarik, ouvido o conselho dos capitães, proseguiu na occupação, indo a cavallaria commandada por Mogaith para Cordova, duas divisões sobre Malaga e Elvira, e avançando Tarik sobre Toledo, a capital do imperio visigothico. A occupação era rapida; os judeus abriam as portas das cidades, ao passo que a nobreza fugia espavorida, como se viu em Toledo; os exercitos avançavam aproveitando a commoção do terror, e deixavam as cidades tomadas sob a defeza de guarnições dos judeus. A titulo de trazer tropas de refresco, Musa sobe o Guadalquivir, toma Sevilha, e occupando a provincia romano-gothica da Lusitania, conquista Niebla, Ossuna, Mertola, Beja, e vencida a custo Mérida, avançou para Toledo, tendo feito o encontro com Tarik em Talavera. O emir de Africa, senhor do commando supremo, quiz julgar em conselho de guerra Tarik por desobediencia, e teve-o preso até que uma ordem expressa do kalifa o restituiu ao seu posto; Musa continuou avançando para o norte, ao passo que Tarik, commandando as tropas maurescas avançava para a parte oriental, vindo a encontrar-se outra vez em Saragoça, e partindo depois de conquistar o Aragão e Catalunha para a Galliza. Abdelaziz, filho do Emir de Africa, que se tornára notavel por ter subjugado Sevilha, que se rebellára, avançou para o sudeste, em perseguição do conde Theodemiro,



que depois da derrota de Guadalete se refugiára no território de Murcia com algumas tropas foragidas; bateu-o em Lorca, e por fim obrigando-o a entregar-se no cêrco de Orihuela, as duas provincias de Murcia e Valencia cahiram totalmente em poder dos arabes. Em menos de dois annos estava consummada a conquista. As rivalidades entre Musa e Tarik fizeram com que fossem desviados da peninsula pelo kalifa; Musa fez do governo da Hespanha um emirado e deu-o a seu filho Abdelaziz, ficando a capital em Sevilha. Durante a conquista, Tarik distinguiu-se pela sua clemencia e justiça para com as populações vencidas, da mesma fórma que Abdelaziz; uma ou outra vez pelos accidentes da guerra as cidades e povoações soffreram, mas nunca se deu a devastação systematica.

O Arabe via por instincto na Hespanha uma patria; lembrava-lhe o Yemen, com a sua frescura e fecundidade. É provavel que grande parte da nobreza visigothica fizesse como o conde Theodemiro, reconhecendo o dominio mussulmano e ficando como principes tributarios; mas essa aristocracia era catholica romana, e pela suggestão dos Bispos, como o de Toledo, refugiou-se n'aquella parte da Hespanha que desde a incorporação romana luctára sempre pela sua independencia; tal foi esse nucleo quasi desconhecido de refugiados das Asturias, que vieram depois das correrias de Pelagio a tornarem-se de guerrilheiros em um pequeno estado, centro de toda a reconquista christã. Estão em presença todos os elementos activos da futura Hespanha; cada um segue a sua evolução propria, influindo-se mutuamente. Em primeiro



logar estão as classes sedentárias, que acceitaram o domínio musulmano, e que por se apoderarem dos altos recursos da civilização d'essa forte raça, eram como imitadores dos arabes, isto é *Mostarabes*; em segundo lugar temos a historia intima do emirado de Hespanha, caminhando para a centralisação do imperio de Cordova, até se desmembrar nos emirados independentes; por ultimo temos a tradição romano-gothica, ou catholico-feudal, lutando para restaurar um passado sem vantagem e verdadeiramente atrasado, explorando os odios de religião, que por seu turno se mostravam sem efficacia. No meio d'este longo conflicto, em que se elabora a sociedade moderna da Hespanha, e se organisam as condições de autonomia para novas nacionalidades, o que era natural seguiu a sua expansão, e envolveu todos os outros elementos; assim as classes sedentárias desenvolveram-se pela liberdade da *associação local*, e produziram essa cousa nova chamada povo livre, ao passo que, apesar dos mais violentos esforços para fundar a unidade politica da peninsula, o imperio de Cordova ou o imperio de Leão e Castella, dissolvem-se em emirados independentes ou em condados soberanos, porque essa unidade foi uma criação dos Romanos e não uma consequencia da mesologia e genio dos povos hispanicos. É extremamente interessante o seguir a marcha d'estes tres elementos, que se desconhecerao entre si; a historia do dominio dos Arabes na Hespanha é um grande drama social, e um campo cheio de factos para a Sociologia. Contar as luctas da cruz contra o crescente, as algaradas dos guerrilheiros asturianos, e a successão das intrigas dos varios



emires da Hespanha, é um trabalho esteril, desde que se não vae tirando dos factos as grandes consequencias sociaes que encerram; a historia fica letra morta, e a memoria mal pôde reter nomes e datas sem sentido.

A historia do dominio arabe aparentemente tão complicada, enche-se de claridade e simplicidade desde que se submette ao criterio superior que deriva da vista de conjuncto da marcha da civilisação hispanica. A fórma benigna da invasão, e os elementos berberes e maurescos que constituiam o grosso dos exercitos arabes, encerram a causa da estabilidade pacifica e desenvolvimento industrial d'essa classe sedentaria que acceitou o dominio dos novos occupadores da peninsula. A assimilação da cultura arabe provém não só da sua superioridade, como da sympathia; a tolerancia politica e religiosa dos poderosos emires contrastava com a brutalidade da aristocracia visigothica, cujas instituições insupportaveis estão descriptas no *Livro das Leis*, devendo considerar-se a sua restauração incompleta como um deploravel retrocesso. É esta a razão, por que as povoações conquistadas e reconquistadas eram quasi sempre indifferentes aos interesses da monarchia neo-gothica seguindo de um modo passivo a sorte da guerra e mostrando-se alheias a toda a exaltação religiosa, facto extraordinario que desmente o character da lucta entre as duas raças, que os historiadores rhetoricos tentaram colorir exagerando a antinomia entre o monotheismo occidental e oriental. Muitas vezes os condes christãos luctaram sob os estandartes sarracenos, ou casaram com mulheres arabes, e nas reacções separatistas entre os estados his-



pano-godos, ou mesmo entre os diversos emirados, os dissidentes das duas raças coadjuvavam-se nos seus mutuos conflictos. A base da lucta entre os hispano-godos e os arabes não assenta sobre as hostilidades nacionaes; as duas nacionalidades assimilaram-se, muitas instituições arabes, como a cavalleria religiosa e o systema administrativo, conservaram-se na sociedade neogothica. O combate era entre duas civilisações, a das raças semiticas que pelos Arabes ainda tentára recuperar a sua hegemonia na humanidade, e a das raças áricas do occidente que procuraram continuar a cultura greco-romana; a parte que compete n'este combate á França meridional e aos condes frankos que vieram á Hespanha sob o mesmo espirito que os levára na corrente das cruzadas, é que nos revela a profundidade do movimento, que não é senão o periodo *defensivo* que serviu de transição para o periodo de *trabalho* que caracteriza a Civilisação occidental. Os Arabes como herdeiros da cultura hellenica, e sendo os iniciadores da primeira Renascença na Europa, tinham esse ponto de contacto com os povos occidentaes, pelo qual exerceram uma influencia na Italia, França meridional e Hespanha, apesar da differença da sua lingua-gem e religião; portanto, a modificação operada na sociedade neo-gothica ao contacto com os Arabes, não é um phenomeno historico peculiar á peninsula, é commum, postoque com menos intensidade á Europa occidental. Existe uma palpavel contradicção entre os factos e os narradores da invasão arabe, que levados pelo espirito catholico comparam esses propagadores da cultura hellenica com a *peste*, e lhes dão o epitheto de *barbaros*. Isidoro



de Beja escreve sob a impressão primeira do terror, Sebastião de Salamanca e Sampiro fazem estylo, dando largas ao improperio e carregando as côres do quadro da invasão, como na *Chronica de Albaida*; Lucas de Tuy e ainda com mais rhetorica Rodrigo de Toledó, representam a Hespanha despovoada totalmente pelo alfange sarraceno ou pela transplantação dos poucos que sobrevivem para as montanhas das Asturias. Como chronistas catholicos dão largas ao espirito odiento de quem pretende crear força na sobreexcitação do fanatismo; designam a invasão da Hespanha pela palavra *destruição*, e ampliando imagens equiparam esse facto á queda de Jerusalem, á ruina de Troya ou de Babylonia, contradictando-se inconscientemente, como o proprio Lucas de Tuy que falla da benignidade e justiça com que os emires El-Horr e Jahia protegiam os vencidos; ou como o Pacense, que testemunha que os vencidos, sob o governo de Okba, se regiam pelas suas leis proprias; ou ainda como Eulogio e Alvaro de Cordova, que alludem á conservação de juizes e condes christãos com as suas distincções nobiliarias entre as populações subjugadas. Assim desviadas as efflorescencias do estylo em que se expande o *odium theologium*, os factos deixam transparecer a benignidade da occupação dos Arabes, condição logica para comprehender o desenvolvimento da classe sedentaria ou popular dos Mosarabes. Na invasão dos visigodos as populações hispano-romanas foram obrigadas a entregar duas terças partes dos seus bens aos vencedores ficando com uma só parte (a *tertia Romanorum*); na conquista arabe, exigiui-se apenas um tributo proporcional aos haveres de



cada um, reconhecendo-lhe a sua propriedade, e mais ainda a liberdade de seguir a sua religião e a protecção dos seus templos e culto; Tarik, Abdelaziz, Ayub, El-Horr. Jahia-ben-Salema, Okba, conquistadores e emires são celebrados pela benevolencia com que procederam no estabelecimento do dominio arabe na Hespanha, em conformidade com a vontade do kalifa Omar-ben-Abdelaziz, que impunha uma absoluta tolerancia religiosa. As populações conquistadas pagavam um tributo territorial (*kara-dji*) e outro pessoal (*dzihed*) e conservavam a sua posse, os seus templos, o seu culto independente e até as suas justiças ou fôro, as distincções de classe e a clientela das anteriores instituições visigothicas, tendo diante de si o livre acesso na carreira militar entre as guarnições arabes. Diante d'estes factos comprehende-se como em menos de um seculo as duas sociedades tendiam a assimilarem-se, prevalecendo a que apresentava um caracter superior, isto é, generalisando-se o uso da lingua e da escripta arabe ¹, as fórmulas artisticas da poesia, da litteratura, da architectura, da sumptuaria, a educação

¹ Os dialectos romanicos da Hespanha formaram-se livremente sob o dominio mussulmano, coexistindo com a lingua arabe; ó assim que nos escriptores arabes se cita com a designação de *aljamia* esses dialectos: *aljamia de Aragão*, *aljamia de Saragoça*, *aljamia de Valencia*, *aljamia do Oriente da Hespanha*. (Yanguas, *Gloss.*, p. x). A existencia d'estes dialectos é uma prova de que tambem se elaboravam os cantos dos Romanceiros, que esplendem depois do seculo XII.

Na divisão administrativa, em que os Arabes fazem da Lusita-



científica, industrial e philosophica; pelo seu lado os refugiados das Asturias conservaram por muito tempo o isolamento de uma guerrilha, ficando o novo estado confinado ainda sob Pelagio e Fafila ás montanhas do seu primeiro asylo. As cidades e villas occupadas pelos arabes tornaram-se florescentes e populosas; os arabes servindo-se dos judeus para fazerem a guarnição dos pontos conquistados, trazendo da Africa soldados e tribus de berberes, não tinham gente bastante para que na occupação preponderasse a raça semita, de que elles eram os ultimos representantes. Esta circumstancia, explicada pelas vastissimas conquistas do imperio arabe no Oriente, se de um lado encerra o porquê das luctas do elemento berber, que veio a prevalecer em Hespanha sob os Almoravides, tambem nos faz comprehender a importancia da população hispanica, que ficou e se desenvolveu á custa da tolerancia e poderosa organização administrativa dos mussulmanos. Essas populações apresentam-nos um facto aparentemente contradictorio: o desenvolvimento das suas tradições juridicas e instituições livres, e ao mesmo tempo o abandono do latim pela lingua arabe e a imitação dos costumes semitas, como

nia e da Galliza uma provincia, parece ter prevalecido o reconhecimento d'este nucleo nacional na similaridade das suas *aljamas*. Já Strabão juntára as tribus celtibericas dos *Callaicos* e *Iusitanos*, caracterisando-os como simulados, traçozeiros o dados á rapina. D. Francisco Simonet, no *Glosario de Voces ibericas y latinas usadas entre los Mosarabes*, no cap. iv sustenta que na sociedade mosarabe é que se desenvolveram os dialectos castelhano, gallego, portuguez o valenciano.



as dansas, as musicas, as canções e ainda a circumeisão, á qual allude Alvaro de Cordova. Herculano, considerando na Historia de Portugal este importante facto social dos *Mosarabes*, viu apenas metade do problema; descreve como essas populações hispano-romanas se desenvolvem ao contacto da civilização e tolerancia dos arabes facilitando o progresso da reconquista christã e da incorporação neo-gothica, mas desconheceu totalmente o que havia de tradicional ou consuetudinario no estabelecimento dos Foraes e Concelhos, cujas fórmulas tinham sido perdidas pelos Homens-livres, renovadas sob a tolerancia arabe, e reconhecidas sob a reconquista neo-gothica, que debalde tentava impôr os privilegios aristocraticos e a unidade monarchica no *Fuero juxgo*. Eram tão importantes estas tradições juridicas, que não só subsistem muitos symbolos e fórmulas nos velhos Foraes redigidos para garantia das novas populações livres, mas na desmembração do Condado de Portugal os reis que planearam a independencia de uma nova monarchia, apoiavam-se n'esses nucleos de autonomia local, legalizando a existencia dos concelhos, como o fizeram D. Affonso Henriques, D. Sancho I, e ainda D. Affonso III. Os chamados fundadores da nacionalidade portugueza, e os reis denominados povoadores não fizeram mais do que obedecer á tendencia irresistivel das povoações mosarabes, que se entregavam a quem lhes garantisse a estabilidade das suas instituições. Sem o estudo d'esta grande classe social dos *Mosarabes* é impossivel comprehender a formação da nacionalidade portugueza e as suas intimas relações com os povos da Spania ou da provincia do Anda-



luz, que já no periodo da occupação celtica formavam uma certa unidade territorial e ethnica. O nome de *Mosarabe* foi dado exclusivamente á população hispano-goda que se conservou sob o dominio arabe observando o seu culto christão; esse dominio que abrangia todo o imperio de Cordova era designado pelos leonezes pelo nome de *Spania*, e na toponymia arabe pelo de *Andaluz*; assim avançando do sul para o norte da península, a intensidade das populações mosarabes ia diminuindo, em parte pelo systema de devastação dos asturo-leonezes que se defendiam com os desertos da fronteira, e em parte porque a conquista arabe recuou muito cedo para o sul do Douro. Herculano conclue: « Por isso na Beira o *mosarabismo* devia caracterisar mais profundamente a população do que ao norte do Douro, e mais aqui do que na moderna Galliza, facto este que facilitou muito a fixação do dominio sarraceno na maior parte dos territorios entre aquelle rio e o Mondego durante a primeira metade do seculo XI, ao passo que esse dominio, prolongando-se por sessenta annos, tornava mais proeminentes, digamos assim, as feições *mosarabieas* dos povoadores christãos vindos para ali da *Spania* ou *Andaluz* em diversos tempos e por diversos modos, e já moldados mais ou menos pelo typo da civilisação sarracena » ¹. O facto da tardia incorporação dos territorios da Beira no condado da Galliza faz comprehender a razão da preponderancia do elemento mosarabe n'esta provincia, e ao mes-

¹ *Hist. de Port.*, t. III, p. 191.



mo tempo a causa da separação do Condado de Portugal e das luctas para a sua independencia como estado autonomo da unidade leoneza. Se n'esta lucta a Galliza não formou com Portugal um unico estado, como o indicavam a continuidade do territorio e a simultaneidade da lingua e cultura, é porque a população era diferente; no estado de Portugal, que se desenvolvia conquistando os territorios do sul, á medida que se alargava, fortalecia-se tambem, com uma compacta população mosarabe que ia encontrando pela Beira, Extremadura, Alemtejo e Algarve. Na divisão administrativa que o emir Jassez fez da Hespanha, em cinco provincias, o territorio de Portugal achava-se comprehendido na quarta provincia, sob a designação geral de *Mareda* (Mériða), a antiga Lusitania e a Galliza; pertenciam-lhe as cidades de *Mareda* (Mériða), *Baracáero* (Braga), *Leschbuna* (Lisboa), *Bortokal* (Porto-cal), *Lck* (Lugo), *Bataljos* (Badajoz), *Elbora* (Ebora), etc.

Nas linguas peninsulares já se accentuava a differenciação das nacionalidades que se formavam, e que a administração arabe reconheceu. Comprehendendo em uma mesma divisão a *Lusitania* e a *Galliza*, os arabes seguiriam a indicação da homogeneidade da linguagem d'estas populações. Escreve Diez: «A lingua que tem por dominio Portugal, tambem abrange a Galliza. Portuguez e Galleziano (*Gallixiano gallego*) são uma e a mesma lingua, como os sabios do paiz o reconheceram e demonstraram com cartas redigidas nos dois paizes». (*Introd. à la gramm. des Langues romaines*, pag. 124). Assim como a lingua fallada em Castella se tornou a designa-



ção generica para as linguas falladas com differenças dialectaes fóra da provincia de Castella, tambem o nome de Portuguez (*portugalex*; no Poema do Cid, v. 2:989, *portugales*; em Montaigne, *portugalais*; no provençal, *portingalois*) se generalisou do nome da região a que os arabes chamaram *Bortokal* (derivado das suas designações homonymas *Cal*, da época celtica, e *Portus*, da época romana). Era uma profunda differença ethnica, e a accentuação de um typo nacional. Até certo ponto é admissivel a designação de *raça* mosarabe, que, como adiante explicaremos, não se limita a simples modificações sociaes.

O nome de *Mosarabe*, com que apparecem designadas as populações que viveram sob o dominio arabe até serem incorporadas na reconquista neo-gothica, foi-lhes dado pelos proprios arabes na fórma *Musta'rab*, que significa, segundo a auctoridade de Gayangos, o que vive conforme a maneira arabe. Tambem na unificação dos diversos povos da peninsula da Arabia, Ibn-Kaldun dá o nome de *Mustariba* aos que acceitaram no Yemen e no Hedjaz esse dominio constituindo um só povo. Repetiu-se o facto na peninsula hispanica, e temos para nós que sob o nome de *Mosarabes* se comprehendiam não só as populações christãs, como tambem as colonias berberes e maurescas trazidas da Africa. Isto infere-se do facto singular, de vêrmos na reconquista christã as populações mosarabes ficarem sob a servidão dos vencedores, facto contra o qual protestou S. Theotonio, bispo de Santa Cruz de Coimbra, como consta da sua Vida. Se isto se dava, é porque sob o nome de *Mosarabe* tambem se in-



cluíam as colonias agricolas dos Berberes. Na linguagem do povo ainda hoje a época do dominio arabe é designada pelo *tempo dos mouros*, desconhecendo o nome de arabe, porque o seu contacto foi exclusivamente com essas colonias agricolas, que tornaram a península um verdadeiro jardim. Os systemas da cultura mauresca, como as *noras* e as *matamorras*, ou celleiros subterraneos, e a deambulação dos gados, persistem entre o nosso povo; a linguagem chamada de *aravia*, fallada pelo povo ainda no seculo XI, era um dialecto e não o arabe classico, bem como as dansas e cantos eram desprezados pelas classes elevadas como coisas indignas. Vê-se, portanto, que as populações christãs foram sob o nome geral de *Mosarabes* incorporadas com as colonias berberes e maurescas pelos Arabes; este facto deduz-se do grande numero de colonias trazidas da Africa, e do immenso desenvolvimento que teve a agricultura na península devida a estes colonisadores. Os arabes fizeram a conquista da península com tropas berberes, e esta circumstancia fez com que um grande numero de familias berberes viessem estabelecer-se na Hespanha. As revoltas da Berberia reflectiam-se nas luctas do emirado em Hespanha e vice-versa; e todas as vezes que podiam, essas colonias repelliam os walis arabes. Hautala, subjugando uma revolta de berberes na Africa, transplantou quinze mil para a Hespanha; no meio dos elementos desconnexos, com que os Arabes occupavam a península, yemenitas ou sabeanos, modharitas, egypcios, assyrios e berberes, eram estes ultimos os que tinham a preponderancia pelo seu numero, a ponto de alterar o governo da



península hispanica, fazendo aqui uma restauração da dynastia dos Ommyadas, em Abderrahman-Maawia, que sob a perseguição dos Abbasidas se refugiára entre as tribus berberes dos zanetas. Os territorios da Lusitania tinham sido occupados especialmente por uma população de egypcios e berberes, circumstancia que fez com que Abderrahman depois do seu triumpho decisivo visitasse esta provincia e a enriquecesse com edificações sumptuosas. Mas todas as agitações que perturbaram o kalifado de Hespanha, e desmembraram a unidade arabe nos emirados independentes, foram devidas a esse poderoso elemento berber. As revoluções partiam do sul da península, como a da tribu berber de Takerna, propagavam-se a Toledo, Murcia e Valencia, a Beja e Lisboa. Por um Carta do monarcha franko Hludovig aos habitantes de Mérida, chamando-os á revolta contra Abderrahman, «se vê que os habitantes da capital da antiga Lusitania eram principalmente christãos *mosarabes*»¹. As revoltas eram exclusivamente dos berberes, e este documento mostra-nos já a intima solidariedade de interesses com as populações christãs. A usurpação do ministro El Makkari, o grande Almansor, que exercia o kalifado em nome de Hacham, apoiava-se sobre as tropas berberes, que chamava de Africa, destituindo de todos os cargos elevados os arabes, e substituindo-os por berberes. A época brilhante do governo de Almansor, em que as artes e sciencias floresceram tanto na Hespanha, deve-se considerar exclusiva-

¹ Herculano, *Hist. de Port.*, t. I, p. 76.



mente berber, e ás suas escolas concorriam muitissimos estudantes christãos. Nas longas dissidencias intestinas que dissolveram o dominio dos Arabes na Hespanha, faziam ou que levantassem tropas em Africa, ou que pedissem auxilio aos emires que aí se haviam tornado independentes; assim, quando já o rei leonez Affonso vi se ia tornando invencivel, os varios partidos sarracenos resolveram pedir auxilio para a Africa aos Almoravides do imperio da Mauritania ou Maghreb. Por todos estes factos se póde reconhecer a extraordinaria preponderancia do elemento berber e mauresco na peninsula; estes povos é que viveram em contacto com os christãos mosarabes, ao passo que o elemento arabe puro constituia uma aristocracia isolada, cuja educação tendia a completar-se algum tempo no deserto, para não adquirirem os habitos da sociedade sedentaria.

Posto o problema sob este aspecto, os cruzamentos entre christãos e arabes limitam-se a uma naturalisação do elemento berber, facil não só pelos antecedentes ethnicos, em que com os iberos (*dolichocephalos*, como os berberes, e considerados como entrando no sul da Europa vindos da Africa) se cruzaram os *lybio-phenicios* e os bastados *carthaginezes*, como pela similaridade dos seus habitos agricolas e sedentarios. É assim que o *Mosarabe*, por effeito de uma recorrencia ethnica, constitue no rigoroso valor da palavra uma raça, em que se conserva o *typo anthropologico* e a *ethnologia*, de que são prova eloquente os costumes populares, tão semelhantes em Portugal e a Andaluza, unificados sob os romanos, godos e arabes.



Por este cruzamento, que se demonstrá tambem pelo facto sociologico da mistura de nomes godos e arabes em individuos da mesma familia, em documentos dos seculos x e xi, se explica o facto por que no triumpho da reconquista christã, essas populações ditas arabes (mas que para os primeiros emires eram simplesmente *mosarabes*) se deixaram ficar captivas sob o dominio dos novos reis leonezes.

O Imperio dos Arabes caíu na peninsula pela influencia dos berberes, e á sua fusão com os hispano-godos é que compete strictamente o nome de *Mosarabes*. São estas as populações agricolas d'esses villares, aldeias, casaes e granjas que os conquistadores christãos achavam na sua passagem e dos quaes algumas vezes separaram o elemento christão, transplantando algumas familias ou levando-as captivas.

Na baixa latinidade Mosárabe acha-se na fórmula *Muxtarabe*, como se encontra no *Privilegio* outorgado em 1101 por Afonso VI, «ad totos *Muxtarabes* de Toledo, tam caballeros, quam pedones...»¹ Esta fórmula apparece em castelhano em *muxarabe* e *mozarabe*; no catalão e portuguez em *mosarabe*, é no valenciano em *moçarab* e *muçab*, afastando-se successivamente da etymologia, em que está implicito o seu sentido historico, e quasi a tornar-se pela contracção homonyma de *moço*². Segun-

¹ Ap. Muñoz y Romero, *Collec. de Fueros municipales*, p. 360.

² No Algarve ainda se diz *moço pequeno*, e é usual o sentido de *moço* como criado ou serviçal. *Mancipium*, da baixa latinidade,



do a interpretação de D. Pascual de Gayangos, *Muz'ariba* significa o que imita os costumes ou o viver arabe; e não admira que uma civilização provida de extraordinarios recursos materiaes e baseada sobre a tolerancia politica e religiosa fosse imitada por uma vasta população que se viu momentaneamente livre da pressão theocratica e absolutista da monarchia visigothica. Essa população tinha já no seculo XII um nome generico de collectividade, o de *mosarabia*, como o emprega Gonçalo de Berceo no poema *Milagros de Nuestra Señora*, cap. XLII:

Udieron esta voz toda la clereçia
E muchos de los legos de la *mozarabia*

Por estes versos se vê que o mundo civil se dividia no seculo XII na classe clerical, comprehendendo todos os latinistas e homens cultos, e na classe laical, propriamente chamada nos estados da reconquista neo-gothica *mosarabia*. O nome veiu a ser esquecido á medida que se foi obliterando o conhecimento da época e dos factos historicos que lhe deram origem, mas ficou a divisão social, que se accentuou mais em leigo ou secular. A designação comprehendia o *mosarabe* cavalleiro, e o *mosarabe* peão, porque a tolerancia arabe não só era um

deu *mancebo*. Na *Lozana Andaluza* citam-se as p. t. s *mosarabes*, e ainda hoje é vulgar o nome de *moça* e *moça da vida* dado ás prostitutas.



meio de assimilação para a classe popular e trabalhadora que se submetera ao domínio do conquistador, era também um atractivo para os cavalleiros que se refugiavam junto dos emires ou os coadjuvavam nas suas luctas intestinas.

O facto da religião é aqui nullo para estabelecer uma differença social; os dois monotheismos penetravam-se: apparecem padres e bispos com nomes arabicos, no mesmo templo se celebravam ás vezes os dois cultos, e nas alfaias catholicas bordadas com labores arabes apparecem versiculos do Koran. Em diversos documentos do *Livro Preto* da Sé de Coimbra, desde o começo do seculo x, apparecem as provas d'esta fusão das duas sociedades, os nomes godos reunidos aos nomes arabes; assim em 922, os irmãos *Abderrahman*, *Maurone* e *Ielvira* cedem ao bispo de Coimbra o seu mosteiro de Crestuma. O que aqui se vê n'esta familia, em que o nome da mulher é germanico, repete-se em uma doação ao mosteiro da Vacariça em 1036, em que figuram como testemunhas *Zacoi-Ibn-Belliti*, sendo o nome de *Belliti* godo, isto é, com o patronymico arabe, filho de *Vellido* e *Abdela-Argeriquiz*, isto é, filho de *Argerico*, nome godo com a fórma patronymica, que ainda usamos em *Henriques*, *Alvares*, *Sanches*.

Em uma carta de reconhecimento da villa de Esmoriz, de 1054, figura D. *Gonsalo Ibn Egas*, isto é, filho de Egas Erotez; ainda se conserva este nome no hespanhol *Venegas*, e no portuguez *Viegas*. Na demarcação de uma propriedade comprada pelo abbade da Vacariça, figura como seu primeiro dono *Citello Ibn-Alazate*, e



sua mulher com um nome godo *Ermengoda Jucet*. Na doação do Conde Senando da villa da Orta ao mosteiro da Vacariça em 1064, confirmam juntamente com o conde, e com tres bispos, *Jexerae Iben Zoleima*, *Pelagius Ibn Alafe*, *Midus Ibn Daviz*, *Zacharias Ibn David*, e *Zoleiman Ibn Afra*. Já no reinado de Affonso vi, o *presbytero Zalama* deixa ao mosteiro de Lorvão uma igreja e outros bens; e na questão levantada a este respeito pelo mosteiro da Vacariça foram arbitros o *arce-diago Zoleima*, e o *juiz do Vouga Atan* (Haithan).

No testamento de Dona Menendez, d'esta mesma época, é confirmante *Petrus presbyter Zoleima*, e testemunhas *Calaf levita*, e *Merwan*. Em um contracto de 1090, com o bispo de Coimbra, figura uma *Justa*, irmã de *Abdirahman*; uma irmã d'esta, Maria, era casada com Pedro Atanafildiz. Na doação á Sé de Coimbra, da igreja de S. Martinho, em 1096, as testemunhas que assistiram previamente á missa, e assignam como confirmantes, são *Pelagius*, *Abu Nazar*, *presbyter*, *Zoleiman*, *Leovegeldiz*, *presbyter*, *Petrus qui est Zalama*, *presbyter*, e entre as testemunhas *Marwan*, e *Martinus Iben Tomad* ¹. A abundancia d'estes factos leva á evidencia a realidade da fusão das duas raças; aqui os nomes godos ligam-se na mesma familia com os nomes arabes; as testemunhas com nomes arabes ouvem missas antes

¹ *Livro Preto*, da Sé de Coimbra, fl. 38, 52, 48, 57, 213, 14 e 16 v. Apud Herculano, *Historia de Portugal*, t. III, not. XIV, p. 247.



de assignarem os contractos umas vezes redigidos por notarios com nome arabe, outras vezes escriptos em estylo arabe com palavras latinas; é frequentissimo o caso de presbyteros christãos usarem nomes arabes, traduzindo muitas vezes a sua dignidade, como *Abu Naxar*; isto é, padre christão. N'esta fusão das duas sociedades, é preciso distinguir bem o facto que é o elemento berber e mauresco que preponderava no Andaluz (Betica e Lusitania), e portanto que a designação de *mosarabe* comprehende elementos, que para os mussulmanos eram extranhos e seus assimilados.

Basta considerar, que este nome de *Mosarabe* foi dado pelos Arabes da Hespanha a essa nova população que se desenvolveu por cruzamentos e por interesses civis desde o seculo VIII até ao fim do seculo XI; quando essas populações foram incorporadas pela reconquista em estados christãos, conservou-se-lhes o nome que já tinham, como fez Affonso VI, no Foral de Toledo, de 1118, distinguindo-as dos novos elementos de população, castelhanos e frankos. No *Poema do Cid* cita-se em um verso *toda la mosarabia*, no sentido vulgar de povo; na *Vida de S. Theotónio* enumeram-se as familias *mosarabes* tornadas captivas pela reconquista e libertadas por intercessão do santo prior, e nos Milagres de S. Vicente, de Mestre Estevam, particularisa-se o nome de *mosarabes* aos christãos das cidades tomadas aos arabes ao sul do Tejo. Apesar do sentido restricto d'esta designação em alguns dos documentos citados, o modo como eram tratados os mosarabes pelos conquistadores christãos revela-nos que sob este nome se comprehendia uma numerosa



classe social nova, formada pelo cruzamento dos hispanogodos com as colonias agricolas de berberes e mouros.

Dizemos classe social, porque foi ella que embaraçou a restauração completa da servidão visigothica, creand'o pelo estabelecimento dos Concelhos e das garantias locais a moderna vida civil; mas em rigor, poderemos sem atacar as leis da anthropologia consideral-a como uma raça, attendendo ás persistencias provadas do elemento iberico e ás recorrencias provocadas pelas colonias de lybio-phenicios, bastados, alanos, berberes e mouros. Este cruzamento ethnico dos *Mosarabes* obrigava os conquistadores a abandonarem o systema de exterminio, e a reconhecerem a existencia civil e a respeitarem as garantias d'essas populações sedentarias; porque os vencidos não abandonavam o territorio, e reconheciam com facilidade o dominio leonez, e por outro lado « havia muitos mosarabes, que se não resolviam a abandonar a convivencia dos mussulmanos ainda nos logares mais visinhos onde dominava a cruz triumphante » ¹.

A fusão que constitue o vasto elemento mosarabe era intima e indissolvel; por isso Affonso vi reconhecia aos *mouros* de Toledo as suas franquias, propriedades e culto; na tomada de Santarem, de 1093, os sarracenos permanecem aí sob a protecção do proprio monarcha leonez, e na tomada de Valencia pelo Cid elles conser-

¹ Herculano, *op. cit.*, t. III, p. 198.



vam as mesmas garantias dadas aos de Toledo; D. Affonso Henriques seguiu esta corrente imposta pela necessidade das circumstancias no Foral dado aos mouros de Lisboa, que serviu de typo aos das outras populações do Alemtejo até á época de D. Affonso III. O facto preponderante e verdadeiramente notavel, é que na ampliação do territorio de Portugal pela Extremadura, Alemtejo e Algarve, as populações maurescas ficaram vivendo livremente, sendo-lhes o seu direito reconhecido. Não que estivessem afrouxados os odios de raça e de religião, mas porque existia uma população nova creada durante tres seculos, que era o nucleo popular dos novos estados, que se iam constituindo.

Assim como os nomes proprios, que firmam importantes documentos desde o começo do seculo X, nos revelam a fusão que produziu a sociedade mosarabe, por titulos de transacções e inventarios de propriedades se deduz a existencia de numerosas villas, aldeias, villares, casaes, granjas, portellas e logares habitados, d'onde se conclue que a população dos estados neo-gothicos já estava creada, e que geralmente se tornou alheia ás luctas entre os leonezes e o kalifado e emirados dos Arabes.

Em uma carta de venda do mosteiro de Sever do Vouga, de 1005, citam-se *villas e mosteiros*, como os de S. Paio, Santo André e S. Christovam e Vacariça, e as aldeias de Sever, de Martim, de Paço e de Nespereira, quando o dominio dos arabes chegava até ao Douro; no territorio sarraceno, de Lafões, em 1002 *villa Cercosa* e *villa Nova*; no districto de Coimbra em 1006, a villa



de *Recardães*, a villa de *Spinitelo*, ao sul do Vouga, a villa de *Castellães*, *Calambria* e *Penegario*, dos bispados de Vizeu e Lamego, eram citadas nos contractos entre christãos como objecto e como limite das suas propriedades em vendas e doações entre si sob o dominio mussulmano.

No importantissimo inventario dos bens do mosteiro da Vacariça, de 1064, aí se mencionaram como suas propriedades as povoações de *Moçarros*, *Villar de Correixe*, *Sangalhos*, *Barró*, *Morangãos*, *Tamengos*, *Horta*, *Ventosa*, *Cepins*, *Eilantes*, *Alfavara*, *Murtede*, *Aldeia de Mestre Montagueime*, *Freixenede*, *Santa Eulalia*, *Vimieiro*, *Louredo*, *Santa Christina*, *Canellas*, *Lugo*, *S. Paio de Varzeas*, *Mortagoa*, *Soure*, com egrejas e mosteiros. Redigido este inventario depois da tomada de Coimbra aos Arabes, vê-se que todas estas villas e povoações dependentes do cenobio da Vacariça existiam de longo tempo, e póde dizer-se que se desenvolveram durante esses tres seculos de dominio mussulmano; por elle se faz uma ideia aproximada do estado da população mosarabe da provincia da Beira.

O estado da população nos territorios entre o Douro e o Mondego, infere-se tambem com certa clareza pelos Inventarios de 1050 e 1077 dos bens de Egas Erotez e seu filho Gonçalo Ibn-Egas, em que se citam numerosos casaes, villares e herdamentos pertencentes a seus descendentes. Documentos analogos se acham no *Livro Preto*, da Sé de Coimbra, como o citado da Vacariça, e a doação de Fernando I, de 1065 á Sé de Compostella, da aldeia de *Vïastes*, de *Creixomir*, de *S. Lourenço*, e



Traxavolo; bem como a enumeração de granjas, villares, mosteiros e egrejas de além-Douro, pertencentes ao mosteiro de Leça. No *Liber Fidei*, de Braga, e de *D. Mumadona*, de Guimarães, se acham abundantes elementos para completar o quadro da população rural na primeira metade do seculo XI ¹.

De tudo isto se infere, que o territorio occupado pelos arabes ou pelos leonezes, segundo as alternativas da guerra, não estava devastado, como querem fazer suppôr os chronistas ecclesiasticos; essas populações eram indifferentes ás luctas em que a *unidade arabe* se dissolvia em emirados independentes, ou em que a *unidade visigothica* se desmembrava em condados soberanos. Quando o territorio do sul do Douro e a Beira caíram sob o poder dos monarchas leonezes, elles não tiveram que repovoar; o mais que fizeram foi confiar a guarda dos castellos a algum fidalgo asturo-leonez ou gallego.

Quando o Condado de Portugal se tornou autonomo, foi essa numerosa população que serviu de base ás tentativas continuas de emancipação proseguidas pelo cavalleiro franko Henrique de Borgonha, depois por sua mulher D. Thereza, e com exito definitivo por seu filho Afonso Henriques. O grande desenvolvimento das franquias foraleiras sob os seus governos significa um reconhecimento do estado existente, que seria perturbado sob o dominio dos leonezes, que procuravam na sua pretendida

¹ Herculano, *Hist. de Port.*, t. III, nota XIII.



restauração da unidade visigothica restabelecer a servidão e o atrazo e desigualdade social da época de Chindaswintho e Receswintho. É por isso que a concessão dos *Foraes*, que é o facto mais característico da organização da nacionalidade portugueza, é simultaneamente uma revolta e uma cedencia real (um pacto).

Assim, estudado este elemento popular, formado em tres seculos de tolerancia politica dos Arabes e ao contacto da sua civilização, importa completar o quadro da desmembração gradual do Imperio de Cordova, e da apparente unificação da monarchia neo-gothica, até Afonso VI, em que o estado de Portugal se constitue pelo predomínio das tendencias separatistas e cantonaes, que nunca poderão ser extinctas n'este sólo hispanico. Nada mais fastidioso e absurdo do que enumerar a successão dos emires arabes que governaram a península, suas intrigas de partido, suas revoltas até se chegar á emancipação do kalifado de Damasco constituindo-se o novo kalifado de Cordova, e successiva dissolução d'este em novos estados como os de Toledo, Sevilha, Granada, Malaga, Almeria, Badajoz, Murcia, Valencia, Denia e Baleares.

Porém, desde que se descobre o phenomeno ethnico-social da tendencia separatista, que na Hespanha, pelo facto de nunca se ter comprehendido a solução federal, perturba todos os movimentos politicos de aggregação nacional, todas estas luctas se convertem em um assombroso drama, com o maximo interesse sociologico, fazendo-nos penetrar na comprehensão dos factos até então incoherentes e absurdos. O que se passa no dominio ara-

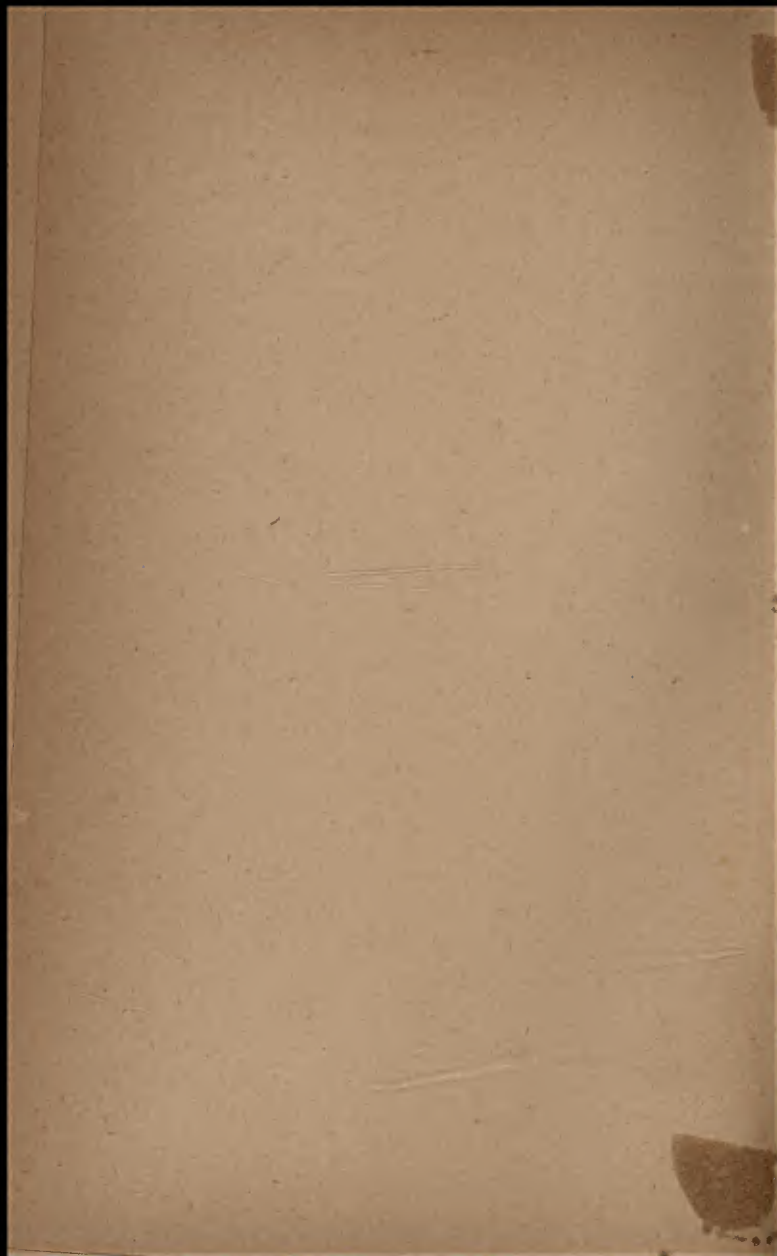


be em Hespanha, é em tudo semelhante ao que verêmos nas monarchias neo-gothicas, obedecendo ambas a estímulos communs. A tendencia separatista tem de ser estudada nas *Instituições locais e populares*, o unitarismo ou a *Ideia iberica*, no desenvolvimento do estatuto pessoal até á fôrma monarchico-dynastica.



*





INDICE

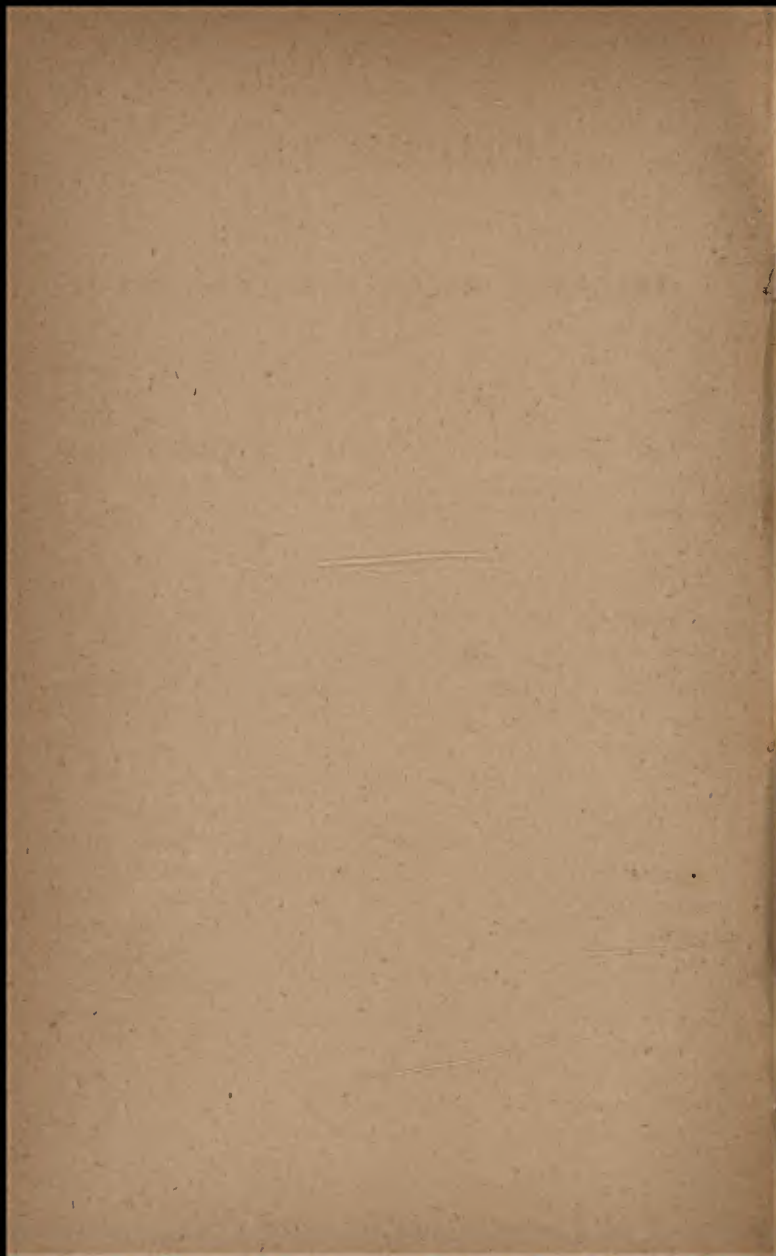
	Pag.
DEDICATORIA.....	v
PRELIMINAR.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1

LIVRO I

O Territorio e a Raça

1. O territorio hispanico, como primeiro factor historico....	11
2. Antiguidades prehistoricas em Portugal.....	31
3. As populações ibericas.....	55
4. Os Ligures e os Celtas da Lusitania.....	129
5. A Civilisação celtiberica.....	163
6. Colonias dos Phenicios, Jonios o Carthaginezes.....	198
7. O dominio e civilisação romana.....	223
8. A invasão germanica, e a unidade da Monarchia visigoda.	253
9. A invasão dos Arabes na Hespanha, e sua influencia no desenvolvimento da população livre.....	278.





BIBLIOGRAPHIA

THEOPHILO BRAGA E A SUA OBRA

POR

TEIXEIRA BASTOS

1 vol. de ix-508 pag. in-8.º Porto, 1893. Livraria Chardron de M. Lujan, Successores Lello & Irmão, editores

Dos numerosos artigos bibliographicos que a imprensa tem consagrado a este livro do snr. Teixeira Bastos, de um grande interesse litterario, transcrevemos aqui tres, que accentuam o seu valor. Escrevia o redactor da *Folha do Povo* (n.º 3:950, xv anno) o snr. Cecilio de Sousa:

Ninguem com mais rigorosa verdade e maior auctoridade que o nosso velho e presadissimo amigo Teixeira Bastos, um dos discipulos mais dilectos e dos amigos mais constantes e fieis do dr. Theophilo Braga, podia elaborar o livro, que, sobre o profundissimo e austero professor do Curso superior de Letras e a sua monumental obra, acaba de publicar aquelle tão estudioso quanto modesto escriptor.

Abre o livro de Teixeira Bastos, depois do prologo explicativo, com os *dados biographicos* do dr. Theophilo Braga, essa individualidade extraordinaria, que á força de energia, austeridade de earacter e por um trabalho quasi sobrehumano, conquistou o primeiro logar no nosso paiz como professor, historiador e philosopho, fazendo ealar e renderem-se os seus mais encarniçados adversarios.



Aquella vida eriçada de tribulações e em constante lueta com a necessidade exactamente quando mais precisava de amparo e conforto, no periodo inicial do estudo e dos primeiros passos longe da familia e da terra natal; aquelle triumpho constante da rigidez de caracter contra as injustiças da sorte e a sanha de adversarios implacaveis; aquella inflexivel resistencia ás blandicias interesseiras e ás diatribes violentas com que procuravam desvial-o do caminho que a si proprio havia traçado, e obrigar-o a capitular; aquellas suaves alegrias da familia illuminadas pelo nimbo de virtudes que irradiavam fulgurantes do anjo do seu lar e que lhe foram como um virente oasis no deserto de uma existencia açoutada pelo simoun da adversidade; aquella impiedosa desgraça, *a maior dôr humana*, que feriu os dois corações quo batiam em unisono na adoração dos meigos e estremeceidos filhinhos do seu anior o que a morte implacavel arrebatou um após outro, apagando-lhes dos olhos a luz da felicidade e dos labios o sorriso da ventura, e cavando nas duas existencias um vacuo de saudosissima recordação que nunca mais será preenchido; tudo é descripto e analysado por Teixeira Bastos com o sentimento de quem comprehendeu os transes d'essa lueta titanica o os regosijos do chefe de familia venturoso, e presenciou o tenebroso desabar d'essa ventura, tocada pela gelida mão da morte. Sómte quem viu pôde ainda sentir confranger-se-lhe o coração e marejarem-se-lhes de lagrimas os olhos, ao recordar os effeitos eruciantes d'aquella irremediavel desgraça.

Nos capitulos seguintes, que occupam as 500 paginas do livro, Teixeira Bastos descreve, estuda, analyse e commenta a obra de Theophilo Braga na sua actividade artistica, scientifica e philosophicã.

O critico é digno do criticado, e coisa alguma do que se lê n'aquellas 500 paginas está alli de mais. É um trabalho consciencioso, sem louvores deseabidos, nem alambicados de convenção. Mesmo porque a obra de Theophilo Braga não precisa de apologias aduladoras e inconscientes, nem Teixeira Bastos é de molde para o papel de lisongeiro.

O livro de Teixeira Bastos, a quem agradecemos o exemplar que teve a amabilidade de offerter-nos, foi editado pela livraria Chardron (sucessores, Lujan & Genelioux) do Porto, o custa 700 reis.



Na *Voz Publica* (n.º 1:136, iv anno) escreveu o insigne auctor dos *Principios de Pedagogia*, o snr. José Augusto Coelho, director da Eschola normal:

Theophilo Braga e a sua Obra

É o titulo de um livro, sahido ultimamente a lume, livro onde mais uma vez, se revelam os notaveis dotes de escriptor do seu auctor, o snr. Teixeira Bastos.

Emquanto a maior parte das forças pensantes do paiz se gastam nas luctas, mesquinhas e miseraveis, de uma politica sem ideal e de um parlamentarismo sem perstigio, nas regiões puras da philosophia, da litteratura e da sciencia vão apparecendo manifestações de actividade que honram o espirito portuguez.

Está n'este easo o livro do snr. Teixeira Bastos sobre Theophilo Braga.

N'elle, o auctor aponta as phases prineipacs da actividade especulativa do dr. Theophilo Braga, no campo da arte, da sciencia e da philosophia.

Considerando o escriptor de quem se occupa sob o ponto de vista da actividade artistica, começa por uma observação que revela bem como Teixeira Bastos sabe apreciar a physionomia apresentada pela arte, no actual momento historico; isto é, nota que a arte tem de ser, ao presente, «organisadora», visto que vac passando o periodo da demolição. E, a ser assim, pois que o nosso seculo se distingue pelo seu fervor na investigação das verdades scientificas e nos esforços para a construcção de uma synthese positiva, nos dominios da arte hade tender para o «naturalismo», em cujo seio o «Mundo e a Humanidade» serão a fonte de toda a poesia e de toda a verdade.

Esta maneira de considerar a physionomia artistica do nosso seculo é profundamente verdadeira, revelando por parte do auctor uma excellente orientação philosophica: havendo cahido por terra as concepções do periodo religioso, as abstracções do periodo metaphysico, os mil sonhos em que, por largos seculos, se perdera a Humanidade ao engolphar-se nas regiões, insôndaveis e mysteriosas, do in-



eognoscível, em pé ficou — a Humanidade como agente que enche com as suas acções o grande theatro do mundo, e a Sciencia como o producto mais genuino que satura com o seu esplendor todo o ambito do pensar humano.

Por isso, a Humanidade, que avança, imponente e magestosa, no vasto seio da natureza inorganica e organica, é que scrá o heroe das epopeias do presente, epopeias a cuja constituição artistica a Sciencia servirá de base: assim, Sciencia e Humanidade dominarão o mundo.

Compenetrando-se d'estes principios, o snr. Teixeira Bastos apresenta-nos as tentativas do dr. Theophilo Braga para realizar uma « Epocia da Humanidade » na *Visão dos Tempos*, nas *Tempestades sonoras*, na *Ondina do Lago*, nas *Torrentes*, etc. etc.; e d'estas obras do poeta faz uma larga e imparcial analyse.

Depois de haver consagrado a primeira parte do seu livro ao estudo da actividade artistica do auctor de quem se occupa, Teixeira Bastos passa a consideral-o pelo lado da actividade « scientifica ».

N'este campo, mostra como a actividade do dr. Theophilo Braga se inieia no estudo das tradições nacionaes e se desdobra na accumulção de *Materiaes para a historia da Civilisação portugueza*, analysando o elemento affectivo, intellectual e social: em relação ao elemento « affectivo », mostrando-nos o seu desenvolvimento na *Historia da Litteratura portugueza*; em relação ao elemento « intellectual », patenteando-nos parte d'elle na *Historia da Universidade de Coimbra*; em relação ao elemento « social », devendo caracterisal-o na *Historia de Portugal*, ainda em elaboraçção.

O snr. Teixeira Bastos, entra, em seguida, em largas apreciações ácerca das obras que, afim de caracterisar taes elementos, o sr. Theophilo Braga tem elaborado.

Por ultimo, considera o escriptor de quem se occupa, sob o ponto de vista da actividade « philosophica ». Por este lado, Teixeira Bastos começa por accentuar serem raros os espiritos que, entre nós, se dedeiam a crear syntheses philosophicas; a esta affirmaçção, que enerra uma grande verdade, nós accrescentaremos — que são raros taes pensadores, mesmo nos outros paizes.

Os espiritos de synthese são, com effeito, os que surgem em menor numero na corrente intellectual dos povos, e, assim, a civilisação



hellenica, por exemplo, tem Archimedes, Appolonio, Euelides, Xenophanes, Anaxagoras, etc., mas teve apenas um possante espirito de synthese — o grande Aristoteles; a Edade-média, teve Gerberto, S. Anselmo, Alberto o Grande e tantos outros, mas que synthetisasse todo o saber do seu tempo n'uma larga unidade philosophica, em rigor, apenas teve o vasto espirito de S. Thomaz de Aquino, com razão denominado «Doctor universalis»; os tempos modernos, tempos em que a sciencia objectiva predomina, vêem, finalmente, brilhar innumeraveis trabalhadores em todos os ramos do saber humano — assistindo aos triumphos de Newton, de Galileu, de Harvey, de Santorini, de Lavoisier, de Bichat, de Tartaglia, de Poncelet, de Chasles, de Carnot, de Fresnel e, em summa, de tantos outros, mas como vastos espiritos de synthese contam apenas — na Allemanha um Leibnitz, na França um Comte e na Inglaterra um Spencer.

D'ali concluiremos, com o snr. Teixeira Bastos, que, por isso mesmo, merecem maior apreço visto serem mais brilhantes e portentosos; e concluiremos, ainda, que o escriptor de quem se occupa, sendo um dos que maiores esforços tem empregado para crear, entre nós, taes systemas philosophicos, na mais alta consideração deverá ser tido por pensadores nacionaes e estrangeiros.

Seguindo n'esta corrente, o snr. Teixeira Bastos analysa d'entre outras obras philosophicas do dr. Theophilo Braga, os *Traços geraes de Philosophia positiva*, onde se accentua a *crise* philosophica do seculo XIX o os dois elementos de reorganisação da grande obra de A. Comte — a «Lei dos tres estados» o a «Classificação dos conhecimentos humanos». Na concepção do fundador do positivismo, concepção indefinida que, n'uma mesma unidade systematica, funde o elemento pedagogico, o elemento philosophico-critico, e o elemento philosophico-organico, tres pontos de vista são, com effeito, fundamentaes: a «Lei dos tres estados», que representa o elemento philosophico-organico, isto é, a parte da concepção comteana, em que o philosopho tenta «unificar experiencias parciaes do nosso saber fundamental n'uma experiencia mais larga e superior»; a «Classificação dos Conhecimentos humanos», que nos offerece o elemento pedagogico, isto é, que sendo, como é, uma «coordenação» do nosso saber fundamental, envolve, na



essencia, o elemento « ordem » ou seja um dos elementos fundamentaes da sciencia pedagogica.

O snr. Teixeira Bastos analysa ainda o *Systema de Sociologia* do dr. Theophilo Braga, sobre o qual faz longas considerações.

Tal é, em resumo, a ideia geral do livro publicado pelo illustre escriptor.

N'esta nova produçãõ, revela-nos elle, evidentemente, as qualidades que, em geral, mais o distinguem: ha alli um raro bom senso, o qual tão apreciaveis torna os artigos por elle publicados, de tempos a tempos, no *Seculo*, jornal de que é um dos redactores; revela-se, em toda a publicação, a clareza de estylo, que é uma das suas feições mais salientes; patenteia-se n'ella uma orientação verdadeiramente moderna; manifesta-se uma vasta copia de conhecimentos nos varios ramos do saber; accentua-se, finalmente, no auctor essa imparcial independencia de julgamento que é e será sempre um dos principaes dotes do critico e do pensador. Em summa, o livro do snr. Teixeira Bastos é um trabalho que deve ser lido.

Do *Jornal do Commercio*, n.º 11:903, XL anno:

Theophilo Braga e a sua Obra

Decididamente, a penna continúa a operar no campo da arte prodigios de reproducção, que durante muito tempo constituiram os segredos sublimes e privilegiados do cinzel.

Ha livros quo são perfeitas esculpturas na firmeza energica das linhas, na deliciosa naturalidade das ondulações, n'uma transmissão de vida, tão exacta e assombrosa, que chegamos a comprehender o sentido profundo d'esse baptismo de fogo com que Prometheu animava a materia bruta modelada em corpo humano.

O novo livro de Teixeira Bastos, com o titulo acima, é a obra apaixonada e intelligente de um artista. Sem perder de todo a preocupação disciplinar que alinha severamente a maioria dos seus escriptos pelas regras scientificas, o pensador entrega-so por vezes á mais conmovente obsessão da arte.



A sinceridade d'este desalinho, que eu lhe desconhecia, é para mim um dos maiores encantos da sua obra; o culto fervoroso, que lhe não merecem as coisas do céu, desentranha-so ali torrencialmente para com o talento e o trabalho do homem, divinizado nos altares da sciencia.

Adorou largas horas o seu modelo, antes do o estudar e lançar-lhe as primeiras linhas. Absorveu-o ávidamente traço por traço, feição por feição, movimento por movimento; reproduzindo-o depois sem vacillancias, sem reservas nem emendas, como se o coração e o cerebro se lhe houvessem fundido para incarnal-o e emittil-o envolto no raio de luz vivificante e mysteriosa, que faz palpitar os marmores e as télas.

Theophilo Braga e a sua Obra não nos parecia um thema, por emquanto, susceptível de plena resolução. Embora tentador, o modelo afigurava-se-nos ingrato por não ter chegado ainda a esta phase definitiva de formação, em que podemos transmittir ao futuro uma reliquia viva do presente, sem que nos fiquem duvidas sobre a necessidade de uma correccão posthuma.

Por outro lado, a actividade do illustre escriptor, acompanhada de uma audacia nada vulgar nas luctas do espirito, tem percorrido quasi todos os campos com tamanho folego, que não é facil segui-lo passo a passo, fixar os varios aspectos da sua poderosa mentalidade, coordenal-os e dar-lhes um todo harmonico de successão íntima.

O nosso meio intellectual, mal desbravado ainda, reconhece unanimemente no dr. Theophilo Braga um homem de talento excepcional e de uma productibilidade espantosa. Mas ó esta uma posição que não corresponde, por pouco definida, a trinta annos de trabalho aturado, e que necessariamente devia obedecer a um norte.

E não é só a unidade do força da sua obra vastissima, que o maior numero dos seus concidadãos lhe desconhece; muitas das suas ideias apresentam-se-nos como uma nebulosa á vista desarmada; a sua penna precipita-se a trechos com as abaladas transcendentaes do seu espirito, n'uma technica, que mal se compadece com a mediana cultura do nosso mundo estudioso.

Atraz das largas homenagens, que se prestam ao dr. Theophilo Braga pelo que se lhe não póde negar, reservam-se suspeitas e retra-



limentos pelo que se não comprehende, e finalmente um horror supersticioso pela demolição do velho edificio mental, que iamos validando dentro das fórmulas commodas e conservadoras de todo o nosso systema de vida indigena.

Bem poucos lhe alcançam e valorisam a complexa individualidade de escriptor e de sabio. So ella já de si andava dispersa, disseminada, perdida por uma immensidade de volumes, ainda lh'a retalhamos mais, segundo as nossas impressões, os nossos estudos, a nossa orientação scientifica.

Para uns, Theophilo Braga é o seu *poeta*; para outros, o seu *historiador*; para uns terceiros, o seu *philosopho*; — feições consideradas em geral sob uma distincção pertinaz; havendo bem poucos que lhe admirem tudo isso consubstanciado na mais perfeita estrutura do cerebro humano e logicamente travado no decurso da sua grande actividade.

Uns adoram-no apenas no periodo da sua formação esthetica, do seu labor artistico. Aspiram a graça, a formosura, os perfumes da sua *Bacchante*, com o mesmo extasis ardente e soffrego com que Méry osculava a *Bacchante* de Bartolini, com a mesma loucura que levava Pygmalião a desposar a sua *Venus*, apenas arrancada de um bloco de marmore frio e impassivel. Desconhecem-no ao vê-lo entrar nos carnciros da patria e da humanidade para revolver os despojos funebres dos seculos, que aguardavam socegradamente o tribunal de Josaphat, e submettel-os ao juizo philosophico, que ha tempos se ergue inexoravel sobre toda a obra social do passado, julgando-a em ultima instancia.

Esses apegam-se avaramente a uma idealisação sublime, que lhes acordava todos os mysterios do sentir humano, sem lhes fatigar o espirito com problemas arvezadíssimos, nem derrocar-lhes affeições já sanctificadas pela inviolabilidade dos tumulos.

Outros querem que o dr. Theophilo Braga seja por excellencia o investigador incansavel, o sabio apaixonado e profundo das coisas patrias, que elle tem feito reviver, dando-lhes fórma e injectando-lhes vida, traduziudo maravilhosamente a alma portugueza nos encantos singelos da sua puericia e nos impulsos grandiosos da sua virilidade, pezando-lhes ainda assim menos que elle consumisse a sua



primeira actividade nos devancios do lyrismo, do que se investisse mais tarde no methodo philosophico, que tornou um tanto dura e incomprehensivel a sua delicada e lucida alma de artista, e menos accessivel e sympathica a segunda phase do seu trabalho mental, aquella que o guindaria por certo á veeneração de todos os que amam este cantinho patrio e gostam de o vêr recordado e enaltecido nos seus homens e nas suas coisas.

Aquelles que o abraçam no campo das abstracções não se prendem com o culto intimo dos outros. Acima do *poeta e do historiador*, vêem o *philosopho* codificando as leis immutaveis por que se têm regido o cosmos e as sociedades, e avançando destemidamente por deducção cerrada até prévisões, que parecia bem longe do alcance do homem o vir um dia a estabelecer.

Mas ó forçoso convirem todos elles que em Theophilo Braga não ha uma triplice individualidade possivel de desmembrar, por incongruente; que as tres feições, sob que elle se nos revela na sua larga actividade, não são essencialmente distinctas, ou demarcadas por mudanças bruscas no seu character scientifico-litterario.

Assim no-o prova Teixeira Bastos no seu primoroso livro, com um conhecimento profundo da obra do notavel escriptor e com os recursos de talento, de illustração e methodo, que todos nós lhe conhecemos.

O perfil do snr. Theophilo Braga está fielmente collido nos seus tres periodos de labutação *artistica, scientifica e philosophica*, que se succederam n'uma evolução intima, constituindo um todo indivisivel de trabalho mental.

Onde se suppunha haver saltos enormes, ha, pelo contrario, transições logicas e suaves; onde se julgava existir um pujante cerebro, truncado, disperso caprichosamente, e por vezes confuso, resurge elle em admiravel synthese, na mais luminosa e imponente unidade de acção, que se pôde encontrar entre os obreiros da geração moderna.

Dar uma noticia completa e minuciosa do livro importava copial-o na integra; transcrever uma ou outra passagem seria uma mutilação sacrilega.

Todos aquelles traços, todos aquelles cambiantes de luz e de

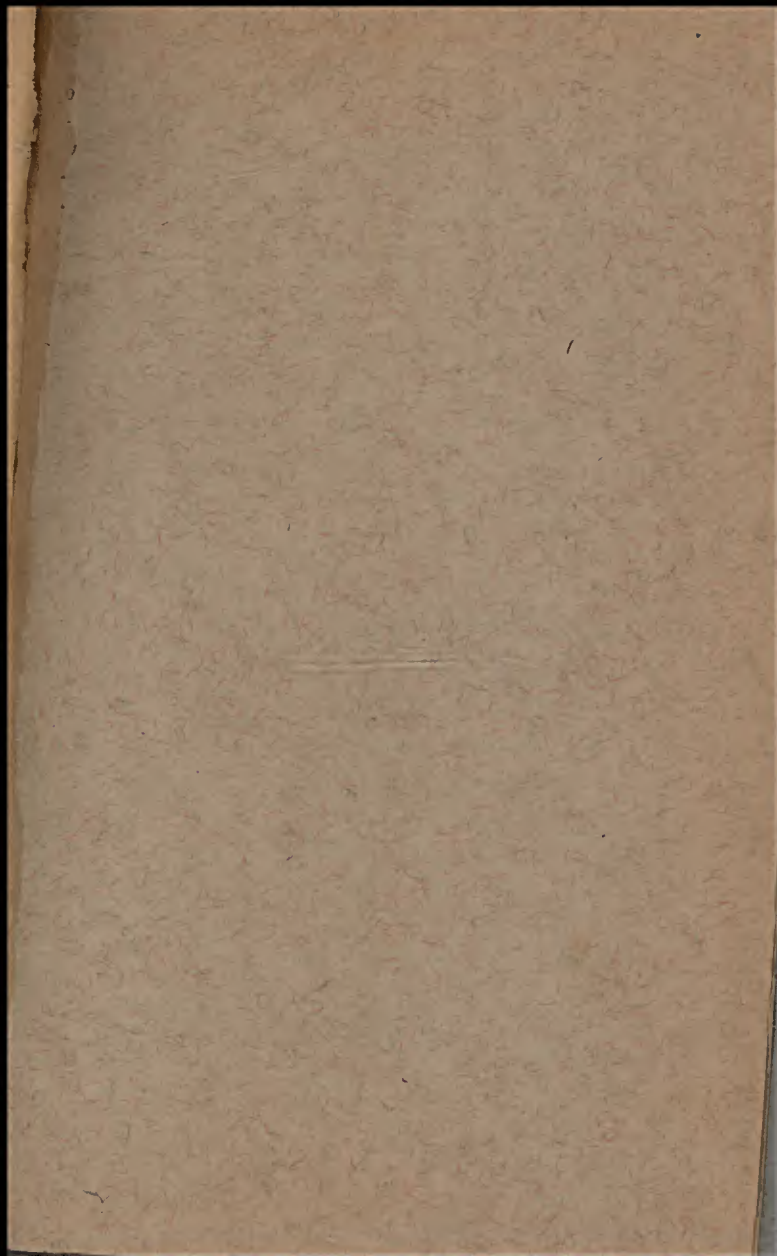


sombra, todos aquelles delincamentos physionomicos, acham-se tão bem entreteidos e combinados; coexistem sob tão reciproca dependencia de verdade e de vida, ajustam-se e completam-se de tal maneira, que mal a gente pretende fixar e colher um, logo elle se dissolve e perde no conjubeto, em que só se póde verdadeiramente admirar a mão intelligente e firme de quem o traçou e a grandeza do objecto que lhe serviu de modelo.

É easo para felicitar a ambos.

NICOLAU FLORENTINO.





UNESP

BIBLIOTECA - CAMPUS DE ASSIS

Tombo 1.874

Class 869.4

B813p

Autor Braga, T.

Título A patria Portuguesa

Retirada

Devoluta

TOMBO: 1.874

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA E
PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

Se este livro não for devolvido dentro do
prazo, o leitor perderá o direito a novos emprés-
times.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver
pedido para este livro.

ILHDA - Mod. SBD/131



